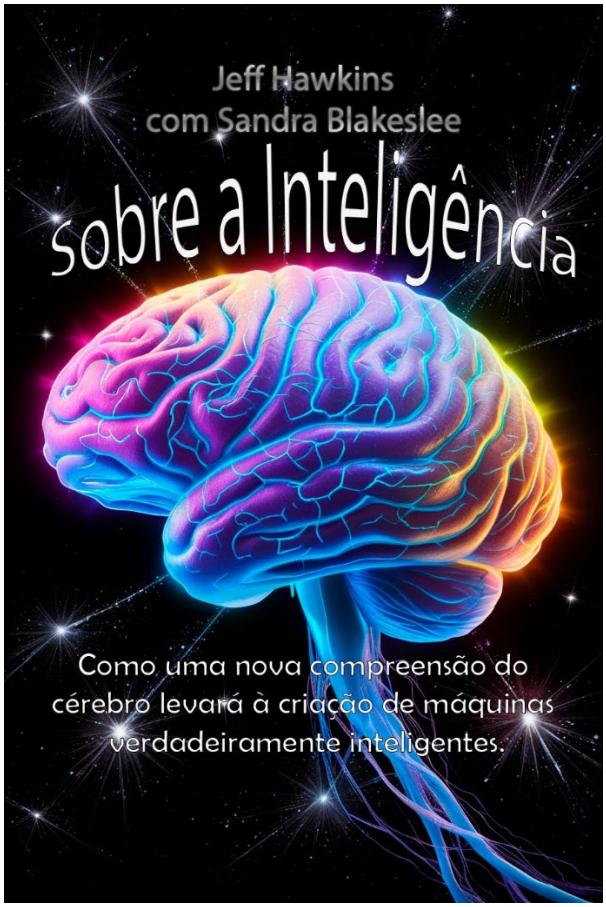

SOBRE A INTELIGÊNCIA

Como uma nova compreensão do cérebro levará à criação de máquinas verdadeiramente inteligentes.

Digitalizado, Corrigido e Adaptado
por
Gullan Greyl
http://www.gullangreyl.pt

1ª Edição, 2004

03-04-2025

SINTESE

Em *Sobre a Inteligência*, o primeiro livro de Jeff, este apresenta como seria uma teoria do cérebro. Jeff propõe a ideia-chave de que o cérebro aprende um modelo do mundo e utiliza esse modelo para prever o futuro. Jeff defende que, para ser inteligente, um sistema de IA precisa de aprender um modelo do mundo.

Índice

Prólogo 1

CAPÍTULO 1 6

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL 6

CAPÍTULO 2 19

REDES NEURONAIS 19

CAPÍTULO 3 34

O CÉREBRO HUMANO 34

CAPÍTULO 4 55

A MEMÓRIA 55

CAPÍTULO 5 72

UM NOVO MODELO PARA A INTELIGÊNCIA 72

CAPÍTULO 6 90

COMO FUNCIONA O CÓRTEX 90

Representações Invariáveis 92

Integração dos Sentidos 99

Uma Nova Visão de V1 103

Um Modelo do Mundo 107

Sequências de sequências 110

Aspeto de uma Região do Córtex 117

Como Funciona uma Região do Córtex: Os Detalhes 126

Fluxos Ascendentes e Descendentes 136

Pode a Realimentação Conseguir Isto? 139

Como Aprende o Córtex 141

O Hipocampo: no Topo de Tudo 145

Uma Rota Alternativa para Ascender na Hierarquia 147

Reflexões Finais 149

CAPÍTULO 7 152

CONSCIÊNCIA E CRIATIVIDADE 152

São Inteligentes os Animais? 152

O Que Há de Diferente na Inteligência Humana? 155

O Que é a Criatividade? 157

São Algumas Pessoas Mais Criativas Que Outras? 161

Podemos Treinar-nos para Ser Mais Criativos? 163

Pode a Criatividade Desencaminhar-me? Posso Enganar a Mim Mesmo? 165
O que é a Consciência? 166
O que é a Imaginação? 173
O que é a Realidade? 174
CAPÍTULO 8 177
O FUTURO DA INTELIGÊNCIA 177
Podemos Construir Máquinas Inteligentes? 179
Devemos Construir Máquinas Inteligentes? 184
Por que Construir Máquinas Inteligentes? 187
Velocidade 193
Capacidade 194
Possibilidade de Duplicação 195
Sistemas Sensoriais 197
EPÍLOGO 203
APÊNDICE 205
Predições Verificáveis 205
Predição 1 205
Predição 2 205
Predição 3 206
Predição 4 207
Predição 5 208
Predição 6 208
Predição 7 209
Predição 8 209
Predição 9 210
Predição 10 211
Predição 11 211
Predição 12 212
BIBLIOGRAFIA 214
História da Inteligência Artificial e das Redes Neuronais 214
Neocórtex e Neurociência Geral 216
Artigos Específicos Sobre Neurociência 218
AGRADECIMENTOS 220
Sobre os Autores 222

Prólogo

Duas paixões animam este livro e a minha vida.

Durante vinte e cinco anos tenho sido um entusiasta dos computadores portáteis. No mundo da alta tecnologia do Vale do Silício conhecem-me por ter colocado em marcha duas empresas, Palm Computing e Handspring, e por ser o criador de muitos computadores de mão e telefones móveis como o PalmPilot e o Treo.

Mas tenho uma segunda paixão que precede ao meu interesse pelos computadores e que a considero mais importante: eu sou doido por cérebros. Quero entender como funcionam não só de uma perspetiva filosófica, mas também do modo detalhado da engenharia, analisando os seus elementos básicos. O meu desejo não se limita a compreender o que é a inteligência e como atua o cérebro, mas pretendo aprender a construir máquinas que funcionem da mesma maneira. Quero construir máquinas realmente inteligentes.

A questão da inteligência é a última grande fronteira terrestre da ciência. A maioria dos temas científicos importantes trata do muito pequeno, do muito grande ou de acontecimentos que ocorreram há bilhões de anos. Mas toda a pessoa tem um cérebro. Você é o seu cérebro. Se você quer compreender por que se sente como se sente, como percebe o mundo, por que comete erros, como é capaz de ser criativo, por que a música e a arte lhe servem de inspiração, em definitivo, o que é ser humano, você precisa entender o cérebro. Além disso, uma teoria satisfatória sobre a inteligência e a função cerebral proporcionará amplos benefícios sociais, que não se limitarão a ajudar-nos a curar as doenças relacionadas com o cérebro. Seremos capazes de construir máquinas realmente inteligentes, ainda que não se pareçam de forma alguma com os robôs da ficção popular e da fantasia da ciência da computação. Preferencialmente, as máquinas inteligentes surgirão de um novo conjunto de princípios sobre a natureza da inteligência. As ditas máquinas ajudar-nos-ão a acelerar o nosso conhecimento do mundo, ajudar-nos-ão na exploração do Universo e farão com que o mundo seja mais seguro. E de passagem criar-se-á uma enorme indústria.

Por sorte, vivemos numa época na qual o problema de entender a inteligência pode ser resolvido. A nossa geração tem acesso a uma montanha de dados sobre o cérebro reunidos durante centenas de anos, e o ritmo com que seguimos reunindo-os está a acelerar-se. Só nos Estados Unidos há milhares de neurocientistas. No entanto, não contamos com teorias produtivas sobre o que é a inteligência ou como funciona o cérebro no seu conjunto. A maioria dos neurobiólogos não pensa muito sobre teorias gerais do cérebro porque estão concentrados em realizar experimentos para reunir mais dados sobre os muitos subsistemas cerebrais. E ainda, as legiões de programadores de computador que têm tentado tornar inteligentes os computadores, têm fracassado. E acho que continuarão a fracassar enquanto continuarem a ignorar as diferenças entre computadores e cérebros.

Portanto, em que consiste a inteligência da qual possui o cérebro, mas não os computadores? Por que uma criança de seis anos pode saltar com desenvoltura de rocha

em rocha num ribeirão, enquanto os robôs mais avançados da nossa época são zumbis desajeitados? Por que crianças de três anos estão a caminho de dominar a linguagem, enquanto os computadores parecem incapazes de fazer isto apesar de meio século de esforços dos programadores? Por que podemos discernir o que é um gato e não um cão numa fração de segundos, enquanto um supercomputador não é capaz de estabelecer a distinção? São grandes mistérios que esperam uma resposta. Temos pistas em abundância; agora o que precisamos são de algumas perceções decisivas.

Talvez se pergunte por que um projetista de computadores escreve um livro sobre cérebros. Ou dito de outra forma: se gosto dos cérebros, por que não desenvolvi a minha carreira em ciência cerebral ou em inteligência artificial? A resposta é que tentei várias vezes, mas neguei-me a estudar o problema da inteligência como tinham feito outros antes de mim. Achava que a melhor maneira de resolver este problema seria empregar a biologia detalhada do cérebro como um delimitador e uma pauta, porém concebendo a inteligência como um problema computacional, numa postura que o situasse num ponto entre a biologia e a ciência da computação. Muitos biólogos tendem a recusar ou ignorar a ideia de pensar no cérebro em termos computacionais, e os cientistas da computação costumam achar que não têm nada a aprender da biologia. Além disso, o mundo da ciência aceita menos o risco do que o empresarial. Nas empresas tecnológicas, uma pessoa que persegue uma nova ideia com uma proposta razoável pode ascender na sua carreira seja qual for o sucesso que atinja a dita ideia. Muitos empresários conseguiram triunfar após vários fracassos anteriores. Mas no mundo académico, um par de anos dedicados a uma nova ideia que não dá bons resultados pode arruinar para sempre uma carreira que se inicia. Portanto, dediquei-me às duas paixões da minha vida de forma simultânea, achando que o sucesso na indústria me ajudaria a dedicar-me à ciência que eu desejava; além disso, eu precisava aprender como ter afinidade com a mudança no mundo e como vender novas ideias, e tudo isso eu esperava obter trabalhando no Vale do Silício.

Em agosto de 2002 coloquei em marcha um centro de pesquisas, o Redwood Neuroscience Institute (RNI), dedicado à teoria sobre o cérebro. Existem muitos centros de neurociência no mundo, mas nenhum outro se dedica ao entendimento teórico geral do neocórtex, a parte do cérebro humano responsável pela inteligência. Isto é a única coisa que estudamos no RNI, que em muitos aspetos se assemelha a uma empresa que se inicia. Perseguimos um sonho que algumas pessoas consideram inalcançável, mas temos a sorte de sermos um grande grupo, e os nossos esforços estão a começar a dar frutos.

O conteúdo deste livro é ambicioso. Descreve uma teoria exaustiva de como funciona o cérebro. Detalha o que é a inteligência e como a cria o seu cérebro. A teoria que apresento não é completamente nova. Muitas das ideias particulares que você está a ponto de ler já existiam de uma forma ou de outra, mas não juntas de uma forma coerente. Isto é algo que era de se esperar. Dizem que as “novas ideias” costumam ser velhas ideias reordenadas e reinterpretadas, o que sem dúvida se torna aplicável à teoria que se propõe neste texto; mas o reordenamento e a interpretação podem significar uma diferença abismal, a diferença entre um cúmulo de detalhes e uma teoria satisfatória. Espero que ela lhe cause a mesma impressão que provoca em muita gente. A reação típica que escuto é: “Faz sentido. Não tinha pensado na inteligência dessa maneira, mas agora que você a descreveu, posso ver

como tudo se encaixa". Com este conhecimento a maioria das pessoas começa a ver a si mesmas de uma forma um pouco diferente. Você começa a observar o seu comportamento dizendo: "Compreendo agora o que acaba de acontecer na minha cabeça". Espero que quando você terminar de ler este livro você já tenha uma nova perceção de por que você pensa como pensa e porque se comporta como se comporta. Também espero que alguns leitores se sintam inspirados para dirigir as suas carreiras à construção de máquinas inteligentes baseadas nos princípios esboçados nestas páginas.

Costumo referir-me a esta teoria e à minha proposta de estudo da inteligência como "inteligência real" para distinguir da "inteligência artificial". Os cientistas da inteligência artificial tentaram programar computadores para que atuassem como seres humanos sem solucionar primeiro o que é a inteligência e o que significa compreender. Deixaram de lado a parte mais importante para construir máquinas inteligentes: a inteligência. A "inteligência real" estabelece a premissa de que antes de tentarmos construir máquinas inteligentes devemos compreender primeiro como pensa o cérebro, e não há nada artificial nisso. Só então poderemos questionar-nos sobre como construir máquinas inteligentes.

O livro inicia-se com alguns antecedentes de por que fracassaram as tentativas anteriores de compreender a inteligência e construir máquinas inteligentes. Depois apresento e desenvolvo a ideia central da teoria, o que chamo de modelo de memória-predição. No capítulo 6 detalho como o cérebro físico põe em prática o modelo de memória-predição; por outras palavras, como funciona realmente o cérebro. A seguir explico as repercussões sociais e outras da teoria no que para muitos leitores talvez constitua a epígrafe que mais reflexões suscita. O livro conclui com um exame das máquinas inteligentes: como podemos construí-las e como será o futuro. Espero que isto lhe pareça fascinante. Estas são algumas das perguntas das quais cobriremos ao longo do texto:

Podem ser inteligentes os computadores?

Durante décadas os cientistas do campo da inteligência artificial têm declarado que os computadores serão inteligentes quando contarem com a potência necessária. Não acredito, e explicarei o porquê. Os cérebros e os computadores fazem coisas radicalmente diferentes.

Não se acreditava que as redes neuronais conduziriam às máquinas inteligentes?

Sabemos que o cérebro é constituído por uma rede de neurónios, mas se não entendemos primeiro o que é que ela faz, algumas redes neuronais simples não obterão melhores resultados em criar máquinas inteligentes do que os programas de computador.

Por que tem sido tão difícil entender como funciona o cérebro?

A maioria dos cientistas afirma que devido à complexidade do cérebro demoraremos muito tempo a compreendê-lo. Não estou de acordo. A complexidade é um sinónimo de confusão, não uma causa. O que sustento é que algumas hipóteses intuitivas, porém inexatas, induziram-nos ao erro. A maior foi achar que a inteligência é definida pelo comportamento inteligente.

O que é a inteligência se ela não se define pelo comportamento?

O cérebro emprega enormes quantidades de memória para criar um modelo do mundo. Tudo o que você conhece e tem aprendido armazena-se neste modelo. O cérebro usa o dito modelo baseado na memória para efetuar predições contínuas sobre acontecimentos futuros. A capacidade para efetuar predições sobre o futuro constitui o núcleo da inteligência. Descreverei a capacidade preditiva do cérebro a fundo, pois esta é a ideia central deste livro.

Como funciona o cérebro?

A base da inteligência é o neocórtex. Ainda que possua um grande número de capacidades e uma flexibilidade enorme, o neocórtex é surpreendentemente regular em todos os seus detalhes estruturais. As suas partes distintas, sejam elas responsáveis pela visão, audição, tato ou linguagem, funcionam segundo os mesmos princípios. A chave para entender o neocórtex é compreender estes princípios comuns e, em particular, a sua estrutura hierárquica. Examinaremos o neocórtex em detalhes suficientes para mostrar como a sua estrutura capta a configuração do mundo. Esta explicação será a parte mais técnica do livro, porém os leitores interessados serão capazes de compreendê-la, ainda que não sejam cientistas.

Quais são as repercussões desta teoria?

A teoria do cérebro pode ajudar a explicar coisas tais como a nossa maneira de sermos criativos, por que temos consciência de algo, por que mostramos preconceitos, como aprendemos e por que pessoas de idade avançada têm dificuldade em aprender “novos truques”. Analisarei vários destes temas. Em linhas gerais, esta teoria proporciona-nos uma perceção do que somos e de por que fazemos o que fazemos.

Podemos construir máquinas inteligentes? O que elas farão?

Sim. Podemos e faremos. Considero que as capacidades das ditas máquinas evoluirão rapidamente em algumas décadas e em direções interessantes. Algumas pessoas temem que as máquinas inteligentes possam tornar-se perigosas para a humanidade, porém não partilho essa ideia. Os robôs não vão invadir-nos. Por exemplo, será bem mais fácil construir máquinas que ultrapassem as nossas faculdades em pensamento elevado de âmbitos como a física e a matemática do que construir algo parecido com os robôs falantes que vemos na ficção popular. Explorarei as incríveis direções nas quais é provável que avance esta tecnologia.

A minha meta é explicar esta nova teoria da inteligência e do funcionamento do cérebro de um modo que qualquer pessoa seja capaz de entender. Uma boa teoria deve tornar-se fácil de compreender, e não se ocultar em jargão ou em um argumento confuso. Começarei com um modelo básico e depois irei acrescentando detalhes à medida que avançarmos. Alguns raciocínios serão baseados na lógica; outros envolverão aspetos particulares do sistema de circuitos cerebral. Sem dúvida, alguns dos detalhes que proponho serão erróneos, o que sempre acontece em qualquer campo da ciência.

Demorará anos para ser desenvolvida uma teoria plenamente acabada, mas isso não diminui a força da ideia central.

Quando comecei a interessar-me pelos cérebros há muitos anos, fui à biblioteca local para buscar um bom livro que explicasse o funcionamento cerebral. Desde adolescente tinha-me acostumado a ser capaz de encontrar livros bem escritos que explicavam quase qualquer tema que me interessasse. Havia os livros sobre a teoria da relatividade, buracos negros, matemática, sobre qualquer coisa que me fascinara até então. No entanto, a minha busca de um livro satisfatório sobre o cérebro foi em vão. Acabei por dar-me conta de que ninguém tinha ideia de como ele funcionava na realidade. Nem sequer existiam más teorias ou não validadas; simplesmente não existiam, o que era algo pouco habitual. Por exemplo, até então ninguém sabia como tinham morrido os dinossauros, mas existia uma multidão de teorias, e de todas você podia aprender algo. Mas não era assim no caso dos cérebros. A princípio custei a acreditar. Preocupava-me o facto de que não sabíamos como funcionava este órgão crucial. Enquanto estudava o que já sabíamos sobre os cérebros, cheguei a pensar que deveria existir uma explicação simples. O cérebro não era mágico, e não me parecia que as respostas pudessem ser tão complexas. O matemático Paul Erdos achava que as provas matemáticas mais simples já existiam num livro etéreo e que a tarefa do matemático era encontrá-las, “ler o livro”. Da mesma forma, parecia-me que a explicação da inteligência estava “lá fora”. Podia apalpá-lo. Eu queria ler o livro.

Durante os últimos vinte e cinco anos tenho tido uma visão desse livro pequeno e claro sobre o cérebro. Era como uma cenoura que me mantinha motivado durante todo esse tempo. Esta visão deu forma ao livro que você tem agora nas suas mãos. Nunca gostei de complexidade, nem na ciência nem na tecnologia. Você pode ver isso refletido nos produtos que tenho projetado, que costumam ser conhecidos pela sua facilidade de uso. As coisas mais convincentes são simples. Portanto, este livro propõe uma teoria simples e direta sobre a inteligência. Espero que você goste.

CAPÍTULO 1

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Quando em junho de 1979 obtive o diploma em engenharia elétrica pela Cornell, não tinha nenhum plano importante para a minha vida. Comecei a trabalhar como engenheiro no novo Campus da Intel em Portland (Oregon). A indústria de microcomputadores estava a começar, e a Intel achava-se no seu centro. O meu trabalho consistia em analisar e resolver os problemas encontrados pelos demais engenheiros que realizavam trabalho de campo com o nosso produto principal, os computadores de placa única. (Até então, a recente invenção do microprocessador por parte da Intel tinha tornado possível que se pusesse um computador inteiro numa única placa de circuito integrado.) Eu publicava um boletim de notícias, realizava algumas viagens e tive a oportunidade de conhecer clientes. Era jovem e tudo ia muito bem, ainda que tivesse saudades da minha namorada da universidade, que tinha aceitado um trabalho em Cincinnati.

Alguns meses depois topei-me com algo que iria mudar a direção da minha vida. Esse algo foi o recém-publicado número de setembro da Scientific American, que se dedicava completamente ao cérebro. Ele reavivou o meu interesse de infância pelos cérebros e pareceu-me fascinante. Por ele inteirei-me da organização, desenvolvimento e química do cérebro, dos mecanismos neuronais da visão, do movimento e outras especializações, e da base biológica dos transtornos mentais. Foi um dos melhores números da Scientific American que já se publicou. Vários neurocientistas com que tenho falado confirmaram-me que ela desempenhou um papel significativo na escolha da sua carreira, igual ao que aconteceu a mim.

O artigo final, *"Thinking About the Brain"*, foi escrito por Francis Crick, codescobridor da estrutura do DNA, que até então tinha dirigido o seu talento ao estudo do cérebro. Crick sustentava que, apesar da constante acumulação de conhecimento detalhado sobre o cérebro, continuava a ser um profundo mistério o seu funcionamento. Os cientistas não costumam escrever sobre o que desconhecem, mas Crick não se importava. Ele era como o menino apontando para o imperador sem roupa. Segundo ele, a neurociência consistia numa montanha de dados sem uma teoria. As suas

palavras exatas eram: "O que chama a atenção é a falta de um modelo amplo de ideias". No meu entender, era o educado modo britânico de dizer: "Não temos nem uma pista de como funciona essa coisa". Era verdade até então e continua a ser na atualidade.

As palavras de Crick foram como uma chamada para mim. O desejo de toda a minha vida de compreender os cérebros e construir máquinas inteligentes ganhou vida. Ainda que eu mal tivesse saído da universidade, decidi mudar de carreira. Iria estudar os cérebros, não só para entender como funcionam, mas também para empregar esse conhecimento como base para novas tecnologias, como construir máquinas inteligentes. Demoraria algum tempo para eu colocar este plano em prática.

Na primavera de 1980 transferi-me para a sede da Intel em Boston para reunir-me com a minha futura esposa, que iria começar um curso de pós-graduação. Ocupei uma função que envolvia ensinar os clientes e os empregados a projetar sistemas baseados em microprocessadores. Porém eu tinha a visão focada em uma meta diferente: eu estava a tentar encontrar alguma forma de trabalhar na teoria do cérebro. O engenheiro que existia em mim dava-se conta de que uma vez que compreendêssemos como funcionavam os cérebros poderíamos construí-los, e o modo natural de construir cérebros artificiais era em silício. Eu trabalhava para a companhia que inventou o chip de memória e o microprocessador de silício, de modo que talvez fosse possível convencer a Intel que me permitisse dedicar parte do meu tempo para pensar sobre a inteligência e como projetar chips de memória semelhantes ao cérebro. Escrevi uma carta ao diretor da Intel, Gordon Moore, que podia resumir-se assim:

> Estimado doutor Moore:
>
> Proponho que iniciemos um grupo de pesquisas que se dedique a compreender como funciona o cérebro. Pode começar com uma pessoa, eu, e daí por diante. Tenho plena confiança de que somos capazes de o entender. Será um grande negócio algum dia.
>
> —Jeff Hawkins

Moore pôs-me em contato com o cientista chefe da Intel, Ted Hoff. Apanhei um avião para a Califórnia para reunir-me com ele e expor a minha proposta de estudar o cérebro. Hoff era famoso por duas coisas. A primeira — da qual eu estava bem inteirado —, era o seu trabalho no

projeto do primeiro microprocessador. A segunda — da qual eu não conhecia até àquele momento — era o seu trabalho na incipiente teoria das redes neuronais. Ele tinha experiência com neurónios artificiais e algumas das coisas que podíamos fazer com eles. Eu não estava preparado para isto. Depois de escutar a minha proposta, ele disse que não lhe parecia possível entender como funciona o cérebro num futuro previsível e, portanto, não fazia sentido a Intel apoiar-me. Hoff estava certo, pois, só agora, vinte e cinco anos mais tarde, é que estamos a começar a efetuar um avanço significativo no entendimento dos cérebros. A oportunidade é tudo nos negócios. Porém, naquele momento senti uma grande desilusão.

Tendo a buscar o caminho com menores obstáculos para atingir as minhas metas. Trabalhar com cérebros na Intel teria sido a transição mais simples. Uma vez que foi eliminada essa opção, indaguei sobre a alternativa seguinte. Decidi apresentar-me para um curso de pós-graduação no Massachusetts Institute of Technology, que era famoso pelas suas pesquisas sobre a inteligência artificial e era bem localizado. Parecia encaixar bem. Eu possuía uma ampla formação em ciência da computação — ”bom” —. Desejava construir máquinas inteligentes — ”bom” —. Queria estudar primeiro os cérebros para ver como funcionam — “epá, isso é um problema” —. Esta última meta, querer compreender como funcionavam os cérebros, constituía um problema aos olhos dos cientistas do laboratório de inteligência artificial do MIT.

Foi como topar-me contra um muro de betão. O MIT era a nave-mãe da inteligência artificial. Na época em que solicitei a matrícula no MIT, ele albergava dezenas de pessoas brilhantes cativadas com a ideia de programar computadores para produzir um comportamento inteligente. Para estes cientistas, a visão, a linguagem, a robótica e a matemática não eram mais do que problemas de programação. Os computadores podiam fazer qualquer coisa que um cérebro fizesse e muito mais, de modo que, por que restringir o pensamento à desordem biológica do computador da Natureza? Estudar os cérebros limitaria a reflexão. Achavam que era melhor estudar os últimos limites da informática, cuja expressão máxima era os computadores digitais. O seu Santo Graal era criar programas de computador que primeiro igualassem, e depois, ultrapassassem as faculdades humanas. Adotavam a proposta de que o fim justifica os meios; não lhes interessava entender como funcionavam os cérebros reais. Alguns se orgulhavam de ignorar a neurobiologia.

Pareceu-me uma forma equivocada de abordar o problema. Intuía que a proposta da inteligência artificial não só fracassaria em criar programas que fizessem o que sabem fazer os humanos, como também não nos ensinaria o que era a inteligência. Os computadores e os cérebros são constituídos segundo princípios completamente diferentes. Um é programado; o outro aprende por si mesmo. Um tem que trabalhar perfeitamente; o outro é flexível por natureza e tolera falhas. Um, conta com um processador central; o outro carece de controlo centralizado. A lista de diferenças é enorme. A principal razão pela qual eu pensava que os computadores não seriam inteligentes era porque eu compreendia como eles funcionavam até ao nível da física dos transístores, e este conhecimento contribuía para a minha sensação intuitiva de que os cérebros e os computadores eram essencialmente diferentes. Eu não podia provar isto, mas sabia na medida em que se pode saber algo por intuição. No fim das contas, pensei, a inteligência artificial pode levar à invenção de produtos úteis, mas não levará a construir máquinas realmente inteligentes.

Em contraste, eu queria compreender a inteligência e perceção reais, estudar a psicologia e a anatomia do cérebro, enfrentar o desafio de Francis Crick e apresentar um amplo modelo do funcionamento cerebral. Em particular, tinha focada a visão no neocórtex, a parte do cérebro dos mamíferos cujo desenvolvimento era mais recente e onde morava a inteligência. Uma vez que compreendêssemos como funcionava o neocórtex, poderíamos começar a construção de máquinas inteligentes, mas não antes.

Infelizmente, os professores e alunos que conheci no MIT não partilhavam dos meus interesses. Não achavam que fosse necessário estudar cérebros reais para compreender a inteligência e construir máquinas inteligentes. Assim me disseram. Em 1981 a universidade recusou a minha solicitação de matrícula.

Muitas pessoas creem na atualidade que a inteligência artificial está sã e salva, e que só esperam que os computadores tenham a potência suficiente para tornar realidade as suas muitas promessas. Quando os computadores tiverem suficiente memória e potência de processamento — prossegue esta crença —, os programadores da inteligência artificial serão capazes de criar máquinas inteligentes. Não estou de acordo. A inteligência artificial apresenta uma falha fundamental: não aborda de

forma adequada o que é a inteligência ou o que significa entender algo. Uma breve olhadela na sua história e nos princípios sobre os quais ela se edificou ajudará a explicar como a disciplina se desviou do seu rumo.

A proposta da inteligência artificial nasceu com o computador digital. Uma figura chave do início deste movimento foi o matemático inglês Alan Turing, um dos inventores da ideia do computador de uso geral. O seu golpe de mestre foi demonstrar formalmente o conceito de computação universal; isto é, que todos os computadores são equivalentes no básico, apesar dos detalhes da sua construção. Como parte da sua demonstração, ele ilustrou sobre uma máquina imaginária com três partes essenciais: uma caixa de processamento, uma fita de papel e um aparelho que lia e escrevia marcas na fita enquanto ela se movia de um lado para o outro. A fita servia para guardar informação, como o famoso código computacional de uns e zeros (isso foi antes da invenção dos chips de memória ou da unidade de disco, de modo que Turing criou a fita de papel para o armazenamento). A caixa, que na atualidade chamamos de unidade de processamento central (CPU), segue um conjunto de regras fixas para ler e editar a informação da fita. Turing demonstrou matematicamente que se você escolher o conjunto de regras preciso para a CPU e lhe for proporcionada uma fita infinitamente longa com a qual trabalhar ela poderá realizar qualquer conjunto de operações do Universo. Seria uma das muitas máquinas equivalentes ao que agora chamamos de Máquinas de Turing Universais. Se o problema é calcular raízes quadradas ou trajetórias de balas, jogar um jogo, editar fotos ou efetuar transações bancárias, por debaixo disso não há mais do que uns e zeros, e qualquer Máquina de Turing poderia ser programada para efetuar a tarefa. O processamento de informação é processamento de informação que é processamento de informação... Todos os computadores digitais são equivalentes na sua lógica.

A conclusão de Turing era indiscutivelmente verdadeira e muito proveitosa. A revolução da informática e de todos os seus produtos basearam-se nela. Depois, Turing passou à questão de como construir uma máquina inteligente. Ele sentia que os computadores podiam ser inteligentes, mas não queria entrar em discussões sobre se era possível ou não. Ele também não se considerava capaz de definir a inteligência formalmente, de modo que nem tentou. Ao invés disso, ele propôs uma prova de existência para a inteligência, o famoso Teste de Turing: se um computador pudesse enganar um interlocutor humano e conseguisse fazer com que este pensasse que ele também é uma pessoa, o computador teria

que ser inteligente por definição. Deste modo, com o seu teste como fita de medição e a sua máquina como meio pelo qual o teste é realizado, Turing ajudou a lançar a disciplina da inteligência artificial. O seu dogma central: o cérebro não é mais do que outro tipo de computador. Carece de importância o modo como você projeta um sistema artificialmente inteligente; ele só tem que produzir um comportamento semelhante ao humano.

Os defensores da inteligência artificial viam paralelos entre os computadores e o pensamento. Diziam: "Vejamos, as proezas mais impressionantes da inteligência humana envolvem, sem dúvida, a manipulação de símbolos abstratos, e isso é o que fazem também os computadores. O que fazemos quando falamos ou escutamos? Manipulamos símbolos mentais chamados palavras, utilizando regras gramaticais bem definidas. O que fazemos quando jogamos xadrez? Empregamos símbolos mentais que representam as propriedades e a situação das diversas peças. O que fazemos quando vemos? Usamos símbolos mentais para representar objetos, as suas posições, os seus nomes e outras propriedades. Sem dúvida, a gente faz tudo isto com os cérebros e não com o tipo de computadores que construímos, mas Turing demonstrou que não era importante como eram executados ou manipulados os símbolos. Você pode fazer isto com uma reunião de dentes e engrenagens, com um sistema de interruptores elétricos ou com a rede de neurónios do cérebro, desde que o meio empregado possa realizar a equivalência funcional de uma Máquina de Turing Universal".

Esta hipótese foi reforçada por um influente artigo científico publicado em 1943 pelo neuropsicólogo Warren McCulloch e pelo matemático Walter Pitts. Eles descreviam como os neurónios podiam realizar funções digitais; isto é, como cabia a possibilidade de que as células nervosas pudessem reproduzir a lógica formal que constitui o núcleo dos computadores. A ideia era de que os neurónios pudessem agir como o que os engenheiros chamam de portas lógicas. Estas executam operações lógicas simples como E, NÃO e OU. Os chips dos computadores são compostos por milhões de portas lógicas, todas interligadas em circuitos precisos e complexos. Uma CPU não é mais do que um agrupamento de portas lógicas.

McCulloch e Pitts assinalaram que os neurónios também podiam ligar-se de formas precisas para realizar funções lógicas. Como os neurónios reúnem contribuições uns dos outros e processam-nas para decidir se lançam um resultado, era concebível que eles pudessem ser portas lógicas vivas. Deste modo, deduziam, cabia a possibilidade de que o cérebro fosse

constituído com portas E, portas OU e outros elementos lógicos criados com neurónios, em analogia direta com a configuração dos circuitos eletrónicos digitais. Não está claro se McCulloch e Pitts acreditavam seriamente de que o cérebro funcionava desta forma; só diziam que era possível. E deste ponto de vista da lógica esta visão dos neurónios é possível. Em teoria, os neurónios podem executar funções digitais (lógicas). No entanto, ninguém se preocupou em se perguntar se esta era a forma real em que se ligavam os neurónios no cérebro. Tomaram-no como demonstração, sem ter em conta a falta de provas biológicas de que os cérebros não eram mais do que outro tipo de computador.

Também convém assinalar que a filosofia da inteligência artificial foi respaldada pela tendência que dominou a psicologia durante a primeira metade do século XX, chamada comportamentismo. Os comportamentistas achavam que não era possível saber o que acontece dentro do cérebro, ao qual chamavam de a caixa preta impenetrável. Mas podia-se observar e medir o ambiente de um animal e os seus comportamentos, o que ele sente e faz. Reconheciam que o cérebro continha mecanismos de reflexos que podiam ser usados para condicionar um animal a fim de que ele adotasse novos comportamentos mediante recompensas e castigos. Mas, além disto, sustentavam que para entender algo não se precisava estudar o cérebro, nem sentimentos tão complexos e subjetivos como a fome, o medo, ou o que eles significam. Desnecessário dizer que esta filosofia de pesquisa acabou por definhar durante a segunda metade do século XX, mas a inteligência artificial continuaria vigente por bem mais tempo.

Quando terminou a Segunda Guerra Mundial e se dispôs de computadores digitais para aplicações mais amplas, os pioneiros da inteligência artificial arregaçaram as mangas e começaram a programar. Tradução de línguas? Fácil! Não é mais do que decifrar um código. Só precisamos trocar cada símbolo do Sistema A pelo seu semelhante do Sistema B. Visão? Isso também parece fácil. Já conhecemos os teoremas geométricos que tratam de rotação, escala e deslocamento, e será simples codificá-los como algoritmos computacionais, de modo que nisto já temos meio caminho andado. Os experts em inteligência artificial realizaram grandes declarações sobre a rapidez com que a inteligência dos computadores primeiro igualaria, e depois, ultrapassaria a inteligência humana.

Parece irónico que o programa de computador que esteve mais próximo de superar o teste de Turing, um programa chamado Eliza,

imitasse um psicanalista, reformulando as perguntas que você fazia e mandando-as de volta. Por exemplo, se uma pessoa digitasse: "O meu namorado e eu não nos falamos", Eliza diria: "Conta-me mais do teu namorado" ou "Por que pensas que o teu namorado e tu não se falam mais?". Projetado como uma brincadeira, o programa chegou a enganar a alguns, ainda que fosse tonto e superficial. Entre os esforços mais sérios incluíram-se programas como Blocks World, uma sala simulada que continha blocos de diferentes cores e formas. Você podia propor perguntas ao Blocks World do tipo: "Há uma pirâmide verde sobre o cubo vermelho grande?", ou solicitar: "Põe o cubo azul sobre o cubo vermelho pequeno". O programa respondia à pergunta ou tratava de fazer o que você lhe pedia. Tudo era simulado, e funcionava. Mas era limitado ao seu pequeno mundo artificial de blocos. Os programadores não foram capazes de generalizar para que fizesse algo útil.

Enquanto isso, o público vivia impressionado pela sucessão contínua de sucessos aparentes e novas histórias sobre a tecnologia da inteligência artificial. Um programa que gerou entusiasmo inicial era capaz de resolver teoremas matemáticos. Desde Platão, a inferência dedutiva de múltiplos passos era considerada o auge da inteligência humana, de modo que a princípio pareceu que a inteligência artificial tinha conseguido o grande prémio. Mas, como no caso do Blocks World, verificou-se que o programa só podia encontrar teoremas muito simples que já eram conhecidos. Depois suscitou-se uma grande agitação com os "sistemas experts", bases de dados que podiam responder a perguntas propostas pelos utilizadores humanos. Por exemplo, um sistema expert médico seria capaz de diagnosticar a doença de um paciente se lhe dessem uma lista de sintomas. Mas novamente resultaram ser de uso limitado e não mostraram nada que se aproximasse de uma inteligência generalizada. Os computadores podiam jogar xadrez com perícia de experts, e o Deep Blue da IBM tornou-se famoso por acabar por derrotar Gary Kasparov, o campeão mundial, no seu próprio jogo. Mas estes sucessos foram em vão. O Deep Blue não ganhou por ser mais inteligente do que um ser humano, mas porque era milhões de vezes mais rápido. O Deep Blue não tinha intuição. Um jogador expert humano olha uma posição do tabuleiro e de imediato vê que zonas do jogo têm maiores possibilidades de ser proveitosas ou perigosas, enquanto um computador não possui um sentido nato do que é importante e assim explora muito mais opções. O Deep Blue também não tinha noção da história do jogo e não sabia nada do seu rival. Jogava xadrez, mas não o entendia, do mesmo modo que

uma calculadora realiza operações aritméticas, mas não entende de matemática.

Em todos os casos, os programas de inteligência artificial que conseguiam sucesso só serviam para efetuar a tarefa particular especificada no seu projeto. Não generalizavam nem mostravam flexibilidade, e inclusive os seus criadores admitiam que eles não pensavam como seres humanos. Alguns dos problemas da inteligência artificial que a princípio pareciam fáceis não conseguiram ser resolvidos. Na atualidade, nenhum computador pode compreender a linguagem tão bem como uma criança de três anos nem ver tão bem como um rato.

Depois de muitos anos de esforços, promessas não cumpridas e nenhum sucesso claro, a inteligência artificial começou a perder o seu brilho. Os cientistas da disciplina passaram para outros campos de pesquisas. As empresas dedicadas a ela fracassaram e o financiamento tornou-se mais escasso. Programar computadores para que realizassem as tarefas mais básicas de perceção, linguagem e comportamento começou a parecer impossível. Atualmente a situação não mudou muito. Como já afirmei, ainda há pessoas que acham que os problemas da inteligência artificial podem ser resolvidos com computadores mais rápidos, mas a maioria dos cientistas pensa que o esforço em si fracassou.

Não devemos culpar os pioneiros da inteligência artificial pelos seus fracassos. Alan Turing foi brilhante. Todos podiam dizer que a Máquina de Turing mudaria o mundo; e fez, mas não mediante a inteligência artificial.

O meu ceticismo para com as afirmações sobre a inteligência artificial aumentou na mesma época em que solicitei a minha matrícula no MIT. John Searle, influente professor de filosofia da Universidade da Califórnia, em Berkeley, dedicava-se até então a sustentar que os computadores não eram e não podiam ser inteligentes. Para demonstrar isto, em 1980 ele apresentou um experimento mental chamado Quarto Chinês. Consistia no seguinte:

Suponhamos que haja uma sala com uma fenda numa parede, e dentro da mesma encontra-se um homem que fala inglês sentado diante de uma escrivaninha. Ele tem um grande livro de instruções e todo o material como lápis e papel de rascunho que ele possa precisar. Folheando o livro, ele vê que as instruções, escritas em inglês, ditam modos de manipular, classificar e comparar caracteres chineses. Mas, note, as

instruções não dizem nada sobre o significado dos caracteres chineses; só tratam de instruir sobre como devem ser copiados, apagados, reordenados, transcritos e assim por diante.

Alguém do lado de fora da sala desliza um pedaço de papel pela fenda. Nele está escrito uma história e perguntas sobre a dita história, tudo em chinês. O homem lá dentro não fala nem lê uma única palavra de chinês, mas ele recolhe o papel e continua a trabalhar com o livro de instruções. Às vezes estas lhe indicam para que ele escreva caracteres no papel de rascunho e outras para que ele mude e apague caracteres. Aplicando uma regra após outra, escrevendo e apagando caracteres, o homem esforça-se até que o livro lhe anuncia que ele terminou. No fim das contas, ele escreveu uma nova página de caracteres que, sem ele saber, são as respostas às perguntas. O livro indica-lhe para passar o papel pela fenda. Ele faz isto e se pergunta sobre a finalidade deste tedioso exercício.

Do lado de fora, uma pessoa que fala chinês lê a página. Ela nota que todas as respostas estão corretas; inclusive perspicazes. Se fosse perguntado a ela se essas respostas provinham de uma mente inteligente que tinha compreendido a história, ela diria: sem dúvida que sim. Mas está certa, ela? Quem entendeu a história? Não foi a pessoa de dentro, certamente. Não foi o livro, que após tudo isto não é mais do que um volume colocado inerte sobre a escrivaninha entre montes de papel. Portanto, quando se efetuou o entendimento? A resposta de Searle é que não houve entendimento; só se folhearam muitas páginas sem sentido e algumas coisas foram copiadas e apagadas sem saber o que se fazia. E agora vem o melhor: o quarto chinês é análogo a um computador digital. A pessoa é a CPU, que executa instruções sem pensar, e o papel de rascunho é a memória. Deste modo, por mais talento que se ponha no projeto de um computador para simular inteligência e produzir o mesmo comportamento de um ser humano, o dito computador não possuirá entendimento e não será inteligente. (Searle deixou claro que não sabia o que era a inteligência; ele só estava a afirmar que, fosse o que fosse, os computadores não a tinham.)

Este raciocínio criou uma enorme disputa entre filósofos e experts em inteligência artificial. Gerou centenas de artigos, além de um pouco de sarcasmo e hostilidade. Os defensores da inteligência artificial contra-atacaram a Searle com dezenas de argumentos, declarando, entre outras coisas, que mesmo que nenhuma das partes componentes da sala entendesse chinês, a sala como um todo entendia, ou que a pessoa da sala entendia, ainda que não soubesse disto. Acho que Searle estava

certo. Quando meditei sobre o raciocínio do quarto chinês e sobre o funcionamento dos computadores, não encontrei entendimento em nenhum lugar. Cheguei à convicção de que precisávamos compreender o que é o "entendimento", um modo de o definir de modo que pusesse de manifesto quando um sistema seria inteligente e quando não, quando se entenderia chinês e quando não. O comportamento não nos diz.

Um ser humano não precisa "fazer" nada para entender uma história. Posso ler uma história em silêncio, e ainda que eu não manifeste um comportamento evidente, o meu entendimento e compreensão são claros, pelo menos para mim. Por outro lado, você não é capaz de afirmar pelo meu comportamento quieto se eu entendi ou não a história, nem sequer se conheço a língua em que está escrita. Você poderia propor-me depois perguntas para comprovar, mas o meu entendimento ocorre quando leio a história, não quando respondo às suas perguntas. Este livro sustenta a tese de que o entendimento não pode ser medido pelo comportamento externo; como veremos nos próximos capítulos; é mais uma medição interna de como o cérebro recorda as coisas e de como ele emprega a sua memória para fazer predições. O quarto chinês, o Deep Blue e a maioria dos programas de computador não possuem nada semelhante. Não compreendem o que estão a fazer. A única maneira de determinar se um computador é ou não inteligente é avaliar a sua informação de saída, ou a sua forma de trabalhar.

O argumento defensivo supremo da inteligência artificial é que os computadores, em teoria, poderiam simular o cérebro inteiro. Um computador poderia copiar o modelo de todos os neurónios e as suas conexões, e neste caso não teria nada que distinguisse a "inteligência" do cérebro da "inteligência" de simulação por computador. Ainda que talvez pareça impossível de levar isto a cabo na prática, estou de acordo. Mas os pesquisadores da inteligência artificial não simulam cérebros, e os seus programas não são inteligentes. Você não pode simular um cérebro sem primeiro compreender o que ele faz.

Depois de tanto a Intel como o MIT me recusarem, eu já não sabia mais o que fazer. E quando você não sabe como agir, a melhor estratégia costuma ser não efetuar mudanças até que se clareiem as opções. De modo que continuei a trabalhar no campo da informática. Encontrava-me satisfeito em Boston, mas em 1982 a minha esposa quis que nos mudássemos para a Califórnia, e assim o fizemos (era, mais uma vez, o

caminho com menos obstáculos). Encontrei trabalho no Vale do Silício, numa empresa de informática chamada Grid Systems. A dita empresa inventou o computador portátil, uma bela máquina que se converteu no primeiro computador da coleção do Museu de Arte Moderna de Nova York. Trabalhei primeiro no marketing e depois na engenharia, e acabei por criar uma linguagem de programação de alto nível chamada GridTask. Esta e eu fomos nos tornando cada vez mais importantes para o sucesso da Grid; a minha carreira ia bem.

Não obstante, não podia tirar da cabeça a curiosidade pelo cérebro e pelas máquinas inteligentes. Consumia-me o desejo de estudar os cérebros. De modo que fiz um curso por correspondência de psicologia humana e estudei por conta própria (ninguém jamais tinha sido recusado por uma escola de correspondência). Depois de aprender um bocado de biologia, decidi solicitar a minha matrícula em um curso de pós-graduação de um programa de biologia e estudar a inteligência de dentro das ciências biológicas. Se a ciência da computação não queria um teórico do cérebro, talvez o mundo da biologia aceitasse um cientista dos computadores. Até então não existia biologia teórica nem nada semelhante, e muito menos neurociência teórica, assim, a biofísica parecia o melhor campo para os meus interesses. Estudei muito, passei nos exames de seleção requeridos, preparei um currículo, pedi cartas de recomendação e consegui ser aceite como aluno de pós-graduação em tempo integral no programa de biofísica da Universidade da Califórnia, em Berkeley.

Estava emocionado. Finalmente eu poderia começar a sério com a teoria sobre o cérebro, ou pelo menos pensava. Deixei o meu emprego na Grid sem intenção de voltar a trabalhar na indústria da informática. Certamente, isso significava renunciar indefinidamente ao meu salário. A minha esposa achava que tinha chegado o momento de comprar uma casa e formar uma família, e eu dispunha-me alegremente a deixar de contribuir com rendimentos. Este não era de modo algum o caminho com menos obstáculos, mas era a melhor opção que eu tinha, e ela apoiou a minha decisão.

John Ellenby, fundador da Grid, enfiou-me no seu escritório justo antes que eu a deixasse e disse-me: "Sei que você espera nunca mais voltar à Grid nem à indústria da informática, mas nunca se sabe o que pode acontecer. Em vez de deixar o emprego de vez, por que você não pede uma licença? Deste modo, se você regressar dentro de um ano ou dois, você pode retomar o seu salário, a sua função e a sua opção sobre

ações de onde as deixou”. Foi um belo gesto, e aceitei; mas eu sentia que estava a abandonar o mundo da informática para sempre.

CAPÍTULO 2

REDES NEURONAIS

Quando ingressei à Universidade de Berkeley, em janeiro de 1986, a primeira coisa que fiz foi compilar uma história das teorias sobre a inteligência e o funcionamento cerebral. Li centenas de artigos de anatomistas, fisiólogos, filósofos, linguistas, cientistas da computação e psicólogos. Numerosas pessoas de muitos campos tinham escrito extensamente sobre o pensamento e a inteligência. Cada campo contava com o seu conjunto de publicações e cada um empregava a sua própria terminologia. As suas descrições pareceram-me contraditórias e incompletas. Os linguistas falavam da inteligência com termos como "sintaxe" e "semântica". Para eles o cérebro e a inteligência só tratavam da linguagem. Os cientistas da visão faziam referência a esboços em 2D, 2 1/2 D e 3D. Para eles o cérebro e a inteligência consistiam no reconhecimento de padrões visuais. Os cientistas da computação falavam de esquemas e modelos, novos termos que tinham inventado para representar o conhecimento. Nenhuma destas pessoas ocupava-se em falar da estrutura do cérebro e de como isto levaria à prática qualquer uma das suas teorias. Por sua vez, os anatomistas e neurofisiólogos escreviam em abundância sobre a estrutura do cérebro e o comportamento dos neurónios, mas a maioria deles evitava qualquer tentativa de formular uma teoria em grande escala. Era difícil e frustrante tentar encontrar sentido nestas diversas propostas e na abundância de dados experimentais que as acompanhavam.

Nessa época apareceu em cena uma proposta inovadora e prometedora sobre as máquinas inteligentes. As redes neuronais estavam presentes de uma forma ou de outra desde os finais da década de 1960, mas rivalizavam com o movimento da inteligência artificial pelo dinheiro e atenção dos organismos que financiavam as pesquisas. Durante vários anos, os pesquisadores das redes neuronais estiveram numa lista negra e não conseguiam fundos. No entanto, algumas pessoas continuaram a dedicar-se a elas, e em meados da década de 1980 chegou finalmente o seu grande momento. É difícil saber com exatidão por que se teve um interesse repentino pelas redes neuronais, mas sem dúvida um fator

decisivo foi o fracasso contínuo da inteligência artificial. As pessoas procuravam alternativas e encontraram uma nas redes neuronais.

As redes neuronais representavam uma real melhora sobre a proposta da inteligência artificial porque a sua arquitetura baseava-se, mesmo que em linhas muito gerais, nos sistemas nervosos reais. Em vez de programar computadores, os pesquisadores das redes neuronais, também conhecidos como conexionistas, interessavam-se em aprender que tipos de comportamentos podiam apresentar-se conetando juntos uma quantidade enorme de neurónios. Os cérebros são compostos por neurónios; portanto, o cérebro é uma rede neural. Isso é um facto. Os conexionistas tinham a esperança de que as propriedades esquivas da inteligência se tornariam claras estudando como os neurónios interagem, e de que alguns dos problemas insolúveis da inteligência artificial pudessem ser resolvidos reproduzindo as conexões precisas entre populações de neurónios. Uma rede neural diferencia-se de um computador porque não tem CPU e não guarda informação numa memória centralizada. O conhecimento e as memórias da rede distribuem-se por toda a sua conetividade, assim como nos cérebros reais.

À primeira vista, as redes neuronais pareciam encaixar-se bem com os meus interesses, mas esse campo logo acabou por desiludir-me. Até então eu já tinha formado a opinião de que existia três coisas que pareciam essenciais para compreender o cérebro. O meu primeiro critério era a inclusão do tempo na função cerebral. Os cérebros reais processam com rapidez mudando fluxos de informação. Não há nada estático no fluxo de informação que entra e sai do cérebro.

O segundo critério era a importância da realimentação. Os neuroanatomistas sabiam desde há muito tempo que o cérebro está saturado de conexões de realimentação. Por exemplo, no circuito entre o neocórtex e uma estrutura inferior chamada tálamo, as conexões para trás (de volta para a entrada) ultrapassam as que vão para adiante quase dez vezes, o que quer dizer que, por cada fibra que nutre informação para adiante no neocórtex, há dez fibras que nutrem informação para trás, de volta aos sentidos. A realimentação domina também a maioria das conexões por todo o neocórtex. Ninguém compreende o papel preciso desta realimentação, mas pelas pesquisas publicadas parecia evidente que ela existia em todas as partes. Eu imaginava que ela devia ser importante.

O terceiro critério era que toda a teoria ou modelo do cérebro deveria explicar a sua arquitetura física. O neocórtex não é uma estrutura simples.

Como veremos mais adiante, está organizado em uma hierarquia que se repete. Sem dúvida, qualquer rede neural que não reconhecesse a dita estrutura não iria agir como um cérebro.

Mas quando o fenómeno das redes neuronais ocupou a cena, ele baseou-se na sua maioria numa classe de modelos ultra simples que não cumpriam nenhum destes critérios. A maior parte das redes neuronais constava de um pequeno número de neurónios ligados entre si em três filas. Apresentava-se um modelo (a entrada) à primeira fila. Estes neurónios de entrada estavam ligados à próxima fila, as chamadas unidades ocultas. Depois estas ligavam-se à fila final de neurónios, as unidades de saída. As conexões entre os neurónios apresentavam forças variáveis, o que significava que a atividade em um neurónio poderia aumentar a atividade em outro e diminuir em um terceiro, dependendo das forças de conexão. Mudando as ditas forças, a rede aprenderia a representar modelos de entrada em modelos de saída.

Estas redes neuronais simples só processavam modelos estáticos, não usavam realimentação e não se pareciam de forma alguma com cérebros. O tipo mais comum, chamado de rede de "propagação recorrente", aprendia transmitindo um erro das unidades de saída de volta para as unidades de entrada. Talvez você pense que esta é uma forma de realimentação, mas não é. A propagação de erros para trás só ocorria durante a fase de aprendizagem. Quando a rede neural funcionava com normalidade, uma vez que tinha sido treinada, a informação só fluía num sentido. Não tinha realimentação das saídas para as entradas. E os modelos não tinham sentido do tempo. Um padrão de entrada estático transformava-se em um padrão de saída estático. Depois apresentava-se outro padrão de entrada. Não se tinha um histórico ou registo na rede do que tinha acontecido nem sequer um pouco antes. E, por último, a arquitetura destas redes neuronais era trivial comparada com a estrutura complexa e hierárquica do cérebro.

Eu pensava que a disciplina passaria em seguida a ocupar-se com redes mais realistas, mas não o fez. Já que estas redes neuronais simples eram capazes de executar coisas interessantes, a pesquisa resolveu parar por aí durante anos. Tinham encontrado uma ferramenta nova e atraente, e da noite para o dia milhares de cientistas, engenheiros e estudantes obtinham bolsas, doutoravam-se e escreviam livros sobre as redes neuronais. Formaram-se empresas cujo fim era empregar as ditas redes para prognosticar os movimentos da Bolsa de Valores, processar solicitações de créditos, verificar assinaturas e realizar centenas de

diversas aplicações de classificação de padrões. Ainda que a intenção dos fundadores do campo de redes neuronais talvez fosse mais geral, este acabou por ser dominado por pessoas que não se interessavam pelo entendimento do funcionamento cerebral ou em que consistia a inteligência.

A imprensa popular não entendia muito bem a dita distinção. Os jornais, revistas e programas de ciência televisivos apresentavam as redes neuronais como se fossem "semelhantes ao cérebro" ou funcionassem "segundo os mesmos princípios que o cérebro". Diferentes da inteligência artificial, onde tudo tinha que ser programado, as redes neuronais aprendiam pelo exemplo, o que parecia de algum modo mais inteligente. Um exemplo destacado era a NetTalk. Esta rede neural aprendeu a representar sequências de letras sobre sons falados. Quando se exercitou a rede com um texto impresso, ela começou a soar como a voz de um computador a ler as palavras. Era fácil imaginar que com um pouco mais de tempo as redes neuronais conversariam com os seres humanos. O NetTalk foi anunciado erroneamente nas notícias nacionais como uma máquina que aprendia a ler. Era uma grande exibição, mas o que ela fazia na realidade beirava o trivial. Não lia, não entendia e não tinha nenhum valor prático. Limitava-se a casar combinações de letras com padrões de som predefinidos.

Permita-me citar uma analogia para mostrar o quão longe se achavam as redes neuronais dos cérebros reais. Imaginemos que em vez de tentar pensar como funciona um cérebro estivéssemos a tentar deduzir como funciona um computador digital. Depois de anos de estudo, descobrimos que tudo no computador está composto de transistores. Há centenas de milhões de transistores num computador e os mesmos estão ligados entre si de formas precisas e complexas. Mas não compreendemos como funciona o dito computador ou por que os transistores estão ligados desse modo. Portanto, em um dia decidimos ligar só alguns para ver o que acontecia. E, quem diria, descobrimos que quando interligamos apenas três transistores de uma determinada forma os mesmos convertem-se num amplificador. Um pequeno sinal colocado num extremo é amplificado no outro. (Os amplificadores de rádios e TVs são realmente fabricados empregando transistores deste modo.) Trata-se de uma descoberta importante, e da noite para o dia surge uma indústria que se dedica a fabricar rádios, TVs e outros aparelhos de transistores utilizando os ditos amplificadores. Tudo isso é muito bom, mas não nos diz nada sobre como funciona o computador. Ainda que o amplificador e o computador sejam

feitos de transistores, eles não têm quase mais nada em comum. Da mesma forma, um cérebro real e a rede neural de três filas são constituídos de neurónios, mas não possuem quase mais nada em comum.

Durante o verão de 1987 tive uma experiência que lançou mais água fria sobre o meu já escasso entusiasmo pelas redes neuronais. Assisti a uma conferência sobre o tema em que vi uma apresentação de uma empresa chamada Nestor. A dita empresa tentava vender a aplicação de uma rede neural que reconhecia escrita manual sobre uma tabuleta. Ela oferecia a licença do programa por um milhão de dólares, o que me chamou a atenção. Ainda que a Nestor divulgasse a sofisticação do seu algoritmo de rede neural e o vendesse como outro importante avanço, pareceu-me que o problema do reconhecimento de letras podia ser resolvido de uma forma mais simples e tradicional. Naquela noite voltei para casa a pensar na questão, e em dois dias projetei um reconhecedor de letras mais rápido, mais pequeno e mais flexível. Não empregava uma rede neural e não funcionava de forma alguma como um cérebro, embora o algoritmo fosse inspirado numa matemática que eu estava a estudar relacionada com os cérebros. Essa conferência despertou o meu interesse em projetar computadores com uma interface de ponteiro (o que acabou por conduzir à PalmPilot dez anos depois). O reconhecedor de letras que eu criei converteu-se na base do sistema de entrada de texto chamado Graffiti, empregado na primeira série de produtos da Palm. Acredito que a Nestor tenha fechado as portas.

Era pedir muito para redes neuronais tão simples. A maior parte das suas capacidades era suprida facilmente por outros métodos, e o entusiasmo com que as tinham recebido os meios de comunicação acabou por diminuir. Pelo menos, os pesquisadores das redes neuronais não declaravam que os seus modelos eram inteligentes. Além disso, tratava-se de redes extremamente simples e faziam menos coisas que os programas de inteligência artificial. Não quero deixar-lhe a impressão de que todas as redes neuronais pertencem à simples variedade de três camadas. Alguns pesquisadores continuam a estudar redes com projetos diferentes. Na atualidade, o termo rede neural é empregado para descrever um conjunto diverso de modelos, alguns dos quais são mais precisos a partir da perspetiva biológica do que outros. Mas quase nenhum pretende captar a função ou a arquitetura geral do neocórtex.

Na minha opinião, o problema fundamental da maior parte das redes neuronais é uma característica que é partilhada com os programas de inteligência artificial. Ambas apoiam o ónus fatal de focar a sua atenção

no comportamento. Se eles estão a chamar os ditos comportamentos de "respostas", "padrões" ou "saídas", tanto a inteligência artificial como as redes neuronais presumem que a inteligência se baseia no comportamento que um programa ou uma rede neural produz depois de processar uma determinada entrada. O atributo mais importante de um programa de computador ou uma rede neural é se os mesmos proporcionam a saída correta ou desejada. Como por inspiração de Alan Turing, inteligência é igual a comportamento.

Mas a inteligência não se reduz a agir ou a comportar-se de modo inteligente. O comportamento é uma manifestação da inteligência, mas não a característica central ou a definição primordial de ser inteligente. Um momento de reflexão demonstra isto: você pode ser inteligente deitado na escuridão, pensando e compreendendo. Ignorar o que acontece dentro da sua cabeça e focar-se tão somente no comportamento tem constituído um grande impedimento para entender a inteligência e construir máquinas inteligentes.

Antes que exploremos uma nova definição da inteligência, quero falar-lhe de outra proposta conexionista que esteve bem mais próxima de descrever como funcionam os cérebros reais. É pena que poucas pessoas parecem ter-se dado conta da importância desta pesquisa.

Enquanto as redes neuronais monopolizavam a atenção geral, um pequeno grupo desgarrado de teóricos do dito campo construía redes que não eram centradas no comportamento. Chamadas de memórias autoassociativas, as mesmas também eram formadas por "neurónios" simples que se ligavam entre si e se estimulavam quando atingiam certo limiar. Porém estavam interconetados de modo diferente, utilizando uma enorme quantidade de realimentações. Em vez de limitar-se a passar informação para adiante como numa rede de propagação recorrente, as memórias autoassociativas alimentavam a saída de cada neurónio de volta para a entrada, algo parecido a chamar a si mesmo pelo telefone. Este emaranhado de realimentação conduziu a algumas características interessantes. Quando se imputava um padrão de atividade aos neurónios artificiais, os mesmos formavam uma memória do dito padrão. A rede autoassociativa associava padrões consigo mesma; daí o termo memória autoassociativa.

O resultado desta forma de conexão parece ridículo a princípio. Para recuperar um padrão armazenado na dita memória você deve fornecer o padrão que você quer recuperar. Seria como ir a uma mercearia para comprar uma dúzia de bananas. Quando o merceeiro lhe perguntasse como você iria pagar, você responderia que pagaria com bananas. O que há de bom nisto? - você pode se perguntar. Porém a memória autoassociativa possui algumas propriedades importantes que se encontram nos cérebros reais.

A propriedade primordial é que você não precisa ter o padrão inteiro que você quer recuperar para poder fazer isto. Você poderia ter só parte do padrão ou um padrão desordenado. A memória autoassociativa pode recuperar o padrão correto tal como foi armazenado originalmente inclusive se você contribui com uma versão desordenada dele. Seria como ir a uma mercearia com umas bananas maduras e meio comidas e obter em troca bananas inteiras e verdes. Ou ir ao banco com uma nota rasgada e ilegível e a pessoa na caixa dissesse: "Acho que é uma nota de 100 dólares danificada. Dê-me e entregar-lhe-ei esta nota nova de 100 dólares".

Em segundo lugar, diferente da maior parte das redes neuronais restantes, pode-se projetar uma memória autoassociativa para que armazene sequências de padrões ou padrões temporais. Esta característica é conseguida acrescentando uma pausa temporal na realimentação. Com a dita pausa você pode apresentar a uma memória autoassociativa uma sequência de padrões, similar a uma melodia, e aquela será capaz de recordá-la. Eu poderia acrescentar à primeira fila algumas notas de Brilha, brilha, linda estrela, e a memória devolveria a canção inteira. Quando se lhe apresenta parte da sequência, a memória é capaz de recordar o resto. Como veremos mais adiante, é assim que as pessoas aprendem quase tudo, como uma sequência de padrões. E proponho que o cérebro emprega circuitos similares a uma memória autoassociativa para fazer isto.

As memórias autoassociativas deram uma ideia da importância potencial que tinham as entradas com a realimentação e mudança de tempo. Mas a grande maioria dos cientistas cognitivos, da inteligência artificial e das redes neuronais passou por alto o tempo e a realimentação.

No seu conjunto, os neurocientistas também não fizeram melhor. Também conheciam a realimentação, pois foram eles que a descobriram, mas a maioria carecia de teoria (além de uma vaga conversa sobre fases

e modulação) para explicar por que o cérebro precisa tanto dela. E o tempo ocupa um papel escasso, quando ocupa, na maior parte das suas ideias sobre a função geral do cérebro. Tendem a representar o cérebro atendendo a onde ocorrem as coisas, não a quando e como os padrões neuronais interagem ao longo do tempo. Parte disto provém das limitações às quais estão submetidas as nossas técnicas experimentais atuais. Uma das tecnologias favoritas da década de 1990, também conhecida como a Década do Cérebro, foi a imagem funcional. As máquinas de imagem funcional podem tirar fotografias da atividade cerebral nos humanos, mas não são capazes de observar mudanças rápidas. Portanto, os cientistas solicitam aos sujeitos que se concentrem numa única tarefa uma e outra vez como se lhes fosse pedido que permanecessem quietos para uma fotografia óptica, com a advertência de que a mesma seria uma fotografia mental. Como resultado, contamos com uma enorme quantidade de dados sobre onde ocorrem certas tarefas no cérebro, mas poucos dados sobre como fluem por ele as entradas reais que variam com o tempo. A imagem funcional oferece a oportunidade de ver aonde acontecem as coisas num determinado momento, mas não é capaz de captar facilmente como a atividade cerebral muda ao longo do tempo. Os cientistas desejariam reunir estes dados, mas existem poucas boas técnicas para conseguir isto. Deste modo, muitos neurocientistas cognitivos da corrente dominante continuam a participar na falácia entrada-saída. Você apresenta uma determinada entrada e vê que saída você obtém. Os diagramas de conexão do córtex tendem a mostrar mapas de fluxos que começam nas áreas sensoriais primárias onde entram a visão, os sons e o tato, fluem por áreas analíticas, planeadoras e motoras superiores, e depois passam a alimentar com instruções os músculos. Você sente, e depois age.

Não quero dar a entender que ninguém tenha tido em conta o tempo e a realimentação. Trata-se de um campo tão enorme que quase qualquer ideia conta com os seus partidários. Nos anos recentes houve um aumento na crença da importância da realimentação, do tempo e da predição. Mas o estrondo da inteligência artificial e das redes neuronais clássicas manteve subjugadas e depreciadas as propostas restantes durante anos.

Não é difícil entender por que as pessoas — tanto leigos como experts — pensam que o comportamento define a inteligência. Durante um par de séculos ou menos, as capacidades do cérebro foram comparadas com os mecanismos do relógio, a seguir com bombas e tubulações, depois com motores a vapor e mais tarde com computadores. Décadas de ficção

científica têm transbordado de ideias sobre a inteligência artificial, das leis da robótica de Isaac Asimov ao C3PO de Guerra das estrelas. A ideia de máquinas que fazem coisas está arraigada na nossa imaginação. Todas as máquinas, sejam fabricadas ou imaginadas pelos humanos, são projetadas para fazer algo. Não temos máquinas que pensam; temos máquinas que fazem. Inclusive quando observamos os nossos semelhantes humanos, centramo-nos no seu comportamento e não nos seus pensamentos ocultos. Portanto, parece intuitivamente óbvio que o comportamento inteligente deve ser a medida de um sistema inteligente.

No entanto, quando se observa a história da ciência, comprova-se que a nossa intuição costuma ser o maior obstáculo para descobrir a verdade. Os modelos científicos são com frequência difíceis de serem descobertos, não porque sejam complexos, mas porque as hipóteses intuitivas, porém erróneas, impedem-nos de ver a resposta correta. Os astrónomos anteriores a Copérnico (1473-1543) erraram ao supor que a Terra permanecia quieta no centro do Universo porque parecia estar quieta e a ocupar essa posição. Era uma intuição evidente que todas as estrelas faziam parte de uma esfera gigantesca com a gente no centro. Sugerir que a Terra girava como um pião, com a sua superfície a mover-se a mais de 1.600 quilómetros por hora, e que ela se deslocava rapidamente pelo espaço — sem mencionar que as estrelas se encontravam a trilhões de quilómetros de distância —, levaria você a ser considerado um lunático. Mas acabou por se determinar que esse era o modelo correto. Simples de entender, mas erróneo segundo a intuição.

Antes de Darwin parecia evidente que as espécies possuíam formas fixas. Os crocodilos não se parecem com os colibris; são diferentes e irreconciliáveis. A ideia de que as espécies evoluem não só ia contra os ensinos religiosos, mas também contra o senso comum. A evolução afirma que temos um antepassado comum com qualquer ser vivo deste planeta, incluindo os vermes e a planta florida da nossa cozinha. Agora sabemos o que talvez seja verdade, porém a intuição diz o contrário.

Menciono estes exemplos famosos porque acho que a procura por máquinas inteligentes também apoia o ónus de uma hipótese intuitiva que está a dificultar o nosso progresso. Quando você se pergunta o que faz um sistema inteligente, é evidente que a intuição dita pensar no comportamento. Demonstramos a inteligência humana mediante a fala, a escrita e as ações, não é verdade? Sim; mas só até certo ponto. A inteligência é algo que acontece na nossa cabeça. O comportamento é um

ingrediente opcional. Isto não parece óbvio segundo a intuição, mas também não é difícil de entender.

Na primavera de 1986, enquanto me sentava diante da minha escrivaninha num dia após outro a ler artigos científicos, construindo a minha história da inteligência e observando os mundos em evolução da inteligência artificial e das redes neuronais, encontrei-me afogado em detalhes. Eu tinha um suprimento interminável de coisas a ler e estudar, mas não estava a conseguir nenhum entendimento claro de como funcionava, na realidade, o cérebro como um todo, nem sequer do que ele fazia. Isso devia-se ao facto de o próprio campo da neurociência estar inundado de detalhes. E continua a estar. A cada ano publicam-se centenas de relatórios de pesquisas, porém tendem a acrescentar uma multidão de detalhes em vez de organizá-lo. Ainda não existe uma teoria geral, um modelo, que explique o que faz o nosso cérebro e por quê.

Comecei a imaginar como seria a solução para este problema. Seria extremamente complexa porque o cérebro é muito complexo? Precisaria de cem páginas de matemática densa para descrever como funciona o cérebro? Seria necessário representar centenas ou milhares de circuitos separados antes que se pudesse compreender algo útil? Eu achava que não. A história mostra que as melhores soluções aos problemas científicos são simples e elegantes. Ainda que os detalhes pareçam intimidantes e o caminho para a teoria final seja árduo, por regra geral o modelo conceitual definitivo é simples.

Sem uma explicação central que guie a indagação, os neurocientistas não contam com muito para prosseguir enquanto tentam juntar todos os detalhes que têm reunido para formar um quadro coerente. O cérebro é incrivelmente complexo, um emaranhado de células vasto e surpreendente. À primeira vista parece um estádio cheio de esparguete cozido. Também já foi descrito como o pesadelo de um eletricista. Mas depois de uma inspeção minuciosa vemos que o cérebro não é um aglomerado aleatório. Possui muita organização e estrutura, porém o suficiente para que possamos esperar ser capazes de chegar a intuir o funcionamento do conjunto da mesma forma que somos capazes de ver como os fragmentos de um vaso partido voltam a unir-se. A falha não consiste em carecer de dados suficientes ou de dados precisos; o que precisamos é de uma mudança de perspetiva. Com o modelo adequado os detalhes ganharão significado e tornar-se-ão manejáveis. Consideremos a

seguinte analogia imaginária para você conseguir apreciar o que quero dizer.

Imaginemos que daqui a vários milénios os humanos se extingam e que exploradores de uma civilização extraterrestre avançada desembarquem na Terra. Eles querem deduzir como vivíamos. Intriga-lhes em particular as nossas redes de estradas. Para que serviam essas estruturas elaboradas e estranhas? Começam por catalogar todas elas, tanto via satélite como desde o solo. São arqueólogos meticulosos. Registam a situação de cada fragmento perdido de asfalto, cada placa de sinalização caída e arrastada morro abaixo pela erosão, cada detalhe que possam encontrar. Dão-se conta de que algumas redes de estradas são diferentes de outras; em certos lugares são sinuosas e estreitas, e a sua aparência é quase aleatória; em outros formam uma rede regular e em alguns trechos tornam-se densas e percorrem centenas de quilómetros pelo deserto. Eles recolhem uma grande quantidade de detalhes, mas que não significam nada para eles. Continuam a reunir mais e mais com a esperança de encontrar algum dado novo que explique tudo. Continuam perplexos durante muito tempo.

E assim permanecem, até que um deles exclama: "Eureca! Acho que descobri... essas criaturas não podiam teletransportar-se como nós. Tinham que viajar de um lugar para outro, talvez sobre plataformas móveis com um projeto engenhoso". A partir desta perceção básica, muitos detalhes começam a ficar claros. As redes de ruas pequenas e sinuosas correspondem às primeiras épocas, quando os meios de transporte eram lentos. As autoestradas densas e longas serviam para percorrer grandes distâncias a velocidades elevadas e as mesmas sugeriam finalmente uma explicação do porquê de os sinais dessas estradas terem números diferentes pintados. Os cientistas começam a deduzir as zonas residenciais das industriais, a forma em que as demandas do comércio e a infraestrutura de transporte deviam ter interagido, e assim sucessivamente. Muitos dos detalhes que eles tinham catalogado acabaram por não ser muito importantes; apenas acidentes da história ou características da geografia local. Existe a mesma quantidade de dados brutos, mas já não são desconcertantes.

Cabe confiar que o mesmo tipo de avanço permitir-nos-á compreender o que significam todos os detalhes do cérebro.

Infelizmente, nem todos acham que sejamos capazes de entender como funciona o cérebro. Um surpreendente número de pessoas, incluindo alguns neurocientistas, acha que de certo modo o cérebro e a inteligência estão além de qualquer explicação. E alguns acham que, ainda que conseguíssemos compreendê-los, seria impossível construir máquinas que funcionem do mesmo modo, por que a inteligência requer um corpo humano, neurónios, e talvez algumas novas e insondáveis leis da física. Sempre que escuto estes argumentos, imagino os intelectuais do passado que se negavam ao estudo do céu ou se opunham à dissecação dos cadáveres para ver como funcionavam os nossos corpos. "Não se preocupe em estudar isso; não levará a nada de bom e, ainda que você conseguisse compreender como funciona, não há nada que se possa fazer com esse conhecimento." Raciocínios como este conduzem-nos a um ramo da filosofia chamado funcionalismo, a nossa última paragem nesta breve história da reflexão sobre o pensamento.

Segundo o funcionalismo, ser inteligente ou ter uma mente não é mais do que uma propriedade organizativa, e em essência carece de importância do que você seja composto. Existe uma mente em todo o sistema cujas partes constituintes possuem a relação causal mútua adequada, mas essas partes podem ser com a mesma validade neurónios, chips de silício ou outra coisa. Sem dúvida, esta opinião é normal para qualquer aspirante a construtor de máquinas inteligentes.

Consideremos o seguinte: Um jogo de xadrez seria menos real se fosse jogado com um saleiro substituindo a peça perdida de um cavalo? É evidente que não. O saleiro é o equivalente funcional de um cavalo "real" em virtude de como ele se move sobre o tabuleiro e interage com as peças restantes, de modo que se trata de um jogo de xadrez de verdade e não de uma simulação. Ou consideremos se esta oração seria a mesma se eu apagasse com o meu cursor cada um dos caracteres e voltasse a digitar. Ou, tomemos um exemplo mais familiar, consideremos o facto de que todos os anos o nosso corpo substitui a maioria dos átomos que nos compõem. Apesar disso, continuamos a ser os mesmos em todos os sentidos que nos importam. Um átomo é tão bom como qualquer outro se ele desempenha o mesmo papel funcional na nossa constituição molecular. Cabe sustentar o mesmo no caso do cérebro: se um cientista louco substituísse cada um dos nossos neurónios com uma réplica nana-robótica funcionalmente equivalente, deveríamos sair do processo sentindo-nos não menos que nós mesmos do que nos sentíamos no início.

Por este princípio, um sistema artificial que empregue a mesma arquitetura funcional de um cérebro vivo inteligente deve ser também inteligente e não se limitar a aparentar; deve ser real, realmente inteligente.

Os defensores da inteligência artificial, os conexionistas e eu somos funcionalistas na medida em que todos nós achamos que não há nada inerente, especial ou mágico no cérebro que lhe permita ser inteligente. Todos nós achamos que seremos capazes de construir máquinas inteligentes de certo modo algum dia. Mas existem interpretações diferentes do funcionalismo. Ainda que eu já tenha declarado qual considero ser a falha central da inteligência artificial e dos paradigmas conexionistas — a falácia entrada-saída —, vale a pena dizer algo mais a respeito do por que ainda não temos sido capazes de projetar máquinas inteligentes. Enquanto os defensores da inteligência artificial adotam o que considero ser uma linha dura autodestrutiva, na minha opinião os conexionistas têm sido simplesmente muito tímidos.

Os pesquisadores da inteligência artificial perguntam: "Por que nós engenheiros devemos estar limitados pelas soluções com as quais a evolução deu por acaso?". Em princípio, eles têm razão. Os sistemas biológicos, como o cérebro e o genoma, são considerados muito pouco elegantes. Uma metáfora habitual é a da máquina de Rube Goldberg, batizada com o nome do caricaturista da Era da Depressão que desenhava artefatos cómicos extremamente complexos para realizar tarefas triviais. Os projetistas de software contam com um termo relacionado, kludge, para referir-se a programas escritos sem planeamento que acabam por ser repletos de uma complexidade onerosa e inútil, frequentemente chegando ao ponto de se tornarem incompreensíveis inclusive para os programadores que os escreveram. Os pesquisadores da inteligência artificial temem que o cérebro seja uma confusão similar, um kludge de vários milhões de anos cheio até ao topo de ineficiências e um "código herdado" evolucionista. Se for assim, perguntam-se eles, por que não nos desfazermo-nos de toda essa penosa confusão e começar novamente?

Muitos filósofos e psicólogos cognitivos mostram-se favoráveis a esta postura. Gostam da metáfora de que a mente se assemelha a um software que põe em funcionamento o cérebro, o análogo orgânico do hardware de computador. Nos computadores, os níveis de hardware e software são diferentes um do outro. O mesmo programa de software funciona em qualquer Máquina de Turing Universal. Você pode utilizar o WordPerfect num computador pessoal, num Macintosh ou num supercomputador Cray,

por exemplo, ainda que estes três sistemas possuam diferentes configurações de hardware. E o hardware não tem nada importante a ensinar-nos se estamos a tentar aprender WordPerfect. Por analogia, prossegue o raciocínio, o cérebro não tem nada a ensinar sobre a mente.

Os defensores da inteligência artificial também gostam de assinalar exemplos históricos no qual a solução da engenharia difere radicalmente da versão da Natureza. Por exemplo, como conseguimos construir máquinas voadoras? –, imitando o movimento de bater asas dos animais alados? Não. Fizemos com asas fixas e hélices, e mais adiante com motores propulsores. Pode ser que não seja como fez a Natureza, mas funciona, e melhor do que batendo asas.

De modo similar, fizemos um veículo de terra que podia correr mais do que os guepardos ou chitas, não fabricando máquinas de quatro patas semelhantes aos ditos animais, mas inventando as rodas. É um modo excelente de se mover sobre o terreno plano, e o facto de que a evolução nunca se tenha deparado com esta estratégia particular não significa que ela não seja uma ótima forma de nos deslocar. Alguns filósofos da mente ficaram vibrados com a metáfora da "roda cognitiva", isto é, a solução da inteligência artificial para algum problema que, ainda que seja completamente diferente de como o faz o cérebro, o faz bem. Por outras palavras, um programa que produz saídas que se parecem com (ou superam) a execução humana de uma tarefa de modo limitado, porém útil, é tão bom quanto a forma em que os nossos cérebros o fazem.

Acho que este tipo de interpretação dos fins que justificam os meios do funcionalismo desencaminhou os pesquisadores da inteligência artificial. Como demonstrou Searle com o quarto chinês, não basta a equivalência funcional. Já que a inteligência é uma propriedade interna do cérebro, temos que olhar dentro dele para entender o que ela é. Nas nossas pesquisas sobre o cérebro, e em especial do neocórtex, precisaremos ser minuciosos ao elucidar quais detalhes são apenas "acidentes congelados" supérfluos do nosso passado evolutivo; sem dúvida, muitos processos do tipo Rube Goldberg estão misturados com as características importantes. Mas, como veremos em seguida, existe uma elegância subjacente de grande potência, uma que supera os nossos melhores computadores, esperando ser extraída desses circuitos neuronais.

Os conexionistas perceberam intuitivamente que o cérebro não era um computador e que os seus segredos se arraigavam no modo de se

comportar dos seus neurónios quando se ligavam entre si. Foi um bom início, mas o campo mal tem avançado desde os seus primeiros lucros. Ainda que milhares de pessoas tenham trabalhado em redes de três camadas, e muitas ainda continuam a fazer isto, as pesquisas sobre redes corticais realistas foram e continuam a ser raras.

Durante meio século estivemos a aplicar toda a força do considerável talento da nossa espécie a tentar programar inteligência nos computadores. No processo surgiram os processadores de texto, bases de dados, jogos de video, Internet, telefones móveis e convincentes dinossauros animados por computador. Mas as máquinas inteligentes continuam a não aparecer no quadro. Para se ter sucesso precisaremos copiar muito do motor da inteligência da Natureza, o neocórtex.

Temos que extrair a inteligência do cérebro. Nenhum outro caminho nos conduzirá até elas.

CAPÍTULO 3

O CÉREBRO HUMANO

Portanto, o que torna o cérebro tão diferente da programação que se incorpora na inteligência artificial e nas redes neuronais? O que tem de inusual o projeto do cérebro e por que é importante? Como veremos nos próximos capítulos, a arquitetura cerebral tem muito o que nos dizer sobre como funciona o cérebro e por que ele é radicalmente diferente de um computador.

Comecemos a nossa introdução com o órgão no seu conjunto. Imaginemos que há um cérebro colocado sobre uma mesa e que o dissecamos juntos. A primeira coisa que apreciamos é que a sua superfície exterior parece muito uniforme. De um cinza-rosado, ela assemelha-se a uma suave couve-flor, com numerosas cristas e vales, chamados de circunvoluções e sulcos. É macia e húmida ao tato. Esta superfície trata-se do neocórtex, uma fina camada de tecido neural que envolve a maioria das partes mais antigas do cérebro. Nele vamos focar a nossa atenção particular. Quase tudo o que pensamos que é inteligência — a perceção, a linguagem, a imaginação, a matemática, a arte, a música e o planeamento — ocorre nele. O seu neocórtex está a ler este livro.

Agora tenho que admitir que sou um chauvinista neocortical. Sei que vou encontrar certa resistência por isso, de modo que me permita um minuto para defender a minha postura antes de prosseguir a explicar. Cada parte do cérebro possui a sua própria comunidade de cientistas que a estudam, e sugerir que possamos chegar à base da inteligência entendendo somente o neocórtex, sem dúvida suscitará alguns alaridos e objeções das comunidades de pesquisadores ofendidos. Dirão coisas como: "Não é possível entender o neocórtex sem compreender a região cerebral tal, porque as duas estão muito interconetadas, e precisa-se da região cerebral tal para fazer isto e aquilo". Estou de acordo. Concordo que o cérebro consta de muitas partes e a maioria é crucial para o ser humano. (Uma curiosa exceção é a parte do cérebro com o maior número de células, o cerebelo. Se você nasce sem cerebelo ou defeituoso, você pode levar uma vida normal. No entanto, não ocorre o mesmo com a maioria das regiões restantes, que se requerem para a vida básica ou para o estado consciente.)

O meu raciocínio é que não estou interessado em construir humanos. Quero entender a inteligência e construir máquinas inteligentes. Ser humano e ser inteligente são assuntos separados. Uma máquina inteligente não precisa ter impulsos sexuais, fome, pulsação, músculos, emoções ou corpo semelhante ao humano. Um humano é bem mais do que uma máquina inteligente. Somos criaturas biológicas com tudo o necessário e às vezes com bagagem indesejada proveniente de Eras de evolução. Se você deseja construir máquinas inteligentes que se comportem como humanos — isto é, que passem no teste de Turing em todos os seus aspetos — é provável que você tenha que recriar boa parte da restante composição que torna os humanos o que são. Mas, como veremos mais adiante, para construir máquinas que sejam inteligentes a sério, mas não exatamente iguais aos humanos, podemos focar na parte do cérebro estritamente relacionada com a inteligência.

Àqueles que talvez se sintam ofendidos pela atenção singular que presto ao neocórtex, dir-lhes-ei que estou de acordo que outras estruturas cerebrais, como o tronco encefálico, os gânglios basais e o núcleo amidalino, são importantes para o funcionamento do mesmo. Sem dúvida alguma. Mas espero convencê-lo de que todos os aspetos essenciais da inteligência ocorrem no neocórtex, ainda que outras regiões cerebrais também possam desempenhar importantes papéis, como o tálamo e o hipocampo, dos quais nos ocuparemos mais adiante no livro. A longo prazo, precisaremos compreender os papéis funcionais de todas as regiões cerebrais. Mas acho que esses temas se abordarão melhor no contexto de uma boa teoria geral da função neocortical. Esta é a minha opinião resumida. Agora voltemos ao neocórtex, ou para encurtar, o córtex.

Apanhe seis cartões de visita ou cartas de baralho — quaisquer um deles valerá — e coloque-os num molho. (Conviria que você fizesse realmente isto em vez de se limitar a imaginar.) Agora você conta com um modelo do córtex. Os seis cartões têm uma espessura de uns dois milímetros e lhe proporcionará o sentido de quão fina que é a lâmina cortical. Assim como o molho de cartões ou cartas, o neocórtex tem uma espessura aproximada de dois milímetros e conta com seis camadas, mais ou menos uma por cada cartão ou carta.

Estendida, a lâmina neocortical humana atinge o tamanho aproximado de um guardanapo grande. As lâminas corticais de outros mamíferos são menores: a do rato é do tamanho de um selo de correios; a do macaco, do tamanho de um envelope de uma carta comercial. Mas, deixando de lado o tamanho, a maioria delas contém seis camadas

similares às que vemos no molho de cartões de visita. Os humanos são mais espertos porque o nosso córtex, em relação ao tamanho corporal, ocupa uma zona maior, e não porque as nossas camadas sejam mais grossas ou contenham alguma classe especial de células "espertas". O seu tamanho é bastante impressionante, pois rodeia e envolve a maior parte do resto do cérebro. Para acomodar o nosso grande cérebro, a Natureza teve que modificar a nossa anatomia geral. As fêmeas humanas desenvolveram uma pélvis larga para dar à luz crianças de cabeça grande, característica que alguns paleoantropólogos pensam que coevolucionou com a capacidade de caminhar sobre as duas pernas. Mas não sendo suficiente, a evolução dobrou o neocórtex, enfiando-o dentro dos nossos crânios como uma folha de papel enrugada dentro de um copo de conhaque.

O neocórtex está carregado de células nervosas ou neurónios. Estão tão abarrotadas que ninguém sabe com precisão quantas células ele contém. Se você desenhar um quadrado diminuto de um milímetro de lado (aproximadamente a metade do tamanho desta letra o) na parte superior do molho de cartões de visita, você estará a marcar a posição estimada de cem mil neurónios. Imagine tentar contar o número exato num espaço tão reduzido; é quase impossível. Não obstante, alguns anatomistas têm calculado que o neocórtex humano médio contém cerca de trinta bilhões de neurónios, mas ninguém se surpreenderia se a cifra fosse bem mais alta ou baixa.

Esses trinta bilhões de células são você. Eles contêm quase todas as suas lembranças, conhecimentos, capacidades e experiência vital acumulada. Depois de vinte e cinco anos a pensar sobre cérebros, este facto continua a parecer-me espantoso. Que uma fina lâmina de células veja, sinta e crie a nossa visão do mundo é algo incrível. O calor de um dia de verão e os sonhos que temos de um mundo melhor são de certo modo a criação destas células. Muitos anos após ele ter publicado o seu artigo em *Scientific American*, Francis Crick escreveu um livro sobre cérebros chamado *A Hipótese Espantosa*. A hipótese espantosa era simplesmente que a mente é a criação das células do cérebro. Não há nada mais, nada mágico, nenhum molho especial; apenas neurónios e uma dança de informações. Espero que você seja capaz de perceber como é incrível dar-se conta disso. Parece existir um grande abismo filosófico entre uma reunião de células e a nossa experiência consciente, embora a mente e o cérebro sejam a mesma coisa. Ao chamá-la de uma hipótese, Crick mostrava-se politicamente correto. Que as células do nosso cérebro

criam a mente é um facto, não uma hipótese. Precisamos compreender o que fazem esses trinta bilhões de células e como o fazem. Por sorte, o córtex não é só uma bolha amorfa de células. Podemos observá-lo em profundidade para buscar ideias sobre como se comporta a mente humana.

Voltemos à nossa mesa de dissecação e olhemos um pouco mais o cérebro. A olho nu, o neocórtex quase não oferece sinais. Sem dúvida, há alguns, como a enorme fissura que separa os dois hemisférios cerebrais e o sulco proeminente que divide as regiões posteriores e frontais. Mas onde quer que você olhe, da esquerda para a direita e de trás para a frente, a superfície enrolada parece muito parecida. Não existem linhas limítrofes visíveis ou códigos de cor que delimitem zonas especializadas em diferentes informações sensoriais ou diferentes tipos de pensamento.

No entanto, nós sabemos desde há muito tempo que existe algum tipo de limite. Inclusive, antes que os neurocientistas fossem capazes de discernir algo útil sobre o sistema de circuitos do córtex, eles sabiam que algumas funções mentais estavam localizadas em certas regiões. Se uma apoplexia deixa fora de combate o lóbulo parietal direito do Joe, ele pode perder a sua capacidade de perceber — ou inclusive de conceber — qualquer coisa do lado esquerdo do seu corpo, ou da metade esquerda do espaço à sua volta. Em contraste, uma apoplexia na região frontal esquerda, conhecida como área de Broca, compromete a sua capacidade de empregar as regras gramaticais, ainda que o seu vocabulário e a sua faculdade para entender os significados das palavras não mudem. Uma apoplexia numa zona chamada circunvolução fusiforme pode acabar com a capacidade de reconhecer rostos: Joe pode não reconhecer a sua mãe, os seus filhos e nem sequer o seu próprio rosto numa fotografia. Transtornos tão fascinantes como estes facilitaram rapidamente aos neurocientistas a noção de que o córtex consta de muitas regiões ou áreas funcionais. Os termos são equivalentes.

Aprendemos bastante sobre as áreas funcionais no século passado, mas ainda há muito por descobrir. Cada uma destas regiões é semi-independente e parece ser especializada em certos aspetos da perceção ou do pensamento. Fisicamente, estão dispostas como uma série de remendos irregulares que varia um pouco de pessoa para pessoa. Raramente as funções estão delimitadas com clareza. A partir de uma

perspetiva funcional, estão organizadas numa hierarquia com ramificações.

A noção de hierarquia é crucial, de modo que quero dedicar certo tempo em defini-la com cuidado, pois irei referir-me a ela ao longo de todo o livro. Num sistema hierárquico, alguns elementos estão num sentido abstrato "acima" e "abaixo" dos outros. Numa hierarquia empresarial, por exemplo, uma gerente de nível médio está acima do empregado que se encarrega do correio e abaixo do vice-presidente. Isto não tem nada a ver com estar acima ou abaixo fisicamente; ainda que ela trabalhe num andar inferior ao do encarregado do correio, a gerente continua a estar "acima" do ponto de vista hierárquico. Enfatizo este ponto para tornar claro o que quero dizer quando digo que uma região funcional está mais acima ou mais abaixo que outra. Não tem nada a ver com a sua disposição física no cérebro. Todas as áreas funcionais do córtex residem na mesma lâmina cortical. O que faz com que uma região seja "superior" ou "inferior" a outra é a forma como elas se ligam entre si. No córtex, as áreas inferiores fornecem informação às superiores mediante um padrão neural de conetividade, enquanto as áreas superiores enviam realimentação "para baixo" às áreas inferiores empregando um padrão de conexão diferente. Também existem conexões laterais entre áreas que estão em ramos separados da hierarquia, da mesma forma que um gerente de nível médio se comunica com o seu semelhante num escritório associado de outro estado. Dois cientistas, Daniel Felleman e David von Essen, elaboraram um mapa detalhado do córtex do macaco. O dito mapa mostra dezenas de regiões ligadas entre si numa hierarquia complexa. Cabe assumir que o córtex humano possui uma hierarquia similar.

As regiões funcionais mais baixas, as áreas sensoriais primárias, são o local aonde chega primeiro a informação sensorial. Elas processam a informação no seu nível mais bruto e básico. Por exemplo, a informação visual entra no córtex através da área visual primária, chamada de V1 para abreviar. A V1 está ligada às características visuais de nível inferior, como segmentos de bordas diminutas, componentes de pequena escala do movimento, disparidade binocular (para a visão estérea) e informação básica de cor e contraste. A V1 fornece informação às áreas V2, V4 e IT (falaremos sobre elas mais adiante), e a muitas outras regiões. Cada uma das ditas áreas ocupa-se de aspetos mais especializados ou abstratos da informação. Por exemplo, as células da V4 correspondem a objetos de complexidade média, como formas de estrela em diferentes cores como vermelho ou azul. Outra área chamada MT é especializada nos

movimentos dos objetos. Nos degraus mais elevados do córtex visual encontram-se áreas que representam lembranças visuais de todo o tipo de objetos, como rostos, animais, ferramentas, partes do corpo e assim por diante.

Os sentidos restantes apresentam hierarquias similares. O córtex possui uma área auditiva primária chamada A1 e uma hierarquia de regiões auditivas acima, e conta com uma área somatossensorial primária (sentido corporal) chamada S1 e uma hierarquia de regiões somatossensoriais acima. Por fim, a informação sensorial passa para as "áreas de associação", que é o nome que às vezes se emprega para as regiões do córtex que recebem entradas de mais de um sentido. Por exemplo, o nosso córtex tem áreas que recebem entradas tanto da visão como do tato. Graças às regiões de associação somos capazes de dar-nos conta de que a visão de uma mosca a andar pelo nosso braço e a sensação de cócegas que sentimos partilham a mesma causa. A maioria destas áreas recebe entradas altamente processadas dos vários sentidos, e as suas funções continuam sem estar claras. Mais adiante no livro terei muito o que dizer sobre a hierarquia cortical.

Existe mais um conjunto de áreas nos lóbulos frontais do cérebro que criam saídas motoras. O sistema motor do córtex também está organizado segundo uma hierarquia. A área inferior, M1, envia conexões à medula espinhal e maneja os músculos de forma direta. As áreas superiores fornecem ordens motoras complexas à M1. A hierarquia da área motora e as hierarquias das áreas sensoriais parecem ser muito similares. Parecem estar organizadas da mesma forma. Na região motora pensamos na informação que flui para abaixo da hierarquia até à M1 para manejar os músculos, e nas regiões sensoriais pensamos na informação que flui para acima da hierarquia afastando-se dos sentidos. Mas na realidade a informação flui em ambas as direções. O que nas regiões sensoriais se entende como realimentação, na região motora se entende como saída, e vice-versa.

A maioria das descrições dos cérebros é baseada em mapas de fluxos que refletem uma visão das hierarquias muito simplificada. Isto é, a entrada (visão, audição, tato) flui para as áreas sensoriais primárias e é processada enquanto avança para acima da hierarquia, depois passa pelas áreas de associação, a seguir pelos lóbulos frontais do córtex, e por último desce às áreas motoras. Não afirmo que esta visão seja completamente equivocada. Quando lemos em voz alta, a informação visual entra na V1, flui até às áreas de associação, faz a sua rota até ao córtex motor frontal

e termina fazendo com que os músculos da nossa boca e garganta formem os sons da fala. No entanto, isto não é tudo o que ocorre. Não é tão simples assim. Numa visão muito simplificada contra a qual previno, o processo costuma desenrolar-se como se a informação fluísse numa única direção, como as peças que se encaixam na linha de montagem de uma fábrica. Mas a informação no córtex sempre flui também na direção contrária, e com muito mais projeções, alimentando mais para baixo da hierarquia do que para acima. Quando lemos em voz alta, as regiões superiores do nosso córtex enviam mais sinais para "baixo" do nosso córtex visual primário do que os que o nosso olho recebe da página impressa. Nos próximos capítulos iremos ocupar-nos do que essas projeções de realimentação fazem. Por enquanto, quero que você grave um facto: ainda que a hierarquia ascendente seja real, temos que ter cuidado para não pensar que o fluxo de informação só tem uma direção.

Novamente na mesa de dissecação, suponhamos que instalamos um potente microscópio, cortamos uma fatia fina da lâmina cortical, tingimos algumas células e damos uma olhadela na nossa obra através da ocular. Se tingimos todas as células da nossa fatia, veremos uma massa toda negra porque as células estão muito abarrotadas e entrelaçadas. Mas se empregamos uma tinta que marque uma fração menor de células, podemos ver as seis camadas que mencionei. Estas camadas estão formadas por variações da densidade das células corporais, dos tipos de células e das suas conexões.

Todos os neurónios possuem características em comum. Além do corpo celular, que é a parte arredondada que imaginamos quando pensamos numa célula, elas também possuem estruturas ramificadas, semelhantes a alambres, chamadas de axónios e dendritos. Quando o axónio de um neurónio toca o dendrito de outro, são formadas pequenas conexões chamadas sinapses. É nas sinapses que o impulso nervoso de uma célula influi no comportamento de outra célula. Se chega um pico a uma sinapse, é possível que também chegue à célula recetora. Algumas sinapses têm o efeito contrário e tornam menos provável que a célula recetora também gere um pico. A força de uma sinapse pode mudar de acordo com o comportamento das duas células. A forma mais simples desta mudança sináptica é o aumento da força de conexão entre dois neurónios quando ambos geram um pico quase ao mesmo tempo. Analisarei mais este processo, chamado de aprendizagem hebbiana, um pouco mais adiante. Além de mudar a força de uma sinapse, há provas que indicam que podem ser formadas sinapses completamente novas

entre dois neurónios. Talvez isto aconteça de forma contínua, ainda que as provas científicas sejam polémicas. Deixando de lado os detalhes sobre como as sinapses mudam as suas forças, o que realmente é certo é que a formação e a força das sinapses é o que fazem com que as memórias se armazenem.

Ainda que haja muitos tipos de neurónios no neocórtex, uma ampla classe compreende oito em cada dez células. Trata-se dos neurónios piramidais, assim chamados porque os seus corpos celulares apresentam uma forma parecida às pirâmides. Salvo a camada superior das seis que formam o córtex, que tem milhares de axónios, mas muito poucas células, as restantes contêm células piramidais. Cada neurónio piramidal liga-se a muitos outros das suas imediações, e cada um envia um longo axónio lateral a regiões mais distantes do córtex ou a estruturas cerebrais inferiores como o tálamo.

Uma célula piramidal comum possui vários milhares de sinapses. Mais uma vez, acaba por ser muito difícil saber com exatidão quantas são devido à sua extrema densidade e reduzido tamanho. O número de sinapses varia de uma célula para outra, de uma camada para outra e de uma região para outra. Se aceitarmos a posição conservadora de que a célula piramidal tem uma média de mil sinapses (é provável que o número real se aproxime de cinco ou dez mil), o nosso neocórtex aproximar-se-ia de trinta trilhões de sinapses. É um número astronómico que vai além do nosso entendimento intuitivo. Parece ser suficiente para guardar todas as coisas que você pode aprender numa vida.

Segundo rumores, Albert Einstein afirmou certa vez que conceber a teoria da relatividade especial tinha sido algo imediato, quase fácil. Deduziu-a de forma natural numa única observação: a velocidade da luz é constante para todos os observadores, ainda que estes se movam a velocidades diferentes. Isto vai contra a intuição. É como dizer que a velocidade de uma bola lançada é sempre a mesma independentemente da força com a qual se lance ou da rapidez com que se movam os indivíduos que a lançam e observam. Todos veem a bola a mover-se à mesma velocidade em relação a eles em todas as circunstâncias. Não parece que isto possa ser verdade, mas demonstrou-se que era assim com a luz; e o inteligente Einstein perguntou-se quais eram as consequências deste estranho facto. Ele pensou metodicamente em todas as repercussões de uma velocidade da luz constante, o que lhe conduziu às

predições ainda mais estranhas da relatividade especial, tais como a de que o tempo andava mais devagar quando você avançava mais rápido, e que a energia e a massa eram em essência o mesmo. Os livros sobre a relatividade percorrem esta linha de raciocínio com exemplos quotidianos de comboios, balas, lanternas e assim por diante. A teoria não é difícil, mas sem dúvida vai contra a intuição.

Existe uma descoberta análoga na neurociência, um facto sobre o córtex que acaba por ser tão surpreendente que alguns neurocientistas se negam a crer e a maioria restante passa-o por alto porque não sabe o que fazer com ele. Mas é um facto de tal importância que, se forem exploradas as suas consequências cuidadosa e metodicamente, desvelará os segredos do que faz o neocórtex e como funciona. Neste caso, a descoberta surpreendente provém da anatomia básica do próprio córtex, mas foi preciso uma mente com uma perspicácia fora do comum para reconhecer isto. Essa pessoa foi Vernon Mountcastle, neurocientista da Universidade John Hopkins de Baltimore. Em 1978, ele publicou um artigo intitulado "*Um Princípio Organizador para a Função Cerebral*", no qual ele assinala que o neocórtex é notavelmente uniforme quanto à aparência e estrutura. As regiões que se ocupam das entradas auditivas assemelham-se às que se ocupam do tato, que se parecem com as regiões que controlam os músculos, semelhantes à área de linguagem de Broca, que é parecida a quase todas as regiões restantes do córtex. Mountcastle sugere que, já que as ditas regiões parecem semelhantes, talvez realizem a mesma operação básica. Ele propõe que o córtex usa a mesma ferramenta computacional para realizar tudo o que faz.

Os anatomistas da época e das décadas anteriores a Mountcastle reconheciam que o córtex era semelhante em todas as suas partes; isto era algo inegável. Mas em vez de perguntar-se o que isto podia significar, dedicaram o seu tempo a procurar diferenças entre uma área e outra. E encontraram-nas. Assumiram que se uma região é usada para a linguagem e outra para a visão, deveria haver diferenças entre ambas. Se você as procurar com o cuidado suficiente, você as encontrará. As regiões do córtex variam em espessura, densidade celular, proporção relativa de células e muitos outros aspetos que podem acabar por ser difíceis de descobrir. Uma das regiões mais estudadas, a área visual primária V1, apresenta mais algumas divisões numa das suas camadas. A situação é análoga ao trabalho dos biólogos em meados da década de 1800. Eles dedicaram o seu tempo a descobrir as diferenças mínimas entre as espécies. O sucesso consistia em descobrir que dois ratos que pareciam

quase idênticos eram na realidade espécies separadas. Durante muitos anos, Darwin seguiu o mesmo curso, estudando com frequência moluscos. Mas acabou por ter a grande perceção de perguntar-se por que todas essas espécies podiam ser tão parecidas. É a sua semelhança que acaba por ser surpreendente e interessante, bem mais do que as suas diferenças.

Mountcastle realizou uma observação similar. Num campo de anatomistas que procuram diferenças mínimas nas regiões corticais, ele mostrou que, apesar das diferenças, o neocórtex é notavelmente uniforme. As mesmas camadas, tipos de células e conexões existem por todas as partes. Todas elas são parecidas com os seis cartões de visita. As diferenças são com frequência tão sutis que nem os anatomistas experts conseguem chegar a um acordo a respeito. Portanto, sustenta Mountcastle, todas as regiões do córtex executam as mesmas operações. O que faz com que a área da visão seja visual e a área do movimento seja motora é o modo como as diversas regiões do córtex estão ligadas entre si e com outras partes do sistema nervoso central.

De facto, Mountcastle sustenta que a razão de uma região do córtex parecer ligeiramente diferente de outra são as suas conexões, e não a sua função básica. Ele conclui que existe uma função comum, um algoritmo comum executado por todas as regiões corticais. A visão não é diferente da audição, que não é diferente de uma saída motora. Os nossos genes permitem que as regiões sejam ligadas de uma forma muito peculiar à função e à espécie, mas o tecido cortical em si faz o mesmo em todos as regiões.

Pensemos nisso por um instante. Para mim, a visão, a audição e o tato parecem muito diferentes. Possuem qualidades essencialmente diferentes. A visão envolve cor, textura, contorno, profundidade e forma. A audição tem tom, ritmo e timbre. Parecem muito diferentes. Como podem ser o mesmo? Mountcastle afirma que não são, mas a forma como o córtex processa os sinais procedentes do ouvido é a mesma que é empregue para processar os sinais dos olhos. Ele prossegue dizendo que o controlo motor funciona também segundo o mesmo princípio.

Na sua maior parte, os cientistas e engenheiros, têm ignorado a proposta de Mountcastle, ou têm preferido passá-la por alto. Quando tentam entender a visão ou fabricar um computador capaz de "ver", eles criam vocabulário e técnicas específicos para a visão. Falam de bordas, texturas e representações tridimensionais. Se eles querem compreender

a linguagem falada, constroem algoritmos baseados em regras gramaticais, sintaxe e semântica. Mas se Mountcastle estiver certo, as ditas propostas não se ajustam ao modo como o cérebro resolve estes problemas, portanto, é provável que fracassem. Se Mountcastle estiver com a razão, o algoritmo do córtex deve ser aplicado independentemente de qualquer função ou sentido particular. O cérebro emprega o mesmo processo tanto para ver como para ouvir. O córtex faz algo universal que pode ser aplicado a qualquer tipo de sistema sensorial ou motor.

Quando li pela primeira vez o artigo de Mountcastle, quase caí da cadeira. Ali estava a Chave Mestra da neurociência, um único artigo e uma única ideia que unia todas as faculdades distintas e maravilhosas da mente humana. Ele unia-as sob um único algoritmo. Com um único passo ele deixava exposta a falácia de todas as tentativas anteriores de entender e engenhar o comportamento humano com as suas capacidades diversas. Espero que você seja capaz de apreciar a elegância radical e maravilhosa da proposta de Mountcastle. As melhores ideias da ciência são sempre simples, elegantes e inesperadas, e esta é uma das melhores. Na minha opinião, foi, é, e provavelmente continuará a ser a descoberta mais importante da neurociência. No entanto, por incrível que pareça, a maioria dos cientistas e engenheiros negam-se a crer nela, preferem passá-la por alto ou não a conhecem.

Parte desta negligência é devida à escassez de ferramentas para estudar como flui a informação dentro das seis camadas do córtex. As ferramentas com que contamos operam a um nível grosseiro e em geral o seu objetivo consiste em determinar onde — ao invés de quando e como — surgem as diversas faculdades no córtex. Por exemplo, boa parte da neurociência que aparece na imprensa popular dos nossos dias favorece de forma implícita a ideia de que o cérebro é uma reunião de módulos de alta especialização. As técnicas de imagem funcional como os scâneres funcionais MRI e PET centram-se quase com exclusividade nos mapas cerebrais e nas regiões funcionais que já mencionei. Nestes experimentos, um sujeito voluntário fica deitado com a cabeça dentro do scâner e executa um tipo de tarefa mental ou motora. Poderia estar a jogar um jogo de video, gerando conjugações verbais, lendo orações, olhando rostos, descrevendo fotos, imaginando algo, memorizando listas, tomando decisões financeiras e assim por diante. O scâner deteta quais as regiões do cérebro estão mais ativas do que o habitual durante estas tarefas e desenha manchas coloridas sobre uma imagem do cérebro do sujeito para

indicá-las. Ao que parece, estas regiões são cruciais para a tarefa. Realizaram-se milhares de experimentos de imagens funcionais, e continuarão a ser realizados muitos mais. Com todos eles estamos a construir pouco a pouco um quadro indicador de onde acontecem certas funções no cérebro adulto normal. É fácil afirmar: "esta é a área de reconhecimento de rostos, esta é a área da matemática, esta é a área da música", e assim sucessivamente. Como não sabemos como executa o cérebro as ditas tarefas, acaba por ser natural assumir que o faz de modos diferentes.

Mas será que é isso mesmo? Um conjunto crescente e fascinante de provas apoia a proposta de Mountcastle. Alguns dos melhores exemplos demonstram a extrema flexibilidade e plasticidade do neocórtex. Todo o cérebro humano, se for nutrido adequadamente e se for colocado no ambiente preciso, poderá aprender qualquer uma das milhares de línguas faladas. Esse mesmo cérebro também será capaz de aprender a linguagem dos sinais, a linguagem escrita, a linguagem musical, a linguagem matemática, as linguagens computacionais e a linguagem corporal. Poderá aprender a viver nos gelados climas do Norte ou num deserto abrasador. Poderá chegar a ser um expert em xadrez, pesca, agricultura ou física teórica. Consideremos o facto de que temos uma pequena área visual especial que parece ser dedicada a representar letras e dígitos escritos. Significa isto que nascemos com uma área de linguagem pronta para processar letras e dígitos? Não é muito provável. A linguagem escrita é um invento muito recente para que os nossos genes possam ter evoluído um mecanismo específico a respeito. Portanto, o córtex ainda continua a dividir-se em áreas funcionais com tarefas específicas durante o desenvolvimento infantil, baseadas puramente na experiência. O cérebro humano possui uma capacidade incrível de aprender e adaptar-se a milhares de ambientes que não existiam até data muito recente. Isto argumenta a favor de um sistema com uma flexibilidade incrível, não de um com milhares de soluções para milhares de problemas.

Os neurocientistas também descobriram que o sistema de conexões do neocórtex é surpreendentemente "plástico", o que significa que ele pode mudar e reconectar-se segundo o tipo de entradas que receber. Por exemplo, as conexões nos furões recém-nascidos podem ser mudadas cirurgicamente para que os olhos do animal enviem os seus sinais às áreas do córtex onde normalmente se desenvolve a audição. O resultado surpreendente é que são desenvolvidos caminhos visuais funcionais nas porções auditivas dos seus cérebros. Por outras palavras, veem com o

tecido cerebral que normalmente escuta sons. Efetuaram-se experimentos similares com outros sentidos e regiões cerebrais. Por exemplo, logo ao nascer, pode-se transplantar pedaços de córtex visual de um rato para regiões nas quais se costuma representar o sentido do tato. Quando o rato cresce, o tecido transplantado processa o tato em vez da visão. As células não nascem para se especializar em visão, tato ou audição.

O neocórtex humano é muito plástico. Os adultos que nascem surdos processam a informação visual em áreas que normalmente são regiões que se tornaram especializadas em processar informações auditivas. E os adultos cegos de nascimento usam a parte mais atrás do seu córtex, que em geral se dedica à visão, para ler Braille. Como o Braille envolve tato, caberia pensar que a princípio se ativaria as regiões do tato, mas ao que parece nenhuma área do córtex se contenta em não representar nada. O córtex visual, ao não receber informação dos olhos como se "supõe", tenta encontrar à sua volta outros padrões de entrada para passar por eles; neste caso, de outras regiões corticais.

Tudo isto pretende mostrar que as regiões cerebrais desenvolvem funções especializadas baseadas em boa medida no tipo de informação que flui para elas durante o desenvolvimento. O córtex não está projetado de forma rígida para realizar diferentes funções utilizando diferentes algoritmos, do mesmo modo que a superfície da Terra não estava predestinada a acabar no seu moderno ordenamento de nações. A organização do nosso córtex, assim como a geografia política do globo, poderia ter acabado por ser diferente se tivesse sido dado um conjunto de circunstâncias diferentes.

Os genes ditam a arquitetura geral do córtex, incluindo as especificações de quais regiões serão ligadas entre si, mas dentro dessa estrutura o sistema é muito flexível.

Mountcastle estava certo. Não há mais do que um único algoritmo colocado em prática por cada uma das regiões do cérebro. Se as regiões do córtex forem ligadas numa hierarquia apropriada e lhes forem proporcionados um fluxo de entrada, elas aprenderão do seu ambiente. Portanto, não há razão para que as máquinas inteligentes do futuro tenham os mesmos sentidos ou faculdades que nós humanos. O algoritmo cortical pode ser utilizado de maneiras inovadoras, com novos sentidos, numa lâmina cortical fabricada de maneira que surja uma inteligência real e flexível fora dos cérebros biológicos.

Passemos agora a um tema que está relacionado com a proposta de Mountcastle e que é muito surpreendente. As entradas que o nosso córtex recebe são todas basicamente iguais. Mais uma vez, é provável que você pense que os seus sentidos são entidades bem separadas. Além disso, o som transporta-se como ondas de compressão pelo ar; a visão, como luz, e o tato, como uma pressão sobre a pele. O som parece temporal; a visão, sobretudo pictorial; e o tato, espacial. O que poderia ser mais diferente do que o som de uma cabra a berrar versus a visão de uma maçã versus o tato de uma bola de beisebol?

Mas observemos com maior detalhe. A informação visual procedente do mundo exterior é enviada ao nosso cérebro através de um milhão de fibras do nervo óptico. Após um breve trânsito pelo tálamo, ela chega ao córtex visual primário. Os sons são enviados através de trinta mil fibras do nervo auditivo. Passam por algumas partes mais antigas do cérebro e depois chegam ao córtex auditivo primário. A medula espinhal transfere informação do tato e das sensações internas para o cérebro através de outro milhão de fibras, que são recebidas pelo córtex somatossensorial primário. Estas são as principais entradas do nosso cérebro. São como sentimos o mundo.

Cabe visualizar estas entradas como um pacote de cabos elétricos ou um punhado de fibras ópticas. Talvez você já tenha visto lustres feitos com fibras ópticas onde aparecem pontos de luz colorida no final de cada uma. As entradas ao cérebro são semelhantes, mas as fibras são chamadas de axónios e transportam sinais neuronais chamados de "potenciais de ação" ou "picos", que são em parte químicos e em parte elétricos. Os órgãos sensoriais que fornecem os ditos sinais são diferentes, mas uma vez que se convertem em potenciais de ação dirigidos ao cérebro tornam-se tudo a mesma coisa: nada mais do que padrões.

Se olharmos um cão, por exemplo, um conjunto de padrões fluirá pelas fibras do nosso nervo óptico até à parte visual do córtex. Se escutarmos o cão a latir, fluirá um conjunto diferente de padrões pelo nosso nervo auditivo até às partes auditivas do cérebro. Se acariciarmos o cão, um conjunto de padrões de tato-sensação fluirá da nossa mão através das fibras da medula espinhal até às partes do cérebro que se ocupam do tato. Cada padrão — ver o cão, escutar o cão, sentir o cão — é experimentado de forma diferente porque cada um é canalizado por um caminho diferente na hierarquia cortical. É importante por onde entram os

cabos no cérebro. Mas no nível abstrato das entradas sensoriais são todos, em essência, o mesmo, e todos manejam-se de forma similar pelas seis camadas do córtex. Escutamos o som, vemos a luz e sentimos a pressão, mas dentro do nosso cérebro não existe nenhuma diferença fundamental entre esses tipos de informação. Uma ação potencial é uma ação potencial. Estes picos momentâneos são idênticos, independentemente do que originariamente os causou. Todo o nosso cérebro conhece estes padrões.

As nossas perceções e conhecimento sobre o mundo são construídos com estes padrões. Não há luz dentro das nossas cabeças; há escuridão. Também não entra som no cérebro; dentro há silêncio. De facto, o cérebro é a única parte do nosso corpo que não tem sentidos. Um cirurgião poderia cravar um dedo dentro do cérebro e não o sentiríamos. Toda a informação que entra na nossa mente chega como padrões espaciais e temporais nos axónios.

O que entendo exatamente por padrões espaciais e temporais? Observemos cada um dos nossos principais sentidos. A visão transporta informação espacial e temporal. Os padrões espaciais são padrões coincidentes no tempo; criam-se quando múltiplos recetores do mesmo órgão sensorial se estimulam de forma simultânea. Na visão, o órgão sensorial é a retina. Quando entra uma imagem na pupila, a mesma é invertida pelas lentes, atinge a retina e é criado um padrão espacial. Este padrão é enviado ao cérebro. A gente tende a pensar que é uma pequena foto invertida do mundo que vai às áreas visuais, mas não é bem assim o que acontece. Não há nenhuma foto. Ela deixou de ser uma imagem. Em essência, não é mais do que atividade elétrica emitindo padrões. As suas qualidades de imagem são perdidas rapidamente quando o córtex maneja a informação, passando os componentes do padrão acima e abaixo entre as diferentes áreas, mudando-os e filtrando-os.

A visão também se baseia em padrões temporais, o que significa que os padrões que entram nos olhos mudam constantemente ao longo do tempo. Mas enquanto o aspeto espacial da visão pareça óbvio por intuição, o seu aspeto temporal é menos evidente. Umas três vezes por segundo os olhos fazem um movimento repentino chamado de sacada. Eles fixam-se num ponto e depois de improviso saltam para outro. Cada vez que os olhos se movem, a imagem da retina muda, o que significa que os padrões transportados ao cérebro também mudam por completo com cada sacada ocular. E assim ocorre no caso mais simples possível, mesmo quando olhamos sentados uma cena que não muda. Na vida real, movemos

constantemente a cabeça e o corpo, e caminhamos por ambientes que variam de forma contínua. A nossa impressão consciente é de que há um mundo estável cheio de objetos e pessoas que parece ser fácil seguir. Mas esta impressão só é possível devido à nossa capacidade cerebral de manejar uma torrente de imagens retinianas que nunca repetem um padrão exato. A visão natural, experimentada como padrões que entram no cérebro, flui como um rio. A visão parece-se mais com uma canção do que com uma pintura.

Muitos pesquisadores da visão ignoram as sacadas oculares e os padrões em mudança constante da visão. Trabalhando com animais anestesiados, eles estudam como atua a visão quando um animal inconsciente a fixa num ponto. Ao fazer isto, estão a desprezar a dimensão temporal. Em princípio não há nada de mal; eliminar variáveis é um elemento central do método científico. Mas estão a eliminar um componente crucial da visão, o que realmente a constitui. O tempo deve ocupar um lugar central numa explicação neurocientífica da visão.

Quanto à audição, estamos acostumados a pensar no aspeto temporal do som. É evidente por intuição que os sons, a linguagem falada e a música mudam com o tempo. Não se pode escutar uma canção completa ao mesmo tempo, do mesmo modo que não é possível ouvir uma oração falada em apenas um instante. Uma canção só existe ao longo do tempo. Mas nem sempre pensamos nos sons como um modelo espacial. De certa forma, é o contrário do caso da visão: o aspeto temporal parece evidente de imediato, mas o seu aspeto espacial é menos óbvio.

A audição também tem um componente espacial. Convertemos os sons em potenciais de ações mediante um órgão enrolado em cada orelha chamado de cóclea. Diminuto, opaco, com forma de espiral e inserido no osso mais duro do corpo, o osso temporal, a cóclea, foi decifrada há mais de meio século por um físico húngaro, Georg von Beksey. Construindo modelos do ouvido interno, Von Beksey descobriu que cada componente do som que ouvimos faz com que vibre uma parte diferente da cóclea. Os tons de frequência alta provocam vibrações na base rígida da cóclea. Os tons de frequência baixa causam vibrações na sua parte mais flexível e larga. Os tons de frequência média fazem vibrar os segmentos intermediários. Cada local da cóclea está salpicado de neurónios que se estimulam quando são agitados. Na vida quotidiana, a nossa cóclea está o tempo todo a ser vibrada por grandes quantidades de frequências simultâneas. Portanto, a cada momento há um novo padrão espacial de estimulação por toda a extensão da cóclea; a cada momento um novo

padrão espacial flui até ao nervo auditivo. Novamente, vemos que esta informação sensorial se converte em padrões espaçotemporais.

A gente não costuma pensar que o tato é um fenómeno temporal, mas está tão baseado no tempo como no espaço. Você pode efetuar um experimento para comprovar isto. Peça a um amigo para que ele levante a mão com a palma para cima e feche os olhos. Coloque um pequeno objeto comum na palma dele — um anel, uma borracha, qualquer coisa servirá — e peça para que ele o identifique sem mover nenhuma parte da mão. Ele não terá mais pista do que o peso e talvez o tamanho bruto. Depois peça para que ele mantenha os olhos fechados e mova os dedos sobre o objeto. É muito provável que ele o identifique de imediato. Ao permitir que os dedos se movam, você acrescentou tempo à perceção sensorial do tato. Existe uma analogia direta entre a fóvea do centro da retina e as pontas dos dedos, pois ambas possuem uma grande precisão. Portanto, o tato também é como uma canção. A nossa capacidade para fazer um uso complexo do tato, como abotoarmos a camisa ou abrir o trinco da porta da frente na escuridão, depende de padrões do sentido do tato que variam constantemente com o tempo.

Ensinamos aos nossos filhos que os humanos gozam de cinco sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar, mas na realidade temos mais. A visão é mais três sentidos: movimento, cor e luminância (contraste de preto-e-branco). O tato tem pressão, temperatura, dor e vibração. Também contamos com um sistema completo de sensores que nos informam sobre os nossos ângulos de união e posição corporal. Chama-se sistema propriocetivo (próprio tem a mesma raiz latina que proprietário e propriedade). Não poderíamos nos mover sem ele. Também dispomos do sistema vestibular do ouvido interno, que nos proporciona o sentido do equilíbrio. Alguns destes sentidos são mais ricos e evidentes que outros, mas todos entram no nosso cérebro como uma corrente de padrões espaciais que fluem através do tempo nos axónios.

Na realidade, o nosso córtex não conhece nem sente o mundo de forma direta. A única coisa que conhece é o padrão que chega nos axónios de entrada. A nossa visão percebida do mundo é criada com estes padrões, incluindo o nosso sentimento de nós mesmos. De facto, o nosso cérebro não pode conhecer de forma direta onde termina o nosso corpo e começa o mundo. Os neurocientistas que estudam a imagem corporal têm descoberto que o nosso sentido do eu é bem mais flexível do que parece. Por exemplo, se lhe dou um rastelo pequeno e lhe digo que o use para atingir e apanhar coisas em vez de empregar a mão, em breve você

sentirá que ele se converteu numa parte do seu corpo. O seu cérebro mudará as suas expetativas para acomodar-se aos novos padrões de entrada táctil. O rastelo é incorporado literalmente ao seu mapa corporal.

A ideia de que os padrões de diferentes sentidos são equivalentes dentro do nosso cérebro é bastante surpreendente e, ainda que se entenda bem, continua sem ser apreciado por completo. Temos mais exemplos. O primeiro pode ser reproduzido em casa. Tudo o que se precisa é de um amigo, uma tela de cartolina e uma mão falsa. Para realizar pela primeira vez este experimento seria ideal contar com uma mão de borracha das que se podem comprar numa loja de brinquedos, mas também serviria uma mão pintada numa folha branca de papel. Coloque a sua mão real sobre uma mesa a alguns centímetros da falsa e situe-as do mesmo modo (com as pontas dos dedos apontando na mesma direção e ambas as palmas para cima ou para baixo). Depois ponha a tela entre as duas mãos de maneira que você só consiga ver a mão falsa. Enquanto você olha fixamente a mão falsa, a tarefa do seu amigo consistirá em golpear ambas as mãos em pontos correspondentes. Por exemplo, o seu amigo pode golpear ambos os mindinhos desde o dedo até à unha na mesma velocidade, depois dar três rápidos toques na segunda articulação de ambos os dedos indicadores com o mesmo ritmo, a seguir desenhar alguns círculos ligeiros no dorso de cada mão, e assim sucessivamente. Decorrido algum tempo, as áreas do seu cérebro em que chegam juntos os padrões visuais e somatossensoriais — uma das áreas de associação que já mencionei neste capítulo — acabam por ser confundidas. Você sentirá as sensações correspondentes à mão de borracha como se fossem suas.

Outro exemplo fascinante desta "equivalência de padrões" chama-se substituição sensorial. Ela pode revolucionar a vida de gente que perdeu a visão na infância, e talvez em algum dia possa ser de grande ajuda para as pessoas que nasceram cegas. Ela também poderia produzir novas tecnologias de interface para fabricar máquinas úteis para o resto de nós.

Dando-se conta de que no cérebro tudo consiste em padrões, Paul Bach e Rita, professor de engenharia biomédica na Universidade de Wisconsin, desenvolveram um método para se detetar padrões visuais na língua humana. Usando um aparelho de visualização, as pessoas cegas estão a aprender a "ver" através das sensações da língua.

Funciona da seguinte maneira: o sujeito leva uma pequena câmera à frente. As imagens visuais transferem-se pixel a pixel para pontos de pressão na língua. Uma cena visual que se pode traduzir como centenas de pixéis sobre uma tela de televisão comum converte-se num padrão de diminutos pontos de pressão sobre a língua. O cérebro aprende em seguida a interpretar bem os padrões.

Uma das primeiras pessoas a levar o aparelho montado na língua foi Erik Weihenmayer, atleta de categoria mundial que ficou cego aos treze anos e que dá muitas conferências sustentando que não vai permitir que a cegueira detenha as suas ambições. Em 2002, Weihenmayer escalou o Everest e converteu-se na primeira pessoa cega que tinha tentado, e muito menos atingido, essa meta.

Em 2003, ele provou a unidade colocada na língua e viu imagens pela primeira vez desde a sua infância. Ele foi capaz de distinguir uma bola que rolava no chão em direção a ele, apanhar um refresco da mesa e jogar "pedra, papel, tesoura". Depois ele caminhou por um corredor, viu a abertura das portas, examinou uma porta e o seu modelo, e notou que existia uma indicação nela. As imagens experimentadas no início como sensações na língua rapidamente passaram a ser percebidas como imagens no espaço.

Estes exemplos mostram mais uma vez que o córtex é extremamente flexível e que as entradas que chegam ao cérebro são simplesmente padrões. Não importa de onde chegam estes; sempre que tenham uma correlação temporal coerente, o cérebro poderá achar sentido nos mesmos.

Tudo isto não deve parecer muito surpreendente se adotarmos a proposta de que o cérebro só conhece padrões. Os cérebros são máquinas de padrões. Não é erróneo expressar as funções cerebrais em termos de audição ou visão, mas no nível mais fundamental os padrões são a essência do jogo. Por mais diferentes que possam parecer as atividades de várias áreas corticais, nelas funciona o mesmo algoritmo cortical básico. O córtex não se importa se os padrões foram originados na visão, na audição ou em outro sentido. Não se importa se as suas entradas chegam de um único órgão sensorial ou de quatro. Nem se importaria também se acontecesse a casualidade de percebermos o mundo com sonar, radar ou campos magnéticos, ou se tivéssemos tentáculos em vez

de mãos, ou inclusive se vivêssemos num mundo de quatro dimensões em vez de três.

Isso significa que não precisamos de nenhum dos sentidos ou nenhuma combinação particular de sentidos para sermos inteligentes. Helen Keller não tinha nem visão nem audição, mas ela aprendeu a linguagem e converteu-se numa escritora mais capacitada do que a maioria das pessoas que veem e ouvem. Ela era uma pessoa muito inteligente sem os dois dos nossos principais sentidos, mas a incrível flexibilidade do cérebro permitiu-lhe perceber e compreender o mundo assim como fazem as pessoas com os cinco sentidos.

Este tipo de flexibilidade notável na mente humana proporciona-me grandes esperanças a respeito da tecnologia baseada no cérebro que criaremos. Quando penso em construir máquinas inteligentes, pergunto-me por que deveríamos nos limitar aos nossos sentidos conhecidos. Assim que pudermos decifrar o algoritmo neocortical e elaborar uma ciência sobre os padrões, poderemos aplicar isto a qualquer sistema que queiramos fazer inteligente. E uma das grandes características do sistema de circuitos inspirado no córtex é que não precisaremos ser especialmente inteligentes para o programar. Do mesmo modo que o córtex auditivo pode converter-se em "visual" num furão reconetado, e do mesmo modo que o córtex visual encontra um uso alternativo nas pessoas cegas, um sistema que utilize o algoritmo neocortical será inteligente baseado em qualquer tipo de padrões que decidamos fornecer-lhe. No entanto, ainda assim é preciso que sejamos inteligentes para organizar os amplos parâmetros do sistema, pois será necessário treiná-lo e educá-lo. Mas os bilhões de detalhes neuronais que tomam parte na capacidade do cérebro de ter pensamentos complexos e criativos ocupar-se-ão de si mesmos de forma tão natural assim como fazem nas nossas crianças.

Por último, a ideia de que os padrões são a moeda fundamental da inteligência conduz a algumas questões filosóficas interessantes. Quando me sento numa sala com os meus amigos, como sei que eles estão lá, ou inclusive se eles são reais? O meu cérebro percebe um conjunto de padrões que são consistentes com outros que experimentei no passado. Estes padrões correspondem às pessoas que conheço, seus rostos, suas vozes, seu comportamento habitual, e todo tipo de dados sobre elas. Aprendi a esperar que estes padrões ocorram juntos de formas previsíveis. Mas quando você chega a isso, não se trata mais do que um modelo. Todo o nosso conhecimento do mundo é um modelo baseado em padrões. Estamos seguros de que o mundo é real? Parece divertido e estranho

pensar nisso. Vários livros e filmes de ficção científica exploram este tema. Não se trata de afirmar que as pessoas ou os objetos não estejam lá. Estão realmente lá. Mas a nossa certeza da existência do mundo baseia-se na coerência dos padrões e em como os interpretamos. A perceção direta não existe. Não temos um sensor de "pessoas". Recordemos que o cérebro está numa caixa escura e silenciosa, sem nenhum conhecimento além dos padrões que fluem ao longo do tempo nas suas fibras de entrada. A nossa perceção do mundo é criada a partir desses padrões, nada mais. A existência pode ser objetiva, mas os padrões espaçotemporais que fluem nos feixes de axónios do nosso cérebro é tudo o que temos para seguir adiante.

Esta discussão ressalta a relação às vezes questionada entre alucinação e realidade. Se pode-se alucinar sensações provenientes de uma mão de borracha e pode-se "ver" através da estimulação do tato da língua, estamos a ser igualmente "enganados" quando sentimos o tato na nossa própria mão ou vemos com os nossos olhos? Podemos confiar em que o mundo é como parece? Sim. O mundo existe de uma forma absoluta muito próxima de como o percebemos. No entanto, os nossos cérebros não podem conhecer o mundo absoluto de modo direto.

O cérebro sabe do mundo através de um conjunto de sentidos que só podem detetar partes do mundo absoluto. Os sentidos criam padrões que são enviados ao córtex e processados pelo mesmo algoritmo cortical para criar um modelo do mundo. Deste modo, a linguagem falada e a linguagem escrita percebem-se de forma muito similar, apesar de serem completamente diferentes a nível sensorial. Mesmo assim, o modelo de Helen Keller do mundo estava muito próximo do seu e do meu, apesar do facto de que ela possuía um conjunto de sentidos muito reduzido. Mediante estes padrões o córtex constrói um modelo do mundo que se aproxima da coisa real, e depois, surpreendentemente, o memoriza. A memória, o que acontece a estes padrões uma vez que entram no córtex, será o tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

A MEMÓRIA

Quando você lê este livro, caminha por uma rua cheia de gente, escuta uma sinfonia ou consola uma criança que chora, o seu cérebro é inundado com os padrões espaciais e temporais provenientes de todos os seus sentidos. O mundo é um oceano de padrões em mudança constante que se agita e se choca contra os nossos cérebros. Como conseguimos achar sentido nessa avalanche? Os padrões chegam, passam por várias partes do cérebro antigo e acabam no neocórtex. Mas o que lhes acontece quando entram nele?

Desde o surgimento da Revolução Industrial, as pessoas têm visto o cérebro como uma espécie de máquina. Sabiam que ele não tinha engrenagens nem dentes, mas era a melhor metáfora de que dispunham. A informação entrava no cérebro de algum modo e a máquina-cérebro determinava como devia reagir o corpo. Durante a Era da informática, o cérebro foi considerado um tipo de máquina particular, o computador programável. E, como temos visto no primeiro capítulo, os pesquisadores da inteligência artificial têm ficado presos a esta postura, sustentando que a sua falta de avanço só se deve ao facto dos computadores continuarem a ser pequenos e lentos em comparação com o cérebro humano. Os computadores atuais só equivalem ao cérebro de um crocodilo, afirmam, mas quando os fabricarmos maiores e mais rápidos serão inteligentes como os humanos.

Nesta analogia do cérebro como um computador há um problema ignorado em boa medida. Os neurónios são bastante lentos comparados com os transístores de um computador. Um neurónio reúne entradas das suas sinapses e combina-as para decidir quando enviar um impulso a outro neurónio. Um neurónio normal pode fazer isto e reiniciar-se em uns cinco milésimos de segundo, ou cerca de duzentas vezes por segundo. Talvez pareça rápido, mas um computador moderno de silício pode realizar bilhões de operações num segundo, o que significa que uma operação computacional básica é cinco milhões de vezes mais rápida que a operação mais elementar do nosso cérebro. Trata-se de uma diferença gigantesca. De modo que, como é possível que um cérebro possa ser mais rápido e mais potente do que os nossos computadores digitais mais velozes? “Não

há problema" — dizem as pessoas que opinam que o cérebro é um computador —. "O cérebro é um computador paralelo. Possui bilhões de células a computarem todas ao mesmo tempo. Este paralelismo multiplica significativamente o poder de processamento do cérebro humano."

Sempre me pareceu que este argumento é uma falácia, e um simples experimento mental mostra por quê. Chama-se a "regra dos cem passos". Um humano pode realizar tarefas consideráveis em muito menos tempo que um segundo. Por exemplo, eu poderia mostrar-lhe uma fotografia e pedir que indicasse se há um gato na imagem. A sua tarefa seria pulsar um botão se visse um gato, mas não o fazer se visse um urso, um javali ou um nabo. Esta tarefa é difícil ou impossível de realizar para um computador atual, mas um humano pode fazer isto de forma confiável em meio segundo ou menos. Mas os neurónios são lentos, de modo que nesse meio segundo a informação que entra no nosso cérebro só é capaz de atravessar uma corrente de cem neurónios. Isto é, o cérebro "computa" soluções a problemas em cem passos ou menos, independentemente de quantos neurónios possam participar ao todo. Desde o instante em que a luz entra no nosso olho até ao momento em que pulsamos o botão, poderia participar uma corrente não mais longa do que cem neurónios. Um computador digital que tentasse resolver o mesmo problema precisaria de bilhões de passos. Cem instruções computacionais mal bastam para mover um único caráter na tela do computador, que diria para fazer algo interessante.

Mas se tenho muitos milhares de neurónios a trabalharem juntos, não se pareceria a um computador paralelo? Não. Os cérebros operam em paralelo e os computadores paralelos operam em paralelo, mas é a única coisa que eles têm em comum. Os computadores paralelos são combinados com muitos outros computadores rápidos para trabalhar em grandes problemas, como calcular a previsão do tempo do dia seguinte. Para predizer o tempo é necessário computar as condições físicas em muitos pontos do planeta. Cada computador pode trabalhar numa localização diferente ao mesmo tempo. Mas ainda que seja possível ter centenas ou inclusive milhares de computadores a trabalharem em paralelo, cada um deles em particular continua a precisar de realizar bilhões ou trilhões de passos para executar as suas tarefas. O computador paralelo concebível não é capaz de fazer nada útil em cem passos por mais grande ou rápido que seja.

Vejamos uma analogia. Suponhamos que eu lhe peça para transportar cem blocos de pedra para o outro lado de um deserto. Você poderá levar

as pedras uma a uma, o que precisará de um milhão de passos para cruzar o deserto. Você dá-se conta de que demorará muito em conseguir sozinho, de modo que contrata cem trabalhadores para que façam isto em paralelo. A tarefa agora avança cem vezes mais rápido, mas continua a requerer no mínimo de um milhão de passos para cruzar o deserto. Contratar mais trabalhadores — inclusive mil — não proporcionaria uma vantagem adicional. Por mais trabalhadores que você disponha, o problema não pode resolver-se em menos tempo do que se demora em andar um milhão de passos. O mesmo ocorre no caso dos computadores paralelos. Depois de certo ponto, acrescentar mais processadores não trará nenhuma diferença. Um computador, por mais processadores que tenha e por mais rápido que seja, não pode "computar" a resposta a problemas difíceis em cem passos.

Portanto, como consegue o cérebro realizar tarefas difíceis em cem passos que o maior computador paralelo imaginável não é capaz de realizar em um milhão ou bilhões de passos? A resposta é que o cérebro não "computa" as respostas aos problemas, mas recupera-as da memória. Em essência, as respostas estão armazenadas na memória há um longo tempo. Não é necessário mais do que alguns passos para recuperar algo da memória. Os lentos neurónios não só possuem a rapidez necessária para o fazer, mas eles mesmos constituem a memória. O córtex inteiro é um sistema de memória. Não é de forma alguma um computador.

Permitam-me mostrar mediante um exemplo a diferença entre computar a solução a um problema e usar a memória para resolvê-lo. Consideremos a tarefa de apanhar uma bola. Alguém lhe atira uma bola, você a vê a deslocar-se na sua direção, e em menos de um segundo a apanha no ar. Não parece algo muito difícil, até ao momento de tentar programar o braço de um robô para que faça isto. Como muitos estudantes graduados têm descoberto, acaba por ser quase impossível. Quando os engenheiros ou cientistas da computação abordam este problema, primeiro eles tentam determinar onde estará a bola quando chegar ao braço. Este cálculo requer resolver um conjunto de equações do tipo das que se aprendem em física no colégio. A seguir eles têm que harmonizar todas as uniões do braço robótico para que movam a mão na posição adequada. Isso envolve resolver outro conjunto de equações matemáticas mais difíceis que as primeiras. Por último, deve repetir-se esta operação inteira múltiplas vezes, pois à medida que a bola se aproxima, o robô obtém melhor informação sobre a sua localização e

trajetória. Se o robô esperar para começar a mover-se até conhecer com exatidão onde chegará a bola, será muito tarde para a apanhar. Ele deve começar a avançar para apanhá-la quando mal tem noção da sua localização, e ir ajustando-se uma e outra vez enquanto esta se aproxima. Um computador requer milhões de passos para resolver as numerosas equações matemáticas necessárias para apanhar a bola. E ainda que possa ser programado para solucionar o dito problema, a regra dos cem passos indica-nos que um cérebro resolve-o de um modo diferente. Ele emprega a memória.

Como se apanha a bola empregando a memória? O nosso cérebro possui uma memória armazenada das ordens musculares requeridas para conseguir isso (junto com muitos outros comportamentos aprendidos). Quando se lança uma bola, ocorrem três coisas. Primeiro, é recuperada de forma automática a memória apropriada diante da visão da bola. Segundo, a memória recorda uma sequência temporal de ordens musculares. E terceiro, a memória recuperada ajusta-se às particularidades do momento, tais como a trajetória presente da bola e a posição do nosso corpo. A memória de como apanhar uma bola não estava programada no nosso cérebro; aprendemo-la ao longo de anos de prática repetitiva, e os nossos neurónios guardam-na, não a calculam.

Talvez pense: "Espere um pouco. Cada ação de apanhar uma bola é ligeiramente diferente. Você acaba de dizer que a memória recuperada tem que se ajustar de forma contínua para se adaptar às variações da localização em cada lançamento particular... Não requer isso resolver as mesmas equações que estamos a tratar de evitar?". Pode ser que assim pareça, mas a Natureza solucionou o problema da variação de um modo diferente e muito inteligente. Como veremos mais adiante neste mesmo capítulo, o córtex cria o que se chama de representações invariáveis, que se ocupam das variações do mundo de forma automática. Uma analogia útil é imaginar o que acontece quando você se senta numa cama d'água: as almofadas e as outras pessoas da cama são todas empurradas, estabelecendo espontaneamente uma nova configuração. A cama não calcula que altura deve elevar-se cada objeto; as propriedades físicas da água e o forro plástico do colchão encarregam-se do ajuste de forma automática. Como veremos no próximo capítulo, em termos gerais, o projeto do córtex de seis camadas faz algo similar com a informação que flui por ele.

Assim, pois, o neocórtex não se assemelha a um computador, seja paralelo ou de qualquer outro tipo. Em vez de calcular respostas aos problemas, ele utiliza memórias armazenadas para resolver problemas e gerar comportamentos. Os computadores também têm memória na forma de unidades de disco rígido e chips de memória; no entanto, há quatro atributos da memória neocortical que são fundamentalmente diferentes da memória computacional:

- O neocórtex armazena sequências de padrões.
- O neocórtex recorda os padrões por autoassociação.
- O neocórtex armazena os padrões numa forma invariável.
- O neocórtex armazena os padrões numa hierarquia.

Analisaremos as três primeiras diferenças neste capítulo; no capítulo 3 já apresentei o conceito de hierarquia no neocórtex, e no capítulo 6 descreverei o seu significado e funcionamento.

Na próxima vez que você contar uma história, detenha-se a pensar sobre o facto de que você só é capaz de narrar um aspeto de cada vez. Você não pode contar-me tudo o que aconteceu ao mesmo tempo, por mais rápido que fale ou eu escute. Você precisa terminar uma parte para passar à próxima. Isso não se deve só porque a linguagem é consecutiva; a narração escrita, oral e visual transmite uma história de forma consecutiva. É assim porque a história armazena-se na sua cabeça de forma sequencial e só pode ser recordada na mesma sequência. Não se pode recordar a história inteira de uma só vez. De facto, é quase impossível pensar em algo complexo que não seja uma série de acontecimentos ou pensamentos.

Talvez também se tenha dado conta de que ao contar uma história, algumas pessoas não são capazes de chegar ao x da questão. Parecem enfeitar com detalhes mínimos e secundários, o que acaba por ser irritante. Você quer gritar: “Vá direto ao ponto!”. Mas elas estão a contar a história assim como lhes aconteceu na época e não sabem contar de nenhuma outra maneira.

Outro exemplo: gostaria que agora você se imaginasse na sua casa. Feche os olhos e visualize-a. Na sua imaginação, vá à porta principal. Imagine o seu aspeto. Abra-a. Entre adentro. Agora olhe à sua esquerda. O que vê? Olhe à direita. O que há? Vá à casa de banho. O que há à

direita? O que há à esquerda? O que há na gaveta superior direita? Que artigos você guarda na prateleira do seu chuveiro? Você sabe de todas estas coisas, além de outras milhares, e as pode recordar com grande detalhe. Estas lembranças estão armazenadas no seu córtex. Caberia dizer que estas coisas fazem parte da memória do seu lar. Mas você não pode pensar em todas elas ao mesmo tempo. Sem dúvida, são lembranças relacionadas, mas não há uma maneira de se lembrar de todos os detalhes de uma só vez. Você tem uma memória completa da sua casa; mas para recordá-la você tem de passar por ela em segmentos consecutivos, de forma muito semelhante a como a experimenta.

Todas as memórias são assim. Tem que se passar pela sequência temporal das coisas tal e como se fazem. Um padrão (aproximar-se da porta) recorda o próximo (traspassar a porta), que por sua vez evoca o próximo (dirigir-se à sala ou subir as escadas), e assim sucessivamente. Cada um é uma sequência do que se seguiu antes. Certamente, fazendo um esforço consciente posso mudar a ordem ao lhe descrever a minha casa. Posso saltar do porão ao segundo andar se decido focar-me em artigos sem seguir uma ordem sequencial. Não obstante, uma vez que começo a descrever a divisória ou o objeto escolhido, volto a repetir uma sequência. Não existem pensamentos realmente aleatórios. A lembrança da memória segue quase sempre uma rota de associação.

Você conhece o alfabeto. Tente dizê-lo de trás para a frente. Você não consegue porque não costuma experimentá-lo dessa maneira. Se você deseja saber o que sente uma criança que está a aprender o alfabeto, tente dizê-lo de trás para a frente. Isso é exatamente o que elas enfrentam, e é duríssimo. A nossa memória do alfabeto é uma sucessão de padrões. Não há nada guardado ou recordado num instante ou numa ordem arbitrária. O mesmo acontece com os dias da semana, os meses do ano, os números de telefone e inúmeras outras coisas.

A nossa lembrança das canções constitui um grande exemplo de sequências temporais na memória. Pense numa melodia que conheça. Gosto de empregar *Somewhere over the Rainbow*, mas qualquer uma servirá. Você não é capaz de imaginar a canção inteira de uma só vez; só numa sequência. Você pode começar pelo princípio ou talvez com o coro, e depois ir tocando-a, pondo as notas uma a uma. Você não consegue recordar a canção de trás para frente, do mesmo modo que é incapaz de recordá-la do nada. Você escuta-a pela primeira vez enquanto é tocada ao longo do tempo e só é capaz de recordá-la da mesma maneira que a aprendeu.

Isto também é aplicável às lembranças sensoriais de nível sensorial muito baixo. Pensemos sobre a nossa memória táctil para as texturas. O nosso córtex possui lembranças da sensação que se produz ao apanhar um punhado de cascalho, deslizar os dedos sobre um tecido de veludo e pressionar uma tecla de piano. Estas memórias baseiam-se em sequências idênticas às do alfabeto e das canções; a única diferença é que estas são mais curtas, duram meras frações de segundo em vez de vários segundos ou minutos. Se enterro a sua mão num balde de cascalho enquanto você dorme, quando acordar não saberá o que estava a tocar até que você mova os dedos. A sua memória da textura táctil do cascalho baseia-se em sequências de padrões recolhidos pelos neurónios que percebem a pressão e vibração na sua pele. Estas sequências são diferentes das que receberia se a sua mão estivesse enterrada na areia, em bolas de espuma ou em folhas secas. Assim que flexionar a mão, a raspagem e o deslizamento dos cascalhos criariam as sequências de padrões reveladoras de cascalho e desencadeariam a memória apropriada no seu córtex somatossensorial.

Da próxima vez que sair do chuveiro preste atenção ao seu modo de se secar com a toalha. Descobri que eu fazia isto com quase a mesma sucessão exata de esfregues, palmadas e posições corporais todas as vezes. E mediante um experimento aprazível descobri que a minha esposa respeita também um padrão semirrígido quando ela sai do duche. É provável que você também o faça. Se você segue uma sequência, tente mudá-la. Você pode fazer isto, mas precisa concentrar-se. Se a sua atenção for desviada, voltará a cair no seu padrão de costume.

Todas as memórias se armazenam nas conexões sinápticas que há entre os neurónios. Devido ao grande número de coisas que temos guardado no nosso córtex e que num determinado momento não podemos recordar mais do que uma fração diminuta das lembranças armazenadas, é lógico pensar que só um número limitado de sinapses e neurónios do nosso cérebro desempenham um papel ativo de cada vez na recuperação da memória. Quando começamos a recordar o que há na nossa casa, é ativado um conjunto de neurónios, que depois faz com que seja ativado outro conjunto de neurónios, e assim sucessivamente. O neocórtex de um humano adulto possui uma capacidade de memória incrivelmente grande. Mas ainda que tenhamos tantas coisas armazenadas, não podemos recordar mais do que algumas ao mesmo tempo, e só seguindo uma sequência de associações.

Realizemos um exercício divertido. Tente recordar detalhes do seu passado, pormenores de onde vivia, lugares que visitou e pessoas que

conheceu. Descobri que posso sempre recuperar lembranças de coisas nas quais não tinha pensado durante muitos anos. Há milhares de lembranças detalhadas armazenadas nas sinapses dos nossos cérebros que raramente são usadas. Num determinado momento do tempo só recordamos uma fração diminuta do que sabemos. A maior parte da informação espera ociosa os indícios apropriados que a evoquem.

Regra geral, a memória dos computadores não armazena sequências de padrões. Pode conseguir-se que o faça empregando vários truques de software (como quando se guarda uma canção no computador), mas não é algo automático. Em contraste, o córtex armazena sequências de forma automática. Fazer isto constitui um aspeto inerente do seu sistema de memoria neocortical.

Passemos agora a considerar a segunda característica chave da nossa memória: a sua natureza autoassociativa. Como temos visto no capítulo 2, o termo significa simplesmente que os padrões estão associados consigo mesmos. Um sistema de memória autoassociativa é aquele que pode recordar padrões completos quando se lhe dão apenas entradas parciais ou distorcidas. Pode funcionar tanto com padrões espaciais como temporais. Se vemos os pés do nosso filho a sobressair por trás das cortinas, automaticamente adivinhamos a sua forma como um todo. Completamos o padrão espacial com uma versão parcial dele. Ou imaginemos que vemos uma pessoa à espera do autocarro, mas só conseguimos distingui-la em parte porque ela está um pouco encoberta por um arbusto. O nosso cérebro não se confunde. Os nossos olhos só veem partes de um corpo, mas o nosso cérebro preenche o resto, criando uma perceção de uma pessoa completa tão potente que talvez nem sequer nos demos conta de que é uma inferência.

Nós também completamos padrões temporais. Se você recorda um pequeno detalhe de algo que aconteceu há muito tempo, a sequência da lembrança inteira pode chegar à sua mente. A famosa série de novelas de Marcel Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*, começava com a lembrança de como ele cheirava uma Magdalena e continua se estendendo por mil e uma páginas. Durante a conversa é frequente que não escutemos todas as palavras se nos encontramos num ambiente barulhento. Não há problema. O nosso cérebro supre o que se nos tem escapado com o que esperamos ouvir. É um facto conhecido que não escutamos todas as palavras que percebemos. Algumas pessoas completam as orações de

outros em voz alta, mas nas nossas mentes todos nós fazemos isto constantemente. E não só o fim das orações, mas também o meio e os inícios. Na maioria das vezes não nos damos conta de que estamos a completar padrões de forma contínua, mas é uma característica omnipresente e fundamental do modo como se armazenam as lembranças no córtex. Em qualquer momento uma parte pode ativar o todo. Esta é a essência das memórias autoassociativas.

O nosso neocórtex é uma complexa memória autoassociativa biológica. Durante cada momento de estado consciente, cada região funcional está à espera atentamente a chegada de padrões ou fragmentos de padrões conhecidos. Você pode estar concentrado numa profunda reflexão sobre algo, mas no momento em que aparece a sua amiga, os seus pensamentos mudam para ela. Esta mudança não é algo que se decide. O mero aparecimento da sua amiga obriga o seu cérebro a começar a recordar padrões associados a ela. É inevitável. Depois de uma interrupção, é frequente que tenhamos que nos perguntar: "No que é que eu estava a pensar?". A conversa durante uma comida com amigos segue uma rota tortuosa de associações. A conversa pode começar com os alimentos que temos adiante, mas a salada evoca a lembrança associada daquela salada que fez a nossa mãe no nosso casamento, o que leva à lembrança do casamento de outro, que conduz à lembrança de onde foram de viagem de lua de mel, aos problemas políticos dessa parte do mundo, e assim sucessivamente. Os pensamentos e lembranças estão unidos por associação e, mais uma vez, raramente surgem pensamentos aleatórios. As entradas do cérebro unem-se entre si autoassociativamente, completando o presente, e se unem em autoassociação no que costuma continuar a seguir. Chamamos esta corrente de lembranças de pensamento, e ainda que o seu caminho não seja determinista, também não possuímos um controlo pleno a respeito.

Passemos agora ao terceiro atributo principal da memória neocortical: como ela forma as chamadas representações invariáveis. Neste capítulo ocupar-me-ei das ideias básicas das ditas representações, e no capítulo 6, dos detalhes sobre como o córtex as cria.

A memória de um computador está projetada para armazenar informação da forma exata como ela se apresenta. Se um programa é copiado de um CD para um disco rígido, cada bit é copiado com fidelidade total. Um único erro ou discrepância entre as duas cópias poderia

ocasionar a falha do programa. A memória do neocórtex é diferente. O nosso cérebro não recorda com exatidão o que você vê, escuta ou sente. Não recordamos as coisas com fidelidade completa, não porque o córtex e os seus neurónios sejam descuidados ou propensos ao erro, mas porque o cérebro recorda as relações importantes no mundo, independentes dos detalhes. Veremos vários exemplos para ilustrar este ponto.

Como temos visto no capítulo 2, durante décadas tem se construído simples modelos de memória autoassociativa e, como acabo de descrever, o cérebro lembra-se das lembranças de forma autoassociativa. Mas existe uma grande diferença entre as memórias autoassociativas construídas pelos pesquisadores das redes neuronais e as do córtex. As memórias autoassociativas artificiais não empregam representações invariáveis e, portanto, fracassam em alguns aspetos muito básicos. Imaginemos que tenho uma foto de um rosto formado por uma grande acumulação de pontos brancos e negros. Esta foto é um padrão, e se possuo uma memória autoassociativa artificial, posso armazenar muitas fotos de rostos nela. A nossa memória autoassociativa artificial é sólida no sentido de que, se lhe proporciono meio rosto ou só um par de olhos, ela reconhecerá essa parte da imagem e completará as partes que faltam corretamente. Este mesmo experimento realizou-se muitas vezes. No entanto, se movo cada ponto da foto cinco píxeis à esquerda, a memória falha por completo ao reconhecer o rosto. Para a memória autoassociativa artificial trata-se de um padrão totalmente novo porque nenhum dos píxeis entre o padrão guardado com antecedência e o novo estão alinhados. Certamente, nem a vocês nem a mim nos custaria ver que o padrão mudado é o mesmo rosto. É provável que nem sequer notássemos a mudança. As memórias autoassociativas artificiais não conseguem reconhecer os padrões se forem movidos, rotacionados, mudados de escala ou transformados em algum de outros mil modos, enquanto o nosso cérebro maneja essas variações com facilidade. Como podemos perceber que algo é o mesmo ou constante quando os padrões de entrada que o representam são novos e mutáveis? Analisemos outro exemplo.

É provável que neste momento você tenha um livro nas suas mãos. Quando o move, muda a iluminação, recoloca-se na cadeira ou fixa os olhos em partes diferentes da página, o padrão de luz que penetra na retina varia por completo. A entrada visual que recebe é diferente um momento após outro e jamais se repete. De facto, poderia segurar este livro durante cem anos e nunca seria exatamente o mesmo o padrão da retina e, portanto, o padrão que entra no cérebro. No entanto, nem por

um instante você tem dúvidas de que está a sustentar um livro, o mesmo livro na realidade. Os padrões internos do seu cérebro que representam "este livro" não mudam, ainda que os estímulos que lhe informam disso estejam em fluxo constante. É por isso que empregamos o termo "Representação Invariável" para fazer referência à representação interna do cérebro.

Para citar outro exemplo, pense no rosto de uma amiga. Você o reconhece a cada vez que o vê. Acontece de forma automática em menos de um segundo. Não importa se ela se encontra a meio metro, um metro ou do outro lado da sala. Quando ela está perto, a sua imagem ocupa a maior parte da sua retina. Quando ela está longe, a sua imagem ocupa uma pequena porção desta. Ela pode estar em frente a você, voltada um pouco de lado ou de perfil. Talvez ela esteja a sorrir, a entrecerrar os olhos ou a bocejar. É provável que você a veja com luz brilhante, em sombra ou sob as luzes fantasmagóricas de ângulos estranhos. O seu semblante pode aparecer em inúmeras posições e variações. Para cada uma o padrão de luz que chega à sua retina é único, mas em todos os casos você sabe instantaneamente que é ela para quem você está a olhar.

Abramos o "capô" e olhemos o que acontece dentro do seu cérebro para que ele realize essa façanha espantosa. Sabemos por experimentos que se monitorizamos a atividade dos neurónios da área de entrada visual do seu córtex, chamada V1, o padrão de atividade será diferente para cada visão diferente da face da sua amiga. Cada vez que a face se move ou seus olhos realizam uma nova fixação, o padrão de atividade em V1 muda, do mesmo modo que o faz o da retina. No entanto, se monitorizamos a atividade das células da sua área de reconhecimento de rostos — uma região funcional que se encontra vários passos acima de V1 na hierarquia cortical —, descobrimos estabilidade. Isto é, alguns dos conjuntos de células da área de reconhecimento visual permanecem ativos enquanto o rosto da sua amiga se encontra dentro do seu campo de visão (ou inclusive, enquanto seja evocado pelos seus olhos mentais), independentemente do seu tamanho, posição, orientação, escala e expressão. Esta estabilidade na atividade celular é uma representação invariável.

Se pensarmos a este respeito, esta tarefa parecerá muito simples para que mereça ser considerada um problema. É tão automática como respirar. Parece simples porque não somos conscientes do que está a acontecer. E, em certo sentido, é simples porque os nossos cérebros podem resolvê-la muito rapidamente (lembre-se da regra dos cem

passos). No entanto, o problema de compreender como o nosso córtex forma representações invariáveis continua a ser um dos maiores mistérios da ciência. É assim tão difícil? —, perguntar-se-á. Tanto que ninguém, nem sequer usando os computadores mais potentes do mundo, tem sido capaz de resolvê-lo. E não é porque não se tenha tentado.

A especulação sobre este problema possui um histórico antigo. Remonta-se até Platão, há vinte e três séculos. O ateniense perguntava-se como as pessoas eram capazes de pensar e conhecer o mundo. Ele notou que os modelos do mundo real de coisas e ideias sempre são imperfeitos e diferentes. Por exemplo, temos o conceito de um círculo perfeito, mas nunca vimos um na realidade. Todos os desenhos de círculos são imperfeitos. Inclusive se o desenho com um compasso de geometria, o que chamamos de círculo, é representado por uma linha escura, enquanto a circunferência de um círculo de verdade não tem espessura. Como, então, se chega a adquirir o conceito de círculo perfeito? Ou para citar um exemplo mais familiar, pensemos sobre o nosso conceito de cães. Qualquer cão que vemos é diferente de todos os demais, e cada vez que vemos o mesmo cão particular obtemos uma visão diferente dele. Todos os cães são diferentes e nunca se pode ver a nenhum cão particular do mesmo modo exato duas vezes. No entanto, todas as nossas diversas experiências com cães são canalizadas num conceito mental de "cão" que é estável para todos eles. Isto causava perplexidade a Platão. Como é possível que aprendamos e apliquemos conceitos neste mundo de formas infinitamente variadas e sensações em mudança constante?

A solução do filósofo foi a sua famosa Teoria das Formas. Ele chegou à conclusão de que as nossas mentes mais elevadas deviam estar amarradas a algum plano transcendente de suprarrealidade, onde existiam ideia fixas e estáveis (Formas, com F maiúsculo) numa perfeição atemporal. As nossas almas provinham desse lugar místico antes do nascimento, concluiu ele, que é onde elas aprenderam primeiro sobre as Formas. Uma vez que nascemos, conservamos um conhecimento latente delas. A aprendizagem e o entendimento ocorrem porque as formas do mundo real recordam-nos as Formas com as quais se correspondem. Somos capazes de saber de círculos e cães porque ambos desencadeiam as lembranças das nossas almas dos Círculos e Cães.

A partir de uma perspetiva moderna, a conclusão de Platão pode ser bastante descabida. Mas se despojarmo-nos da metafísica bombástica, podemos ver que, na realidade, ele falava da invariância. O seu sistema explicativo estava completamente errado, mas a sua intuição de que esta

era uma das questões mais importantes a propor sobre a nossa natureza, acertou na mosca.

Para que não se tenha a impressão de que a invariância se reduz à visão, examinemos alguns exemplos de outros sentidos. Pensemos sobre o tato. Quando você enfia a mão no porta-luvas do seu carro para buscar os óculos de sol, os seus dedos não têm de fazer mais do que esbarrar-se com eles para que você saiba que os encontrou. Não importa que parte da mão estabelece o contato; pode ser o polegar, qualquer parte de um dedo qualquer ou a palma. E o contato pode ser com qualquer parte dos óculos, seja uma lente, a ponte, a haste ou parte do arreio. Um segundo movimento de qualquer parte da mão sobre qualquer porção dos óculos basta para que o cérebro os identifique. Em cada caso, o fluxo de padrões espaciais e temporais procedente dos seus recetores de tato é completamente diferente — diferentes áreas de pele, diferentes partes do objeto —, mas você apanha os óculos sem pensar nisto.

Ou analisemos a tarefa senso-motora de enfiar a chave na ignição do carro. A posição do assento, o corpo, o braço e a mão são levemente diferentes a cada vez. A você parece-lhe a mesma ação simples e repetitiva dia após dia, mas isto é devido a você ter uma representação invariável dela no cérebro. Se tratassem de fazer um robô que pudesse entrar no carro e enfiar a chave, veriam de imediato o quão difícil que acabaria por ser, a não ser que se assegurem de que o robô estivesse na mesma posição exata e sustente a chave da mesma maneira precisa a cada vez. E inclusive, se fosse capaz de conseguir isto, o robô precisaria ser reprogramado para carros diferentes. Aos programas dos robôs e computadores, assim como às memórias autoassociativas artificiais, custa-lhes muitíssimo manejar a variação.

Outro exemplo interessante é a assinatura. Em algum lugar do córtex motor, no lóbulo frontal, temos uma representação invariável do nosso autógrafo. Cada vez que assinamos o nosso nome, usamos a mesma sequência de características, ângulos e ritmos. Fazemos isto minuciosamente com uma caneta esferográfica de ponta fina, de maneira bombástica como John Hancock, no ar com o cotovelo, ou de forma desajeitada com um lápis preso entre os dedos do pé. Parece um pouco diferente a cada vez, certamente, sobretudo nas condições estranhas que acabo de mencionar. No entanto, independentemente da escala, do

instrumento de escritura ou da combinação de partes corporais, sempre empregamos o mesmo "programa motor" abstrato para fazer isto.

Pelo exemplo da assinatura pode-se ver que a representação invariável do córtex motor é, em certos sentidos, a imagem refletida da representação invariável do córtex sensorial. Na parte sensorial, uma ampla variedade de padrões de entrada podem ativar um conjunto estável de células que representa algum padrão abstrato (o rosto da nossa amiga ou os nossos óculos de sol). Na parte motora, um conjunto de células estável que representa alguma ordem motora abstrata (apanhar uma bola, assinar o nosso nome) é capaz de se expressar utilizando uma ampla variedade de grupos musculares e respeitando uma extensa gama de outras limitações. Esta simetria entre perceção e ação é consistente com a ideia de Mountcastle de que o córtex executa um único algoritmo básico em todas as áreas.

Voltemos ao córtex sensorial e pensemos novamente sobre a música para analisar um exemplo final. (Gosto de empregar a lembrança da música como exemplo porque é fácil observar todos os temas que o neocórtex deve resolver.) A representação invariável na música ilustra-se pela nossa capacidade em reconhecer uma melodia em qualquer tom. O tom em que se toca uma melodia faz referência à escala musical com a qual se compôs. A mesma melodia tocada em diferentes tons começa com notas diferentes. Uma vez que escolhemos o tom para uma interpretação, temos determinado o resto das notas da melodia. Toda a melodia pode ser tocada em qualquer tom, o que significa que cada interpretação da "mesma" melodia em um novo tom é na realidade uma sequência de notas completamente diferente. Cada interpretação estimula um conjunto de localizações na cóclea completamente diferente, resultando em um conjunto de padrões espaçotemporais diferentes que entram no córtex auditivo... e, no entanto, percebemos a mesma melodia em cada caso. A não ser que tenhamos um ouvido perfeito, nem sequer seremos capazes de distinguir a mesma canção tocada em dois tons diferentes sem voltar a escutá-las outra vez.

Pensemos na canção *Somewhere Over The Rainbow*. É provável que você a tenha aprendido ao escutar a Judy Garland cantar no filme *O Mago de Oz*, mas, a não ser que goze de um ouvido perfeito, não recordará em que tom ela a cantava (lá bemol). Se me sento ao piano e começo a tocar a canção em um tom em que jamais a tenha escutado — digamos em ré —, soará igual. Não se dará conta de que todas as notas são diferentes das da versão que conhece. Isso significa que a sua memória da canção

deve estar em uma forma que passa por alto o tom. A memória tem que armazenar as relações importantes da canção, não as notas reais. Neste caso, as relações importantes são o tom relativo das notas, ou "intervalos". *Somewhere Over The Rainbow* começa com uma oitava alta, seguida por um semitom baixo, uma terceira maior baixa, e assim sucessivamente. A estrutura de intervalos da melodia é a mesma para qualquer interpretação, seja qual for o tom. A sua capacidade para reconhecer a canção em qualquer tom indica que o seu cérebro a guardou na sua forma invariável de tom.

De forma similar, a memória do rosto da sua amiga também deve estar armazenada em uma forma que seja independente de qualquer visão particular. O que faz reconhecível o seu rosto são as suas dimensões relativas, as suas cores relativas e as suas proporções relativas, não o aspeto que ele apresentou durante um instante no almoço da terça-feira passada. Há "intervalos espaciais" entre as características do seu rosto, do mesmo modo que há "intervalos de tom" entre as notas de uma canção. O seu rosto é largo em relação aos seus olhos. O seu nariz é pequeno em relação à amplitude dos seus olhos. A cor do seu cabelo e a dos seus olhos apresentam uma relação relativa similar que permanece constante ainda que em condições de luz diferentes as suas cores absolutas mudem muito. Quando você memorizou o rosto dela, você memorizou esses atributos relativos.

Acho que ocorre uma abstração da forma, similar em todo o córtex, em cada uma das suas regiões. Trata-se de uma propriedade geral do neocórtex. As lembranças armazenam-se numa forma que capta a essência das relações, não os detalhes do momento. Quando vemos, apalpamos ou escutamos algo, o córtex toma a entrada detalhada e muito específica para converter numa forma invariável, que é a que se guarda, e é com esta com que se compara cada novo padrão de entrada. O armazenamento da memória, a sua recuperação e reconhecimento têm lugar no plano das formas invariáveis. Não existe um conceito equivalente nos computadores.

Isto chama atenção para um problema interessante. No próximo capítulo sustento que uma função importante do neocórtex é utilizar esta memória para realizar predições. Mas já que o córtex armazena formas invariáveis, como pode efetuar predições específicas? Vejamos alguns exemplos para ilustrar o problema e a solução.

Imagine que seja o ano de 1890 e você está num povo fronteiriço do Oeste americano. A sua amada está a apanhar o comboio desde o Leste para reunir-se com você no seu novo lar na fronteira. Certamente, você a quer receber na estação quando ela chegar. Durante algumas semanas antes do dia da sua vinda, você se dedica a observar quando chegam os comboios e quando saem. Não há horário e, até onde você tenha podido concluir, o comboio nunca entra nem sai à mesma hora durante o dia. Começa a parecer que você não será capaz de predizer quando chegará o seu comboio. Mas então você se dá conta de que existe certa estrutura nas chegadas e nas saídas dos comboios. O comboio procedente do Leste chega quatro horas após o que sai nessa direção. Este espaço de quatro horas é constante em um dia após outro, ainda que os tempos específicos variem muito. No dia da sua chegada, você aguarda o aparecimento do comboio com destino ao Leste e, quando você o vê, ajusta o relógio. Quatro horas depois você vai à estação e encontra-se com o comboio da sua amada justamente quando ele chega. Esta parábola ilustra tanto o problema que o neocórtex enfrenta como a solução que ele emprega para o resolver.

O mundo tal como o veem os nossos sentidos nunca é o mesmo; assim como a hora de chegada e de saída do comboio, sempre é diferente. Compreendemos o mundo buscando uma estrutura invariável no fluxo de entradas em mudança constante. No entanto, esta estrutura invariável não basta para a empregar como base para realizar predições específicas. Saber que o comboio chega quatro horas após o comboio que saiu não permite a você aparecer na plataforma justamente a tempo para receber a sua amada. Para realizar uma predição específica, o cérebro deve combinar o conhecimento da estrutura invariável com os detalhes mais recentes. Predizer a hora de chegada do comboio requer reconhecer a estrutura de quatro horas de intervalo no seu horário e combinar com o conhecimento detalhado da hora em que saiu o último comboio com destino ao Leste.

Quando escutamos uma canção conhecida tocada no piano, o nosso córtex prediz a próxima nota antes que soe. Mas a memória da canção, como temos visto, está numa forma invariável de tom. A nossa memória indica-nos qual é o próximo intervalo, mas não nos diz nada sobre a nota real. Para predizer a nota exata que se seguirá é preciso combinar o próximo intervalo com a última nota específica. Se o próximo intervalo é uma terceira maior e a última nota que temos escutado foi dó, cabe predizer que a próxima nota específica será mi. Escutamos na nossa

mente mi, não "terceira maior". E a não ser que tenhamos identificado mal a canção ou o pianista tenha se equivocado, a nossa predição está correta.

Ao ver o rosto da nossa amiga, o nosso córtex contribui para, e prediz uma miríade de detalhes da sua imagem única nesse instante. Comprova que os seus olhos são perfeitos, e que o seu nariz, lábios e cabelos são como devem ser. O nosso córtex efetua estas predições com uma grande especificidade. É capaz de predizer detalhes insignificantes sobre o seu rosto ainda que jamais o tenhamos visto antes nessa orientação ou ambiente particular. Se temos a noção de onde estão os olhos e nariz da nossa amiga, e conhecemos a estrutura do seu rosto, podemos predizer com exatidão onde devem estar os seus lábios. Se sabemos que a sua pele está tingida de laranja pela luz do pôr-do-sol, sabemos em que cor deve aparecer o seu cabelo. Mais uma vez, o nosso cérebro faz isto combinando a memória da estrutura invariável do seu rosto com os detalhes particulares da nossa experiência imediata.

O exemplo do horário do comboio não é mais do que uma analogia do que acontece no nosso córtex, mas os exemplos da melodia e do rosto, não. A combinação de representações invariáveis e de entradas imediatas para estabelecer predições detalhadas é exatamente o que acontece. É um processo omnipresente que ocorre em todas as regiões do córtex. É assim que efetuamos predições específicas sobre a divisão da casa em que estamos sentados neste momento. É assim que somos capazes de predizer não só as palavras que dirão os demais, mas também o tom de voz que empregarão para o fazer, o seu sotaque e de que parte da divisão da casa esperamos escutá-los. É assim que sabemos com precisão quando o nosso pé tocará no solo e como será subir um lance de escadas. É assim que somos capazes de assinar o nosso nome com o pé, ou apanhar uma bola que nos é lançada.

As três propriedades da memória cortical analisadas neste capítulo (armazenamento de sequências, memória autoassociativa e representações invariáveis) são ingredientes necessários para predizer o futuro baseado em lembranças do passado. No próximo capítulo proponho que efetuar predições constitui a essência da inteligência.

CAPÍTULO 5

UM NOVO MODELO PARA A INTELIGÊNCIA

Em um dia de abril de 1986 pus-me a pensar sobre o que significava "entender" algo. Tinha passado meses a lutar com a pergunta fundamental do que fazem os cérebros quando não geram comportamento. O que faz um cérebro quando escuta de forma passiva um discurso? O que faz agora mesmo o seu cérebro enquanto você está a ler? A informação entra no cérebro, mas não sai. O que lhe acontece? Os seus comportamentos neste momento são provavelmente básicos — como a respiração e os movimentos oculares —, mas quando você se encontra em estado consciente o seu cérebro faz bem mais do que isso enquanto você lê e compreende estas palavras. Compreender deve ser o resultado da atividade neural. Mas qual? O que fazem os neurónios quando entendem?

Ao olhar à volta no meu escritório nesse dia vi objetos conhecidos: cadeiras, cartazes, janelas, plantas, lápis e assim por diante. Rodeavam-me centenas de artigos. Os meus olhos viam-nos enquanto olhava em torno, mas só o facto de os ver não me incitava a realizar uma ação. Não se invocava ou requeria nenhum comportamento, mas de certo modo eu "entendia" a sala e o seu conteúdo. Eu estava a fazer o que não podia fazer o quarto chinês de Searle, e sem ter que passar nada através de uma fenda. Compreendia, mas não tinha nenhuma ação que demonstrasse isto. O que significava "compreender"?

Foi enquanto meditava sobre este dilema que tive uma perceção, um desses intensos momentos emocionais em que de repente o que era um emaranhado de confusão se torna claro e compreensível. Tudo o que fiz foi me propor sobre o que aconteceria se um novo objeto, algo que eu nunca tivesse visto antes, aparecesse na sala, digamos uma caneca de café azul.

A resposta parecia simples. Me daria conta de que o novo objeto não correspondia a esse lugar. Chamaria a minha atenção por ser novo. Não precisaria me perguntar de forma consciente se a caneca de café era nova. Limitar-se-ia a ressaltar como algo que pertencia ao lugar. Subjacente a

esta resposta aparentemente trivial está um conceito poderoso. Para apreciar que algo é diferente, certos neurónios do meu cérebro, antes inativos, teriam entrado em funcionamento. Como saberiam os ditos neurónios que a caneca de café azul era nova e as centenas de objetos restantes que tinha na sala não? A resposta continua a surpreender-me. O nosso cérebro emprega memórias armazenadas para realizar predições constantes, sobretudo no que vemos, sentimos e escutamos. Quando olho à volta da sala, o meu cérebro está a utilizar lembranças para formar predições sobre o que espera experimentar antes que aconteça. A vasta maioria das predições ocorrem sem que tenhamos consciência disso. É como se diferentes partes do meu cérebro estivessem a dizer: "Está o computador no meio do escritório? Sim. É preto? Sim. Está o lustre no canto direito do escritório? Sim. Está o dicionário onde o deixei? Sim. É a janela retangular e a parede vertical? Sim. Entra a luz do sol desde a direção adequada para a hora do dia? Sim." Mas quando entra um padrão visual que não tinha memorizado nesse contexto, a predição não se cumpre e a minha atenção se dirige ao erro.

Certamente, o cérebro não fala consigo mesmo enquanto realiza predições, e não as faz em série. Também não se limita a realizar predições sobre diferentes objetos como canecas de café. O nosso cérebro efetua predições constantes sobre a mesma estrutura do mundo em que vivemos, e o faz em paralelo. Ele facilmente detetará uma textura estranha, um nariz deformado ou um movimento inusual. O caráter omnipresente destas predições, inconscientes na sua maioria, não se adverte à primeira vista, motivo pelo qual talvez tenhamos passado por alto a sua importância durante tanto tempo. Acontecem de modo tão automático, com tanta facilidade, que não conseguimos desvendar o que está a acontecer dentro dos nossos crânios. Espero conseguir comunicar-lhe a força desta ideia. A predição é tão dominante que o que "percebemos" — isto é, como aparece diante de nós o mundo — não provém unicamente dos nossos sentidos. O que percebemos é uma combinação do que apreciamos e das predições do nosso cérebro, derivadas da memória.

Minutos depois concebi um experimento mental para ajudar a transmitir o que tinha compreendido nesse momento. Chamo-o de experimento da porta modificada. É como se segue.

Quando você chega a casa todos os dias, costuma demorar alguns segundos a traspassar a porta principal ou qualquer outra porta que use. Você chega até ela, gira a maçaneta, entra, e a fecha por trás de você. É um hábito firmemente estabelecido, algo que você faz de forma constante e que presta escassa atenção. Suponhamos que enquanto você se encontra fora, eu me introduza na sua casa e mude algo da sua porta. Poderia ser qualquer coisa. Poderia deslocar a maçaneta um milímetro, trocar uma maçaneta redonda por outra alongada, ou uma de latão por outra cromada. Poderia variar o peso da porta, substituindo o carvalho maciço por laminado, ou vice-versa. Poderia fazer com que as dobradiças chiassem ou que se deslizassem sem fricção. Poderia ampliar ou reduzir a largura da porta e o seu modelo. Poderia mudar a sua cor, acrescentar uma aldrava onde costumava estar o olho mágico, ou uma janela. Sou capaz de imaginar milhares de mudanças que fariam com que a sua porta fosse desconhecida para você. Quando você chegasse a sua casa nesse dia e tentasse abrir a porta, detetaria em seguida que algo vai mal. Talvez lhe levasse uns segundos de reflexão para se dar conta exatamente do que se tratava, mas perceberia a mudança com muita rapidez. Quando a sua mão atingisse a maçaneta deslocada, notaria que ela não está na localização correta. Ou quando visse a nova janela da porta, algo lhe pareceria raro. Ou se foi mudado o seu peso, não empurraria com a força adequada e se surpreenderia. O caso é que você se dará conta de um dos milhares de mudanças em um lapso de tempo muito curto.

Como você faz isto? Como você percebe essas mudanças? Os engenheiros da computação ou da inteligência artificial abordariam este problema criando uma lista de todas as propriedades da porta e colocando-as numa base de dados, com campos para cada atributo que uma porta pode ter e entradas específicas para a sua porta particular. Quando você se aproximasse da porta, o computador verificaria em toda a base de dados, buscando largura, cor, tamanho, posição da maçaneta, peso, som e assim por diante. Ainda que superficialmente esta operação possa parecer similar ao modo como tenho descrito de que o meu cérebro comprovava cada uma das suas miríades de predições enquanto olhava à volta no meu escritório, a diferença é real e de longo alcance. A estratégia da inteligência artificial não é plausível. Em primeiro lugar, é impossível especificar antecipadamente todos os atributos que uma porta pode ter. A lista é em potencial interminável. Em segundo lugar, precisaríamos contar com listas similares para cada objeto que nós encontrássemos a cada segundo das nossas vidas. Em terceiro lugar, nada do que sabemos sobre cérebros e neurónios sugere que seja bem assim como funciona. E,

por último, os neurónios são muito lentos para aplicar bases de dados do tipo que são empregues pelos computadores. Você demoraria vinte minutos em vez de dois segundos para dar-se conta das mudanças quando você passasse pela porta.

Só há um modo de interpretar a sua reação diante da porta modificada: o seu cérebro realiza predições sensoriais de baixo nível sobre o que espera ver, escutar e sentir em cada determinado momento, e faz isto em paralelo. Todas as regiões do seu neocórtex tentam predizer ao mesmo tempo qual será a sua próxima experiência. As áreas visuais efetuam predições sobre bordas, formas, objetos, posições e movimentos; as áreas auditivas, sobre tons, direção da fonte e padrões de som; e as áreas somatossensoriais, sobre tato, textura, contorno e temperatura.

A "predição" significa que os neurónios que participam na apreciação da porta se ativam antes de receber a entrada sensorial; quando chega esta, é comparada com o que se esperava. Enquanto você se aproxima da porta, o seu córtex vai formando uma grande quantidade de predições baseadas na experiência passada. Quando você chega a ela, ele prediz o que sentirá nos dedos quando a tocar e em que ângulo estarão as suas articulações quando fizer isto. Quando começa a empurrar para a abrir, o seu córtex prediz quanta resistência oferecerá e como soará. Quando se cumprem todas as suas predições, você a atravessará sem ter consciência de que as ditas predições se verificaram. Mas se as suas expetativas são violadas, o erro fará com que se dê conta. As predições corretas dão como resultado o entendimento. A porta está normal. As predições erróneas induzem a confusão e suscitam a sua atenção. A maçaneta da porta não está onde deveria. A porta está muito leve. A porta está descentralizada. A textura da maçaneta não é a adequada. Realizamos predições contínuas de baixo nível em paralelo com todos os nossos sentidos.

Mas isso não é tudo. A minha proposta é bem mais ambiciosa. A predição não é só uma das coisas que faz o nosso cérebro. É a função primordial do neocórtex e a base da inteligência. O córtex é um órgão de predição. Se queremos entender o que é a inteligência, o que é a criatividade, como funciona o nosso cérebro e como construir máquinas inteligentes, devemos compreender a natureza destas predições e como as realiza o córtex. Até o comportamento entende-se melhor como um produto derivado da predição.

Não sei quem foi a primeira pessoa que sugeriu que a predição é a chave para compreender a inteligência. Na ciência e na indústria, ninguém inventa nada completamente novo; pelo contrário, trata-se bem mais de amoldar ideias existentes aos novos modelos. Os componentes de uma nova ideia costumam estar a flutuar no meio do discurso científico antes da sua descoberta; o que costuma ser novo é a coesão desses componentes num conjunto abrangedor. Da mesma forma, a ideia de que a função primordial do córtex é realizar predições não é completamente nova. Tem estado a flutuar à volta em várias formas durante algum tempo, mas ainda não tem assumido a sua posição legítima no centro da teoria do cérebro e da definição da inteligência.

Acaba por ser irónico que alguns dos pioneiros da inteligência artificial tivessem a noção de que os computadores deveriam construir um modelo do mundo e utilizá-lo para realizar predições. Em 1956, por exemplo, D. M. Mackay sustentou que as máquinas inteligentes deveriam ter um "mecanismo de resposta interno" projetado para "combinar o que se recebe". Ele não empregou as palavras "memória" e "predição", mas o seu pensamento ia nessa linha.

Desde meados da década de 1990, termos como inferência, modelos generativos e predição têm entrado no vocabulário científico. Todos eles referem-se a ideias relacionadas. Como exemplo, no seu livro de 2001, *O Cérebro e o Mito do Eu*, Rodolfo Llinás, da Escola de Medicina da Universidade de Nova York, escreveu: "A capacidade para predizer o resultado de acontecimentos futuros — crucial para que o movimento tenha sucesso — é muito provável que seja a função primordial e mais comum de todas as funções globais do cérebro". Cientistas como David Mumford da Universidade Brown, Rajesh Rao da Universidade de Washington, Stephen Grossberg da Universidade de Boston e muitos outros têm escrito e teorizado sobre o papel da realimentação e da predição de vários modos. Há um subcampo inteiro na matemática dedicado às redes bayesianas. Batizadas desse modo por Thomas Bayes, pastor inglês nascido em 1702 que foi pioneiro em estatística, as redes bayesianas utilizam a teoria da probabilidade para efetuar predições. O que tem faltado é colocar estes elementos distintos dentro de um modelo teórico coerente. Sustento que isto não foi feito antes, e constitui a meta deste livro.

Antes de entrar em detalhes sobre como o córtex realiza predições, analisemos alguns exemplos adicionais. Quanto mais pensarem nesta ideia, mais se darão conta de que a predição é omnipresente e a base do nosso modo de compreender o mundo.

Esta manhã fiz panquecas. Em um ponto do processo, alonguei a mão por debaixo da mesa para abrir a porta de um armário. Por intuição sabia sem vê-lo qual seria o tato — neste caso, o da maçaneta do armário — e quando o sentiria. Torci a tampa da embalagem do leite à espera que ele virasse e então caísse livremente. Acendi o fogão esperando pressionar o botão levemente e logo depois girá-lo com certa resistência. Esperava escutar o suave som do lume de gás mais ou menos um segundo depois. Em cada minuto passado na cozinha realizei dezenas ou centenas de movimentos, e cada um representava muitas predições. Sei isto porque se algum destes movimentos comuns tivesse tido um resultado diferente do esperado ter-me-ia dado conta.

Cada vez que você põe o pé no solo enquanto caminha, o seu cérebro prediz quando o mesmo se deterá e quanta "elasticidade" terá o material em que pisar. Se alguma vez lhe falhou um degrau em um trecho de escadas, sabe com quanta rapidez se dá conta de que algo vai mal. Você baixa o pé e no momento em que "passa através" do degrau previsto você sabe que tem dificuldades. O pé não aprecia nada, mas o seu cérebro fez uma predição que não se cumpriu. Um robô dirigido por computador cairia facilmente ao não se dar conta de que acontecia algo fora da ordem, enquanto você o saberia tão cedo caso o seu pé ultrapassasse numa fração de milímetro o lugar onde o seu cérebro tem esperado que você se detenha.

Quando você escuta uma melodia conhecida, ouve a próxima nota na sua cabeça antes que ela soe. Quando você escuta um álbum que gosta, você ouve do início de cada canção um par de segundos antes que se inicie. O que acontece? Os neurónios do seu cérebro que se estimulariam quando você escutasse a próxima nota fazem-no por adiantado e, deste modo, você "escuta" a canção na sua cabeça. Os neurónios estimulam-se em resposta à memória, que pode ser muito duradoura. Não é inusual escutar um álbum de música pela primeira vez em muitos anos e continuar a ouvir a próxima canção de forma automática antes que a anterior tenha acabado. E cria-se uma agradável sensação de leve incerteza quando se escuta o álbum favorito soando a esmo, pois sabe-se que a predição da próxima canção errará.

Quando escutamos alguém falar, com frequência sabemos o que ele vai dizer antes que tenha terminado, ou pelo menos pensamos que o sabemos. Às vezes nem sequer escutamos o que diz o orador na realidade, mas o que esperamos escutar. (Isto me acontecia com tanta frequência quando era pequeno quando a minha mãe me levava ao médico para que fosse revisada a minha audição.) E é assim porque a gente tende a empregar expressões comuns em boa parte da sua conversa. Se digo: "How now brown...", o seu cérebro ativará os neurónios que representam a palavra *cow* antes que a pronuncie (se o inglês não é a sua língua nativa, talvez não tenha ideia do que estou a falar. Trata-se de um conhecido jogo de palavras que significa o que acontece agora). Certamente, não sabemos todas as vezes o que vão dizer os demais. A predição nem sempre é exata, pois as nossas mentes funcionam realizando predições prováveis sobre o que está a ponto de acontecer. Às vezes conhecemos com exatidão o que vai ocorrer, outras vezes as nossas expetativas distribuem-se entre várias possibilidades. Se estivéssemos a falar numa mesa durante uma comida e eu dissesse: "Por gentileza, passa-me a...", o seu cérebro não se surpreenderia se acrescentasse a seguir "sal", "pimenta" ou "mostarda". Em certo sentido, o seu cérebro prediz todos estes resultados possíveis ao mesmo tempo. No entanto, se eu dissesse: "Por gentileza, passa-me a calçada", você saberia que algo vai mal.

Voltando à música, nela também podemos ver predições prováveis. Se estamos a escutar uma canção que jamais a tenhamos ouvido antes, de todos os modos podemos ter previsões bastante sólidas. Na música *country* espero um compasso regular, um ritmo repetido, frases que duram o mesmo número de compassos e canções que terminem em tom de altura. Talvez você não saiba o que significam estes termos, mas — supondo que tenha escutado uma música similar — o seu cérebro prediz de forma automática compassos, ritmos repetidos, terminação das frases e finais das canções. Se uma nova canção viola estes princípios, você sabe de imediato que algo vai mal. Pense nisso durante um segundo. Escute uma canção que jamais tenha ouvido, o seu cérebro experimenta um padrão que jamais tenha experimentado e, no entanto, realiza predições e pode dizer se algo vai mal. A base destas predições, em boa parte inconscientes, é o conjunto de memórias que estão armazenadas no nosso córtex. O nosso cérebro não pode afirmar com exatidão o que acontecerá a seguir, mas prediz qual padrão de nota é provável que toque e qual não.

Todos temos tido a experiência de nos dar conta de improviso de que uma fonte de ruído de fundo constante, como uma britadeira ou uma

escavadeira, acaba de cessar; no entanto, não tínhamos percebido o som enquanto ocorria. As nossas áreas auditivas estavam a predizer a sua continuação um momento após outro, e enquanto o som não mudou, não lhe prestámos atenção. Ao cessar, a nossa predição foi violada e isto atraiu a nossa atenção. Vejamos um exemplo histórico. Logo após que os comboios elevados na cidade de Nova York deixassem de funcionar, as pessoas chamavam a polícia no meio da noite para declararem que algo as tinham acordado. Costumavam efetuar a chamada aproximadamente à mesma hora em que os comboios costumavam passar pelos seus apartamentos.

Gostamos de afirmar que ver é crer. Não obstante, vemos o que esperamos ver com tanta frequência como vemos o que na realidade vemos. Um dos exemplos mais fascinantes a respeito tem a ver com o que os pesquisadores chamam de completar. É provável que você já esteja inteirado de que temos um pequeno ponto cego em cada olho, onde o nervo óptico sai de cada retina por um buraco chamado papila óptica. Nessa zona não contamos com fotorreceptores, de modo que estamos permanentemente cegos no ponto correspondente do campo visual. Existem duas razões pelas quais não costumamos nos dar conta disso, uma trivial e a outra instrutiva. A trivial é que os nossos dois pontos cegos não costumam se sobrepor, assim um olho compensa o outro.

Mas acaba por ser interessante que também não percebamos o ponto cego quando só temos aberto um olho. O nosso sistema visual "completa" a informação que falta. Quando fechamos um olho e olhamos um luxuoso tapete turco ou os contornos ondulantes da textura da madeira em uma mesa de cerejeira, não vemos um buraco. Nodos inteiros no tapete, nós escuros inteiros na textura da madeira desaparecem da visão da nossa retina quando dá a casualidade de coincidirem com os pontos cegos, mas a nossa experiência é uma extensão sem costuras de texturas e cores. O nosso córtex visual recorre às lembranças de padrões similares e efetua uma corrente constante de predições que completam qualquer entrada que falte.

Completa-se em todas partes da imagem visual, não só nos pontos cegos. Por exemplo, mostro-lhe uma foto de uma praia com um tronco arrastado pela corrente sobre umas rochas. O limite entre as rochas e o tronco parece claro e evidente. No entanto, se ampliamos a imagem, veremos que as rochas e o tronco apresentam uma textura e cor similares onde se encontram. Na foto ampliada, a borda do tronco não parece distinguível das rochas. Se observamos a cena por inteiro, a borda do

tronco está clara, mas na realidade a inferimos do resto da imagem. Quando olhamos o mundo, percebemos linhas e limites claros que separam os objetos, mas os dados brutos que entram nos nossos olhos são com frequência ruidosos e ambíguos. O nosso córtex completa as secções que faltam ou estão desordenadas com o que ele pensa que deve ser. E percebemos uma imagem inequívoca.

A predição na visão é também uma função do modo de se mover os nossos olhos. No capítulo 3 mencionei as sacadas oculares. Umas três vezes a cada segundo, os nossos olhos fixam-se em um ponto e depois saltam de repente a outro. Em geral, não nos damos conta destes movimentos e normalmente não os controlamos de forma consciente. E cada vez que os nossos olhos se fixam num novo ponto, o padrão que entra no nosso cérebro muda por completo desde a última fixação. Portanto, três vezes por segundo o nosso cérebro vê algo muito diferente. As sacadas oculares não são completamente aleatórias. Quando olhamos um rosto, os nossos olhos costumam fixar-se primeiro num olho, e depois no outro; vão de um lado a outro e fixam-se de forma ocasional no nariz, na boca, nas orelhas e em outras características. Só percebemos o "rosto", mas os olhos veem um olho, outro olho, o nariz, a boca, um olho, e assim sucessivamente. Dou-me conta de que lhe parece que não é assim. O que você percebe é uma visão contínua do mundo, mas os dados brutos que entram na sua cabeça estão tão entrecortados como se tivessem sido gravados com uma câmera de vídeo mal manejada.

Imaginemos agora que nós encontramos alguém com um nariz adicional no lugar onde devia ter um olho. Os nossos olhos fixam-se primeiro em um olho, e depois de uma sacada ocular, no outro, mas no seu lugar vemos um nariz. Saberíamos sem dúvida que algo ia mal. Para que isto aconteça, o nosso cérebro deve ter uma expetativa ou predição do que está a ponto de ver. Quando predizemos olho, mas vemos nariz, não se cumpre a predição. Portanto, várias vezes por segundo, coincidindo com cada sacada ocular, o nosso cérebro realiza uma predição sobre o que verá a seguir. Quando esta predição é errónea, suscita-se de imediato a nossa atenção. Por isso parece-nos difícil não olhar as pessoas com deformidades. Se você visse uma pessoa com dois narizes, custar-lhe-ia não ficar a olhar fixamente? Certamente, se vivêssemos com a dita pessoa, depois de um período de tempo, acabaríamos por nos acostumar com os dois narizes e deixar-nos-ia de parecer incomum.

Pense agora em você mesmo. Que predições está a realizar? Quando você passa as páginas deste livro, tem expetativas de que elas se dobrarão

um pouco e se moverão de formas predizíveis diferentes do modo de se mover a capa. Se você está sentado, está a predizer que a sensação de pressão no seu corpo persistirá; mas se o assento se umedecesse, começasse a deslizar-se para atrás ou sofresse qualquer outra mudança inesperada, você deixaria de prestar atenção no livro e tentaria imaginar o que está a acontecer. Se você emprega certo tempo em observar-se, pode começar a entender que a sua perceção do mundo, o seu entendimento do mundo, está intimamente unida à predição. O seu cérebro tem feito um modelo do mundo e está a combiná-lo de forma constante com a realidade. Você sabe onde se encontra e o que está a fazer pela validade desse modelo.

A predição não se limita a padrões de informação sensorial de baixo nível como ver e escutar. Até agora tenho restringido a discussão a tais exemplos porque são o modo mais simples de apresentar este modelo para compreender a inteligência. No entanto, segundo o princípio de Mountcastle, o que é válido para as áreas sensoriais de nível baixo também deve ser para todas as áreas corticais. O cérebro humano é mais inteligente que o de outros animais porque pode realizar predições sobre tipos de padrões mais abstratos e sequências de padrões temporais mais longas. Para predizer o que dirá a minha esposa quando ela me ver, devo saber o que ela tem dito no passado, que hoje é sexta-feira, que o lixo tem que ser colocado na beira da calçada às sextas-feiras pela noite, que não o fiz a tempo na semana passada e que o seu rosto tem certa aparência. Quando ela abre a boca, tenho uma predição bastante sólida do que ela vai dizer. Neste caso, não sei quais serão as palavras exatas, mas sei que ela me recordará de retirar o lixo. O aspeto importante é que a inteligência superior não é um tipo diferente de processo da inteligência percetiva. Baseia-se fundamentalmente na mesma memória neocortical e algoritmo de predição.

Temos de advertir que os nossos testes de inteligência são em essência provas de predição. Do jardim de infância à faculdade, as provas de coeficiente intelectual baseiam-se em realizar predições. Dada uma sequência de números, qual deve ser a próxima? Dadas três visões diferentes de um objeto com uma forma complexa, qual das seguintes corresponde também ao objeto? A palavra “A” está para a palavra “B” assim como a palavra “C” está para qual palavra?

A ciência é em si mesma um exercício de predição. Adiantamos o nosso conhecimento do mundo mediante um processo de hipótese e verificação. Este livro é em essência uma predição sobre o que é a

inteligência e como funciona o cérebro. Inclusive o projeto de produtos é sobretudo um processo preditivo. Ao projetar roupa ou automóveis, os engenheiros tentam predizer o que farão os concorrentes, o que desejarão os consumidores, quanto custará um novo projeto e que modas terão demanda.

A inteligência mede-se pela capacidade de recordar e predizer padrões do mundo incluído linguagem, matemática, propriedades físicas dos objetos e situações sociais. O nosso cérebro percebe padrões do mundo exterior, armazena-os como memória e realiza predições baseadas nas comparações entre o que tem visto antes e o que acontece agora.

Neste ponto talvez você esteja a pensar: "Aceito que posso ser inteligente simplesmente deitado na escuridão. Como tem assinalado, não preciso agir para compreender ou ser inteligente. Mas não são essas situações a exceção? Sustenta realmente que o entendimento e o comportamento inteligentes estão completamente separados? No fim de contas, não é o comportamento, e não a predição, o que nos faz inteligentes? Além disso, o comportamento é o determinante supremo da sobrevivência".

É uma pergunta razoável e, certamente, no fim de tudo, o comportamento é o que mais importa para a sobrevivência de um animal. Predição e comportamento não estão separados por completo, mas a sua relação é sutil. Em primeiro lugar, o neocórtex apareceu no cenário evolutivo quando os animais já tinham desenvolvido comportamentos sofisticados. Portanto, o seu valor de sobrevivência deve entender-se, antes de mais nada, atendendo às diversas melhorias que podia conferir aos comportamentos animais existentes. Primeiro chegou o comportamento; depois, a inteligência. Em segundo lugar, menos no caso da audição, a maioria do que sentimos depende em boa medida do nosso modo de se mover no mundo. Portanto, a predição e o comportamento estão estreitamente relacionados. Exploremos estes temas.

Os mamíferos desenvolveram um grande neocórtex porque isto proporcionava-lhes certa vantagem de sobrevivência, e esta vantagem acabou por se implantar no comportamento. Mas no início o córtex servia para fazer um uso mais efetivo dos comportamentos existentes, não para criar comportamentos completamente novos. Para tornar claro este ponto é preciso observar como evoluíram os nossos cérebros.

Surgiram sistemas nervosos simples não muito após as criaturas multicelulares começarem a pulular por toda a Terra, há centenas de milhões de anos; mas a história da inteligência real começa em data mais recente com os nossos antepassados répteis, que conseguiram conquistar a Terra. Eles espalharam-se por todos os continentes e diversificaram-se em numerosas espécies. Possuíam sentidos agudos e cérebros bem desenvolvidos que lhes dotavam de um comportamento complexo. Os seus descendentes diretos, os répteis que sobrevivem na atualidade, continuam a conservá-los. Um jacaré, por exemplo, goza de sentidos sofisticados como os seus ou os meus. Possui olhos, ouvidos, nariz, boca e pele bem desenvolvidos. Realiza comportamentos complexos, entre os quais se incluem a sua capacidade para nadar, correr, ocultar-se, caçar, armar emboscadas, tomar sol, aninhar e nivelar-se.

Que diferença há entre um cérebro humano e um de réptil? Muita e pouca. Digo pouca porque, em linhas gerais, tudo o que há num cérebro de réptil existe num humano. Digo muita porque um cérebro humano possui algo importantíssimo que um réptil não tem: um grande córtex. Às vezes escutamos as pessoas referirem-se ao cérebro "velho" ou cérebro "primitivo". Todo o ser humano conta com estas estruturas mais antigas no cérebro, igual a um réptil. Elas regulam a pressão sanguínea, a fome, o sexo, as emoções e muitos aspetos do movimento. Quando estamos de pé, balançamo-nos e andamos, por exemplo, dependemos muito do cérebro velho. Se escutamos um som aterrador, temos medo e começamos a correr, e isto deve-se em boa medida ao nosso cérebro velho. Não se precisa mais do que um cérebro de réptil para fazer muitas coisas interessantes e úteis. Portanto, o que faz o neocórtex se este não é requerido estritamente para ver, escutar e mover-se?

Os mamíferos são mais inteligentes que os répteis devido ao seu neocórtex, que apareceu há dezenas de milhões de anos e é exclusivo deles. O que faz os humanos mais inteligentes do que o restante dos mamíferos é sobretudo a grande zona do neocórtex, que se estendeu de forma espetacular há só um par de milhões de anos. Recordemos que a constituição do córtex emprega um único elemento repetido. A lâmina do córtex humano é da mesma espessura e tem praticamente a mesma estrutura que a dos nossos parentes mamíferos. Quando a evolução faz algo grande com muita rapidez, como no caso do córtex humano, consegue-o copiando uma estrutura existente. Tornamo-nos inteligentes acrescentando muitos mais elementos a um algoritmo cortical comum. Um erro habitual consiste em considerar que o cérebro humano é o ponto mais

alto de bilhões de anos de evolução, o que pode ser verdade se pensamos no sistema nervoso como um todo. No entanto, o neocórtex é uma estrutura relativamente nova e não leva em conta o tempo suficiente para ter passado pelo refinamento evolutivo de longo prazo.

Este é o núcleo do meu argumento sobre como entender o neocórtex e por que a memória e a predição são as chaves para revelar o mistério da inteligência. Comecemos com o cérebro dos répteis sem córtex. A evolução descobre que, se for agregado um sistema de memória (o neocórtex) à rota sensorial do cérebro primitivo, o animal adquire a capacidade de predizer o futuro. Imaginemos que o antigo cérebro de réptil continua a fazer as suas coisas, mas agora, ao mesmo tempo, introduzem-se padrões sensoriais no neocórtex, que guarda esta informação na sua memória. Em um tempo futuro, quando o animal se encontra na mesma ou em outra situação similar, a memória reconhece as entradas e recorda o que aconteceu no passado. A memória recordada é comparada com o fluxo de entradas sensoriais; "completa" a entrada presente e prediz o que se verá a seguir. Ao comparar a entrada sensorial presente com a memória recordada, o animal não só compreende onde está, mas que pode ver o futuro.

Agora imaginemos que o córtex recorda não só o que o animal tem visto, mas também os comportamentos que o antigo cérebro realizava quando se achava numa situação similar. Nem sequer temos de supor que o córtex conhece a diferença entre sensações e comportamentos; para o córtex, ambos não são mais do que padrões. Quando o nosso animal se encontra na mesma ou em outra situação parecida, não só vê o futuro, mas que recorda que comportamentos conduziram a essa visão do futuro. Deste modo, a memória e a predição permitem a um animal utilizar os seus comportamentos existentes (o cérebro velho) de forma mais inteligente.

Por exemplo, imagine que você seja um rato que está a aprender a orientar-se por um labirinto pela primeira vez. Excitado pela incerteza ou pela fome, você utilizará as faculdades inerentes do seu cérebro velho para explorar o novo ambiente: escutar, olhar, cheirar e rastejar próximo aos muros. Toda esta informação sensorial é utilizada pelo seu cérebro velho, mas também passa ao neocórtex, onde se armazena. Em algum momento futuro você encontrar-se-á no mesmo labirinto. O seu neocórtex reconhecerá a entrada presente como algo que já tinha visto e recordará os padrões guardados que representam o que aconteceu no passado. Em essência, permite-lhe ver um trecho curto do futuro. Se você fosse um

rato que fala, diria: "Oh, reconheço este labirinto, e lembro-me desta esquina". Quando o seu neocórtex se lembrar do que aconteceu no passado, imaginar-se-á a encontrar o queijo que viu pela última vez no labirinto e como chegou até ele. "Se viro aqui, sei o que acontecerá depois. Há um pedaço de queijo no fim deste corredor. Vejo-o na minha imaginação." Enquanto corre pelo labirinto, você depende de estruturas mais antigas e primitivas para efetuar movimentos como levantar as patas e limpar os bigodes. Com o seu neocórtex (relativamente) grande você é capaz de recordar os lugares nos quais tenha estado, voltar a reconhecê-los no futuro e efetuar predições sobre o que vai acontecer a seguir. Uma lagartixa sem neocórtex possui uma capacidade muito menor para recordar o passado e talvez tenha que se orientar novamente a cada vez no labirinto. Você (o rato) compreende o mundo e o futuro imediato devido à sua memória cortical. Vê imagens gráficas das recompensas e perigos que há para cada decisão e, portanto, move-se com maior efetividade pelo seu mundo. Você pode ver, literalmente, o futuro.

Mas tenha em conta que você não está a realizar comportamentos que sejam muito complexos nem novos. Você não está a construir uma asa delta e a voar para o queijo do fim do corredor. O seu neocórtex está a formar predições sobre os padrões sensoriais que lhe permitem ver o futuro, mas o seu leque de comportamentos disponíveis não tem sofrido variações. A sua faculdade para correr, trepar e explorar continua a parecer-se muito à de uma lagartixa.

Quando o córtex foi se alargando ao longo do período evolutivo, ele pôde ser capaz de recordar cada vez mais sobre o mundo. Pôde formar mais memórias e realizar mais predições. A complexidade das ditas memórias e predições também aumentou. Mas aconteceu algo mais notável que conduziu à capacidade única dos seres humanos de ter um comportamento inteligente.

O comportamento humano evidencia o antigo repertório básico de deslocar-se em redor com habilidades de rato. Temos levado a evolução neocortical a um plano novo. Só os seres humanos criam linguagem escrita e falada. Só os humanos cozinham os seus alimentos, fazem as suas roupas, voam em aviões e constroem arranha-céus. As nossas faculdades motoras e planeadoras excedem significativamente as dos nossos parentes animais mais próximos. Como pôde o córtex, que foi projetado para realizar predições sensoriais, gerar o comportamento incrivelmente complexo único dos humanos? E como pôde evoluir tão de repente este comportamento superior? Há duas respostas para estas

perguntas. Uma é que o algoritmo neocortical é tão potente e flexível que com um pequeno reajuste, exclusivo dos humanos, é capaz de criar comportamentos novos e sofisticados. A outra resposta é que o comportamento e a predição são duas caras da mesma moeda. Ainda que o córtex possa imaginar o futuro, este só consegue realizar predições sensoriais precisas se souber que comportamentos estão a ser colocados em prática.

No simples exemplo do rato que busca o queijo, este recorda o labirinto e utiliza a memória para predizer que verá o queijo ao virar a esquina. Mas o rato poderia girar à esquerda ou à direita; porém, somente se conseguir recordar ao mesmo tempo o queijo e o comportamento correto, "girar à direita na bifurcação", é que ele será capaz de conseguir que a predição sobre o queijo se torne realidade. Ainda que seja um exemplo trivial, ele serve para evidenciar a íntima relação existente entre a predição sensorial e o comportamento. Todo o comportamento muda o que vemos, escutamos e sentimos. A maior parte do que sentimos em qualquer momento depende em grande parte das nossas próprias ações. Mova o braço diante do seu rosto. Para predizer que verá o seu braço, o seu córtex tem que saber que você tem ordenado mover o braço. Se o córtex visse você a mover o seu braço sem a correspondente ordem motora, você se surpreenderia. O modo mais simples de interpretar isto seria supor que o seu cérebro move primeiro o braço e depois prediz o que verá. Mas não é assim: o córtex prediz que verá o braço, e esta predição é o que faz com que a ordem motora torne realidade a predição. Você primeiro pensa, o que provoca que atue para conseguir que os seus pensamentos se tornem realidade.

Vejamos agora as mudanças que conduziram os seres humanos a terem um repertório de comportamentos muito ampliado. Existem diferenças físicas entre o córtex de um macaco e a de um humano que possam explicar por que só o último desfruta da linguagem e outros comportamentos complexos? O cérebro humano é aproximadamente três vezes maior do que o do chimpanzé. Mas não é só questão de tamanho. Uma chave para entender o salto no comportamento humano encontra-se nas conexões entre regiões do córtex e partes do cérebro velho. Para expressar isto com maior simplicidade, o nosso cérebro está ligado de forma diferente.

Vamos o observar com mais detalhe. Todos nós conhecemos os hemisférios esquerdo e direito do cérebro. Mas existe outra divisão menos conhecida, que é a qual devemos analisar para buscar as diferenças

humanas. Todos os cérebros, sobretudo os grandes, dividem o córtex em uma parte dianteira e outra traseira. Os cientistas empregam as palavras anterior para a metade frontal e posterior para a traseira. Um grande sulco, chamado Cisura de Rolando, separa ambas as metades. A parte posterior do córtex contém as secções nas quais chegam as entradas dos olhos, dos ouvidos e do tato. É onde ocorre em boa medida a perceção sensorial. A parte frontal contém regiões do córtex que participam no planeamento e no pensamento superiores. Também compreende o córtex motor, a secção do cérebro mais responsável pelo movimento dos músculos e, portanto, de criar o comportamento.

À medida que o neocórtex dos primatas foi-se alargando com o passar do tempo, a metade anterior atingiu um tamanho desproporcionado, sobretudo nos humanos. Comparados com o restante dos primatas e dos primeiros hominídeos, temos frentes enormes projetadas para conter o nosso grandíssimo córtex anterior. Mas este engrandecimento não basta para explicar a melhoria da nossa capacidade motora comparada com a de outras criaturas. A nossa habilidade para efetuar movimentos excecionalmente complexos provém do facto de que o nosso córtex motor efetua muito mais conexões com os músculos dos nossos corpos. Em outros mamíferos o córtex anterior desempenha um papel menos direto no comportamento motor. A maioria dos animais depende em boa medida das partes mais antigas do cérebro para gerar o seu comportamento. Em contraste, o córtex humano usurpou a maior parte do controlo motor do que o resto do cérebro. Se o córtex motor de um rato for lesado, é provável que ele não apresente carências apreciáveis. Se o córtex motor de um humano for lesado, ele ou ela ficará paralítico.

As pessoas costumam perguntar-me pelos golfinhos. Não têm eles cérebros enormes? Sim; o golfinho possui um neocórtex grande. A sua estrutura é mais simples (três camadas, em comparação às nossas seis) que a humana, mas em todos os parâmetros restantes é grande. É provável que o golfinho seja capaz de recordar e entender muitas coisas. Ele pode reconhecer outros golfinhos particulares. É possível que conheça cada recanto do oceano onde tenha estado. Mas ainda que eles mostrem um comportamento um pouco sofisticado, os golfinhos não se aproximam ao nosso, pelo qual cabe conjeturar que o seu córtex tem uma influência menos dominante sobre ele. A questão é que o córtex evoluiu primordialmente para proporcionar uma memória do mundo. Um animal com um córtex grande poderia perceber o mundo como você e eu. Mas os seres humanos são únicos quanto ao papel dominante e avançado que

desempenha este no nosso comportamento. Por isso temos uma linguagem complexa e ferramentas refinadas, enquanto outros animais não; por isso podemos escrever novelas, navegar pela Internet, enviar sondas a Marte e construir navios de cruzeiro.

Agora podemos ver o quadro como um todo. A Natureza criou primeiro animais como os répteis com sentidos sofisticados e comportamentos complexos, mas relativamente rígidos. Depois descobriu que, acrescentando um sistema de memória e lhe introduzindo o fluxo sensorial, o animal podia recordar experiências passadas. Quando o animal se encontrava numa situação igual ou parecida, a memória era recordada e estabelecia-se uma predição do que era provável que acontecesse a seguir. Deste modo, a inteligência e o entendimento começaram como um sistema de memória que introduzia predições no fluxo sensorial. Estas predições são a essência do entendimento. Conhecer algo significa que você pode realizar predições a respeito.

O córtex evoluiu em duas direções. Primeiro fez-se maior e mais complexo nos tipos de memória que ele podia armazenar; ele era capaz de recordar mais coisas e realizar predições baseadas em relações mais complexas. Em segundo lugar, ele começou a interagir com o sistema motor do cérebro velho. Para predizer o que se ia escutar, ver e sentir a seguir ele precisava saber que ações estavam a ser levadas a cabo. No caso dos humanos, o córtex tem assumido a maior parte do nosso comportamento motor. Em vez de limitar-se a realizar predições baseadas no comportamento do cérebro velho, o neocórtex humano dirige o comportamento para satisfazer as suas predições.

O córtex humano é particularmente grande e, portanto, tem uma vasta capacidade de memória. Ele está a predizer de modo constante o que você verá, ouvirá e sentirá, ainda que na maioria das vezes não tenhamos consciência disso. Estas predições representam os nossos pensamentos e, ao interagirem com as entradas sensoriais, dão origem às nossas perceções. A esta visão do cérebro chamo-a de Modelo de Memória-Predição da inteligência.

Se o quarto chinês de Searle contivesse um sistema de memória similar que pudesse realizar predições sobre que caracteres chineses apareceriam a seguir e o que aconteceria depois na história, estaríamos em situação de garantir que a sala entendia chinês e compreendia a história. Agora podemos ver que Alan Turing estava equivocado. A predição, e não o comportamento, é a prova da inteligência.

Já estamos preparados para aprofundar nos detalhes desta nova ideia sobre o modelo de memória-predição do cérebro. Para realizar predições sobre acontecimentos futuros, o nosso neocórtex tem que armazenar sequências de padrões. Para recordar as memórias apropriadas ele tem que recuperar padrões pela sua semelhança a padrões passados (lembrança autoassociativa). E, por último, as memórias têm de guardar numa forma invariável a fim de que o conhecimento de acontecimentos passados seja aplicável a novas situações que são similares, mas não idênticas ao passado. Como o córtex realiza estas tarefas, além da exploração mais completa da sua hierarquia, constituem o tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO 6

COMO FUNCIONA O CÓRTEX

Tentar imaginar como funciona o cérebro é como resolver um quebra-cabeça gigantesco. Pode-se abordar de dois modos diferentes. Se se utiliza a proposta de "acima-abaixo", começa-se com a imagem que deve apresentar o quebra-cabeça resolvido, empregando-a para decidir que peças devem ser ignoradas e que peças devem ser procuradas. Na outra proposta, de "abaixo-acima", foca-se cada uma das peças por elas mesmas. Estudam-se as suas características inusuais e busca-se como encaixar as mesmas com outras peças. Se não se conta com uma ilustração da solução do quebra-cabeça, o método de "abaixo-acima" é, às vezes, o único modo de proceder.

O quebra-cabeça de "compreender o cérebro" é particularmente intimidante. Ao carecer de um bom modelo para entender a inteligência, os cientistas viram-se obrigados a recorrer à proposta de "abaixo-acima". Mas a tarefa é hercúlea, ou até impossível, com um quebra-cabeça tão complexo como o cérebro. Para se ter uma ideia da dificuldade, imagine um quebra-cabeça com vários milhares de peças. Muitas podem interpretar-se de múltiplos modos, como se cada uma tivesse uma imagem em ambas as caras, mas só uma fosse a correta. As peças mal apresentam formas, de modo que não se pode estar seguro se duas peças se encaixam ou não. Muitas delas não se utilizarão na solução definitiva, mas não se sabe quais ou quantas. A cada mês chegam novas peças por correio. Algumas substituem as antigas, como se o criador do quebra-cabeça dissesse: "Sei que tens estado a trabalhar há alguns dias com estas peças velhas, mas não têm estado a resultar. Lamento imenso. Utilize estas novas no lugar daquelas, até futuro aviso". Infelizmente, não se tem ideia de qual será o resultado final; e o que é pior, talvez se conte com algumas ideias, porém erróneas.

Esta analogia do quebra-cabeça é uma boa descrição da dificuldade que enfrentamos ao criar uma nova teoria do córtex e da inteligência. As peças do quebra-cabeça são os dados biológicos e comportamentais que os cientistas têm reunido durante mais de cem anos. A cada mês publicam-se novos artigos, que criam peças de quebra-cabeça adicionais. Às vezes os dados de um cientista contradizem os de outro. Como os ditos

dados podem ser interpretados de diferentes maneiras, existe desacordo sobre quase tudo. Sem uma estrutura de acima-abaixo não há consenso sobre o que procuramos, o que é mais importante ou como interpretar as montanhas de informação que se acumularam. O nosso entendimento do cérebro ficou preso na proposta de abaixo-acima. O que precisamos é de um modelo de acima-abaixo.

O modelo de memória-predição pode desempenhar esse papel. Pode mostrar-nos como começar a encaixar as peças do quebra-cabeça. Para realizar predições, o córtex precisa de um modo de memorizar e guardar o conhecimento sobre sequências de acontecimentos. Para efetuar predições sobre acontecimentos novos, o córtex deve formar representações invariáveis. O nosso cérebro precisa criar e armazenar um modelo do mundo tal como é, independente de como o vemos em circunstâncias variáveis. Saber o que o córtex deve fazer guia-nos para compreender a sua arquitetura, sobretudo o seu projeto hierárquico e formato de seis camadas.

À medida que vamos explorando este novo modelo, apresentado neste livro pela primeira vez, entrarei em um nível de detalhe que pode acabar por ser um desafio para alguns leitores. Muitos dos conceitos que estão a ponto de tomar conhecimento são pouco conhecidos inclusive para os experts em neurociência. Mas com um pouco de esforço acho que qualquer pessoa pode entender os fundamentos desta nova estrutura. Os capítulos 7 e 8 são muito menos técnicos e exploram as repercussões mais amplas da teoria.

A nossa viagem para resolver o quebra-cabeça pode passar agora por procurar os detalhes biológicos que respaldam a hipótese da memória-predição; seria como conseguir separar uma grande percentagem das peças do quebra-cabeça, sabendo que, as relativamente poucas peças restantes, vão revelar a solução definitiva. Uma vez que saibamos o que procurar, a tarefa torna-se manejável.

Ao mesmo tempo, quero sublinhar que este novo modelo está incompleto. Há muitas coisas que ainda não compreendemos, mas há muitas outras que sim, baseando-nos no raciocínio dedutivo, em experimentos realizados em muitos laboratórios diferentes, e na anatomia conhecida. Nos últimos cinco a dez anos, os pesquisadores de muitas subespecialidades da neurociência têm vindo a explorar ideias similares à minha, embora empreguem uma terminologia diferente e não têm tratado, até onde sei, de colocar estas ideias numa estrutura abrangedora.

Eles falam de processamento de acima-abaixo e abaixo-acima, de como os padrões se propagam pelas regiões sensoriais do cérebro e de como as representações invariáveis podem ser importantes. Por exemplo, os neurocientistas Caltech Gabriel Kreiman e Christof Koch, junto com o neurocirurgião Itzhak Fried, têm descoberto células que se estimulam sempre que uma pessoa vê uma foto de Bill Clinton. Uma das minhas metas é explicar como essas células do ex-presidente ganham vida. Certamente, todas as teorias precisam fazer predições que devem ser provadas em laboratório. Sugiro várias das ditas predições no apêndice. Agora que sabemos o que temos que procurar, este sistema não parecerá mais tão complexo.

Nas próximas secções deste capítulo iremos aprofundar no funcionamento do modelo de memória-predição. Começaremos com a estrutura e função em grande escala do neocórtex e avançaremos no entendimento das peças menores e como se encaixam no quadro geral.

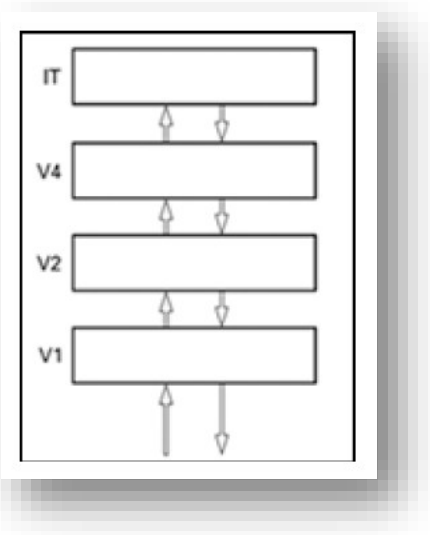

Figura 6.1 – As quatro primeiras regiões visuais no reconhecimento de objetos.

Representações Invariáveis

Já apresentei a imagem do córtex como uma lâmina de células do tamanho de um guardanapo grande e da espessura de seis cartões de visita, na qual as conexões entre as diversas regiões outorgam ao todo uma estrutura hierárquica. Agora quero projetar outro quadro do córtex que destaque a sua conetividade hierárquica. Imaginemos que cortamos

o guardanapo em regiões funcionais diferentes — secções do córtex que se especializam em certas tarefas — e amontoamos as ditas regiões umas em cima das outras como se fossem panquecas. Se cortarmos esse monte e o vermos de lado, obteremos a figura 6.1. Preste atenção, o córtex não tem essa aparência na realidade, mas a imagem ajudar-nos-á a visualizar como flui a informação. Estou a mostrar, na figura 6.1, quatro regiões corticais nas quais a entrada sensorial entra por abaixo, na região inferior, e flui para acima, de uma região a outra. Temos de ter em conta que a informação flui em ambos os sentidos.

A figura 6.1 representa as quatro primeiras regiões visuais que participam no reconhecimento de objetos: a maneira como se consegue ver e reconhecer um gato, uma catedral, a sua mãe, a Grande Muralha da China, o seu nome. Os biólogos chamam-nas de V1, V2, V4 e IT. A entrada visual representada pela seta inferior da figura origina-se nas retinas de ambos olhos e é transmitida a V1. Esta entrada pode conceber-se como os padrões em mudança constante transportados por aproximadamente um milhão de axónios que se unem para formar o nervo óptico.

Já falámos dos padrões espaciais e temporais, mas vale a pena refrescar a memória porque irei referir-me a eles com frequência. Recordemos que o córtex é uma grande lâmina de tecido que contém áreas funcionais especializadas em determinadas tarefas. Estas regiões estão ligadas mediante grandes feixes de axónios ou fibras que transferem informação de uma região para outra, tudo ao mesmo tempo. Em qualquer momento, um conjunto de fibras estimula impulsos elétricos, chamados potenciais de ação, enquanto outros permanecem quietos. A atividade coletiva num feixe de fibras é o que se entende por padrão. O padrão que chega a V1 pode ser espacial, como quando os nossos olhos se fixam por um instante em um objeto, e temporal, como quando os nossos olhos se movem através do objeto.

Como já mencionei, umas três vezes por segundo os nossos olhos efetuam um movimento rápido, chamado de sacada ocular, e uma parada, chamada de fixação. Se um cientista lhe equipasse com um aparelho que seguisse os movimentos oculares, você ficaria surpreso ao descobrir o quão entrecortadas são as suas sacadas oculares, devido ao facto de você experimentar a sua visão como se fosse contínua e estável. A figura 6.2a mostra como se moviam os olhos de uma pessoa enquanto esta olhava um rosto. Note que as fixações não são aleatórias. Agora imaginemos que podemos ver o padrão de atividade que chega a V1 desde os olhos dessa

pessoa. Ele muda por completo a cada sacada ocular. Várias vezes por segundo o córtex visual vê um padrão completamente novo.

Caberia pensar: "Bem, mas continua a ser o mesmo rosto, só que mudado". É verdade até certo ponto, mas não tanto como se pensa. Os recetores de luz da nossa retina estão distribuídos de forma irregular. Concentram-se densamente no centro, chamado de fóvea, e vão se distribuindo pouco a pouco na periferia. O resultado é que a imagem retinal transmitida à área visual primária, V1, está muito distorcida. Quando os nossos olhos se fixam no nariz de um rosto ao invés de um olho do mesmo rosto, a entrada visual é muito diferente, como se estivesse a contemplar através de uma lente de olho de peixe distorcida que muda bruscamente de um lado para outro. Não obstante, quando vemos o rosto, não parece distorcido, nem parece também que esteja a dar saltos. A maior parte do tempo nem sequer temos consciência de que o padrão da retina mudou, que dizer de forma tão dramática. Limitamo-nos a ver um "rosto". (A figura 6.2b mostra este efeito na visão de uma paisagem de praia.) É uma repetição do mistério da representação invariável da qual falámos no capítulo 4 sobre a memória. O que "percebemos" não é o que V1 vê. Como sabe o nosso cérebro que está a olhar o mesmo rosto e por que não nos damos conta de que as entradas estão a mudar e distorcidas?

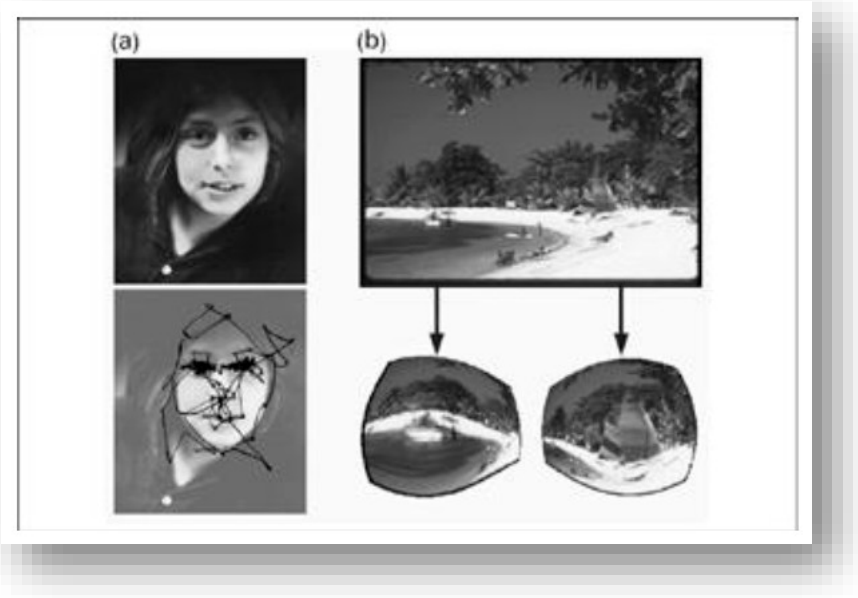

Fig. 6.2a – Como o olho efetua sacadas oculares num rosto humano.

Fig. 6.2b – Distorção causada pela distribuição irregular de recetores na retina.

Se colocarmos uma sonda em V1 e observarmos como respondem as células individuais, descobrimos que uma determinada célula só se estimula em resposta à entrada visual de uma diminuta parte da nossa retina. Este experimento realizou-se muitas vezes e é um dos suportes principais das pesquisas sobre a visão. Cada neurónio de V1 tem um, assim chamado, campo recetivo que é muito específico para uma parte diminuta do nosso campo de visão total, isto é, o mundo completo que há diante dos nossos olhos. As células de V1 parecem carecer de todo o conhecimento sobre rostos, carros, livros ou outros objetos significativos que vemos continuamente; não "conhecem" mais do que uma diminuta porção, do tamanho da ponta de um alfinete, do mundo visual.

Cada célula de V1 também está adaptada para tipos específicos de padrões de entrada. Por exemplo, uma célula particular poderia estimular-se muito quando visse uma linha ou uma borda inclinada a trinta graus dentro do seu campo recetivo. Essa borda tem pouco significado em si mesmo; poderia fazer parte de qualquer objeto, uma tábua de assoalho, o tronco de uma palmeira distante, a lateral de uma letra M, ou quaisquer outras possibilidades aparentemente infinitas. Com cada nova fixação, o campo recetivo da célula vai deter-se em uma porção nova e completamente diferente do espaço visual. Em algumas fixações a célula se estimulará; em outras se estimulará pouco ou não se estimulará. Portanto, cada vez que realizamos uma sacada ocular, é possível que muitas células de V1 mudem de atividade.

No entanto, algo mágico acontece se for colocada uma sonda na região superior que se mostra na figura 6.1, a região IT. Ali encontramos algumas células que se ativam e permanecem estimuladas quando aparecem objetos inteiros no campo visual. Por exemplo, poderíamos encontrar uma célula que se ativa com força sempre que é visível um rosto. Esta célula permanece ativa durante o tempo em que os nossos olhos olham um rosto em qualquer lugar do nosso campo de visão. Não se ativa e desativa com cada sacada ocular, como as células de V1. O campo recetivo desta célula de IT cobre o total do espaço visual e entra em atividade quando vê rostos.

Reconstruamos o mistério. No curso de abranger quatro estágios corticais da retina à IT, as células deixam de se dedicar ao reconhecimento de características diminutas que mudam rapidamente e apresentam uma

especificidade espacial e passam a especializar-se no reconhecimento de objetos, estimulando-se de forma contínua e carecendo de especificidade espacial. A célula IT indica-nos que estamos a ver um rosto em qualquer lugar do nosso campo de visão. Esta célula, comumente chamada de célula de rosto, estimular-se-á não importando se o dito rosto estiver inclinado, rotacionado ou parcialmente tapado. Faz parte de uma representação invariável de rosto".

Estas palavras escritas fazem com que isto pareça muito simples. Quatro rápidas etapas e voilà, reconhecemos um rosto. Nenhum programa de computador ou fórmula matemática conseguiu resolver este problema com nada que se aproxime à solidez e generalidade de um cérebro humano. Não obstante, sabemos que este o resolve em alguns passos, de modo que a resposta não pode ser tão difícil. Uma das metas primordiais deste capítulo é explicar como surge uma célula de rosto, seja o de Bill Clinton ou outro. Chegaremos a isso, mas antes devemos atender a muitos outros aspetos.

Vamos dar outra olhada à figura 6.1. Podemos ver que a informação também flui das regiões inferiores às superiores por uma rede de conexões de realimentação. Trata-se de feixes de axónios que vão das regiões superiores como IT a regiões inferiores como V4, V2 e V1. Além disso, no córtex visual existem as mesmas conexões de realimentação — se não mais — que de alimentação.

Durante muitos anos, a maioria dos cientistas ignoraram estas conexões de realimentação. Se o entendimento deles do cérebro centrava-se em como o córtex aceitava as entradas, as processava e depois atuava em consequência, não precisavam de realimentação. Não era preciso mais do que conexões de alimentação que conduzissem das secções sensoriais às motoras do córtex. Mas quando começamos a dar-nos conta de que a função central desta é realizar predições, temos que incorporar a realimentação ao modelo; o cérebro tem de enviar informação que reflua à região que recebe primeiro as entradas. A predição requer estabelecer uma comparação entre o que acontece e o que se espera que aconteça. O que acontece na realidade flui para acima e o que se espera que aconteça flui para abaixo.

O mesmo processo de alimentação e realimentação ocorre em todas as áreas do córtex, abrangendo todos os nossos sentidos. A figura 6.3 mostra o nosso monte de panquecas visual junto aos montes similares para a audição e o tato. Também apresenta algumas regiões corticais

superiores, às vezes chamadas de áreas de associação, que recebem e integram entradas de vários sentidos diferentes, como a audição, o tato e a visão. Enquanto a figura 6.1 baseia-se na conetividade conhecida entre quatro regiões bem estudadas do córtex, a figura 6.3 não é mais do que um diagrama conceitual que não pretende captar as regiões corticais reais. Num cérebro humano há dezenas de regiões corticais interconetadas de todo o tipo de modos. De facto, a maior parte do córtex humano está composta por áreas de associação. A caracterização caricaturada que se mostra nesta e nas próximas figuras pretende ajudar-lhe a compreender o que acontece sem se confundir em nenhum aspeto importante.

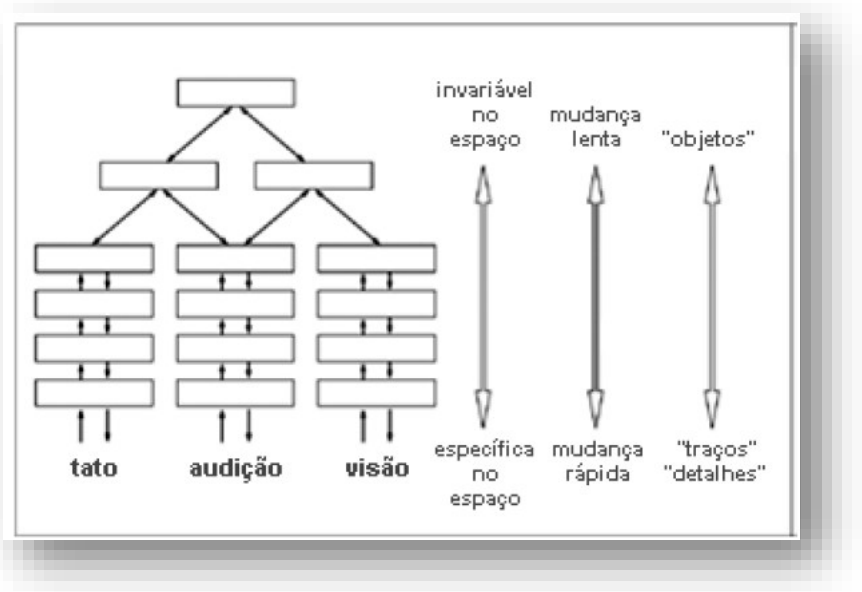

Fig. 6.3 – Formação de representações invariáveis na audição, visão e tato.

A transformação — de mudança rápida a lenta e de específica no espaço a invariável no espaço — está bem documentada para a visão. E ainda que exista um volume de provas menor para demonstrar isto, muitos neurocientistas acham que se descobrirá que o mesmo ocorre em todas as áreas sensoriais do córtex, não só na visão.

Tomemos a audição. Quando alguém lhe fala, as mudanças na pressão do som ocorrem com muita rapidez; os padrões que entram na área auditiva primária, chamada A1, também mudam igualmente rápido. No entanto, se conseguíssemos introduzir uma sonda mais acima no fluxo auditivo, poderíamos encontrar células invariáveis que respondem a palavras ou inclusive, em alguns casos, a expressões. Talvez o nosso córtex auditivo possua um grupo de células que se estimulem quando escutamos "obrigado" e outro grupo quando escutamos a expressão "bom

dia". Estas células permaneceriam ativas enquanto durasse um enunciado, supondo que o reconheçamos.

Os padrões recebidos pela primeira área auditiva podem variar muito. Uma palavra pode ser dita com diferentes sotaques, em diferentes tons ou em velocidades diversas. Porém, mais acima, no córtex, essas características de baixo nível não importam; uma palavra é uma palavra independentemente dos detalhes acústicos. O mesmo cabe aplicar à música. Pode-se escutar *Três Ratos Cegos* tocada ao piano, no clarinete ou cantada por uma criança, e a região A1 recebe um padrão completamente diferente em cada caso. Mas uma sonda colocada numa região auditiva superior deveria encontrar células que se estimulassem de forma constante a cada vez que se tocasse *Três Ratos Cegos* independentemente do instrumento utilizado, compasso ou outros detalhes. Este experimento particular não se realizou, certamente, já que é muito agressivo para os seres humanos, mas se for aceito que deve existir um algoritmo cortical comum, pode-se presumir que as ditas células existem. Vemos o mesmo tipo de realimentação, predição e lembrança invariável no córtex auditivo que observamos no sistema visual.

Por último, o tato tem que se comportar da mesma maneira. Novamente, não se realizaram os experimentos definitivos, ainda que se esteja a pesquisar com macacos em máquinas de imagens cerebrais de alta resolução. Enquanto estou sentado a escrever, sustento uma caneta na mão. Toco a tampa e os meus dedos acariciam o seu gancho de metal. Os padrões que entram no meu córtex somatossensorial desde os sensores de tato da minha pele mudam com rapidez à medida que os meus dedos se movem, porém percebo uma caneta constante. Em um dado momento poderia flexionar o gancho de metal com os dedos e em seguida fazer isto com dedos diferentes ou inclusive com os lábios. São entradas muito diferentes que chegam a localizações diferentes do córtex somatossensorial. No entanto, a nossa sonda voltaria a encontrar células em regiões separadas a vários passos da entrada primária que respondem de forma invariável à "caneta". Permaneceriam ativas enquanto eu acariciasse a caneta e não se importariam com que dedos ou partes do meu corpo eu empregasse para tocá-la.

Pensemos nisto. Com a audição e o tato não se pode reconhecer um objeto com uma entrada momentânea. O padrão proveniente dos ouvidos ou os sensores de tato da pele não contém informação suficiente em nenhum ponto do tempo para indicar o que se está a escutar ou sentir.

Quando percebemos uma série de padrões auditivos como uma melodia, uma palavra falada ou uma batida de porta, e quando percebemos um objeto tátil como uma caneta, o único modo de o fazer é empregar o fluxo de entrada ao longo do tempo. Não podemos reconhecer uma melodia escutando uma nota, nem o tato de uma caneta com um único toque. Portanto, a atividade neural correspondente à perceção mental dos objetos, como as palavras faladas, deve durar mais no tempo que os padrões de entrada individuais. Este não é mais do que outro modo de chegar à mesma conclusão: quanto mais se sobe no córtex, menos mudanças devem ser vistas ao longo do tempo.

A visão também é um fluxo de entradas baseado no tempo e funciona do mesmo modo geral que a audição e o tato, mas como temos a faculdade de reconhecer objetos particulares com uma única fixação, o quadro fica confuso. Efetivamente, esta capacidade de reconhecer padrões espaciais durante uma breve fixação tem desorientado durante muitos anos os pesquisadores que trabalham na visão das máquinas e dos animais. Em geral, eles têm passado por alto a natureza crucial do tempo. Ainda que em condições de laboratório se possa fazer com que os seres humanos reconheçam objetos sem mover os olhos, isso não é a norma. A visão normal, como a sua ao ler este livro, requer um movimento ocular constante.

Integração dos Sentidos

E o que acontece com as áreas de associação? Até agora vimos o subir e descer dos fluxos de informação numa área sensorial particular do córtex. O fluxo descendente completa a entrada em curso e realiza predições sobre o que se experimentará a seguir. Ocorre o mesmo processo entre os sentidos — isto é, entre a visão, a audição, o tato e muitos outros —. Por exemplo, algo que escuto pode levar a uma predição do que devo ver ou sentir. Agora estou a escrever no meu quarto. A nossa gata *Keo* tem um colar que chocalha quando caminha. Escuto o seu chocalhar aproximar desde o corredor. Por esta entrada auditiva reconheço a minha gata; viro a cabeça para o corredor e aparece *Keo*. Espero vê-la baseado no som. Se ela não entra, ou aparece outro animal, eu ficaria surpreso. Neste exemplo, uma entrada auditiva criou primeiro um reconhecimento auditivo da *Keo*. A informação fluiu para acima na hierarquia auditiva até uma área de associação que liga a visão com a

audição. Então a representação voltou a fluir para baixo nas hierarquias auditiva e visual, conduzindo a predições auditivas e visuais. A figura 6.4 ilustra isto.

Este tipo de predição multissensorial ocorre continuamente. Torço para fora o gancho da minha caneta, sinto como ele se solta dos meus dedos e espero escutar um estalo quando ele golpeia o canhão da tampa. Se não escutasse o estalo após soltar o gancho, eu ficaria surpreso. O meu cérebro prediz com precisão quando escutarei o som e como será. Para que ocorra esta predição, a informação terá de fluir para cima pelo córtex somatossensorial e depois para baixo pelo córtex somatossensorial e auditivo, levando à predição de que escutaria e sentiria um estalo.

Outro exemplo: vou de bicicleta para o trabalho vários dias por semana. Nessas manhãs entro na garagem, apanho a bicicleta, dou-lhe a volta e saio empurrando-a até à porta. No processo recebo muitas entradas visuais, táteis e auditivas. A bicicleta golpeia o batente da porta, a corrente matraqueia, um pedal encosta na minha perna e a roda gira quando fricciona o solo. No processo de transportar a bicicleta para fora da garagem, o meu cérebro percebe uma enxurrada de sensações de visão, audição e tato. Cada fluxo de entrada realiza predições para as demais de um modo tão coordenado que surpreende. As coisas que vejo conduzem a predições precisas sobre as coisas que sinto e escuto, e vice-versa. Ver como a bicicleta golpeia o batente da porta faz com que eu espere escutar um som particular e sentir ela a saltar para cima. Sentir que o pedal encosta na minha perna incita-me a olhar para baixo e predizer que verei o pedal justo onde o sinto. As predições são tão precisas que me daria conta se alguma destas entradas estivesse levemente descoordenada ou não fosse usual. A informação flui de modo simultâneo para cima e para baixo das hierarquias sensoriais para criar uma experiência sensorial unificada que envolve predição em todos os sentidos.

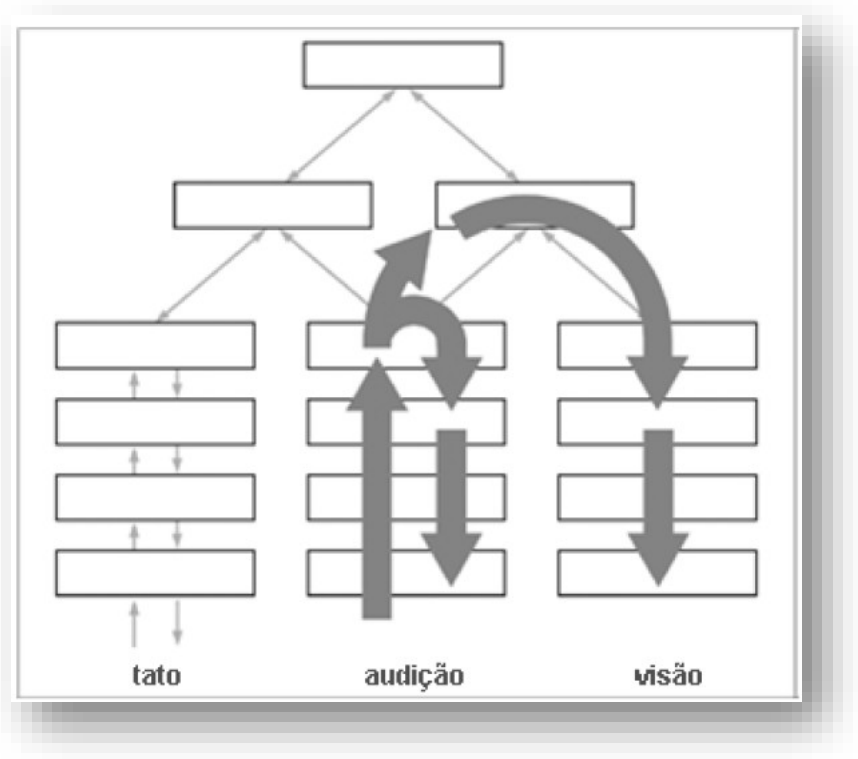

Fig. 6.4 – A informação flui para cima e para baixo nas hierarquias sensoriais para formar predições e criar uma experiência sensorial unificada.

Tente este experimento. Deixe de ler e faça algo, uma atividade que envolva mover o corpo e manipular um objeto. Por exemplo, vá à pia e abra a torneira. Agora, enquanto o faz, tente perceber todo o som, sensação de tato e entradas visuais mutáveis. Terá que se concentrar. Cada ação está intimamente unida com visões, audições e sensações de tato. Levante ou gire a alavanca da torneira: o seu cérebro espera sentir pressão sobre a pele e resistência nos músculos. Você espera ver e sentir mover-se a alavanca, e ver e escutar a água. Quando a água cai na pia, você espera escutar um som diferente e ver e sentir o respingo.

Todas as pisadas produzem um som que você sempre antecipa, tendo consciência disso ou não. Inclusive o simples ato de segurar este livro leva a muitas predições sensoriais. Imagine que sentisse e escutasse o livro a fechar-se, mas visualmente ele permanecesse aberto. Você ficaria surpreso e confuso. Como vimos no caso da porta modificada no experimento apresentado no capítulo 5, fazemos predições constantes do mundo coordenadas com todos os sentidos. Quando me concentro em todas as pequenas sensações, assombra-me o quão plenamente integradas estão as nossas predições percetivas. Ainda que estas perceções possam parecer simples ou triviais, não há por que esquecer o

seu caráter omnipresente e que só podem ocorrer mediante a coordenação dos padrões que fluem em ambos sentidos da hierarquia cortical.

Uma vez que se compreende a grande interconexão dos sentidos, chega-se à conclusão de que o neocórtex por inteiro, e todas as áreas sensoriais e de associação, atuam como um só sistema. Sim, temos um córtex visual, mas não é mais do que um componente de um sistema sensorial único e abrangente: visões, audições, tatos e tudo o demais combinado a fluir para cima e para baixo de uma única hierarquia com múltiplos ramos.

Mais uma questão: todas as predições são aprendidas pela experiência. Esperamos que os ganchos das canetas façam determinados sons no presente e no futuro porque os fizeram no passado. As bicicletas que se golpeiam nas garagens são vistas, sentidas e ouvidas de modos predizíveis. Não nascemos com nenhum destes conhecimentos; foram aprendidos graças à grandíssima capacidade do nosso córtex para recordar padrões. Se há padrões constantes entre as entradas que fluem para os nossos cérebros, o nosso córtex usá-los-á para predizer acontecimentos futuros.

Ainda que as figuras 6.3 e 6.4 não representem o córtex motor, podemos imaginá-lo como outro conjunto hierárquico de "panquecas", semelhante ao córtex sensorial, conetado aos sistemas sensoriais pelas áreas de associação (e possivelmente com conexões mais estreitas com o córtex somatossensorial para executar movimentos corporais). O córtex motor, portanto, partilha um funcionamento similar ao de uma região sensorial. Quando uma entrada chega a uma área sensorial, ela pode seguir dois fluxos principais:

1. **Primeiro caso:** a entrada sensorial pode ser processada e enviada para outras áreas sensoriais, como as secções auditiva e tátil, criando padrões interpretados como **perceções** interligadas.

2. **Segundo caso:** esse mesmo padrão sensorial pode fluir para o córtex motor, resultando numa resposta motora. Nesse contexto, as ordens que fluem para o córtex motor são interpretadas como **comportamentos** ou comandos motores.

Como assinalou Mountcastle, o córtex motor parece-se com o córtex sensorial. Portanto, a sua forma de processar predições sensoriais que

fluem para baixo é similar ao seu modo de processar ordens motoras que fluem no mesmo sentido.

Bem depressa perceberemos que não existem áreas puramente sensoriais ou motoras no córtex, pois os padrões sensoriais circulam por todas as partes. Esses padrões podem então descer novamente por uma área da hierarquia, resultando em predições ou comportamentos motores. Apesar de o córtex motor ter algumas características únicas, ele pode ser visto como parte de um grande sistema hierárquico de memória-predição. É como se fosse outro sentido. Ver, ouvir, tocar e agir estão profundamente interligados.

Uma Nova Visão de V1

O próximo passo para desvendar a arquitetura do córtex requer que olhemos todas as regiões corticais de uma nova maneira. Sabemos que as regiões superiores da hierarquia cortical formam representações invariáveis, mas por que esta importante função só ocorre no topo? Tendo em mente a noção de simetria de Mountcastle, comecei a explorar os modos diferentes nas quais as regiões corticais poderiam estar ligadas.

A figura 6.1 descreve as quatro regiões clássicas da rota visual, V1, V2, V4 e IT, com V1 na base do conjunto, V2 e V4 acima, e IT no topo. Costuma-se considerar e mostrar cada região como se fosse única e contínua. Portanto, supõe-se que todas as células de V1 fazem coisas similares, ainda que com diferentes partes do campo visual. Todas as células de V2 efetuam o mesmo tipo de tarefas. Todas as células de V4 possuem uma especialização semelhante.

Nesta proposta tradicional, quando a imagem de um rosto entra na região de V1, as células que estão nela criam um esboço tosco dele servindo-se de simples segmentos de linha e outras características elementares. O esboço é enviado a V2, onde a imagem recebe uma análise um pouco mais sofisticada das características faciais, que a seguir é enviada a V4, e assim sucessivamente. A invariância e o reconhecimento do rosto só são obtidos quando a entrada chega ao topo, IT.

Infelizmente, esta proposta uniforme das primeiras regiões corticais como V1, V2 e V4 apresenta alguns problemas. Mais uma vez, por que só

devem aparecer representações invariáveis em IT? Se todas as regiões do córtex realizam a mesma função, por que IT tem de ser especial?

Em segundo lugar, o rosto pode aparecer no lado esquerdo ou direito do nosso V1 e, ainda assim, o reconheceríamos. Mas os experimentos mostram com clareza que as partes não adjacentes de V1 não estão diretamente ligadas; o lado esquerdo de V1 não pode saber de forma direta que está a ver o lado direito. Voltemos um pouco para pensar sobre isso. Sem dúvida, as diferentes partes de V1 estão a fazer algo similar, já que todas podem participar no reconhecimento de um rosto, mas ao mesmo tempo são fisicamente independentes. As sub-regiões ou grupos de V1 estão desligadas a partir do ponto de vista físico, mas fazem o mesmo.

Por último, os experimentos mostram que todas as regiões superiores do córtex recebem entradas convergentes de duas ou mais regiões sensoriais de baixo (figura 6.3). Nos cérebros reais uma dúzia de regiões podem convergir numa área de associação. Mas nas representações tradicionais as regiões sensoriais inferiores como V1, V2 e V4 parecem ter um tipo diferente de conetividade. Parece como se cada uma não tivesse mais do que uma única fonte de entradas — só uma seta flui para cima desde o fundo — e não há uma convergência clara de entradas desde as diferentes regiões. A V2 obtém as suas entradas de V1, e isso é tudo. Por que algumas regiões corticais recebem entradas convergentes e outras não? Isto também não concorda com a ideia de Mountcastle do algoritmo cortical comum.

Por esta e outras razões, tenho vindo a pensar que V1, V2 e V4 não devem ser consideradas regiões corticais únicas, mas cada qual uma reunião de muitas sub-regiões menores. Voltemos à analogia do guardanapo grande, que constitui uma versão achatada do córtex como um todo. Digamos que fôssemos utilizar uma caneta para marcar todas as regiões funcionais do córtex no nosso guardanapo cortical. A região significativamente maior é V1, a área visual primária. A seguir seria V2. São enormes comparadas com a maioria das regiões. O que sugiro é que V1 deve ser considerada, na verdade, como um conjunto de várias regiões muito pequenas. Em vez de uma grande área do guardanapo, projetaríamos várias áreas pequenas que, juntas, ocupariam a área que costuma atribuir-se a V1. Por outras palavras, V1 está composta por numerosas pequenas áreas corticais separadas que só estão ligadas com as suas vizinhas de forma indireta através de regiões que se encontram acima na hierarquia. A V1 teria um maior número de pequenas sub-

regiões que qualquer área visual. A V2 também estaria composta por sub-regiões, ainda que em menor número e um pouco maiores. O mesmo se aplica a V4. Mas quando chegamos à região superior, IT, nós encontramos realmente uma região ímpar, motivo pelo qual as suas células gozam de uma vista aérea do mundo visual como um todo.

Existe uma agradável simetria. Vamos dar uma olhadela à figura 6.5, que mostra a mesma hierarquia que a figura 6.3, porém, refletindo as hierarquias sensoriais como as acabo de descrever. Note que agora o córtex parece similar em todas as partes. Escolha uma região e encontrará muitas regiões inferiores que proporcionam entradas sensoriais convergentes. A região recetora reenvia projeções às suas regiões de entrada, indicando-lhes que padrões deverão esperar ver a seguir. As áreas de associação superiores unem a informação proveniente de múltiplos sentidos como a visão e o tato. Uma região inferior como V2 une a informação das sub-regiões separadas dentro de V1. Uma região não sabe — nem pode saber — o que significam quaisquer dessas entradas. Uma sub-região de V2 não precisa saber que está a manipular entradas visuais procedentes de múltiplas partes de V1. Uma área de associação não precisa saber que está a manipular entradas da visão e da audição. Em vez disso, a tarefa de qualquer região cortical é descobrir como se relacionam as suas entradas, memorizar a sequência de correlações entre elas e utilizar esta memória para predizer como se comportarão as entradas no futuro. O córtex é o córtex. O mesmo processo ocorre em todas partes: um algoritmo cortical comum.

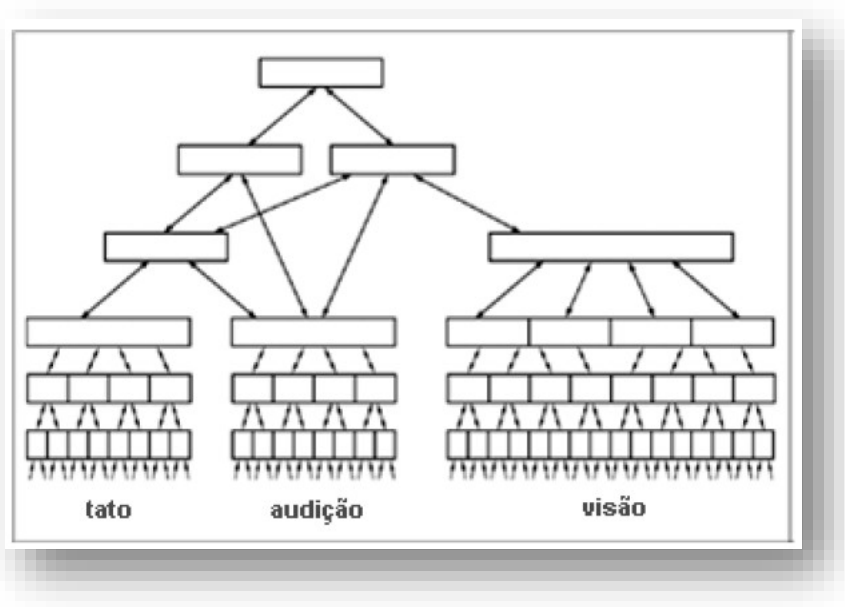

Fig. 6.5 – Proposta alternativa da hierarquia cortical.

Esta nova representação hierárquica ajuda-nos a compreender o processo de criação de representações invariáveis. Observemos com maior detalhe como funciona na visão. No primeiro nível de processamento, o lado esquerdo do espaço visual é diferente do direito, da mesma forma que a audição é diferente da visão. A V1 esquerda e V1 direita formam o mesmo tipo de representações somente por que são expostos a padrões similares na vida. Assim como a audição e a visão, cabe considerá-los como fluxos sensoriais separados que se unem nas camadas superiores.

Da mesma forma, as regiões menores dentro de V2 e V4 são áreas de associação da visão. (As sub-regiões podem sobrepor-se, o que não mudaria em essência a sua forma de funcionar.) Interpretar o córtex visual desta maneira não contradiz nem altera em nada do que conhecemos sobre a sua anatomia. A informação flui para cima e para baixo em todos os ramos da árvore de memória hierárquica. Um padrão do campo visual esquerdo pode levar a uma predição no campo visual direito, da mesma forma que o chocalho da minha gata pode incitar a predição visual de que ela está a entrar no meu quarto.

O resultado mais importante desta nova representação da hierarquia cortical é que agora podemos afirmar que todas e cada uma das regiões corticais formam representações invariáveis. Na proposta antiga não contávamos com representações invariáveis completas — como rostos — até que as entradas atingiam a camada suprema, IT, que vê o mundo visual completo. Agora podemos afirmar que as representações invariáveis são omnipresentes; formam-se em todas as regiões corticais. A invariância não é algo que aparece de forma mágica quando se atingem as regiões superiores do córtex, como IT. Cada região forma representações invariáveis extraídas da área de entrada inferior a partir da perspetiva hierárquica. Assim, as sub-regiões de V4, V2 e IT criam representações invariáveis baseadas no que flui até elas. É provável que só vejam uma parte diminuta do mundo e que o vocabulário de objetos sensoriais que manipulam seja mais básico, mas realizam a mesma tarefa que IT. Além disso, as regiões de associação acima de IT formam representações invariáveis de padrões procedentes de múltiplos sentidos. Deste modo, todas as regiões do córtex formam representações invariáveis do mundo que têm abaixo na hierarquia. É algo maravilhoso.

O nosso quebra-cabeça mudou. Já não temos que nos perguntar como se formam as representações invariáveis em quatro passos de abaixo-acima, mas como se formam em cada uma das regiões corticais, o que

tem muito sentido se nós levarmos a sério a existência de um algoritmo cortical comum. Se uma região armazena sequências de padrões, todas as regiões criam representações invariáveis. A reformulação da hierarquia cortical segundo as linhas mostradas na figura 6.5 possibilita esta interpretação.

Um Modelo do Mundo

Por que o neocórtex está construído como uma hierarquia?

Podemos pensar sobre o mundo, mover-nos através dele e efetuar predições sobre o futuro porque o nosso córtex criou um modelo do mundo. Um dos conceitos mais importantes deste livro é que a sua estrutura hierárquica guarda um modelo da estrutura hierárquica do mundo real. A estrutura aninhada do mundo real reflete-se na estrutura aninhada do nosso córtex.

O que entendo por estrutura aninhada ou hierárquica? Pensemos na música. As notas combinam-se para formar intervalos; os intervalos combinam-se para formar frases melódicas; as frases combinam-se para formar melodias ou canções; as canções combinam-se em álbuns. Pensemos na linguagem escrita. As letras combinam-se para formar sílabas; as sílabas combinam-se para formar palavras; as palavras combinam-se para formar frases e orações. Para abordar de um modo totalmente diferente, pensemos nos nossos bairros. É provável que contenham estradas, colégios e casas. As casas têm divisões. Cada divisão tem paredes, teto, piso, porta e uma ou mais janelas. Cada um desses elementos está composto de objetos menores. As janelas são feitas de vidro, marcos, fechaduras e persianas. As fechaduras compõem-se de peças menores, como os parafusos.

Dediquemos um momento a observar o nosso ambiente. Os padrões da retina que entram no nosso córtex visual primário combinam-se para formar segmentos de linha. Os segmentos de linha combinam-se para criar formas mais complexas. Estas formas mais complexas combinam-se para formar objetos como os narizes. Os narizes combinam-se com os olhos e com as bocas para formar rostos. E os rostos combinam-se com outras partes do corpo para formar a pessoa que está sentada na sala à sua frente.

Todos os objetos do nosso mundo estão compostos por subobjetos que aparecem sempre juntos; essa é a mera definição de objeto. Quando atribuímos um nome a algo, fazemo-lo porque há um conjunto de características que estão constantemente juntas. Um rosto é um rosto porque sempre aparecem juntos dois olhos, um nariz e uma boca. Um olho é um olho porque sempre aparecem juntos uma pupila, uma íris, uma pálpebra e assim por diante. O mesmo cabe afirmar das cadeiras, dos carros, das árvores, dos parques e dos países. E, para finalizar, uma canção é uma canção porque sempre aparecem juntos numa sequência uma série de intervalos.

Deste modo, o mundo é como uma canção. Cada objeto do mundo está composto por uma reunião de objetos menores, e a maioria dos objetos fazem parte de outros maiores. Isto é o que entendo por estrutura aninhada. Uma vez que temos consciência dela, podemos ver uma estrutura aninhada em todas partes. De modo análogo, as nossas lembranças das coisas e a forma como o nosso cérebro as representa ficam guardadas na estrutura hierárquica do córtex. A memória da nossa casa não existe numa região do córtex. Fica guarda numa hierarquia de regiões corticais que reflete a estrutura hierárquica da casa. As relações de grande escala armazenam-se no topo da hierarquia, e as relações de pequena escala, no fundo.

O projeto do córtex e o método pelo qual aprende descobrem de forma natural as relações hierárquicas do mundo. Não nascemos com o conhecimento da linguagem, das casas ou da música. O córtex possui um algoritmo de aprendizagem inteligente que descobre e capta de forma natural qualquer estrutura hierárquica que exista. Quando falta a dita estrutura, caímos na confusão e inclusive no caos.

Num determinado momento, só somos capazes de experimentar um subconjunto do mundo. Só podemos estar numa divisão da nossa casa, olhando numa direção. Devido à hierarquia do córtex, conseguimos saber que estamos em casa, na nossa sala, olhando uma janela, ainda que nesse momento dê a casualidade de que os nossos olhos se tenham fixado no trinco da janela. As regiões superiores do córtex mantêm uma representação da nossa casa, enquanto as inferiores representam as divisões, e outras mais inferiores olham a janela. De modo similar, a hierarquia permite-nos saber que estamos a escutar uma canção e um álbum de música, ainda que num determinado momento só escutemos uma nota, que por si mesma não nos diz quase nada. Permite-nos saber que estamos com a nossa melhor amiga, ainda que os nossos olhos se

tenham fixado momentaneamente na sua mão. As regiões superiores do córtex estão atentas ao quadro geral, enquanto as áreas inferiores ocupam-se dos pequenos detalhes que mudam com rapidez.

Já que só podemos tocar, escutar e ver partes muito pequenas do mundo num determinado momento do tempo, a informação que flui até ao cérebro chega de forma natural como uma sequência de padrões. O córtex quer aprender essas sequências que aparecem uma e outra vez. Em alguns casos, como no caso das melodias, uma sequência de padrões chega numa ordem rígida, ou seja, a ordem dos intervalos. A maioria de nós conhecemos esse tipo de sequência. Mas vou utilizar a palavra "sequência" de um modo mais geral, mais próximo em significado do termo matemático "conjunto". Uma sequência é um conjunto de padrões que costumam acompanhar-se mutuamente, mas nem sempre numa ordem fixa. O importante é que padrões de uma sequência se seguem uns aos outros no tempo, ainda que não seja numa ordem fixa.

Alguns exemplos clarearão este ponto. Quando olho o seu rosto, a sequência de padrões de entrada que vejo não é fixa, pois está determinada pelas minhas sacadas oculares. Num momento eu poderia fixar na ordem "olho, olho, nariz, boca" e logo depois fixar na ordem "boca, olho, nariz, olho". Os componentes de um rosto são uma sequência. Estão relacionados estatisticamente e tendem a aparecer juntos no tempo, ainda que a ordem possa variar. Se percebemos "rosto" enquanto fixamo-nos em "nariz", os próximos padrões prováveis seriam "olho" ou "boca", mas não "caneta" ou "carro".

Cada região do córtex vê um fluxo dos ditos padrões. Se estão relacionados de um modo que permite à região aprender a predizer que padrão aparecerá a seguir, a região cortical formará uma representação persistente ou uma memória para a sequência. Aprender sequências é o requisito básico para formar representações invariáveis dos objetos do mundo real.

A possibilidade de predição é a definição da realidade. Se uma região do córtex descobre que pode se mover com fidelidade e previsão entre estes padrões de entrada utilizando uma série de movimentos físicos (como as sacadas oculares dos olhos ou as caricias dos dedos) e os predizer com precisão à medida que se desdobram no tempo (como os sons que envolvem uma canção ou uma palavra falada), o cérebro interpreta que eles apresentam uma relação causal. A probabilidade de que apareçam numerosos padrões de entrada na mesma relação, uma e

outra vez por pura coincidência, é pequeníssima. Uma sequência predizível de padrões faz parte de um objeto maior que existe realmente. Portanto, a possibilidade de predição confiável é um modo seguro de saber que diferentes acontecimentos do mundo estão unidos fisicamente. Todos os rostos têm olhos, orelhas, boca e nariz. Se o cérebro vê um olho, efetua uma sacada ocular e vê outro olho, efetua mais uma sacada ocular e vê uma boca, ele pode sentir-se seguro de que está a contemplar um rosto.

Se as regiões corticais pudessem falar, talvez dissessem: "Experimento diferentes padrões. Às vezes não sou capaz de predizer que padrão verei a seguir. Mas esses conjuntos de padrões estão relacionados entre si. Sempre aparecem juntos e posso saltar confiantemente entre eles. De modo que sempre que eu ver um desses eventos irei referir-me a eles com um nome comum". É este nome de grupo que vai ser passado às regiões superiores do córtex.

Portanto, cabe afirmar que o cérebro armazena sequências de sequências. Cada região do córtex aprende sequências, desenvolve o que chamo de "nomes" para as sequências que conhece e passa esses nomes às próximas regiões superiores da hierarquia cortical.

Sequências de sequências

À medida que a informação avança para cima desde as regiões sensoriais primárias até aos níveis superiores, vemos cada vez menos mudanças ao longo do tempo. Nas áreas visuais primárias como V1, o conjunto de células ativas muda com rapidez à medida que entram na retina novos padrões várias vezes por segundo. Na área visual IT, os padrões de ativação das células são mais estáveis. O que acontece lá? Cada região do córtex possui um repertório de sequências que conhece, análogo a um repertório de canções. As regiões armazenam essas sequências semelhantes a canções sobre todas e cada uma das coisas: o som das ondas que quebram na praia, o rosto da sua mãe, o caminho da sua casa à loja da esquina, a ortografia da palavra "pipoca", ou como embaralhar as cartas.

De forma similar aos nomes que temos para as canções, cada região cortical possui um nome para cada sequência que conhece. Este "nome" é um grupo de células cuja ativação coletiva representa o conjunto de objetos da sequência. (Não importa por agora como se seleciona esse

grupo de células para representar a sequência; iremos ocupar-nos disso mais adiante.) Estas células permanecem ativas enquanto a sequência é representada, e é o seu "nome" que é passado à próxima região da hierarquia. Enquanto os padrões de entrada fazem parte de uma sequência predizível, a região apresenta um "nome" constante às próximas regiões superiores.

É como se a região estivesse a dizer: "Aqui está o nome da sequência que estou a escutar, ver ou tocar. Você não precisa conhecer as notas, bordas ou texturas individuais. Far-te-ei saber se algo novo imprevisível acontece". Mais em concreto, imaginemos a região IT do topo da hierarquia visual a comunicar-se com uma área de associação abaixo: "Estou a ver um rosto. Sim, com cada sacada ocular os olhos fixam-se em partes diferentes do rosto; estou a ver partes diferentes do rosto em sucessão. Mas continua a ser o mesmo rosto. Comunicar-te-ei quando eu ver algo mais". Deste modo, uma sequência predizível de acontecimentos fica identificada com um "nome", um padrão constante de ativação celular. Isto ocorre uma e outra vez enquanto ascendemos na pirâmide hierárquica. Uma região poderia reconhecer uma sequência de sons que compreende fonemas (os sons que constituem as palavras) e passar um padrão que representa o fonema à próxima região superior. Esta reconhece a sequência de fonemas para criar palavras. A próxima região superior reconhece sequências de palavras para criar orações, e assim sucessivamente. Não se deve esquecer que uma "sequência" nas regiões mais baixas do córtex pode ser muito simples, como uma borda visual que se move pelo espaço. Ao desintegrar sequências predizíveis em objetos com "nome" em cada região da nossa hierarquia, conseguimos, a cada vez, maior estabilidade à medida que ascendemos, e assim se criam as representações invariáveis.

Acontece o efeito contrário quando um padrão desce na hierarquia: os padrões estáveis "desdobram-se" em sequências. Suponhamos que memorizamos o Discurso de Gettysburg quando estávamos na sétima série e agora queremos recitá-lo. Numa região de linguagem superior do nosso córtex existe um padrão guardado que representa o famoso discurso oficial de Lincoln. Primeiro este padrão desdobra-se em uma memória da sequência das orações. Na próxima região inferior, cada frase desdobra-se numa memória da sequência das palavras. Neste ponto, o padrão despregado divide-se e viaja para baixo tanto à secção auditiva como à secção motora do córtex. Seguindo a rota motora, cada palavra desdobra-se numa sequência memorizada de fonemas. E na região final

inferior, cada fonema desdobra-se numa sequência de ordens musculares para criar os sons. Quanto mais abaixo olharmos na hierarquia, com maior rapidez mudarão os padrões. Um padrão único e constante do topo da hierarquia motora acaba por levar a uma sequência complexa e prolongada de sons da fala.

A invariância também funciona a nosso favor quando esta informação desce na hierarquia. Se queremos digitar o Discurso de Gettysburg em vez de pronunciá-lo, começamos com o mesmo padrão no topo da hierarquia. O padrão desdobra-se em orações na região abaixo. As orações desdobram-se em palavras na região inferior. Até agora não há diferença entre pronunciar e digitar o discurso. Mas no próximo nível inferior o nosso córtex motor toma uma rota diferente. As palavras desdobram-se em letras, e estas, em ordens musculares aos nossos dedos para que digitem: "Há oitenta e sete anos, os nossos pais fundaram...". As memórias das palavras são manipuladas como representações invariáveis; não importa se vamos pronunciá-las, digitá-las ou as escrevê-las à mão. Note que não temos que memorizar o discurso duas vezes, uma para o pronunciar e outra para o escrever. Uma única memória pode adotar várias formas de comportamento. Em qualquer região, um padrão invariável pode bifurcar-se e seguir uma rota descendente diferente.

Numa mostra complementar de eficiência, as representações de objetos simples no fundo da hierarquia podem voltar a ser utilizadas uma ou outra vez para sequências diferentes de nível superior. Por exemplo, não temos que aprender um conjunto de palavras para o Discurso de Gettysburg e outro completamente diferente para "Eu tenho um sonho" de Martin Luther King, ainda que as duas orações contenham algumas palavras iguais. Uma hierarquia de sequências aninhada permite partilhar e reutilizar objetos de nível inferior; palavras, fonemas e letras não são mais do que um exemplo. É uma forma muito eficiente de armazenar informação sobre o mundo e a sua estrutura, muito diferente do modo como funcionam os computadores.

O mesmo processo de desdobramento de sequências ocorre nas regiões sensoriais e motoras. O processo permite-nos perceber e compreender objetos de perspetivas diferentes. Se você caminha para o seu frigorífico para apanhar tirar um gelado, o seu córtex visual é ativado em múltiplos planos. Num nível superior percebe um "frigorífico" constante. Em regiões inferiores esta expetativa visual rompe-se numa série de entradas visuais mais localizadas. Ver o frigorífico é composto de fixações no puxador da porta, no dispensador de gelo, nos ímãs sobre a

porta, num desenho infantil e assim por diante. Nos poucos milésimos de segundo que se passam enquanto efetuamos uma sacada ocular de uma característica a outra do frigorífico, descem em sucessão as predições sobre o resultado de cada sacada ocular pela nossa hierarquia visual. Enquanto as ditas predições confirmam-se através de uma sacada ocular após outra, as nossas regiões visuais superiores continuam satisfeitas com o que estão a ver na realidade no seu frigorífico. Notemos que neste caso, diferente da ordem fixa de palavras do Discurso de Gettysburg, a sequência que você vê quando olha o frigorífico não está fixa; o fluxo de entradas e os padrões da memória recuperada dependem das suas próprias ações. Portanto, num caso como este, o padrão que se desdobra não é uma sequência rígida, mas o resultado final é o mesmo: padrões de nível superior que mudam com lentidão, despregando-se em padrões de nível inferior que mudam com rapidez.

A nossa forma de memorizar sequências e representá-las com um nome enquanto a informação ascende e descende pela nossa hierarquia cortical talvez lhe recorde a hierarquia de comando militar. O general supremo do exército diz: "Transfira as tropas para Flórida para passar o inverno". Esta simples ordem de alto nível desdobra-se em sequências cada vez mais detalhadas de ordens à medida que vai descendo na hierarquia. Os subalternos do general reconhecem que a ordem requer uma sequência de passos, como os preparativos para se marchar, o transporte para Flórida e os preparativos da chegada. Cada um destes passos descompõe-se em outros mais específicos, os quais devem ser realizados pelos subordinados. Na base há milhares de soldados rasos efetuando centenas de milhares de ações que dão como resultado a transferência das tropas. Em cada nível são gerados relatórios do que tem acontecido. À medida que vão ascendendo na hierarquia, vão-se resumindo uma e outra vez, até que no topo o general recebe uma informação diária que diz: "A transferência para Flórida foi bem-sucedida". O general não obtém todos os detalhes.

Existe uma exceção a esta regra. Se algo vai mal e os subordinados inferiores da corrente de comando não o podem solucionar, o assunto vai ascendendo na hierarquia até que alguém saiba o que deve ser feito a seguir. O oficial que sabe como manipular a situação não a considera uma exceção. O que para os subordinados constituía um problema imprevisto não é mais do que a próxima tarefa esperada numa lista. Então o oficial emite novas ordens aos seus subordinados. O neocórtex comporta-se de modo similar. Como veremos daqui a pouco, quando ocorrem

acontecimentos (por outras palavras, padrões) imprevistos, a informação a respeito ascende na hierarquia cortical até que alguma região a possa manipular. Se as regiões inferiores não conseguem predizer os padrões que estão a ver, consideram isto como um erro e o passam para cima da hierarquia. Isto repete-se até que alguma região preveja o padrão.

Pelo seu projeto, cada região cortical tenta armazenar e recordar sequências. Mas esta continua a ser uma descrição muito simples do cérebro. Precisamos acrescentar mais algumas complexidades ao modelo.

As entradas de abaixo-acima, a uma região do córtex, são padrões de entrada transportados em bilhões de axónios. Estes axónios provêm de diferentes regiões e contêm todo o tipo de padrões. O número de padrões possíveis que podem existir, inclusive num milhar de axónios, é maior do que o número de moléculas do Universo. Uma região só verá uma diminuta fração dos ditos padrões em toda a sua vida.

Portanto, propõe-se uma pergunta: o que são as sequências armazenadas numa única região? A resposta é que uma região classifica primeiro as suas entradas como uma de um número limitado de possibilidades e depois busca sequências. Imaginemos que somos uma determinada região cortical. A nossa tarefa é classificar pedaços de papel coloridos. Fornecem-nos dez cubos, cada um etiquetado com uma mostra de cor. Há um cubo para o ciano, outro para o amarelo, mais outro para o vermelho, e assim sucessivamente. Depois entregam-nos pedaços de papel coloridos, um por um, e dizem-nos para os classificarmos pela cor. Cada papel que recebemos é ligeiramente diferente. Como existe um número infinito de cores no mundo, nunca teremos dois pedaços de papel com a mesma cor exata. Às vezes é fácil indicar em que cubo deve ser colocado o papel colorido, mas em outras acaba por ser difícil. Um papel que é meio vermelho e laranja poderia ir em qualquer um desses cubos, mas temos que lhe atribuir um, vermelho ou laranja, ainda que a seleção acabe por ser aleatória. (O importante deste exercício é mostrar que o cérebro deve classificar padrões. As regiões do córtex fazem isto, mas não há nada equivalente a um cubo para colocar os padrões dentro.)

Agora outorgam-nos a tarefa adicional de buscar sequências. Damo-nos conta de que vermelho-vermelho-ciano-roxo-laranja-ciano aparece com frequência. Podemos chamá-la de sequência "vvcrlc". Temos de advertir que seria impossível reconhecer uma sequência se primeiro não

tivéssemos classificado os padrões em tipos diferentes. Sem ter classificado primeiro cada pedaço de papel em uma das dez categorias, não poderíamos afirmar que as duas sequências são iguais.

Portanto, agora estamos preparados para agir. Vamos olhar todos os padrões de entrada — os pedaços coloridos de papel que entram desde as regiões corticais inferiores —; vamos classificá-los e depois buscar sequências. Ambos os passos, classificação e formação de sequências, são necessários para criar representações invariáveis, e cada uma das regiões corticais efetuam-nos.

O processo de formar sequências dá resultado quando uma entrada é ambígua, como um pedaço de papel que se encontra entre o vermelho e o laranja. Temos que lhe escolher um cubo ainda que não estejamos seguros se é bem mais vermelho ou bem mais laranja. Se conhecemos a sequência mais provável para esta série de entradas, utilizaremos o dito conhecimento para decidir como classificar a entrada ambígua. Se achamos que estamos na sequência "vvcrlc" porque acabámos de obter dois vermelhos, um ciano e um roxo, esperaremos que o próximo papel seja laranja. Porém chega esse próximo papel e o mesmo não é laranja, mas de uma cor rara entre o vermelho e o laranja. Talvez seja, inclusive, um pouco mais vermelho que o laranja. Porém, conhecemos a sequência "vvcrlc" e esperamos ela, de modo que colocamos o papel no cubo laranja. Utilizamos o contexto das sequências conhecidas para resolver a ambiguidade.

Vemos que este fenómeno acontece continuamente nas nossas experiências quotidianas. Quando a gente fala, as nossas palavras, em particular, com frequência não podem ser entendidas fora do contexto. No entanto, quando escutamos uma palavra ambígua dentro de uma oração, essa ambiguidade não nos deixa bloqueados. Entendemos ela. De forma similar, as palavras escritas à mão, às vezes, acabam por ser ininteligíveis fora do contexto, mas são legíveis dentro de uma oração escrita completa. Na maioria das vezes não nos damos conta de que estamos a completar informação ambígua ou incompleta das nossas memórias de sequências. Escutamos o que esperamos escutar e vemos o que esperamos ver, pelo menos quando o que escutamos e vemos se encaixa com a experiência passada.

Note que a memória das sequências não só nos permite resolver a ambiguidade da entrada presente, mas também predizer que entrada deve aparecer a seguir. Enquanto o seu eu cortical classifica papéis de

cores, você pode dizer à pessoa "entrada" que lhe passa os papéis: "Ouça, se você está com alguma dificuldade para decidir o que me passar a seguir, segundo a minha memória, deve ser um laranja". Ao reconhecer uma sequência de padrões, uma região cortical predirá o seu próximo padrão de entrada e indicará à região inferior o que esperar.

Uma região do córtex não só aprende sequências conhecidas, mas também como modificar as suas classificações. Digamos que começamos com um conjunto de cubos etiquetados "ciano", "amarelo", "vermelho", "roxo" e "laranja". Estamos preparados para reconhecer a sequência "vvcrlc", bem como outras combinações destas cores. Mas o que acontece se uma cor efetua uma mudança importante? O que acontece se cada vez que vemos a sequência "vvcrlc" o roxo está um pouco distorcido? A nova cor parece-se mais ao anil. De modo que mudamos o cubo roxo para que seja o cubo "anil". Agora os cubos encaixam melhor com o que vemos; reduzimos a ambiguidade. O córtex é flexível.

Nas regiões corticais, as classificações de abaixo-acima e as sequências de acima-abaixo interagem de forma constante, mudando por completo as nossas vidas. Esta é a essência da aprendizagem. De facto, todas as regiões do córtex são "plásticas", o que significa que podem ser modificadas pela experiência. Recordamos o mundo formando novas classificações e sequências.

Por último, observemos como estas classificações e predições interagem com a próxima região superior. Outra parte da nossa tarefa cortical é transmitir o nome da sequência que vemos ao próximo nível superior, de modo que passamos um pedaço de papel com as letras "vvcrlc", que significam pouco em si mesmas para essa região superior; o nome não é mais do que um padrão para ser combinado com outras entradas, classificado e depois colocado numa sequência de ordem superior. Assim como você, ele segue com atenção as sequências que ele vê. Em um determinado momento, ele poderia dizer-nos: "Ouça, no caso de você ter dificuldade em decidir o que me passar a seguir, segundo a minha memória, predigo que deve ser a sequência 'aavca'". Trata-se, em essência, de uma instrução sobre o que devemos buscar no nosso fluxo de entradas. Iremos nos esforçar ao máximo para interpretar o que vemos nesta sequência.

Como muita gente tem escutado o termo "classificação de padrões" empregado na inteligência artificial e nas pesquisas sobre visão das máquinas, observaremos como difere este processo do que faz o córtex.

Para tentar conseguir que as máquinas reconheçam objetos, os pesquisadores costumam criar um molde — digamos a imagem de uma caneca, ou de alguma forma, o protótipo de uma caneca — e depois instruem a máquina para que combine as suas entradas com a caneca protótipo. Se é descoberta uma correspondência estreita, o computador indicará que encontrou uma caneca. Mas o nosso cérebro não tem moldes semelhantes e os padrões que recebe cada região cortical como entradas não são como fotos. Não recordamos fotos instantâneas do que a nossa retina vê, ou fotos instantâneas dos padrões da nossa cóclea ou da nossa pele. A hierarquia do córtex assegura que as memórias dos objetos fiquem distribuídas ao longo de toda a sua extensão; não estão localizadas em um único ponto. Além disso, como cada região da hierarquia forma memórias invariáveis, o que uma região normal do córtex aprende são sequências de representações invariáveis, que em si mesmas são sequências de memórias invariáveis. Não encontraremos uma foto de uma caneca ou de qualquer outro objeto armazenado no nosso cérebro.

Diferente da memória de uma câmera, o nosso cérebro recorda o mundo tal como é, não como aparece. Quando pensamos sobre o mundo, recordamos sequências de padrões que correspondem a como são os objetos no mundo e a como se comportam, não a como aparecem através de um sentido particular em um determinado momento. As sequências mediante as quais experimentamos os objetos do mundo refletem a estrutura invariável do mesmo mundo. A ordem em que experimentamos as partes do mundo está determinado pela estrutura deste. Por exemplo, podemos subir a um avião diretamente caminhando pela manga, mas não pelo balcão de bilhetes. A sequência pela qual experimentamos o mundo é a estrutura real deste, e isso é o que o córtex quer recordar.

Não obstante, não esqueçamos que uma representação invariável de qualquer região do córtex pode converter-se numa predição detalhada de como aparecerá nos nossos sentidos transmitindo o padrão para baixo da hierarquia. Da mesma forma, uma representação invariável no córtex motor pode converter-se em ordens motoras detalhadas específicas de uma situação, propagando o padrão para baixo na hierarquia motora.

Aspeto de uma Região do Córtex

Agora vamos focar a nossa atenção numa região particular do córtex, uma das caixas da figura 6.5; a figura 6.6 mostra uma região do córtex

com maior detalhe. A minha meta é ensinar-lhe como as células de uma região cortical podem aprender e recordar sequências de padrões, que é o elemento mais essencial para formar representações invariáveis e realizar predições. Começaremos com uma descrição da aparência de uma região cortical, e de como ela está conjugada. As regiões corticais variam muito de tamanho, sendo as áreas sensoriais primárias as maiores. A V1, por exemplo, é do tamanho aproximado de um passaporte pelo espaço que ocupa na parte posterior do cérebro. Mas, como já expliquei, na realidade ela está composta por muitas regiões menores do tamanho de balas de pequeno calibre. Suponhamos por enquanto que uma área cortical típica é do tamanho de uma moeda pequena.

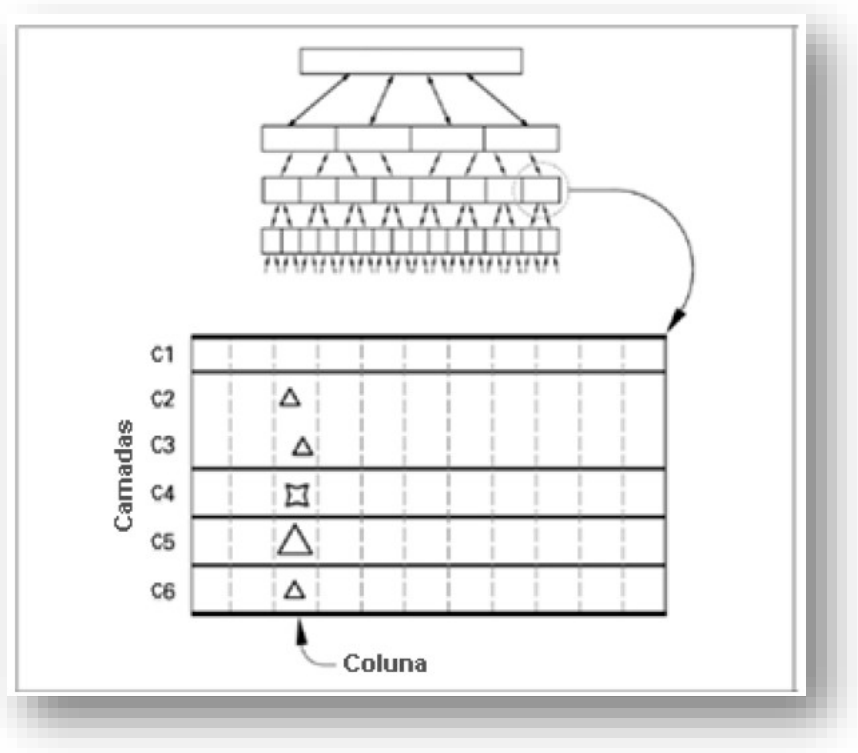

Fig. 6.6 – Camadas e colunas numa região do córtex.

Pensemos nos seis cartões de visita que mencionei no capítulo 3, onde cada um representa uma camada diferente do tecido cortical. Por que dizemos que são camadas? Se tomarmos a nossa região cortical do tamanho de uma moeda e colocarmos ela sob um microscópio, veremos que a densidade e tamanho das células varia à medida que nos movemos de cima-baixo. Estas diferenças definem as camadas. A superior, chamada camada 1, é a mais característica das seis. Tem muito poucas células e consta em essência de um emaranhado de axónios que correm paralelos à superfície cortical. As camadas 2 e 3 apresentam uma aparência similar. Contêm muitos neurónios abarrotados que se chamam células piramidais

porque os seus corpos celulares assemelham-se a pequenas pirâmides. A camada 4 conta com um tipo de células com forma de estrela. A camada 5 tem células piramidais normais, bem como uma classe de células extragrandes em forma de pirâmide. A camada inferior, a 6, também apresenta vários tipos de neurónios únicos. Estas e outras diferenças definem as camadas.

Vemos camadas horizontais, mas com muita frequência os cientistas falam de colunas de células que correm perpendiculares às camadas. Podem-se conceber as colunas como "unidades" verticais de células que funcionam juntas. (O termo coluna suscita muito debate na comunidade da neurociência. Discute-se o seu tamanho, função e importância. No entanto, para o nosso objetivo podemos concebê-las em termos gerais como uma arquitetura colunar, pois toda a gente está de acordo que ela existe.) As camadas dentro de cada coluna estão ligadas pelos axónios que correm para cima e para baixo efetuando sinapses. As colunas não aparecem como pequenos pilares nítidos com limites claros — nada no córtex é tão simples —, mas cabe deduzir a sua existência por várias linhas de evidência.

Uma razão é que as células alineadas em vertical de cada coluna tendem a ativar-se com os mesmos estímulos. Se observarmos detidamente as colunas de V1, descobrimos que algumas respondem aos segmentos de linha que se inclinam numa direção (/), e outras, aos segmentos de linha que se inclinam em outra direção (\). As células dentro de cada coluna estão muito ligadas, motivo pelo qual a coluna inteira responde aos mesmos estímulos. De forma específica, uma célula ativa da camada 4 faz com que as células superiores das camadas 3 e 2 se ativem, o que ocasiona depois que as células inferiores das camadas 5 e 6 também se ativem. A atividade propaga-se acima e abaixo dentro de uma coluna de células.

Outra razão pela qual falamos de colunas tem a ver com o modo como se forma o córtex. Num embrião, as células precursoras únicas emigram de uma cavidade cerebral interior até ao lugar onde ganha forma o córtex. Cada uma destas células divide-se para criar uns cem neurónios, chamadas microcolunas, que estão ligadas em vertical do modo como acabo de descrever. O termo coluna costuma ser usado sem muito rigor para descrever fenómenos diferentes; pode fazer referência à conetividade vertical geral ou a grupos específicos de células do mesmo progenitor. Utilizando a última definição, cabe afirmar que o córtex

humano apresenta uma cifra aproximada de várias centenas de milhões de microcolunas.

Para conseguir visualizar esta estrutura colunar, imaginemos que uma microcoluna tem a largura de um cabelo humano. Tomamos milhares de cabelos e cortamo-los em segmentos muito reduzidos — digamos da altura de um "i" minúsculo sem o ponto —. Alineamos todos estes cabelos ou colunas e os colamos lado a lado como se fossem uma escova muito densa. Depois criamos uma lâmina de cabelos longos e extrafinos — que representam os axónios da camada 1 — e os colamos horizontalmente na parte superior da lâmina de cabelos curtos. Esta lâmina parecida a uma escova é um modelo simplista da nossa região cortical do tamanho de uma moeda. A informação flui na sua maior parte na direção destes cabelos, horizontalmente na camada 1 e verticalmente nas camadas compreendidas entre a 2 e a 5.

Há mais um detalhe das colunas que é preciso conhecer, e depois passaremos a analisar para que servem. Com uma inspeção minuciosa, vemos que pelo menos 90 porcento das sinapses das células dentro de cada coluna provem de lugares de fora da dita coluna. Algumas conexões chegam de colunas vizinhas; outras, desde pontos equidistantes do outro lado do cérebro. Portanto, como podemos afirmar que as colunas são importantes quando boa parte da nossa conexão cortical estende-se lateralmente sobre grandes áreas?

A resposta está no modelo de memória-predição. Em 1979, quando Vernon Mountcastle sustentou que há um único algoritmo cortical, ele também propôs que a coluna cortical é a unidade básica de computação do córtex. No entanto, ele não sabia que funções ela realizava. Acho que a coluna é a unidade básica de predição. Para que uma coluna prediga quando deve ativar-se precisa saber que está a passar em outro lugar; daí as conexões sinápticas de um lado a outro.

Em seguida entraremos em mais detalhes, mas esta é uma visão preliminar para compreender por que precisamos desse tipo de conexão no cérebro. Para predizer a próxima nota de uma canção precisamos saber o seu nome, em que lugar da canção nos encontramos, quanto tempo tem passado desde a última nota e qual foi essa última nota. O grande número de sinapses que ligam as células de uma coluna a outras partes do cérebro fornece a cada uma o contexto que precisa para predizer a sua atividade em muitas situações diferentes.

A próxima coisa que devemos considerar é como estas regiões corticais do tamanho de uma moeda (e as suas colunas) enviam e recebem informação para cima e para baixo da hierarquia cortical. Primeiro observaremos o fluxo ascendente, que toma uma rota direta, representado na figura 6.7. Imaginemos que contemplamos uma região cortical com os seus milhares de colunas. Iremos concentrar-nos numa única coluna. As entradas convergentes das regiões inferiores chegam sempre à camada 4, a principal camada de entradas. Ao passar, também formam uma conexão na camada 6 (veremos mais adiante por que é importante). Depois, as células da camada 4 enviam projeções para cima às células das camadas 2 e 3 da sua coluna. Quando uma coluna projeta informação para cima, muitas células das camadas 2 e 3 enviam axónios à camada de entrada da próxima região superior. Deste modo, a informação flui de região em região, ascendendo na hierarquia.

A informação que flui para baixo da hierarquia cortical toma um caminho menos direto, como é representado na figura 6.8. As células da camada 6 são as células de saída que se projetam para baixo desde uma coluna cortical até à camada 1 nas regiões que se encontram abaixo na hierarquia. Na camada 1, os axónios propagam-se por longas distâncias na região cortical inferior. Deste modo, a informação que flui para baixo na hierarquia de uma coluna possui o potencial de ativar muitas colunas nas regiões que se encontram abaixo dela. Na camada 1 há muito poucas células, mas as das camadas 2, 3 e 5 têm dendritos na camada 1, de modo que estas células podem estimular-se pelas realimentações que percorrem a camada 1. Os axónios provenientes das células das camadas 2 e 3 formam sinapses na camada 5 quando abandonam o córtex, e pensa-se que estimulam células das camadas 5 e 6. Portanto, cabe afirmar que quando a informação flui para baixo da hierarquia apresenta uma rota menos direta. Pode ramificar-se em muitas direções diferentes mediante a sua propagação sobre a camada 1. A informação de realimentação começa numa célula da camada 6 na região superior e estende-se pela camada 1 na região inferior. Algumas células das camadas 2, 3 e 5 da região inferior estimulam-se, e algumas destas estimulam as células da camada 6, que se projetam até à camada 1 nas regiões inferiores da hierarquia, e assim sucessivamente. (Se você estudar a figura 6.8, o processo acaba por ser bem mais fácil de seguir.)

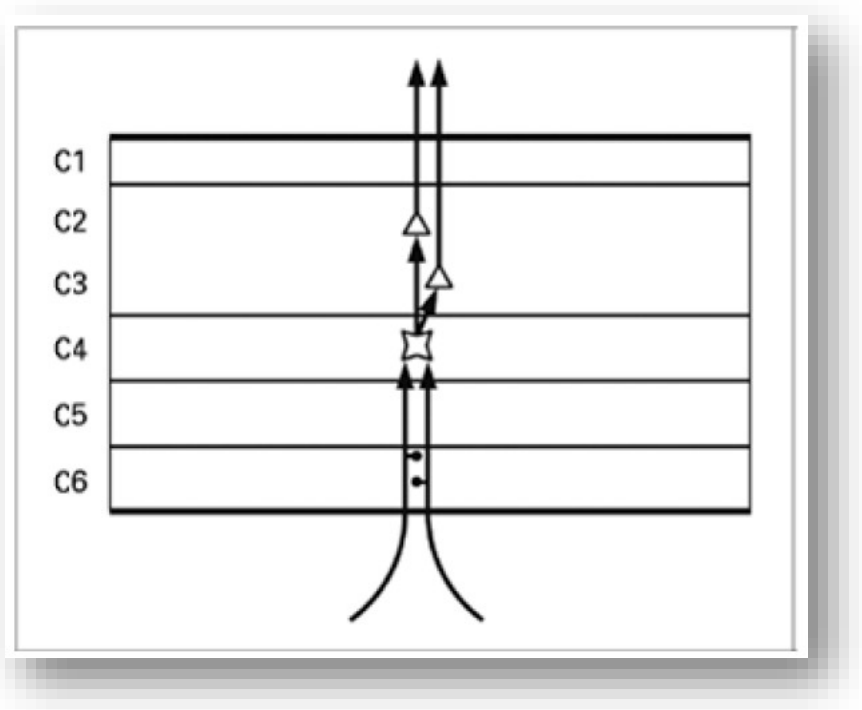

Fig. 6.7 – Fluxo ascendente de informação por uma região do córtex.

Tenho aqui uma vista prévia de por que a informação se estende pela camada 1. Converter uma representação invariável numa predição específica requer a capacidade para decidir momento a momento por qual caminho enviar o sinal quando se propaga para baixo na hierarquia. A camada 1 proporciona um modo de converter uma representação invariável em outra mais detalhada e específica. Recordemos que podemos lembrar do Discurso de Gettysburg tanto em linguagem falada como escrita. Uma representação comum move-se por um de dois caminhos, um para o pronunciar e outro para o escrever. De forma similar, quando escuto a próxima nota de uma melodia, o meu cérebro tem que tomar um intervalo genérico, como uma quinta, e converter na nota específica correta, como dó ou sol. O fluxo horizontal de atividade pela camada 1 proporciona o mecanismo para fazer isto. Para que as predições invariáveis de nível superior se propaguem para baixo no córtex e se convertam em predições específicas devemos contar com um mecanismo que permita ao fluxo de padrões ramificar-se em cada nível. A camada 1 cumpre os requisitos. Poderíamos predizer a sua necessidade inclusive se não soubéssemos que existia.

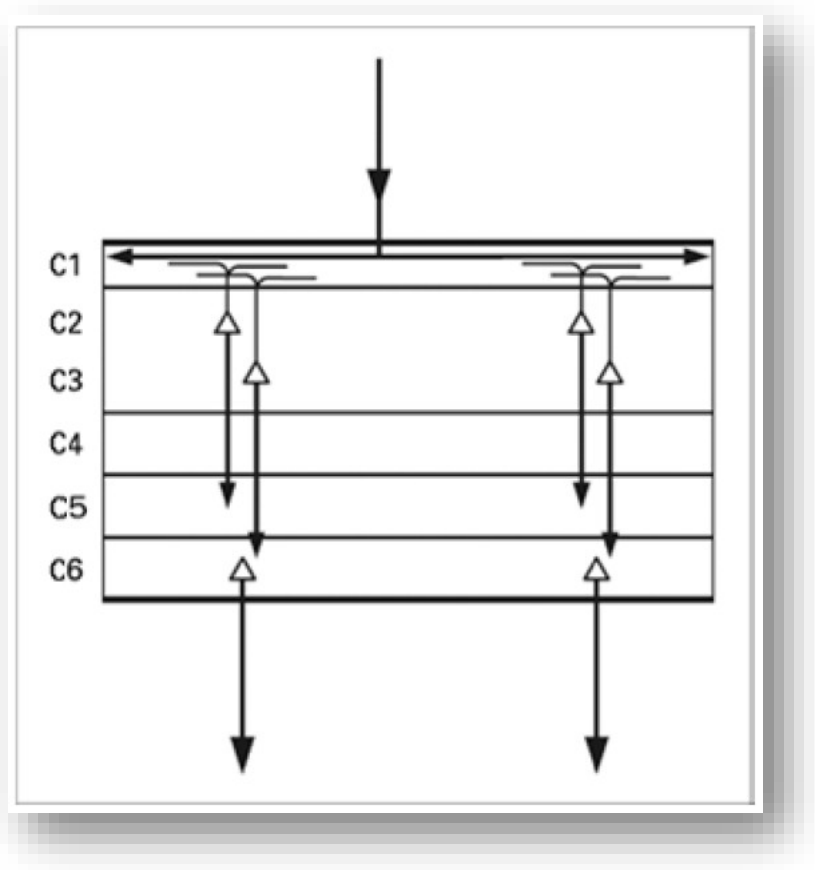

Fig. 6.8 – Fluxo descendente de informação por uma região do córtex.

Um dado final sobre anatomia: quando os axónios abandonam a camada 6 para viajar a outros destinos, encerram-se numa substância oleosa branca chamada mielina. Esta assim chamada matéria branca assemelha-se ao isolamento de um cabo elétrico da nossa casa. Ajuda a impedir que os sinais se misturem e as faz viajar mais rápido, a velocidades que superam os 320 quilómetros por hora. Quando os axónios abandonam a matéria branca entram numa nova coluna cortical da camada 6.

Para finalizar, consideremos outro método indireto com o que as regiões corticais se comunicam entre si.

Antes de descrever os detalhes, quero que você recorde das memórias autoassociativas analisadas no capítulo 2. Como vimos, as memórias autoassociativas podem ser empregues para armazenar sequências de padrões. Quando a saída de um grupo de neurónios artificiais se realimenta para formar a entrada de todos os neurónios e é acrescentado

um tempo de atraso à realimentação, os padrões aprendem a seguir-se em sequência. Acho que o córtex utiliza o mesmo mecanismo básico para armazenar sequências, ainda que com algumas voltas adicionais. Em vez de formar uma memória autoassociativa com neurónios artificiais, ele forma uma memória autoassociativa com colunas corticais. A saída de todas as colunas é realimentada à camada 1. Deste modo, a camada 1 contém informação sobre quais colunas estavam ativas na região do córtex.

Repassemos os elementos mostrados na figura 6.9. Durante muitos anos soube-se que as células particularmente grandes da camada 5, dentro do córtex motor (região M1), estabelecem contato direto com os nossos músculos e com as regiões motoras da medula espinhal. Estas células dirigem de forma literal os nossos músculos e fazem com que nos movamos. Sempre que falamos, digitamos ou realizamos um comportamento complexo, estas células ativam e desativam-se de um modo muito coordenado que faz com que os nossos músculos se contraiam.

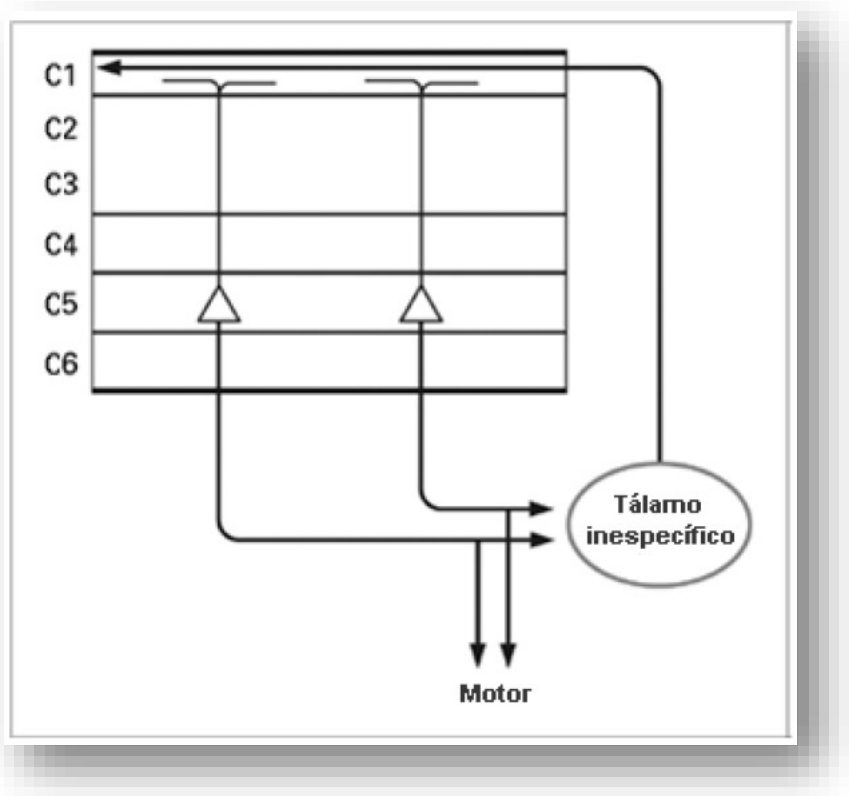

Fig. 6.9 – Papel das grandes células da camada 5 no comportamento motor.

Recentemente os pesquisadores descobriram que é provável que as grandes células da camada 5 desempenhem um papel no comportamento de outras partes do córtex, não só nas regiões motoras. Por exemplo, as grandes células da camada 5 do córtex visual projetam-se à parte do cérebro que move os olhos. Portanto, as áreas visuais sensoriais do córtex, como V2 e V4, não só processam entradas visuais, mas também ajudam a determinar o mesmo movimento ocular e, deste modo, o que vemos. As grandes células da camada 5 veem-se ao longo de todo o neocórtex em cada uma das regiões, o que sugere que elas têm um papel mais extenso em todo tipo de movimentos.

Além de gozar de um papel no comportamento, os axónios destas células grandes da camada 5 podem dividir-se em dois. Um ramo vai à parte do cérebro chamada tálamo, representado por um objeto redondo na figura 6.9. O tálamo humano é do tamanho e da forma de dois pequenos ovos de pássaro. O mesmo encontra-se no centro do cérebro, no topo do cérebro velho, e está rodeado por matéria branca e pelo córtex. O tálamo recebe muitos axónios de todas as partes do córtex e os reenvia a essas mesmas áreas. Muitos dos detalhes dessas conexões são conhecidos, mas o mesmo tálamo é uma estrutura complexa e o seu papel não está bem esclarecido. No entanto, ele é essencial para a vida normal; um tálamo danificado leva a um estado vegetativo persistente.

Há um par de rotas do tálamo ao córtex, mas só uma nos interessa agora. Esta rota começa com as grandes células da camada 5 que se projetam até uma classe de células talâmicas consideradas inespecíficas. As células inespecíficas reprojetam axónios à camada 1 sobre muitas diferentes regiões do córtex. Por exemplo, as células da camada 5, através das regiões V2 e V4, enviam axónios ao tálamo e este devolve a informação às células da camada 1 através de V2 e V4. Outras partes do córtex fazem o mesmo; as células da camada 5 projetam-se através de múltiplas regiões corticais até ao tálamo, que reenvia a informação à camada 1 dessas mesmas regiões e associadas. Proponho que este circuito é equivalente à realimentação com tempo de atraso que permite aos modelos da memória associativa aprenderem sequências.

Tenho vindo a mencionar duas entradas à camada 1. As regiões superiores do córtex propagam a atividade pela camada 1 nas regiões inferiores. As colunas ativas de uma região também estendem a atividade pela camada 1 na mesma região através do tálamo. Podemos ilustrar estas entradas à camada 1 como o nome de uma canção (entrada desde cima) e onde nos encontramos numa canção (atividade com tempo de atraso

"pausa" das colunas ativas da mesma região). Deste modo, a camada 1 transporta muita da informação que precisamos para predizer quando se deve ativar uma coluna — o nome da sequência e onde nos encontramos nela —. Utilizando estes dois sinais da camada 1, uma região do córtex é capaz de aprender e recordar múltiplas sequências de padrões.

Como Funciona uma Região do Córtex: Os Detalhes

Com estes três circuitos em mente — padrões convergentes ascendendo pela hierarquia cortical, padrões divergentes descendo pela hierarquia cortical, e uma realimentação com pausa através do tálamo — podemos começar a contemplar como uma região do córtex realiza as funções que precisa. O que queremos saber é o seguinte:

1. Como é que uma região do córtex classifica as suas entradas (como os cubos)?
2. Como é que ela aprende sequências de padrões (como os intervalos de uma melodia ou o "olho nariz olho" de um rosto)?
3. Como é que ela forma um padrão constante ou "nome" para uma sequência?
4. Como é que ela realiza predições específicas (aguardar o comboio à hora precisa ou predizer a nota exata de uma melodia)?

Comecemos assumindo que as colunas de uma região do córtex se parecem com os cubos que temos utilizado para classificar as nossas entradas de papéis coloridos. Cada coluna representa a etiqueta de um cubo. As células da camada 4 de cada coluna recebem fibras de entrada de várias regiões abaixo e ativar-se-ão se contarem com a combinação adequada de entradas. Quando uma célula da camada 4 se ativa, ela "vota" que a entrada coincide com a sua etiqueta. Assim como na analogia da classificação de papéis, as entradas podem ser ambíguas, de modo que várias colunas poderiam ser correspondências possíveis para a entrada. Queremos que a nossa região cortical decida sobre uma interpretação; se o papel é vermelho ou laranja, mas não ambas as coisas. Uma coluna com uma entrada forte deve impedir as demais colunas de se ativarem.

Os cérebros contam com células inibidoras que fazem justamente isso. Inibem intensamente os demais neurónios vizinhos do córtex, permitindo na prática que se tenha um vencedor. Estas células inibidoras só afetam a área que rodeia uma coluna. Portanto, ainda que se tenha uma grande inibição, muitas colunas de uma região podem continuar ativas ao mesmo tempo. (Nos cérebros reais, nada é representado com um único neurónio ou com uma única coluna.) Para facilitar o seu entendimento, imaginemos que uma região escolha uma coluna vencedora. Mas recordemos no fundo da nossa mente que é provável que sejam ativadas muitas colunas ao mesmo tempo. O processo real que emprega uma região cortical para classificar entradas e como aprende a fazer é complexo e não se entende muito bem. Para não nos eternizarmos com estes temas, presumiremos que a nossa região do córtex tem classificado as suas entradas como atividade em um conjunto de colunas. Podemos focar-nos então na formação de sequências e nomes para estas.

Como armazena, a nossa região cortical, a sequência destes padrões classificados? Já sugeri uma resposta a esta pergunta, mas agora aprofundar-me-ei em maiores detalhes. Imaginemos que somos uma coluna de células e a entrada de uma região inferior faz com que uma das células da nossa camada 4 se ative. Ficamos contentes, e a nossa célula da camada 4 faz com que também sejam ativadas células das camadas 2 e 3, depois as da camada 5 e logo após as da camada 6. A coluna inteira ativa-se quando é conduzida desde baixo. As nossas células das camadas 2, 3 e 5 possuem cada uma milhares de sinapses na camada 1. Se algumas destas sinapses estão ativas quando as nossas células das camadas 2, 3 e 5 se ativam, as sinapses fortalecem-se. Se isto ocorre com a frequência necessária, as sinapses da camada 1 ganham a força suficiente para fazer com que as células das camadas 2,3 e 5 se ativem, inclusive quando não se tenha ativado uma célula da camada 4, o que quer dizer que partes da coluna podem ativar-se sem receber uma entrada de uma região inferior do córtex. Deste modo, as células das camadas 2, 3 e 5 aprendem a prever quando devem ativar-se baseando-se no padrão da camada 1. Uma vez que aprende, a coluna pode ativar-se parcialmente mediante a memória. Quando uma coluna se ativa através das sinapses da camada 1, está a antecipar-se a ser estimulada desde baixo. É uma predição. Se a coluna pudesse falar, diria: “Quando estive ativa no passado, este conjunto particular de sinapses da minha camada 1 esteve ativo, de modo que quando eu voltar a ver este conjunto particular ativo, ativar-me-ei antecipadamente”.

Recordemos que metade da entrada à camada 1 provém das células da camada 5 das colunas e regiões vizinhas do córtex. Esta informação representa o que estava a acontecer momentos antes. Representa colunas que estavam ativas antes que a nossa coluna se ativasse. É o intervalo anterior na melodia, ou a última coisa que vi, ou a última coisa que senti, ou o fonema anterior no enunciado que estou a escutar. Se a ordem na qual aparecem estes padrões ao longo do tempo é constante, as colunas aprendê-lo-ão. Ativar-se-ão uma a uma na sequência apropriada.

Outra metade da entrada à camada 1 provém das células da camada 6 de regiões superiores na hierarquia. Esta informação é mais estacionária. Representa o nome da sequência que estamos a experimentar no momento. Se as nossas colunas são intervalos musicais, é o nome da melodia. Se as nossas colunas são fonemas, é a palavra falada que estamos a escutar. Se as nossas colunas são palavras faladas, o sinal desde cima é o discurso que estamos a pronunciar. Portanto, a informação da camada 1 representa tanto o nome de uma sequência como o último elemento desta. Deste modo, uma coluna particular pode ser partilhada entre muitas sequências diferentes sem criar confusão. As colunas aprendem a ativar-se no contexto e ordem precisos.

Antes de continuar a avançar, é preciso assinalar que as sinapses da camada 1 não são as únicas que participam na aprendizagem quando uma coluna deve ser ativada. Como já mencionei, as células recebem e enviam entradas a muitas colunas à volta. Recordemos que mais de 90 porcento das sinapses provem de células alheias à coluna, e a maioria destas sinapses não estão na camada 1. Por exemplo, as células das camadas 2, 3 e 5 possuem milhares de sinapses na camada 1, mas também milhares nas suas próprias camadas. A ideia geral é que as células querem toda a informação que lhes ajude a predizer quando serão estimuladas desde baixo. Regra geral, a atividade nas colunas próximas apresenta uma forte correlação e, portanto, vemos muitas conexões diretas com colunas vizinhas. Por exemplo, se uma linha se move pelo nosso campo de visão, ela ativará sucessivas colunas. No entanto, a informação necessária para predizer a atividade de uma coluna é com frequência mais global, e aí é onde desempenham um papel as sinapses da camada 1. Se fôssemos uma célula ou uma coluna, não saberíamos o que significam essas sinapses, mas somente que elas nos ajudam a predizer quando devemos nos ativar.

Passemos agora a analisar de que forma uma região do córtex forma um nome para uma sequência aprendida. Novamente, imaginemos que somos uma região do córtex. As nossas colunas ativas mudam a cada nova entrada. Conseguimos aprender a ordem na qual as nossas colunas se ativam, o que significa que algumas das células das nossas colunas se ativam antes da chegada de entradas provenientes das regiões inferiores. Que informação enviamos às regiões superiores na hierarquia do córtex? Já vimos que as nossas células das camadas 2 e 3 enviam os seus axónios às próximas regiões superiores. A atividade destas células é a entrada das regiões superiores. Mas isso é um problema. Para que a hierarquia funcione temos que transmitir um padrão constante durante as sequências aprendidas; temos que passar o nome de uma sequência, não os detalhes. Antes de aprender uma sequência podemos passar os detalhes, mas após tê-la aprendido e sermos capazes de predizer que colunas se ativarão só deveremos transmitir um padrão constante. No entanto, quando ela está em curso, ainda não criámos um nome para a dita sequência. Passaremos todo o padrão mutável sem ter em conta se podemos predizê-lo ou não. Quando todas as colunas se ativam, as suas células das camadas 2 e 3 enviarão um novo sinal que ascenderá pela hierarquia. O córtex precisa de um modo de manter constante a entrada à próxima região durante as sequências aprendidas. Precisamos de um modo de desativar a entrada das células das camadas 2 e 3 quando uma coluna predizer a sua atividade ou, de forma alternativa, manter as células ativas quando a coluna não é capaz de predizer. Este é o único modo de criar um padrão constante.

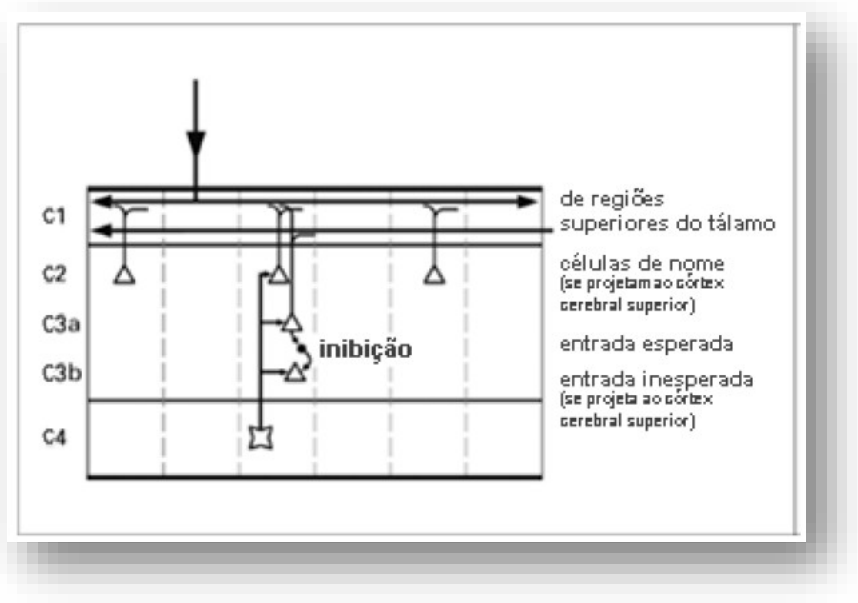

Fig. 6.10 – Papel das células inibidoras da predição.

Não se sabe o suficiente sobre o córtex para afirmar com exatidão como ele faz isto. Posso imaginar vários métodos. Descreverei o meu atual favorito, mas não se esqueça que o conceito é mais importante do que o método específico. A criação de um padrão de "nome" constante é um requisito desta teoria. Tudo o que posso mostrar neste momento é que existem mecanismos plausíveis para o processo de criação de nomes.

Imaginemos novamente que somos uma coluna, como a que se mostra na figura 6.10. Queremos compreender como aprendemos a apresentar um padrão constante à próxima região superior quando conseguimos predizer a nossa atividade, e um padrão mutável quando não podemos predizê-la. Comecemos por assumir que dentro das camadas 2 e 3 há várias classes de células. (Além de vários tipos de células inibidoras, muitos anatomistas estabelecem a distinção entre tipos de células nas quais eles chamam de camadas 3a e 3b, de modo que esta suposição é razoável.)

Assumamos também que uma classe de células, chamada células da camada 2, aprendem a permanecer ativas durante sequências aprendidas. Estas células, como grupo, representam o nome da sequência. Apresentarão um padrão constante às regiões corticais superiores enquanto as nossas regiões possam predizer que colunas se ativarão a seguir. Se a nossa região do córtex tivesse uma sequência de cinco padrões diferentes, as células da camada 2 de todas as colunas que representam esses cinco padrões se manteriam ativas enquanto estivéssemos dentro dessa sequência. Elas são o nome da sequência.

Suponhamos a seguir que há outra classe de células, as da camada 3b, que não se ativam quando a nossa coluna consegue predizer a sua entrada, mas fazem-no quando ela não prediz a sua atividade. Uma célula da camada 3b representa um padrão inesperado. Estimula-se quando uma coluna se ativa de forma repentina. Ativar-se-á a cada vez que uma coluna se estimular antes de uma aprendizagem. Mas quando uma coluna aprende a predizer a sua atividade, a célula da camada 3b permanece quieta. Juntas, as células da camada 2 e 3b cumprem o nosso requisito. Antes de aprender, ambas as células se ativam e desativam com a coluna, mas após o treino a célula da camada 2 está sempre ativa, e a da camada 3b, quieta.

Como estas células aprendem a fazer isto? Consideremos primeiro como desativar a célula da camada 3b quando a sua coluna consegue predizer a sua atividade. Digamos que há outra célula colocada

justamente acima da célula da camada 3b na camada 3a. Esta célula também tem dendritos na camada 1. A sua única tarefa consiste em impedir que a célula da camada 3b se ative quando ver o padrão apropriado na camada 1. Quando a célula da camada 3a vê o padrão aprendido na camada 1, ativa de imediato uma célula inibidora que impede a estimulação da célula da camada 3b. É tudo o que se precisaria para deter a ativação da célula da camada 3b quando a coluna consegue predizer a sua atividade.

Analisemos agora a tarefa mais difícil de manter ativa a célula da camada 2 durante uma sequência conhecida de padrões. Torna-se mais complexo, pois diversas células da camada 2, pertencentes a várias colunas distintas, necessitariam de manter-se ativas simultaneamente, ainda que as suas colunas particulares não estivessem ativas. Assim é como acho que poderia ocorrer: as células da camada 2 poderiam aprender a ser estimuladas somente desde as regiões superiores na hierarquia do córtex. Poderiam formar sinapses preferenciais com os axónios procedentes das células da camada 6 das regiões mais altas. Deste modo, as da camada 2 representariam o padrão de nome constante das regiões superiores. Quando uma região mais alta do córtex enviasse um padrão à camada 1 da região de baixo, seria ativado um conjunto de células da camada 2 da região inferior, representando todas as colunas que são membros da sequência. Já que estas células da camada 2 também se reprojetam à região superior, formariam um grupo de células semiestável. (Não é provável que estas células permaneçam sempre ativas; é mais provável que se ativem de forma sincrónica, seguindo uma espécie de ritmo.) É como se a região superior enviasse o nome de uma melodia à camada 1 abaixo. Este facto faz com que seja ativado um conjunto de células da camada 2, um para cada uma das colunas que se ativarão quando a melodia for escutada.

A soma de todos estes mecanismos permite ao córtex aprender sequências, efetuar predições e formar representações constantes, ou "nomes" para as sequências. Estas são as operações básicas para se formar representações invariáveis.

Como efetuamos predições sobre acontecimentos que nunca tínhamos visto antes? Como decidimos entre múltiplas interpretações de uma entrada? Como uma região do córtex realiza predições específicas partindo de memórias invariáveis? Já contribuí com vários exemplos,

como a predição da próxima nota exata de uma melodia quando a nossa memória não recorda mais do que o intervalo entre as notas, a parábola do comboio e a recitação do Discurso de Gettysburg. Nestes casos, o único modo de resolver o problema é empregar a última informação específica para converter uma predição invariável numa predição específica. Outro modo de resolver, a partir do ponto de vista do córtex, é afirmar que temos que combinar a informação de alimentação para diante (a entrada real) com a informação de realimentação (uma predição numa forma invariável).

Vejamos um simples exemplo de como acho que isso é realizado. Digamos que a nossa região do córtex lhe tem dito que espere no intervalo musical de uma quinta. As colunas da nossa região representam todos os intervalos específicos possíveis, como dó-mi, dó-sol, ré-lá, etc. Precisamos decidir qual das nossas colunas deve ativar-se. Quando a região de cima nos indica que devemos esperar uma quinta, isto faz com que as células da camada 2 se ativem em todas as colunas que são quintas, como dó-sol, ré-lá e mi-si. As células da camada 2 das colunas que representam outros intervalos nos quais participa ré, como ré-mi e ré-si, têm uma entrada parcial. Portanto, na camada 2 temos atividade em todas as colunas que são quintas, e na camada 4 temos uma entrada parcial em todas as colunas que representam intervalos que incluem ré. A interseção destes dois conjuntos representa a nossa resposta, a coluna que representa o intervalo ré-lá (veja-se a figura 6.11).

Como encontra o córtex esta interseção? Recordemos que já mencionei o facto de que os axónios das células das camadas 2 e 3 costumam formar sinapses na camada 5 quando abandonam o córtex e, de forma similar, os axónios que se aproximam da camada 4 desde as regiões inferiores do córtex efetuam uma sinapse na camada 6. A interseção destas duas sinapses (de acima-abaixo e de abaixo-acima) proporciona-nos o necessário. Uma célula da camada 6 que recebe estas duas entradas ativas estimular-se-á. Uma célula da camada 6 representa o que uma região do córtex acha que acontece, uma predição específica. Se uma célula da camada 6 pudesse falar, talvez dissesse: "Sou parte de uma coluna que representa o intervalo musical ré-lá. As outras colunas significam outras coisas. Falo pela minha região do córtex. Quando me ativo, quer dizer que acho que o intervalo ré-lá está a ocorrer ou ocorrerá. Poderia ativar-me porque a entrada de acima-abaixo procedente dos ouvidos fez com que a célula da camada 4 da minha coluna excitasse a coluna inteira. Ou, a minha atividade talvez signifique que tenhamos

reconhecido uma melodia e estamos a predizer este próximo intervalo específico. De qualquer forma, o meu trabalho é indicar às regiões inferiores do córtex no que pensamos que acontece. Represento a nossa interpretação do mundo, independentemente se é certa ou só imaginada".

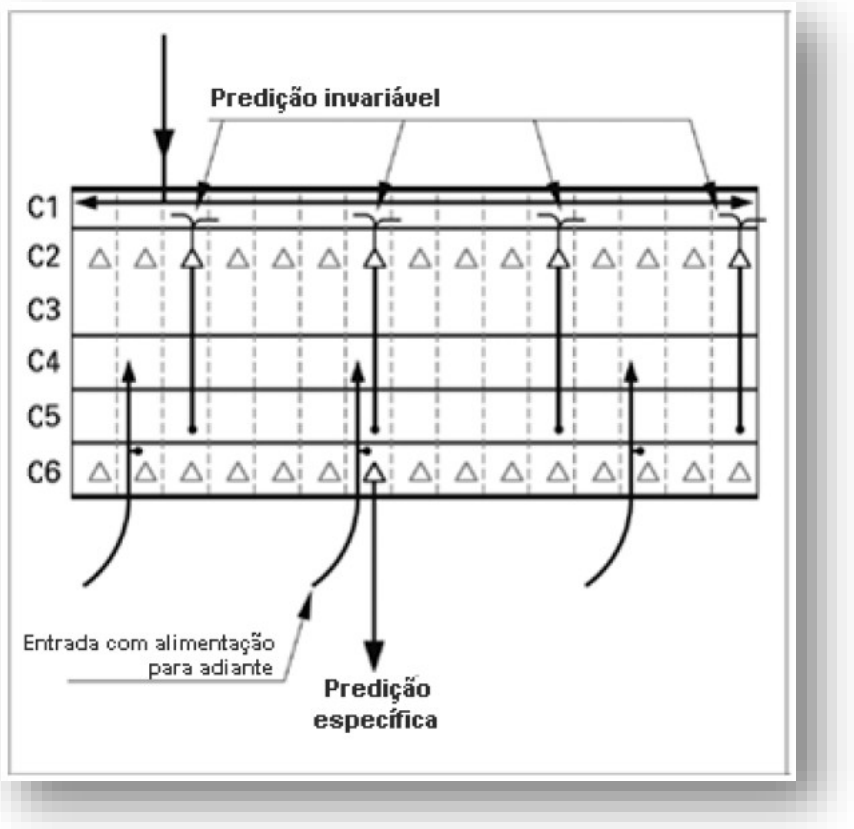

Fig. 6.11 – Como uma região do córtex efetua predições específicas partindo de memórias invariáveis.

Vou descrever isto empregando outra imagem mental. Imaginemos dois pedaços de papel com uma porção de buracos perfurados. Os buracos de um papel representam as colunas que têm células ativas da camada 2 ou 3, a nossa predição invariável. Os buracos do outro papel representam colunas com uma entrada parcial desde baixo. Se colocamos um pedaço de papel em cima do outro, alguns dos buracos formarão uma fila e outros não. Os buracos que formam filas representam as colunas que pensamos que devem ativar-se.

Este mecanismo não só realiza predições específicas, mas também resolve ambiguidades das entradas sensoriais. Com muita frequência a entrada a uma região do córtex será ambígua, como temos visto com os papéis de cores, ou quando escutamos uma palavra semi-incomprensível. Este mecanismo de correspondência de abaixo-acima/acima-abaixo

permite-nos decidir entre duas ou mais interpretações. E uma vez que decidimos, transmitimos a nossa interpretação à região abaixo.

A todo o instante da nossa vida consciente, cada região do neocórtex está a comparar um conjunto de colunas inesperadas estimuladas desde cima com o conjunto de colunas observadas estimuladas desde baixo. Quando os dois conjuntos se cruzam surge a nossa perceção. Se tivéssemos uma entrada perfeita desde baixo e predições perfeitas, o conjunto de colunas percebidas estaria contido sempre no conjunto de colunas preditas. Mas com frequência carecemos de tal harmonia. O método de combinar a predição parcial com a entrada parcial resolve a entrada ambígua, completa as partes de informação que faltam e decide entre visões alternativas. É assim que combinamos um intervalo de tom invariável com a última nota escutada para predizer a próxima nota específica numa melodia. É assim que decidimos se a foto é de um vaso ou de duas caras. É assim que dividimos o nosso fluxo motor para escrever ou pronunciar o Discurso de Gettysburg.

Por último, além de projetar às regiões corticais inferiores, as células da camada 6 podem reenviar a sua saída às células da camada 4 da sua própria coluna. Quando fazem isto, as nossas predições convertem-se em entrada. É o que fazemos quando sonhamos acordados ou pensamos. Isso permite-nos ver as consequências das nossas próprias predições. Fazemos isto muitas horas por dia quando planeamos o futuro, ensaiamos discursos e nos preocupamos com acontecimentos futuros. Stephen Grossberg, que levou muito tempo a modelar o córtex, chama isto de "realimentação dobrada". Eu prefiro chamar de "imaginação".

Um último tema antes de deixar esta epígrafe. Já assinalei que na maioria das vezes, o que vemos, escutamos ou sentimos depende muito das nossas próprias ações. O que vemos depende de onde efetuam a sacada ocular dos nossos olhos e como giramos a cabeça. O que sentimos depende de como movemos os nossos membros e os nossos dedos. O que escutamos depende às vezes do que dizemos e fazemos.

Portanto, para predizer o que veremos a seguir temos que saber que ações estamos a fazer. O comportamento motor e a perceção sensorial são muito interdependentes. Como podemos fazer predições se o que sentimos a seguir é em boa medida o resultado das nossas próprias ações?

Por sorte, há uma solução surpreendente e elegante para este problema, ainda que muitos dos detalhes não sejam compreendidos.

A primeira descoberta surpreendente é que a perceção e o comportamento são quase idênticos. Como já mencionei, a maioria — se não todas — as regiões do córtex, inclusive as áreas visuais, participam na criação do movimento. As células da camada 5 que se projetam ao tálamo e depois à camada 1 parecem ter também uma função motora porque se projetam de forma simultânea às áreas motoras do cérebro velho. Deste modo, dispõe-se do conhecimento de "o que acaba de acontecer" — tanto sensorial como motor — na camada 1.

O segundo facto surpreendente, e consequência do primeiro, é que o comportamento motor também deve ser representado numa hierarquia de representações invariáveis. Geramos os movimentos necessários para levar a cabo uma ação particular, pensando em fazer de uma forma invariável não detalhada. À medida que a ordem motora se desloca pela hierarquia abaixo, a mesma é traduzida em sequências complexas e detalhadas que se requerem para realizar a atividade que esperamos fazer. Isto acontece tanto no córtex "motor" como no "sensorial", o que torna confusa a distinção entre ambas. Se a região IT do córtex visual percebe "nariz", o mero ato de mudar a representação de "olho" gerará a sacada ocular necessária para tornar real esta predição. A sacada ocular particular necessária para passar de ver um nariz para ver um olho varia dependendo de onde estiver o rosto. Um rosto próximo requer uma sacada ocular maior; um rosto mais distante, uma sacada ocular menor. Um rosto inclinado requer uma sacada ocular em um ângulo diferente de outra para um rosto horizontal. Os detalhes da sacada ocular exata determinam-se enquanto a predição de ver o "olho" avança para V1. A sacada ocular torna-se cada vez mais específica quanto mais desce, dando como resultado aquela que acaba nas fóveas, justo na mosca, ou bem perto.

Analisemos outro exemplo. Para que eu me desloque fisicamente da sala até à cozinha, tudo o que o meu cérebro tem que fazer é mudar da representação invariável da sala para a representação invariável da cozinha. Esta mudança provoca um desdobramento complexo de sequências. O processo de gerar a sequência de predições do que verei, sentirei e escutarei enquanto caminhar da sala até à cozinha também gera a sequência das ordens motoras que me farão caminhar da sala à cozinha e mover os olhos enquanto efetuar isto. A predição e o comportamento motor funcionam de mãos dadas, enquanto os padrões fluem para cima e para baixo da hierarquia cortical. Por estranho que pareça, quando o nosso

próprio comportamento está incluído, as nossas predições não só precedem à sensação, mas determinam-na. Pensar em passar ao próximo padrão de uma sequência provoca uma predição em cascata do que devemos experimentar a seguir. À medida que se desdobra a predição em cascata, são geradas as ordens motoras necessárias para cumpri-la. Pensar, predizer e agir fazem parte do mesmo desdobramento de sequências que descem pela hierarquia cortical.

"Fazer" pensando, o desdobramento paralelo da perceção e o comportamento motor, constitui a essência do que se chama Comportamento Orientado a uma Meta. O dito comportamento é o santo Graal da robótica, e está incorporada no tecido do córtex.

Podemos desligar o nosso comportamento motor, certamente. Posso pensar em ver algo sem o ver na realidade e posso pensar em ir à cozinha sem o fazer na realidade. Mas pensar em fazer algo é, de forma literal, o início do nosso modo de o fazer.

Fluxos Ascendentes e Descendentes

Retrocedamos um pouco para pensar um pouco mais sobre como se move a informação para cima e para baixo da hierarquia cortical. Quando nos deslocamos pelo mundo fluem entradas mutáveis às regiões inferiores do córtex. Cada região tenta interpretar a sua corrente de entradas como parte de uma sequência de padrões conhecida. As colunas tentam prever a sua atividade. Se conseguem isto, passarão um padrão estável, o nome da sequência, à próxima região superior. Novamente, é como se a região dissesse: "Estou a escutar uma canção; este é o seu nome. Posso manipular os detalhes".

Mas o que ocorre se chega um padrão inesperado, uma nota imprevista? Ou o que ocorre se vemos algo que não pertence a um rosto? O padrão inesperado passa de forma automática à próxima região cortical superior. Ocorre de modo natural quando se estimulam as células da camada 3b que não faziam parte da sequência esperada. A região superior pode ser capaz de compreender este novo padrão como a próxima parte da sua sequência própria. Poderia dizer: "Vejo que chegou uma nova nota. Talvez seja a primeira da próxima canção do álbum. Parece isto, de modo

que predigo que passaremos para a próxima canção. Região inferior, aqui está o nome da próxima canção que acho que você deverá escutar". Mas se não ocorre este reconhecimento, o padrão inesperado continuará a propagar-se para cima da hierarquia cortical até que alguma região superior possa interpretá-lo como parte da sua sequência de factos normal. Quanto mais precise ascender o padrão inesperado, mais regiões do córtex participam na resolução da entrada inesperada. Por último, quando uma região elevada da hierarquia pensa que pode compreender o facto inesperado, é gerada uma nova predição. Esta propaga-se para baixo na hierarquia até onde pode avançar. Se a nova predição não estiver correta, o erro será detetado e novamente ascenderá pela hierarquia até que alguma região seja capaz de interpretá-lo como parte da sua sequência ativa em curso. Deste modo, vemos que os padrões observados fluem para cima na hierarquia, e as predições, para abaixo. Idealmente, num mundo conhecido e predizível, a maior parte do fluxo de padrões ascendente e descendente ocorre com rapidez e nas regiões inferiores do córtex. O cérebro trata em seguida de encontrar uma parte do seu modelo do mundo que seja compatível com qualquer entrada inesperada. Só então pode saber razoavelmente o que esperar depois.

Se caminho por uma divisão conhecida da minha casa, serão propagados poucos erros para cima do meu córtex. As sequências bem aprendidas da minha casa podem ser manejadas ou manipuladas nas secções inferiores da hierarquia visual e motora. Conheço tão bem a divisão que inclusive posso percorrê-la na escuridão. A minha familiaridade com o ambiente liberta, na prática, a maior parte do meu córtex para outras tarefas, como pensar em cérebros e escrever livros. No entanto, se eu estivesse numa divisão desconhecida, sobretudo uma que fosse diferente de todas as que já tinha visto antes, não só precisaria olhar para ver por onde eu avançava, mas padrões inesperados ascenderiam cada vez mais acima da hierarquia cortical. Quanto menos a minha experiência sensorial concordar com as sequências aprendidas, mais erros surgirão. Nesta situação nova, já não posso pensar em cérebros porque a maior parte do meu córtex está ocupado com o problema de percorrer a divisão. É uma experiência comum para as pessoas que saem de um avião num país estrangeiro. Ainda que as estradas pareçam semelhantes às que estamos acostumados, é provável que os carros circulem pela mão contrária, o dinheiro seja estranho, a língua acabe por ser incompreensível e aprender a encontrar uma casa de banho possa necessitar de toda a potência do nosso córtex. Não tente ensaiar um discurso enquanto caminha por solo estrangeiro.

A sensação de entendimento repentino, o momento de "ah!", pode ser entendido neste modelo. Imaginemos que estamos a olhar um quadro ambíguo. Cheio de manchas de tinta e linhas dispersas, ele não se parece com nada. Carece de sentido. A confusão surge quando o córtex não consegue encontrar nenhuma memória que se corresponda com a entrada. Os nossos olhos esquadrinham cada lugar do quadro. Novas entradas percorrem todo o caminho ascendente da hierarquia cortical. As regiões superiores tentam muitas hipóteses diferentes, mas quando as ditas predições percorrem o caminho descendente da hierarquia, todas e cada uma acabam por ser incompatíveis com a entrada, e o córtex vê-se obrigado a realizar uma nova tentativa. Durante este tempo de confusão o nosso cérebro está totalmente ocupado em entender o quadro. Por fim efetuamos uma predição de alto nível que é a correta. Quando acontece isto, a predição começa no topo da hierarquia cortical e consegue propagar até à base. Em menos de um segundo, a cada região é entregue uma sequência que se encaixa com os dados. Não ascendem mais erros ao topo. Compreendemos que o quadro é entendível; vemos um cão dálmata entre os pontos e manchas (veja a figura 6.12).

Fig. 6.12 – Vê o dálmata?

Pode a Realimentação Conseguir Isto?

Temos sabido durante décadas que as conexões da hierarquia cortical são recíprocas. Se uma região A se projeta à região B, B projeta-se à região A.

Costuma-se ter mais fibras de axónios indo para diante do que para trás. Mas ainda que esta descrição goze de uma ampla aceitação, o paradigma predominante é que a realimentação desempenha um papel menor ou "modulador" no cérebro. A ideia de que um sinal de realimentação possa provocar de forma imediata e exata que um conjunto diverso de células da camada 2 se estimule não é a postura dominante entre os neurocientistas.

Por que deveria ser assim? Parte da razão, como já mencionei, é que não existe uma necessidade real de se preocupar pela realimentação se não se aceita o papel central da predição. Se se pensa que a informação flui sem interrupções pelo sistema motor, por que se precisa de realimentação? Outra razão para ignorá-la é que o sinal de realimentação se estende por grandes áreas da camada 1. Por intuição se esperaria que um sinal que se dispersa por uma grande área tenha um efeito menor em muitos neurónios, e de facto, o cérebro conta com vários sinais moduladores semelhantes que não atuam sobre neurónios específicos, mas que mudam atributos globais como o estado de alerta.

A razão final para passar por alto a realimentação baseia-se em como creem muitos cientistas de como funcionam os neurónios. Os neurónios típicos contam com milhares ou centenas de milhares de sinapses. Algumas destas localizam-se longe do corpo celular; outras, justamente em cima, bem perto. As sinapses próximas do corpo celular têm uma grande influência na estimulação da célula. Uma dúzia aproximada de sinapses ativas próximas do corpo celular podem provocar com que seja gerado um pico ou impulso de descarga elétrica. Isto é sabido. No entanto, a vasta maioria das sinapses não estão próximas do corpo da célula. Elas estendem-se pela longa e larga estrutura ramificada dos dendritos. Já que estas sinapses estão muito afastadas do corpo celular, os cientistas tendem a pensar que um pico que chega a uma destas sinapses teria um efeito débil ou quase impercetível para que o neurónio gere um pico. O

efeito de uma sinapse distante já teria se dissipado quando chegasse ao corpo celular.

Regra geral, a informação que flui para cima da hierarquia cortical transfere-se através das sinapses próximas aos corpos celulares. Deste modo, é mais seguro que a informação que ascende pela hierarquia passe de uma região a outra. Mesmo assim, como regra geral, a realimentação que desce pela hierarquia cortical fá-lo através das sinapses afastadas do corpo celular. As células das camadas 2, 3 e 5 enviam dendritos à camada 1 e formam ali muitas sinapses. A camada 1 é uma massa de sinapses, mas todas estão afastadas dos corpos celulares das camadas 2, 3 e 5. Além disso, uma célula particular da camada 2 só formará algumas sinapses, se acontecer, com uma fibra de realimentação particular. Portanto, alguns cientistas podem se opor à ideia de que um padrão breve da camada 1 possa provocar com que um conjunto de células se estimule nas camadas 2, 3 e 5. Mas isto é precisamente o que a teoria que tenho vindo a expor requer.

A resolução deste dilema é que os neurónios se comportam de forma diferente do modo como o fazem no modelo clássico. De facto, nos anos recentes, um grupo crescente de cientistas tem proposto que as sinapses em dendritos distantes e finos podem desempenhar um papel ativo muito específico na ativação celular. Nestes modelos, essas sinapses distantes comportam-se de forma diferente das sinapses dos dendritos mais grossos, próximos ao corpo celular. Por exemplo, se tivesse duas sinapses bem perto uma da outra em um dendrito fino, elas agiriam como "detetores de coincidência". Isto é, se ambas as sinapses recebessem um pico de entrada dentro de um quadro de tempo reduzido, poderiam exercer um grande efeito sobre a célula ainda que estivessem afastadas do corpo celular. Poderiam provocar com que o corpo celular gerasse um pico. Como se comportam os dendritos de um neurónio continua a ser um mistério, de modo que não posso dizer muita coisa a respeito. O importante é que o modelo de memória-predição do córtex requer que as sinapses afastadas do corpo celular sejam capazes de detetar padrões específicos.

Pensando à posteriori, parece quase óbvio afirmar que a maioria dos milhares de sinapses de um neurónio se limitam a desempenhar um papel modulador. A realimentação em massa e o número exorbitante de sinapses existem por uma razão. Seguindo esta perceção, cabe afirmar que um neurónio típico tem a capacidade de aprender centenas de coincidências precisas nas fibras de realimentação quando estabelecem

sinapses sobre dendritos finos. Isso significa que cada coluna do nosso neocórtex é muito flexível a partir da perspetiva dos padrões de realimentação que provocam com que ela se ative. Significa que qualquer característica particular pode se associar de maneira precisa com milhares de objetos e sequências diferentes. O meu modelo requer que a realimentação seja rápida e precisa. As células precisam estimular-se quando veem um número de coincidências precisas nos seus dendritos distantes. Estes novos modelos de neurónios permitem isto.

Como Aprende o Córtex

Todas as células de todas as camadas do córtex contam com sinapses, e a maioria destas podem modificar-se mediante a experiência. Cabe afirmar que a aprendizagem e a memória ocorrem em todas as camadas, em todas as colunas e em todas as regiões do córtex.

Já falei do livro "A Organização do Comportamento" sobre a "aprendizagem hebbiana", batizado com esse nome pelo neuropsicólogo canadense Donald O. Hebb. A sua essência é muito simples: quando dois neurónios se ativam ao mesmo tempo, as sinapses entre elas se fortalecem. Agora sabemos que Hebb estava basicamente certo. Certamente, nada na natureza é tão simples, e nos cérebros reais os detalhes são mais complexos. Os nossos sistemas nervosos praticam muitas variações da regra de aprendizagem hebbiana; por exemplo, algumas sinapses mudam a sua força em resposta a pequenas variações na sincronização dos sinais neuronais; algumas mudanças sinápticas são de curta duração, e outras, de longa. Mas Hebb limitou-se a estabelecer um modelo para o estudo da aprendizagem, não era uma teoria final, e o dito modelo tem se tornado incrivelmente útil.

Os princípios da aprendizagem hebbiana podem explicar a maioria do comportamento cortical que tenho mencionado neste capítulo. Recordemos que já se demonstrou na década de 1970 que as memórias autoassociativas, empregando o algoritmo hebbiano clássico, são capazes de aprender padrões espaciais e sequências de padrões. O problema principal era que as memórias não conseguiam manejar bem a variação. Segundo a teoria proposta neste livro, o córtex ficou em torno desta limitação em parte acumulando memórias associativas numa hierarquia e em parte usando uma complexa arquitetura colunar. Este capítulo consagrou-se sobretudo a analisar a hierarquia e o seu funcionamento

porque é ela que torna poderoso o córtex. Portanto, em vez de dedicar-me a descrever com detalhes minuciosos como poderia aprender cada célula isto ou aquilo, desejo abordar alguns princípios amplos de aprendizagem numa hierarquia.

Quando nascemos, o nosso córtex não sabe nada. Não conhece a nossa língua, cultura, casa, cidade, as canções, as pessoas com as quais cresceremos, nada. Toda esta informação, a estrutura do mundo, tem que ser aprendida. Os dois componentes básicos da aprendizagem são a classificação de padrões e a construção de sequências. Estes dois componentes complementares da memória interagem. Quando uma região aprende sequências, as entradas das células da camada 4 mudam. Portanto, estas células da camada 4 aprendem a formar novas classificações, que mudam o padrão reprojetado à camada 1, que afeta as sequências.

O básico de formar sequências é agrupar padrões que são parte do mesmo objeto. Uma forma de fazer isto, é agrupar os padrões que aparecem seguidos no tempo. Se uma menina segura um brinquedo na mão e move-o lentamente, o seu cérebro pode assumir sem dúvida alguma que a imagem da sua retina é do mesmo objeto um momento após outro e, portanto, o conjunto mutável de padrões pode ser agrupado juntamente. Em outros momentos são necessárias instruções externas para ajudar a decidir que padrões devem ir juntos. Aprender que as maçãs e as bananas são frutas, mas as cenouras e o aipo não, requer um professor que oriente a agrupar estes artigos como frutas. De qualquer modo, o nosso cérebro constrói lentamente sequências de padrões que são similares. Mas quando uma região do córtex constrói padrões, a entrada na próxima região muda. A entrada deixa de representar na sua maioria padrões particulares e passa a representar grupos de padrões. A entrada de uma região muda de notas a melodias, de letras a palavras, de narizes a rostos, e assim sucessivamente. Como as entradas de abaixo-acima de uma região se tornam mais “orientadas ao objeto”, a região superior do córtex pode agora aprender sequências desses objetos de ordem superior. Onde antes uma região construía sequências de letras, agora constrói sequências de palavras. O resultado inesperado deste processo é que durante a aprendizagem repetitiva as representações de objetos descem pela hierarquia cortical. Durante os primeiros anos da nossa vida, as nossas memórias do mundo formam-se primeiro nas regiões superiores do córtex, mas à medida que aprendemos são reformadas em partes cada vez mais baixas da hierarquia cortical. Não é

que o cérebro as mova; ele tem que reaprendê-las uma e outra vez. (Não sugiro que todas as memórias comecem no topo do córtex. A formação real das memórias é mais complexa. Acho que a classificação de padrões da camada 4 começa abaixo e vai ascendendo. Mas à medida que é feito isto, começamos a formar sequências que depois descem. É a memória das sequências que sugiro que se reforma cada vez mais abaixo do córtex.) À medida que as representações simples vão descendo, as regiões mais elevadas são capazes de aprender padrões mais complexos e sutis.

Pode-se comprovar a criação e movimento descendente da memória hierárquica observando como aprende uma criança. Analisemos como aprendemos a ler. A primeira coisa que aprendemos é a reconhecer letras impressas individuais. É uma tarefa lenta e difícil que requer um esforço consciente. Depois passamos a reconhecer palavras simples. Novamente, acaba por ser difícil e lento no princípio, inclusive para palavras de três letras. A criança pode ler cada letra em sucessão e pronunciar as letras uma a uma, mas precisa de muita prática antes de ser capaz de reconhecer a palavra em si como um todo. Depois de aprender palavras simples, lutamos com palavras multissilábicas complexas. A princípio pronunciamos cada sílaba concatenando-as como fizemos com as letras quando aprendemos palavras simples. Após anos de prática, uma pessoa pode ler rapidamente. Chegamos a um ponto no qual não vemos todas as letras individuais, mas reconhecemos palavras inteiras e com frequência frases inteiras somente numa olhadela. Não é só porque estamos mais rápidos; estamos a reconhecer as palavras e frases como entidades. Quando lemos uma palavra inteira de uma só vez, seguimos vendo as letras? Sim e não. É evidente que a retina vê as letras e, portanto, também o fazem as regiões de V1. Mas o seu reconhecimento ocorre bastante abaixo na hierarquia cortical. Digamos em V2 ou V4. Quando o sinal chega a IT, as letras individuais já não estão representadas. O que a princípio custava o esforço do córtex visual inteiro — reconhecer letras individuais —, agora ocorre mais próximo da entrada visual. À medida que a memória de objetos simples como letras desce pela hierarquia, as regiões superiores têm a capacidade de aprender objetos complexos como palavras e frases.

Aprender a ler música é outro exemplo. A princípio deve concentrar-se em cada nota. Com a prática, começa-se a reconhecer sequências de notas comuns, depois frases inteiras. Depois de muita prática, é como se não se visse a maioria das notas. A música da partitura está lá só para recordar a estrutura principal da peça; as sequências detalhadas foram

memorizadas mais abaixo. Este tipo de aprendizagem ocorre tanto nas áreas motoras como nas sensoriais.

Um cérebro jovem é mais lento para reconhecer entradas e efetuar ordens motoras porque as memórias usadas nestas tarefas encontram-se mais acima da hierarquia cortical. A informação tem que fluir no caminho completo acima e abaixo, talvez com múltiplos passes, para resolver os conflitos. Leva tempo para que os sinais neuronais percorram acima e abaixo a hierarquia cortical. Um cérebro jovem também não formou ainda sequências complexas no topo e, portanto, não pode reconhecer e reenviar padrões complexos. Não é capaz de entender a estrutura de ordem superior do mundo. Comparado com o de um adulto, a linguagem da criança é simples, a sua música é simples e as suas interações sociais são simples.

Se estudamos um conjunto particular de objetos uma e outra vez, o nosso córtex reforma as representações da memória desses objetos pela hierarquia abaixo, o que liberta o topo para aprender relações mais sutis e complexas. Segundo a teoria, isto é o que faz um expert.

No meu trabalho de projeto de computadores, algumas pessoas surpreendem-se da rapidez com que posso olhar um produto e ver os problemas inerentes no seu projeto. Depois de vinte e cinco anos a projetar computadores, conto com um modelo superior à média dos temas associados com os aparelhos de informática portáteis. De modo similar, um pai experiente reconhece com facilidade por que o seu filho está aborrecido, enquanto que a outro inexperiente talvez lhe custe manejar a situação. Um diretor empresarial pode ver com facilidade as falhas e as vantagens da estrutura de uma organização, enquanto que o diretor inexperiente não chega a compreender essas coisas. Eles possuem a mesma entrada, mas o modelo do novato não é tão sofisticado. Em todos estes casos e em mais outros milhares começamos a aprender o básico, a estrutura mais simples. Com o tempo o nosso conhecimento desce pela hierarquia cortical e, portanto, no topo temos a oportunidade de aprender estruturas de ordem superior. É esta estrutura de ordem superior que nos outorga experiência. Os experts e os génios possuem cérebros que veem a estrutura da estrutura e os padrões dos padrões para além do que veem os demais. Podemos converter-nos em experts mediante a prática, mas sem dúvida também existe um componente genético.

O Hipocampo: no Topo de Tudo

Três grandes estruturas cerebrais encontram-se sob a lâmina neocortical e comunicam-se com ela. São os núcleos basais, o cerebelo e o hipocampo. Os três existiam antes do neocórtex. Em linhas muito gerais, pode-se dizer que os núcleos basais eram o sistema motor primitivo, o cerebelo aprendia a sincronização precisa das relações de acontecimentos e o hipocampo armazenava memórias de acontecimentos e lugares específicos. Até certo ponto, o neocórtex tem subsumido as suas funções originais. Por exemplo, um ser humano nascido sem boa parte do cerebelo terá deficiências em sincronização e deverá aplicar um esforço mais consciente quando se mover, mas no restante será bastante normal.

Sabemos que o neocórtex é responsável por todas as sequências motoras complexas e pode controlar diretamente as nossas extremidades. Não que os núcleos basais careçam de importância, mas o neocórtex tem assumido uma grande parte do controlo motor. Devido a isso, tenho descrito a sua função geral independente dos núcleos basais e do cerebelo. É provável que alguns cientistas não estejam de acordo com esta proposta, mas é o que tenho usado neste livro e no meu trabalho.

No entanto, o hipocampo é uma outra questão. É uma das áreas do cérebro mais estudadas porque acaba por ser essencial para a formação de novas memórias. Se perdemos ambas as metades do hipocampo (assim como muitas partes do sistema nervoso, ele existe no lado esquerdo e direito do cérebro) ficamos sem capacidade para formar a maioria das novas memórias. Sem o hipocampo somos capazes de continuar a falar, caminhar, ver e escutar, e durante um breve período pareceremos quase normais, mas na realidade estamos profundamente deteriorados: não podemos recordar nada novo. Lembraremos de um amigo que conhecemos antes de perder o hipocampo, mas não conseguiremos recordar uma nova pessoa. Ainda que nos reuníssemos com o nosso médico cinco vezes ao dia durante um ano, cada vez seria como a primeira. Não teríamos memória dos factos que ocorreram depois da perda do hipocampo.

Durante muitos anos detestei pensar no hipocampo porque carecia de sentido para mim. Sem dúvida, ele é essencial para a aprendizagem, mas não é o armazém supremo da maior parte do que conhecemos. O neocórtex é. A visão clássica do hipocampo é de que ali se formam memórias novas que mais tarde, ao longo de um período de dias, semanas

ou meses, são transferidas ao neocórtex. Isto não fazia sentido para mim. Sabemos que a visão, o som e o tato — a nossa corrente de dados sensoriais — fluem diretamente para as áreas sensoriais do córtex sem passar primeiro pelo hipocampo. Parecia-me que esta informação sensorial devia formar de modo automático novas memórias no córtex. Por que precisamos de um hipocampo para aprender? Como pode uma estrutura separada como o hipocampo interferir e impedir a aprendizagem no córtex se ele for limitado a transferir a informação de volta ao córtex?

Decidi deixar de lado o hipocampo, imaginando que em algum dia o seu papel se clarearia. E este dia chegou no fim de 2002, mais ou menos na época em que comecei a escrever este livro. Um dos meus colegas do Redwood Neuroscience Institute, Bruno Olshausen, assinalou que as conexões entre o hipocampo e o neocórtex sugerem que o primeiro é a região suprema do neocórtex e não uma estrutura separada. Segundo esta proposta, o hipocampo ocupa o cume da pirâmide neocortical, o bloco superior da figura 6.5. O neocórtex apareceu no cenário evolutivo emparedado entre o hipocampo e o resto do cérebro. Ao que parece, esta proposta do hipocampo como o topo da hierarquia cortical já se conhecia há algum tempo, mas eu não estava a par disto. Conversei com vários experts e pedi-lhes que me explicassem como esta estrutura em forma de cavalo-marinho podia transferir memórias ao córtex. Ninguém soube como explicar, nem tampouco mencionaram que ele se encontrava no cume da pirâmide cortical, provavelmente por que além de não se encontrar fisicamente na dita posição, ele liga-se de forma direta com muitas outras partes mais antigas do cérebro.

Não obstante, percebi instantaneamente que esta nova perspetiva era a solução da minha confusão.

Pensemos sobre a informação que flui dos olhos, ouvidos e pele ao neocórtex. Cada região desta tenta entender o que a dita informação significa. Cada região tenta compreender a entrada em virtude das sequências que conhece. Se ela compreende a entrada, ela diz: “Entendo isto, é parte do objeto que estou a ver. Não passarei os detalhes”. Se uma região não compreende a entrada em curso, ela a passa pela hierarquia acima até que alguma região superior o faça. No entanto, um padrão realmente novo escalará cada vez mais acima da hierarquia. Cada região mais elevada diz: “Não sei o que é isto, não o previ; por que não o confere mais acima?”. O efeito líquido é que quando chegamos ao topo da pirâmide cortical o que deixámos é a informação que não se pode

compreender com a experiência anterior. Fica-nos a parte da entrada que é realmente nova e inesperada.

Num dia normal encontramos muitas coisas novas que chegam até ao topo — por exemplo, uma história no jornal, o nome da pessoa que conhecemos nesta manhã e o acidente de carro que vimos a caminho de casa —. São estes resíduos inexplicados e inesperados, as coisas novas, que entram no hipocampo e se armazenam ali. Esta informação não será guardada para sempre. Será retransferida ao córtex ou acabará por perder-se.

Dei-me conta de que, à medida que vou ficando mais velho, custa-me recordar coisas novas. Por exemplo, os meus filhos recordam os detalhes da maioria das obras de teatro que viram no ano passado. Eu não. Talvez seja porque tenho visto tantas na minha vida que raramente encontro algo realmente novo. As novas obras encaixam-se nas memórias das obras passadas e a informação não chega ao meu hipocampo. Para os meus filhos, cada obra é uma novidade e chega ao hipocampo. Se isto for verdade, caberia afirmar que quanto mais sabemos, menos recordamos.

Diferente do neocórtex, o hipocampo possui uma estrutura heterogénea com várias regiões especializadas. Realiza perfeitamente a única tarefa de armazenar em seguida qualquer padrão que vê. Encontra-se na posição perfeita, no topo da pirâmide cortical, para recordar o que é novo. Também está na posição perfeita para recordar essas novas memórias, permitindo que se armazenem na hierarquia cortical, que é um processo um pouco mais lento. No hipocampo podemos recordar instantaneamente um acontecimento que seja novo para ele, mas só recordaremos algo de forma permanente no córtex se o experimentamos uma e outra vez, seja na realidade ou pensando nisso.

Uma Rota Alternativa para Ascender na Hierarquia

O nosso córtex conta com uma segunda rota importante para passar informação de uma região a outra ascendendo na hierarquia. Esta rota alternativa começa com as células da camada 5 que se projetam no tálamo (uma parte diferente das que analisámos antes) e depois do mesmo às regiões superiores do córtex. Sempre que duas regiões do córtex se ligam

diretamente entre si de forma hierárquica, também o fazem indiretamente através do tálamo. Esta segunda rota só passa informação pela hierarquia acima, não abaixo. Portanto, quando ascendemos pela hierarquia cortical, existe um caminho direto entre duas regiões e outro indireto através do tálamo.

O segundo caminho apresenta dois modos de operação determinados pelas células do tálamo. No primeiro, a rota está em boa parte fechada, de modo que a informação não flui através dela. No segundo, a informação flui com precisão entre as regiões. Dois cientistas, Murray Sherman, da Universidade Estadual de Nova York, em Stony Brook, e Ray Guillery, da Escola de Medicina da Universidade de Wisconsin, descreveram esta rota alternativa e postularam que ela poderia ser tão importante como a direta (talvez até mais) que tem constituído o tema deste capítulo até agora. Tenho uma hipótese sobre o que faz esta segunda rota.

Leia esta palavra: imaginação. A maioria das pessoas pode reconhecê-la com uma única olhadela, uma fixação. Agora olhe a letra "i" no meio da palavra. Agora olhe o ponto sobre a "i". Os seus olhos podem fixar-se na mesma localização exata, mas em um caso veem a palavra; no próximo, a letra, e no último, o ponto. Se custa-lhe entender isto, tente dizer "ponto", "i" e "imaginação" enquanto olha fixamente o ponto. Em todos os casos entra a mesma informação exata em V1, mas quando chega a uma região superior como IT percebem diferentes coisas, diferentes graus de detalhe. A região IT sabe como reconhecer os três objetos. Pode reconhecer o ponto isolado na letra "i" e na palavra inteira numa olhadela. Mas quando percebem a palavra inteira, V2, V4 e V1 se ocupam dos detalhes, e tudo o que IT chega a conhecer a respeito é a palavra. Regra geral, não percebemos as letras individuais enquanto lemos; percebemos palavras ou frases. Mas podemos fazer isto se quisermos. Fazemos esta espécie de mudança de atenção continuamente, mas não costumamos ter consciência disso. Posso estar a escutar música de fundo e mal me dar conta da melodia, mas se eu tentar, sou capaz de isolar o cantor ou o baixo. O mesmo som entra na minha cabeça, mas posso focar as minhas perceções. A cada vez que coçamos a cabeça, o movimento provoca um forte som interno, mas não costumamos percebê-lo. No entanto, se nos concentramos nele, conseguimos escutá-lo com clareza. Este é outro exemplo da entrada sensorial que em geral é manejado ou manipulado nas regiões baixas da hierarquia cortical, mas que pode ascender a níveis superiores se lhe prestarmos atenção.

A minha conjetura é que a rota alternativa pelo tálamo é o mecanismo mediante o qual atendemos os detalhes que normalmente não perceberíamos. Contorna o agrupamento de sequências na camada 2 e envia os dados brutos à próxima região superior do córtex. Os biólogos têm mostrado que a rota alternativa pode se abrir de dois modos. Um é o método que você empregou quando lhe pedi que prestasse atenção a detalhes que não costuma perceber, como o ponto sobre a letra "i" ou o som ao se coçar a cabeça. O segundo método que pode ativar esta rota é um grande sinal inesperado de baixo. Se a entrada na rota alternativa tem a força suficiente, ela envia um sinal de alerta à região superior, que pode abrir novamente a rota. Por exemplo, se lhe mostrasse um rosto e lhe perguntasse o que era, você diria: "Rosto". Se lhe mostrasse o mesmo rosto, mas tivesse uma estranha cicatriz no nariz, primeiro o reconheceria, mas depois os seus níveis inferiores de visão se dariam conta de que algo não vai bem. Este erro obriga a abrir a rota da atenção. Os detalhes tomarão agora o caminho alternativo, evitando o agrupamento que ocorre normalmente, e a cicatriz suscitaria a sua atenção. Agora você vê a cicatriz e não só o rosto. Se ela fosse bastante rara, a cicatriz poderia ocupar a sua inteira atenção. Deste modo, os acontecimentos pouco habituais suscitam de imediato a sua atenção. Este é o motivo pelo qual não podemos evitar de nos fixar nas deformidades e em outros padrões inusitados. O nosso cérebro faz isto de forma automática. No entanto, com frequência os erros não têm a força necessária para abrir a rota alternativa. Por isso, às vezes não nos damos conta quando uma palavra está mal escrita quando a lemos.

Reflexões Finais

Para encontrar e estabelecer um novo modelo científico é necessário buscar os conceitos mais simples capazes de unir e explicar o que eram grandes quantidades de dados distintos. Uma consequência inevitável deste processo é que o pêndulo se incline muito para a simplificação. É provável que se passe por alto os detalhes importantes e que os dados sejam mal interpretados. Se o modelo se consolida, é inevitável que surjam ajustes que mostrem onde foi muito longe a proposta inicial, onde ficou curta ou onde estava o erro.

Neste capítulo apresentei muitas ideias especulativas sobre o funcionamento do neocórtex. Confio plenamente de que várias das ditas

ideias podem acabar por ser erróneas, e é muito provável que todas sejam revisadas. Há, além disso, muitos detalhes que nem sequer mencionei. O cérebro é muito complexo; os neurocientistas que leem este livro saberão que apresentei uma grosseira caracterização das complexidades de um cérebro real. Não obstante, acho que o modelo no seu conjunto é sólido. Não me resta mais do que esperar que as ideias centrais se conservem quando os detalhes mudarem em face de novos dados e entendimento.

Por último, talvez lhe custe aceitar a ideia de que um sistema de memória simples, mas grande, possa dar como resultado tudo o que fazem os humanos. Seria possível que você e eu não fôssemos mais do que um sistema de memória hierárquica? Poderiam armazenar-se as nossas vidas, credos e ambições em trilhões de sinapses diminutas? Em 1984 comecei a escrever programas de computador de maneira profissional. Antes disso, tinha escrito pequenos programas, mas era a primeira vez que programava um computador com uma interface gráfica de utilizador, e a primeira vez que trabalhava em aplicações grandes e complexas. Escrevia software para um sistema operativo criado pela Grid Systems. Com janelas, fontes múltiplas e menus, o sistema operativo da Grid era muito avançado para a sua época.

Num dia ocorreu-me que o que eu fazia raiava o impossível. Como programador escrevia uma por uma as linhas de código. Agrupava as linhas de código em blocos chamados sub-rotinas. As sub-rotinas eram agrupadas em módulos. Os módulos eram combinados para formar uma aplicação. Os programas de planilha nos quais eu estava a trabalhar tinham tantas sub-rotinas e módulos que nenhuma pessoa seria capaz de entender tudo. Era complexo. Não obstante, uma única linha de código fazia muito pouco. Colocar um pixel no monitor de vídeo levava várias linhas de código. Desenhar uma tela inteira para a planilha requeria que o computador executasse milhões de instruções que se estendiam em centenas de sub-rotinas. As sub-rotinas exigiam outras sub-rotinas de forma repetitiva. Era tão complexo que acabava por ser impossível saber tudo o que aconteceria quando o programa estivesse em funcionamento. Ocorreu-me que era muito pouco provável que quando o programa funcionasse eu obtivesse a sua imagem na qual apareceria num instante. A sua aparência externa eram tabelas de números, rótulos, texto e gráficos. Comportava-se como uma planilha. Mas eu sabia o que acontecia dentro do computador, cujo processador executava uma a uma as instruções simples. Era difícil pensar que ele pudesse encontrar o caminho pelo labirinto de módulos e sub-rotinas, e executar todas essas instruções

tão rápido. Se não o tivesse conhecido tão bem, teria estado seguro de que o conjunto não poderia funcionar. Dava-me conta de que se alguém tivesse inventado o conceito de computador com interface gráfica de utilizador e uma aplicação de planilha, e me tivesse apresentado em papel, tê-lo-ia recusado como algo irreal. Teria afirmado que demoraria uma eternidade para fazer qualquer coisa. Era um pensamento ofensivo, porque isto, de facto, funcionava. Foi então que me dei conta de que o meu sentido intuitivo sobre a velocidade do microprocessador e a potência do projeto hierárquico era inadequado.

Há nisso uma lição sobre o neocórtex. Ele não está formado por componentes super-rápidos e as regras com as quais opera não são tão complexas. No entanto, ele apresenta uma estrutura hierárquica que contém bilhões de neurónios e trilhões de sinapses. Se nos é difícil conceber como um sistema de memória que, embora simples em termos lógicos, é vasto em termos numéricos, consegue dar origem à nossa consciência, às linguagens, às culturas, à arte, a este livro e aos avanços da ciência e tecnologia, proponho que tal dificuldade decorre de uma perceção intuitiva inadequada acerca da capacidade do córtex e da força da sua estrutura hierárquica. Assim como aconteceu com os computadores, é provável que venhamos a criar máquinas inteligentes que operem com base nos mesmos princípios.

CAPÍTULO 7

CONSCIÊNCIA E CRIATIVIDADE

Quando dou palestras sobre a minha teoria do cérebro, o público costuma captar em seguida o significado da predição como algo unido com a multidão de atividades humanas, e me formulam perguntas relacionadas. De onde provém a criatividade? O que é a consciência? O que é a imaginação? Como se pode separar a realidade das falsas crenças? Ainda que estes temas não tenham estado entre as minhas motivações prioritárias para estudar os cérebros, são de interesse para quase toda a gente. Não pretendo ser um expert desses temas, mas o modelo de memória-predição da inteligência pode contribuir com algumas respostas e perceções úteis. Neste capítulo abordo algumas das perguntas mais frequentes.

São Inteligentes os Animais?

É um rato inteligente? É um gato inteligente? Quando começou a inteligência no período evolutivo? Gosto destas perguntas porque a resposta acaba por surpreender-me.

Tudo o que tenho escrito até ao momento sobre o neocórtex e o seu funcionamento baseia-se numa premissa muito básica: o mundo possui uma estrutura e, portanto, é predizível. Há padrões no mundo: os rostos têm olhos, os olhos têm pupilas, o fogo é quente, a gravidade faz com que os objetos caiam, as portas abrem-se e fecham-se, e assim sucessivamente. O mundo não é aleatório, nem também não-homogéneo. A memória, a predição e o comportamento não fariam sentido se o mundo carecesse de estrutura. Todo o comportamento, seja o de um ser humano, um caracol, um organismo unicelular ou uma árvore, é um meio de explorar a estrutura do mundo em benefício da reprodução.

Imaginemos um organismo unicelular que vive num açude. A célula tem um flagelo que lhe permite nadar. Na superfície da célula há moléculas que detetam a presença de nutrientes. Como nem todas as zonas do açude apresentam a mesma concentração de nutrientes, dá-se uma mudança

gradual no valor — ou gradiente — dos nutrientes de um lado da célula ao outro. Quando ela nada pelo açude, a célula pode detetar a mudança. É uma forma de estrutura simples no mundo do animal unicelular. A célula explora a sua perceção química nadando para os lugares com concentrações mais altas de nutrientes. Caberia dizer que este organismo simples está a efetuar uma predição. Prediz ele que, nadando do modo certo, achará mais nutrientes. Está a memória envolvida nesta predição? Sim, está. A memória está no DNA do organismo. O animal unicelular não aprendeu na sua vida a explorar este gradiente, particularmente, a aprendizagem ocorreu no período evolutivo e está armazenado no seu DNA. Se a estrutura do mundo mudasse de repente, este animal unicelular particular não aprenderia a adaptar-se. Não poderia alterar o seu DNA ou o comportamento resultante. Para esta espécie a aprendizagem só ocorre mediante processos evolutivos ao longo de muitas gerações.

É inteligente este organismo unicelular? Utilizando a noção quotidiana de inteligência humana, a reposta é não. Mas o animal encontra-se no limite extremo de um contínuo de espécies que usam a memória e a predição para conseguir reproduzir-se melhor, e segundo esta avaliação mais académica a resposta é sim. Não se trata de etiquetar algumas espécies como inteligentes e a outras como não inteligentes. Todos os seres vivos usam a memória e a predição. Não há mais do que um contínuo de métodos e complexidade na sua forma de fazer.

As plantas também empregam a memória e a predição para explorar a estrutura do mundo. Uma árvore efetua uma predição quando envia as suas raízes sob o solo e os seus ramos e folhas para o céu. A árvore prediz onde vai encontrar água e minerais baseando-se na experiência dos seus antepassados. Certamente, uma árvore não pensa; o seu comportamento é automático. Mas a espécie explora a estrutura do mundo da mesma forma que o organismo unicelular. Cada espécie de plantas possui um conjunto característico de comportamentos que exploram partes ligeiramente diferentes da estrutura do mundo.

As plantas acabaram por desenvolver sistemas de comunicação baseados em boa medida na libertação lenta de sinais químicos. Se um inseto danifica uma parte de uma árvore, esta envia produtos químicos através do seu sistema vascular a outras partes, o que desencadeia um sistema de defesa como a fabricação de toxinas. Mediante esse sistema de comunicação, a árvore pode mostrar um comportamento um pouco mais complexo. É provável que os neurónios tenham evoluído como um meio de comunicar informação de forma mais rápida do que um sistema

vascular vegetal. Caberia conceber um neurónio como uma célula com os seus próprios apêndices vasculares. Num determinado momento, em vez de transferir lentamente produtos químicos através desses apêndices, o neurónio começou a utilizar picos eletroquímicos que viajavam com muito mais velocidade. É provável que a princípio a transmissão sináptica rápida e os sistemas nervosos simples não necessitassem de muita aprendizagem. O jogo consistia só em transmitir com maior rapidez.

Mas depois, em decorrência do período evolutivo, aconteceu algo muito interessante. As conexões entre os neurónios tornaram-se modificáveis. Um neurónio podia enviar ou não um sinal dependendo do que tivesse acontecido há pouco tempo. Agora o comportamento podia modificar-se no curso da vida de um organismo. O sistema nervoso tornou-se plástico, assim como o comportamento. Como se podiam formar memórias com rapidez, o animal era capaz de aprender a estrutura do seu mundo durante a sua própria vida. Se o mundo mudasse de improviso — digamos que um novo predador entrasse em cena —, o animal não teria que prosseguir com o seu comportamento determinado geneticamente, pois talvez já não fosse o apropriado. Os sistemas nervosos plásticos converteram-se numa tremenda vantagem evolutiva que levou ao surgimento de novas espécies, dos peixes aos caracóis e dos caracóis aos humanos.

Como vimos no capítulo 3, todos os mamíferos possuem um cérebro velho, em cima do qual se assenta o neocórtex, que não é mais do que o tecido neural de evolução mais recente. Mas com a sua estrutura hierárquica, as representações invariáveis e predições por analogia, o córtex permite aos mamíferos explorar bem mais a estrutura do mundo do que é capaz um animal que não o possua. Os nossos antepassados dotados de córtex podiam imaginar como fazer uma rede para apanhar peixes. Os peixes não são capazes de aprender que as redes significam morte nem de pensar em como construir ferramentas para as cortar. Todos os mamíferos, dos ratos aos gatos e dos gatos aos humanos, têm neocórtex. Todos são inteligentes, mas em graus diferentes.

O Que Há de Diferente na Inteligência Humana?

O modelo de memória-predição oferece duas respostas a esta pergunta. A primeira é bastante direta: o nosso neocórtex é maior que o do macaco ou do cão, por exemplo. Ao ampliar a lâmina cortical até ao tamanho de um grande guardanapo, os nossos cérebros podem aprender um modelo mais complexo do mundo e efetuar predições mais complexas. Vemos analogias mais profundas, mais estrutura na estrutura, do que outros mamíferos. Se procuramos compreender alguém, não nos restringimos apenas a características simples como a saúde. Analisamos também informações mais complexas, como as relações que essa pessoa mantém com amigos e familiares, o seu comportamento e a forma como se expressa. Fazemos julgamentos sobre atributos como a honestidade, utilizando todos esses elementos para prever como será o seu comportamento no futuro. Os corredores das bolsas de valores procuram uma estrutura nos padrões do mercado. Os matemáticos procuram uma estrutura nos números e equações. Os astrónomos procuram uma estrutura nos movimentos dos planetas e das estrelas. O nosso neocórtex permite-nos contemplar a nossa casa como parte de uma cidade, que é parte de uma região, que é parte de um planeta, o qual é parte de um grande Universo: a estrutura dentro da estrutura. Nenhum outro mamífero pode ponderar a esta profundidade. Estou seguro de que a minha gata não tem um conceito do mundo fora da nossa casa.

A segunda diferença entre os seres humanos e o restante dos mamíferos é que temos linguagem. Escreveram-se livros inteiros sobre as supostas propriedades únicas da linguagem e como ela se desenvolveu. No entanto, ela encaixa-se perfeitamente no modelo de memória-predição sem nenhum atributo extraordinário nem maquinaria específica. As palavras faladas e escritas não são mais do que padrões do mundo, assim como as melodias, os carros e as casas. A sintaxe e a semântica da linguagem não são diferentes da estrutura hierárquica de outros objetos quotidianos. E da mesma forma que associamos o som de um comboio à imagem da memória visual de um comboio, associamos as palavras faladas à nossa memória dos seus homólogos físicos e semânticos. Mediante a linguagem um ser humano pode evocar lembranças e criar novas justaposições de objetos mentais em outro ser humano. A linguagem é analogia pura, e através dela podemos conseguir que outros seres humanos experimentem e aprendam coisas que talvez não tenham

visto nunca. O desenvolvimento da linguagem requereu um grande neocórtex capaz de manejar ou manipular a estrutura aninhada da sintaxe e da semântica. Requereu, além disso, um córtex motor e uma musculatura mais plenamente desenvolvidos que nos permitissem realizar sons ou gestos sofisticados e muito articulados. Com a linguagem podemos tomar os padrões que aprendemos na vida e transmiti-los aos nossos filhos e ao nosso clã. A linguagem, seja escrita, falada ou incorporada nas tradições culturais, converteu-se no meio através do qual transmitimos o que sabemos do mundo de geração em geração. Atualmente, a comunicação impressa e eletrónica permite-nos partilhar o nosso conhecimento com milhões de pessoas à volta do mundo. Os animais carentes de linguagem não transmitem tanta informação à sua progénie. Um rato pode aprender muitos padrões na sua vida, mas não transmite a nova informação em detalhes: "Olha, filho, é assim que o meu pai me ensinou a evitar as descargas elétricas".

Portanto, podemos determinar três etapas na inteligência, empregando-se em todas elas a memória e a predição.

1. A primeira seria quando as espécies se valiam do DNA como meio para estabelecer a memória. Os indivíduos não podiam aprender e adaptar-se dentro da sua vida. Só eram capazes de transmitir à sua descendência a memória do mundo baseada no DNA através dos seus genes.

2. A segunda etapa iniciou-se quando a Natureza inventou sistemas nervosos modificáveis, capazes de formar memórias com rapidez. Agora um indivíduo conseguia aprender coisas importantes sobre a estrutura do seu mundo e adaptar o seu comportamento durante a sua vida. Mas ainda não tinha a faculdade de comunicar este conhecimento à sua prole mais do que pela observação direta. A criação e expansão do neocórtex ocorreu durante esta segunda etapa, mas não a definiu.

3. A terceira e última etapa é única dos seres humanos. Começa com a invenção da linguagem e a expansão do nosso grande neocórtex. Nós, os humanos, podemos aprender muito da estrutura do mundo dentro das nossas vidas e comunicá-lo com efetividade a muitos outros humanos através da linguagem.

Você e eu estamos a participar neste processo agora mesmo. Tenho passado grande parte da minha vida a indagar sobre a estrutura dos

cérebros e em como a dita estrutura leva ao pensamento e à inteligência. Mediante este livro estou a difundir o que tenho aprendido. Certamente, não o poderia ter feito se não tivesse tido acesso ao conhecimento reunido por milhares de cientistas, que aprenderam de outros, e assim sucessivamente através dos séculos. Fui capaz de assimilar e ampliar o que outros tinham escrito sobre a sua reflexão e observação.

Convertemo-nos nas criaturas mais adaptáveis do planeta e as únicas com a capacidade de transferir amplamente o nosso conhecimento do mundo à nossa espécie. A população humana tem passado por um crescimento explosivo porque temos a faculdade de aprender e explorar a estrutura do mundo e comunicá-la a outros seres humanos. Podemos prosperar em qualquer lugar, seja a selva tropical chuvosa, o deserto ou a tundra gelada. A combinação de um neocórtex grande e a linguagem tem conduzido à espiral de sucesso da nossa espécie.

O Que é a Criatividade?

Perguntam-me com frequência sobre a criatividade. Suspeito que é porque muitas pessoas a consideram algo que uma máquina não poderia fazer e, portanto, constitui um desafio para a ideia de construir máquinas inteligentes. O que é a criatividade? Já temos encontrado a resposta várias vezes neste livro. A criatividade não é algo que ocorre numa região particular do córtex; também não se parece com as emoções ou com o equilíbrio, que têm a sua origem em estruturas e circuitos particulares fora do córtex. A criatividade é mais do que uma propriedade inerente de cada região cortical. É um componente necessário da predição.

Como pode ser verdade isto? Não se trata de uma qualidade necessária que requer inteligência e talento elevados? A verdade é que não. A criatividade pode ser definida claramente como a faculdade de elaborar predições por analogia, algo que ocorre em todas partes do córtex e que fazemos de forma contínua enquanto estamos acordados. A criatividade ocorre num contínuo. Abrange desde os atos quotidianos simples de perceção que acontecem nas regiões sensoriais do córtex (escutar uma canção num novo tom), até aos atos difíceis e raros de génio que têm lugar nos níveis superiores do córtex (compor uma sinfonia num estilo novo). No fundamental, os atos quotidianos de perceção são similares aos raros voos de brilhantismo; o que acontece é que os atos quotidianos são tão comuns que não lhes damos importância.

Agora você já conta com um entendimento básico de como criamos memórias invariáveis, como as empregamos para efetuar predições e como fazemos predições de acontecimentos futuros que sempre são um pouco diferentes do que temos experimentado no passado. Recorde também que as nossas memórias invariáveis são sequências de factos. Efetuamos predições combinando a lembrança da memória invariável do que deverá acontecer a seguir com os detalhes pertencentes do momento temporário (recordemos a parábola da predição sobre a chegada do comboio). A predição é a aplicação de sequências de memória invariável a novas situações. Portanto, todas as predições corticais o são por analogia. Predizemos o futuro por analogia ao passado.

Consideremos que estamos a ponto de comer num restaurante desconhecido e queremos lavar as mãos. Ainda que jamais tenhamos estado nesse edifício antes, o nosso cérebro prediz que terá casa de banho em algum lugar do estabelecimento com uma pia apropriada para se lavar as mãos. Como se sabe isto? Outros restaurantes nos quais tínhamos estado têm serviços e por analogia é provável que este também os tenha. E além disso, sabemos onde e o que procurar. Predizemos que terá uma porta ou cartaz com algum tipo de símbolo associado a homens ou mulheres. Predizemos que estará na parte traseira do restaurante, próximo ao bar ou à entrada, mas em geral fora da vista da zona de mesas. Novamente, nunca tínhamos estado neste restaurante particular antes, mas por analogia com outros estabelecimentos similares somos capazes de encontrar o que precisamos. Não olhamos à volta de forma aleatória. Procuramos padrões esperados que nos permitam encontrar os serviços em seguida. Este tipo de comportamento é um ato criativo; é predizer o futuro por analogia com o passado. Não costumamos pensar que isto seja criativo, mas é, e muito.

Há um tempo atrás eu havia comprado um vibrafone. Tínhamos piano, mas nunca tinha tocado vibrafone. No dia em que o levámos para casa, apanhei uma partitura do piano, coloquei-a no atril sobre o vibrafone e comecei a tocar melodias simples. A minha habilidade para fazer isto não era notável, mas no básico era um ato criativo. Pensemos sobre a minha atividade. Tenho um instrumento que é muito diferente do piano. O vibrafone possui barras de metal douradas; o piano, teclas negras e brancas. As barras douradas são grandes e todas do mesmo tamanho; as teclas, pequenas e de dois tamanhos diferentes. As barras douradas estão dispostas em duas filas diferentes; as teclas negras e brancas, intercaladas. Num instrumento utilizo os dedos; no outro, as baquetas.

Num caso, permaneço de pé; no outro, sentado. Os músculos e movimentos particulares necessários para tocar o vibrafone são totalmente diferentes dos que são precisos para tocar o piano.

Portanto, como eu soube tocar uma melodia num instrumento desconhecido? A resposta é que o meu córtex vê uma analogia entre as teclas do piano e as barras do vibrafone. O emprego desta semelhança permitiu-me interpretar a melodia. A verdade é que não é diferente de cantar uma canção num novo tom. Em ambos os casos sabemos o que fazer por analogia com a aprendizagem passada. Dou-me conta de que a semelhança entre estes dois instrumentos pode parecer-lhe evidente, mas isso deve-se ao facto de que os nossos cérebros veem analogias de forma automática. Tente programar um computador para que encontre semelhanças entre dois objetos como pianos e vibrafones, e comprovarão o quão difícil é. A predição por analogia — a criatividade — é tão dominante que não costumamos percebê-la.

No entanto, achamos que somos criativos quando o nosso sistema de memória-predição opera a um nível de abstração superior, quando efetua predições pouco comuns utilizando analogias infrequentes. Por exemplo, a maioria das pessoas estaria de acordo de que o matemático que demonstra uma conjetura difícil é criativo. Mas observemos detidamente o que implicam os seus esforços mentais. O nosso matemático concentra-se muito numa equação e afirma: "Como vou desvendar este problema?". Se a resposta não é evidente à primeira vista, ele talvez reordene a equação. Ao escrevê-la de forma diferente, ele pode contemplar o mesmo problema a partir de uma perspetiva diferente. Ele concentra-se um pouco mais. De improviso ele vê uma parte da equação que lhe parece conhecida. Ele pensa: "Epá, reconheço isto. Há uma estrutura nesta equação que se parece com a estrutura de outra equação em que trabalhei há vários anos". Então ele efetua uma predição por analogia: "Talvez possa resolver esta equação utilizando as mesmas técnicas que me serviram no caso da antiga". Ele é capaz de resolver o problema por analogia com um problema aprendido previamente. É um ato criativo.

O meu pai padecia de um misterioso trastorno no sangue que os seus médicos não conseguiam diagnosticar. Como souberam que tratamento oferecer? Uma das coisas que fizeram foi analisar meses de dados obtidos da análise do seu sangue para poderem identificar padrões. (O meu pai imprimiu um belo diagrama para que os médicos pudessem ver os dados com clareza.) Ainda que os seus sintomas não se encaixassem plenamente com os das doenças conhecidas, existia algumas semelhanças. Os

médicos acabaram por basear o seu tratamento numa mistura de estratégias das quais tinham obtido bons resultados em outros transtornos sanguíneos. Os tratamentos empregados deduziram-se a partir de analogias com doenças que os médicos tinham tratado anteriormente. Para reconhecer estes padrões requer-se um amplo contato com outras doenças pouco comuns.

As metáforas de Shakespeare são um exemplo da criatividade. "O amor é um fumo criado com o vapor dos suspiros"; "filosofia, doce leite da adversidade"; "há adagas nos sorrisos dos homens". Tais metáforas parecem óbvias quando as vemos, mas são muito difíceis de inventar, razão pela qual se considera Shakespeare um génio literário. Para criar estas metáforas ele teve que ver uma sucessão de analogias inteligentes. Quando ele escreve "há adagas nos sorrisos dos homens", ele não fala de adagas ou sorrisos. Adagas é análoga a más intenções, e os sorrisos dos homens, a engano. Duas sábias analogias em apenas cinco palavras! Pelo menos é a minha forma de interpretá-las. Os poetas têm o dom de correlacionar palavras ou conceitos que não parecem ligados, de forma que dão uma nova luz ao mundo. Criam analogias inesperadas como meio de ensinar uma estrutura de nível superior.

De facto, as obras de arte muito criativas são apreciadas porque violam as nossas predições. Quando vemos um filme que rompe o molde conhecido de um personagem, argumento ou cinematografia (incluídos efeitos especiais), gostamos porque não é o mesmo de sempre. A pintura, a música, a poesia e as novelas — todas as formas artísticas criativas — esforçam-se para romper com o convencional e violar as expetativas do público. Existe uma tensão contraditória que engrandece uma obra de arte. Queremos que a arte tenha um ar familiar, mas ao mesmo tempo que seja único e inesperado. Se é muito conhecido, acaba por ser recauchutado ou kitsch (falta de autenticidade ou originalidade); muita singularidade faz com que se destaque em excesso e seja difícil de apreciar. As melhores obras rompem alguns padrões esperados e ao mesmo tempo ensinam-nos outros novos. Observe uma grande obra de música clássica. A melhor música acaba por ser atraente pela sua simplicidade — bom compasso, melodia e fraseologia simples —. Qualquer pessoa pode entendê-la e apreciá-la. No entanto, também é um pouco diferente e inesperada. Mas quanto mais a escutamos, mais vemos que há um padrão nas partes inesperadas, como harmonias pouco habituais ou repetidas mudanças de tons. O mesmo cabe afirmar da grande

literatura ou dos grandes filmes. Quanto mais os lemos ou os assistimos, maior detalhe criativo e complexidade de estrutura percebemos.

É provável que tenham tido a experiência de estar a olhar algo e de repente lhe vir à cabeça uma sensação de reconhecimento: "Já vi este padrão antes, em algum outro lugar...". Talvez não estivesse a tentar resolver um problema, mas uma representação invariável do seu cérebro ativou-se devido a uma situação nova. Você vê uma analogia entre dois acontecimentos que não costumam estar relacionados. Talvez eu devesse reconhecer que promover uma ideia científica é similar a vender uma ideia comercial ou que propiciar a reforma política é semelhante a criar filhos. Se eu fosse poeta, teria uma nova metáfora. Se eu fosse cientista ou engenheiro, teria uma nova solução para um problema persistente. A criatividade consiste em misturar e casar padrões de tudo o que temos experimentado ou chegado a conhecer na nossa vida. É afirmar: "Isto se parece com aquilo". O mecanismo neural para se fazer isto encontra-se em todas as partes do córtex.

São Algumas Pessoas Mais Criativas Que Outras?

Uma pergunta relacionada que costumo escutar é: "Se todos os cérebros são inerentemente criativos, por que existem diferenças na nossa criatividade?". O modelo de memória-predição aponta duas respostas possíveis. Uma tem a ver com a Natureza, e a outra, com a educação.

No aspeto educativo, cada pessoa tem diferentes experiências de vida. Portanto, cada pessoa desenvolve diferentes modelos e memórias do mundo no seu córtex, e efetuarão analogias e predições diferentes. Se tenho tido contato com a música, serei capaz de cantar uma canção num novo tom e tocar melodias simples em novos instrumentos. Se nunca tive contato com ela, não conseguirei realizar esses saltos preditivos. Se tenho estudado física, serei capaz de explicar o comportamento dos objetos quotidianos mediante a analogia com as leis da física. Se tenho crescido com cães, estou preparado para ver analogias com eles e conseguirei predizer melhor os seus comportamentos. Algumas pessoas são mais criativas em situações sociais ou em linguagem, matemática ou diplomacia segundo o ambiente no qual cresceram. As nossas predições

e, portanto, os nossos talentos constroem-se a partir das nossas experiências.

No capítulo 6 descrevi como as memórias se impulsionam para baixo na hierarquia cortical. Quanto mais nos expomos a certos padrões, mais são reformadas as memórias dos ditos padrões nos níveis inferiores. Isto permite-nos aprender a relação entre os objetos abstratos de ordem superior que se encontram no topo. É a essência da perícia. Um expert é alguém que mediante a prática e a exposição repetida é capaz de reconhecer padrões mais sutis dos que consegue determinar alguém não-expert, como a forma de uma asa num carro do fim da década de 1950 ou o tamanho de uma mancha no bico de uma gaivota. Os experts podem reconhecer padrões sobre padrões. O limite físico do que somos capazes de reconhecer é delimitado pelo tamanho do nosso córtex. Mas, como seres humanos, o nosso córtex é grande comparado com outras espécies e gozamos de uma tremenda flexibilidade na qual podemos aprender. Tudo depende das coisas com as quais temos contato ao longo da nossa vida.

No aspeto natural, os cérebros mostram uma variação física. Sem dúvida, algumas das diferenças estão determinadas pelos genes, como o tamanho das regiões (os indivíduos podem mostrar uma diferença de até três vezes na área bruta V1) e a lateralidade hemisférica (as mulheres tendem a ter um cabeamento mais denso que os homens, ligando os lados esquerdo e direito do cérebro). Entre os humanos, é provável que alguns cérebros apresentem mais células ou diferentes tipos de conexões. Não parece que o génio criativo de Albert Einstein se desse apenas em função do ambiente estimulante do escritório de patentes em que ele trabalhou quando jovem. As análises recentes do seu cérebro — que se acreditava estar perdido, mas foi encontrado conservado num jarro há alguns anos — revelam que ele era sensivelmente inusual. Tinha mais células de apoio — chamadas neuróglia — por neurónio que a média. Mostrava um padrão pouco habitual de cisuras ou sulcos nos lóbulos parietais, região que se considera importante para as capacidades matemáticas e o raciocínio espacial. Além disso, era 15 porcento mais amplo que a maioria dos cérebros restantes. Talvez nunca saibamos por que Einstein foi tão criativo e inteligente, mas cabe apostar com total segurança que parte do seu talento derivou-se de fatores genéticos.

Seja qual for a diferença entre cérebros brilhantes e normais, todos somos criativos. E com a prática e o estudo podemos aumentar as nossas destrezas e talentos.

Podemos Treinar-nos para Ser Mais Criativos?

Sim, sem sombra de dúvida. Tenho descoberto que há três modos de fomentar o encontro de analogias úteis quando se trabalha na resolução de problemas. Primeiro é preciso presumir que há uma resposta para aquilo que pretendemos resolver. As pessoas rendem-se com muita facilidade. Precisamos confiar que há uma solução à espera a ser descoberta e devemos continuar a pensar no problema durante um bom tempo.

Em segundo lugar, temos que deixar vagar a nossa mente. Temos de dar ao nosso cérebro o tempo e o espaço precisos para descobrir a solução. Encontrar a solução a um problema é, de forma literal, encontrar um padrão armazenado no nosso córtex que é análogo ao problema no qual estamos a trabalhar. Se perseverarmos no problema, o modelo de memória-predição sugere que devemos encontrar modos diferentes de o considerar para aumentar a probabilidade de ver uma analogia com uma experiência passada. Se limitarmo-nos a sentar e olhá-lo fixamente uma e outra vez, não chegaremos muito longe. Temos de tentar tomar as partes do problema e reordená-las de forma literal e figurada. Quando jogo *Scrabble*, mudo uma e outra vez a ordem das fichas. Não que eu espere que as letras formem por acaso uma nova palavra, mas combinações diferentes farão com que eu me lembre de palavras ou pedaços de palavras que poderiam ser parte de uma solução. Se você olha um desenho de algo que não faz sentido, tente girá-lo, mudar as cores ou as perspetivas. Por exemplo, quando eu pensava sobre como os diferentes padrões de V1 poderiam levar a representações variáveis em IT, eu fiquei bloqueado, de modo que dei a volta ao problema para me perguntar como um padrão constante de IT era capaz de conduzir a predições diferentes em V1. A inversão do problema acabou por ser útil de imediato e acabou por levar-me a achar que V1 não devia considerar-se uma região cortical única.

Se você fica bloqueado num problema, abandone por um tempo. Faça outra coisa. Depois retome-o, propondo-o novamente. Se você fizer isto o suficiente, algo surgirá mais cedo ou mais tarde. Pode levar dias ou semanas, mas acabará por acontecer. A meta é encontrar uma situação análoga em algum lugar da sua experiência passada. Para conseguir isto você deve ponderar sobre o problema com frequência, mas também fazer

outras coisas a fim de que o córtex tenha a oportunidade de encontrar uma memória análoga.

Vejamos outro exemplo de como a reordenação de um problema levou a uma solução inovadora. Em 1994 os meus colegas e eu tentávamos criar uma forma de introduzir texto em computadores de mão. Todos nós estávamos centrados no software de reconhecimento de letra. Dizíamos: "Escrevamos coisas em folhas de papel, de modo que possamos ser capazes de fazer o mesmo na tela de um computador". Infelizmente, isto acabou por ser dificílimo. É outra dessas coisas que os computadores não fazem nada bem, ainda que aos cérebros lhes pareça muito simples. A razão é que o cérebro usa a memória e o texto em curso para predizer o que está escrito. Palavras e letras irreconhecíveis em si mesmas reconhecem-se com facilidade no contexto. No caso dos computadores não basta casar padrões para realizar a tarefa. Eu tinha projetado vários computadores que empregavam reconhecimento de letra tradicional, mas nunca tinham sido muito bons.

Durante vários anos empenhei-me em fazer com que o software de reconhecimento funcionasse melhor, porém eu ficava bloqueado. Num dia decidi afastar-me um pouco e contemplar o problema de uma perspetiva diferente. Procurei problemas análogos. Disse a mim mesmo: "Como introduzimos texto nos computadores de mesa? Digitamo-lo a partir de um teclado. Como sabemos como é digitar num teclado? Bom, a verdade é que não é fácil. É uma invenção muito recente e leva muito tempo para aprender. Escrever com o toque num teclado parecido com o de uma máquina de escrever é difícil e não é intuitivo; não se parece de forma alguma a escrever, mas milhões de pessoas aprendem a fazer. Por quê? Porque funciona". O meu pensamento continuou por analogia: "Talvez eu possa criar um sistema de entrada de texto que não seja necessariamente intuitivo, e que se tenha que aprender, mas que as pessoas o utilizem porque funciona".

Esse é literalmente o processo que segui. Utilizei o ato de escrever num teclado como analogia para criar uma forma de inserir texto com um ponteiro numa tela. Reconheci que as pessoas estavam dispostas a aprender uma tarefa difícil (digitar) porque era um modo confiável e fácil de introduzir texto numa máquina. Portanto, se éramos capazes de criar um novo método de introduzir texto com um ponteiro que fosse rápido e confiável, as pessoas o utilizariam ainda que requeresse aprendizagem. Portanto, projetei um alfabeto que traduzisse de forma confiável o que escrevíamos em texto computacional, e o chamei de Graffiti. Nos sistemas

de reconhecimento de letra tradicionais, quando o computador interpreta mal a nossa escrita não sabemos por quê. Mas o sistema Graffiti sempre produz a letra correta a não ser que cometamos um erro ao escrever. Os nossos cérebros detestam o que não é predizível, motivo pelo qual as pessoas sentem aversão pelos sistemas de reconhecimento de letra tradicionais.

Muita gente pensou que o Graffiti era uma ideia completamente estúpida. Ia na contramão de tudo o que se acreditava sobre como se supunha que funcionavam os computadores. Naqueles dias o mantra era que os computadores tinham que se adaptar ao utilizador e não o contrário. Mas eu confiava em que as pessoas aceitariam este novo modo de introduzir texto por analogia com o teclado. O Graffiti acabou por ser uma boa solução e a sua adoção foi ampla. Até hoje oiço gente a declarar que os computadores devem adaptar-se aos utilizadores, mas nem sempre isto é verdade. Os nossos cérebros preferem sistemas coerentes e predizíveis, e gostamos de aprender novas destrezas.

Pode a Criatividade Desencaminhar-me? Posso Enganar a Mim Mesmo?

A falsa analogia é sempre um perigo. A história da ciência está repleta de belas analogias que acabaram por ser erróneas. Por exemplo, o famoso astrónomo Johannes Kepler ficou convencido de que as órbitas dos seis planetas conhecidos estavam definidas pelos sólidos platónicos. Estas são as únicas formas tridimensionais que podem ser completamente construídas partindo de polígonos regulares. Existem só cinco: tetraedro (quatro triângulos equiláteros), hexaedro (seis quadrados, também conhecido como cubo), octaedro (oito triângulos equiláteros), dodecaedro (doze pentágonos regulares) e icosaedro (vinte triângulos equiláteros). Elas foram descobertas pelos gregos antigos, que estavam obcecados com a relação da matemática com o Cosmos.

Assim como todos os eruditos renascentistas, Kepler estava muito influenciado pelo pensamento grego. Parecia-lhe que não podia ser uma coincidência que tivesse cinco sólidos platónicos e seis planetas. Assim ele expressa isto no seu livro *O Mistério do Cosmos* (1596): "O mundo

dinâmico está representado pelos sólidos de faces planas. Há cinco, mas quando os considera como limites, esses cinco determinam seis coisas diferentes: daí os seis planetas que giram à volta do Sol. Também é esta a razão pela qual não há mais do que seis planetas". Ele viu uma analogia formosa, mas completamente falsa.

Kepler prosseguia, explicando as órbitas dos planetas recorrendo à hierarquização dos sólidos platónicos com o Sol no centro. Ele tomou a esfera definida pela órbita de Mercúrio como linha de referência e circunscreveu nela um octaedro cujas pontas definiam uma esfera maior, que proporcionava a órbita de Vénus. À volta desta ele circunscreveu um icosaedro, cujas pontas exteriores produziam a órbita da Terra. A progressão continuava: o dodecaedro projetado à volta da órbita terrestre dava a órbita de Marte; o tetraedro em torno desta apontava a órbita de Júpiter, e o cubo à volta desta indicava a órbita de Saturno. Era elegante e belo. Dada a precisão limitada dos dados astronómicos da sua época, ele pôde convencer-se de que este esquema funcionava. (Anos mais tarde, Kepler deu-se conta de que tinha se equivocado depois que ele se apoderou dos dados astronómicos precisos do seu colega falecido Tycho Brahe, que demonstravam que as órbitas planetárias eram elipses e não círculos.)

A exaltação de Kepler serve como lição de moral para os cientistas e, na realidade, para todos os pensadores. O cérebro é um órgão que constrói modelos e efetua predições criativas, mas os seus modelos e predições podem ser tanto enganosos como válidos. Os nossos cérebros estão sempre à procura de padrões e a fazer analogias. Se não se podem encontrar correlações corretas, o cérebro mostra-se mais do que satisfeito em aceitar as falsas. A pseudociência, o fanatismo, a fé e a intolerância costumam ter as suas raízes na falsa analogia.

O que é a Consciência?

É uma dessas perguntas que temem os neurocientistas, na minha opinião de forma desnecessária. Alguns cientistas, como Christof Koch, estão dispostos a desvendar o tema da consciência, mas a maioria a considera um assunto da filosofia que beira a pseudociência. Penso que merece consideração ainda que seja apenas isto, porque desperta a curiosidade de muita gente. Não posso proporcionar uma resposta completamente satisfatória, mas acho que a memória e a predição a

abordam em parte. Em primeiro lugar, falemos dessa charada tal como surge na conversa.

Não faz muito tempo que me encontrava numa conferência científica num belo lugar de Long Island Sound. Nas primeiras horas da tarde, alguns de nós apanhámos os nossos copos de vinho e os levámos até um cais para sentar-nos junto à água e para conversar antes da comida e da sessão vespertina. Decorrido um momento, a conversa girou em torno do assunto da consciência. Como já disse, os neurocientistas não costumam falar disso, mas estávamos num bonito lugar, tínhamos bebido vinho e surgiu o tema.

Uma cientista britânica soltou uma conclusão sobre as suas ideias a respeito e afirmou: "Certamente, jamais compreenderemos a consciência". Eu não estava de acordo: "A consciência não é um grande problema. Acho que não é mais do que o que se sente ao ter córtex". Fez-se um silêncio no grupo e depois suscitou-se uma discussão quando vários cientistas tentaram ilustrar sobre o meu erro evidente. "Você deve admitir que o mundo parece vivo e formoso. Como pode negar que a sua consciência percebe o mundo? Você deve admitir que se sente como algo especial." Para estabelecer a minha premissa, repliquei: "Não sei do que falam. Dado o modo pelo qual estão a expressar-se sobre a consciência, tenho que concluir que sou diferente de vocês. Não sinto o que vocês estão a sentir, de modo que talvez não seja um ser consciente. Devo ser um zumbi". Costuma-se recorrer aos zumbis quando os filósofos falam sobre a consciência. Um zumbi define-se como alguém fisicamente igual a um humano, porém sem consciência. São máquinas de carne e osso que caminham e respiram, mas sem ninguém lá dentro.

A cientista britânica olhou-me. "Claro que é você consciente."

"Não, não o creio. É provável que pareça, mas não sou um ser humano consciente. Não se preocupe com isso; encontro-me de forma confortável."

Ela disse, "Bom, é que você não percebe a maravilha." e estendeu o braço para a água cintilante enquanto o sol começava a pôr-se e o céu tornava-se rosa salmão iridescente.

"Sim, vejo todas essas coisas; e daí?"

"Então, como explica a sua experiência subjetiva?"

Repliquei, "Sim, sei que estou aqui. Tenho memória de coisas semelhantes a este entardecer. Mas não me parece que esteja a acontecer nada de especial, de modo que se você sente algo de especial talvez seja porque não sou consciente." Eu tentava fazer-lhe definir o que ela pensava que tinha de maravilhoso e inexplicável na consciência. Eu tentava fazer com que ela a definisse.

Continuámos nesta linha de raciocínio — sim, o é; não, não sou isso — até que chegou o momento de irmos comer. Não acho que eu pudesse mudar o modo de pensar de ninguém sobre a existência e o significado da consciência. Mas tratava de conseguir que se dessem conta de que a maioria das pessoas pensa que ela é uma espécie de molho mágico que se acrescenta sobre o cérebro físico. Temos um cérebro, composto de células, e vertemos a consciência, esse molho mágico, sobre ele, e essa é a condição humana. Nesta proposta, a consciência é uma entidade misteriosa separada dos cérebros. Por isso os zumbis têm cérebros, mas não consciência. Todos possuem todos os elementos mecânicos, neurónios e sinapses, mas carecem do molho especial. Podem fazer tudo o que um humano faz. Pelo exterior não se pode distinguir um zumbi de um humano.

A ideia de que a consciência é algo acrescentado provém de crenças anteriores no *élan vital*, uma força especial que se pensava que animava os seres vivos. As pessoas achavam que precisavam da dita força para explicar a diferença entre as rochas e as plantas ou entre os metais e as donzelas. Poucos continuam a acreditar nisto. Na atualidade sabemos bastante sobre as diferenças entre matéria inanimada e animada para entender que não há um molho especial. Agora sabemos muito sobre DNA, dobramento de proteínas, transcrição de genes e metabolismo. Ainda que ainda não conheçamos todos os mecanismos dos sistemas vivos, sabemos o suficiente de biologia para abandonar a magia. De forma similar, as pessoas já não sugerem que se precise de magia ou de espíritos para fazer com que os músculos se movam. Temos proteínas que se dobram e formam grandes correntes de moléculas. Pode-se ler de tudo a respeito.

Não obstante, muita gente persiste em achar que a consciência é diferente e não pode explicar-se em termos biológicos reducionistas. Reitero que não sou um estudioso da consciência. Não tenho lido todas as opiniões dos filósofos, mas tenho algumas ideias sobre o que confunde as pessoas neste debate. Acho que a consciência é o que se sente ao ter neocórtex. Mas podemos melhorar isto. Podemos dividir a consciência em duas categorias importantes. Uma é similar ao conhecimento de si

mesmo, a noção quotidiana de estar consciente, e é relativamente fácil de entender. A segunda são os *qualia*, a ideia de que os sentimentos associados à sensação são em certo modo independentes da entrada sensorial. É a parte mais difícil.

Quando a maioria das pessoas diz a palavra consciente ela está a referir-se à primeira categoria. "Você está consciente de que passou ao meu lado sem me dizer 'olá'?" "Você estava consciente quando você caiu da cama na noite passada?" "Não está consciente quando você dorme." Algumas pessoas afirmam que esta forma de consciência é o mesmo que o conhecimento. Estão muito próximos em significado, mas não acho que o seu conhecimento a capte com acerto. Sugiro que este significado de consciência é sinónimo de formar memórias declarativas. São memórias que se podem recordar e falar delas a outras pessoas. Você pode expressá-las verbalmente. Se você me pergunta para onde fui no fim de semana passado, eu posso dizer-lhe. É uma memória declarativa. Se você me pergunta como equilibrar uma bicicleta, eu posso dizer-lhe que se deve sustentar a barra do guiador e empurrar os pedais, mas sou incapaz de lhe explicar com exatidão como o fazer. O modo de equilibrar uma bicicleta tem muito a ver com a atividade do cérebro antigo, de modo que não é uma memória declarativa.

Conto com um pequeno experimento mental para mostrar que a nossa noção quotidiana de consciência se corresponde com formar memórias declarativas. Recordemos que se pensa que todas as memórias residem nas mudanças físicas das sinapses e dos neurónios que se ligam. Portanto, se tivesse um método para reverter essas mudanças físicas, as nossas memórias se apagariam. Agora imaginemos que você pudesse instalar um interruptor e devolver o seu cérebro ao estado físico exato em que ele se achava em algum momento do passado. Poderia ser há uma hora, vinte e quatro horas ou qualquer outra coisa. Só pulso o interruptor na minha máquina de volta ao passado e as suas sinapses e neurónios regressam a um estado anterior no tempo. Ao fazer isto, apago toda a sua memória do que tem ocorrido desde então.

Suponhamos que você viva o dia de hoje e acorde amanhã. Mas no momento em que está a acordar, pulso o interruptor e apago as últimas vinte e quatro horas. Você teria uma memória zero do dia anterior. A partir da perspetiva do seu cérebro, ontem nunca aconteceu. Eu dir-lhe-ia que é quarta-feira e você protestaria: "Não, é terça-feira. Tenho certeza. Você mudou o calendário. É terça-feira, sem dúvida. Por que está a fazer esta brincadeira comigo?". Mas todas as pessoas com as quais você se

encontrou na terça-feira diriam que você tinha estado consciente durante todo o dia. Viram-no, comeram e falaram com você. Não se recorda? Você responderia que não; que isto não aconteceu. Por último, quando se lhe mostrasse um vídeo no qual você se vê a comer, você iria convencer-se aos poucos de que existiu esse dia, ainda que você não tenha memória dele. É como se você tivesse sido zumbi durante um dia, sem consciência. No entanto, você foi consciente o tempo todo. A sua crença de que você era consciente só desapareceu quando a sua memória declarativa se apagou.

Este experimento mental capta a equivalência entre memória declarativa e a nossa noção quotidiana de ser consciente. Se numa partida de ténis no seu término pergunto-lhe se você é consciente, você me responderia sem dúvida que sim. Se depois apago a sua memória das duas últimas horas, você declararia que estava inconsciente e não era responsável pelas suas ações durante esse tempo. Em ambos casos jogaram a mesma partida de ténis. A única diferença é que você tem memória disso no momento em que pergunto. Portanto, este significado de consciência não é absoluto. Ele pode ser alterado após o facto de ter sido apagada a sua memória.

A questão mais difícil sobre a consciência refere-se aos *qualia*, que se costumam formular em perguntas do tipo zen, tais como: "Por que o vermelho é vermelho, e o verde, verde? Parece-me o vermelho da mesma forma que parece a você? Por que o vermelho está carregado emocionalmente de certos sentimentos? Sem dúvida, possui para mim uma qualidade ou sensação inextricável. Que sentimentos ele causa a você?".

Acho as ditas descrições difíceis de relacionar com a neurobiologia, de modo que gostaria de reformular a pergunta. No meu entender, uma pergunta equivalente, mas também difícil de explicar, seria por que os diversos sentidos parecem qualitativamente diferentes. Por que a visão parece diferente da audição e por que a audição parece diferente do tato? Se o córtex é o mesmo em todas as partes, se funciona com os mesmos processos, se está limitado a manejar padrões, se não entra nenhum som ou luz no cérebro, só padrões, por que a visão parece tão diferente da audição? Acaba por ser-me difícil descrever em que difere a visão da audição, mas é algo evidente. Suponho que também é para vocês. Não obstante, o axónio que representa o som e outro que representa a luz são idênticos em todos os efeitos práticos. As qualidades da luz e do som não se transportam no axónio de um neurónio sensorial.

As pessoas que apresentam uma doença chamada sinestesia têm cérebros que confundem a distinção entre os sentidos: alguns sons ou certas texturas têm cor. Isto indica-nos que o aspeto qualitativo de um sentido não é imutável. Mediante algum tipo de modificação física, um cérebro pode conceder um aspeto qualitativo de visão a uma entrada auditiva.

Portanto, qual é a explicação para os *qualia*? Posso pensar em duas possibilidades, mas nenhuma delas me parece totalmente satisfatória. Uma é que, ainda que a audição, o tato e a visão funcionem segundo princípios similares no neocórtex, manejam-se de forma diferente abaixo deste. A audição descansa num conjunto de estruturas subcorticais específicas para a audição que processam os padrões auditivos antes que cheguem ao córtex. Os padrões somatossensoriais também viajam por um conjunto de áreas subcorticais que são únicas para os sentidos somáticos. Talvez os *qualia*, como as emoções, não estejam mediados simplesmente pelo neocórtex. Se estão vinculados de algum modo com partes subcorticais do cérebro que possuem uma conexão única, talvez unida com os centros de emoção, isso poderia explicar por que os percebemos de forma diferente, ainda que isto não ajude a resolver por que existe o tipo de sensação de *qualia*.

A outra possibilidade que me ocorre é que a estrutura das entradas — diferenças entre os mesmos padrões — dite como experimentamos os aspetos qualitativos da informação. A natureza do padrão espacial-temporal no nervo auditivo é diferente da natureza do mesmo padrão no nervo óptico. Este último possui milhões de fibras e transporta bastante informação espacial. O nervo auditivo só tem trinta mil fibras e transporta mais informação temporal. Pode ser que estas diferenças estejam relacionadas com o que chamamos de *qualia*.

É inquestionável que, independentemente de como se defina a consciência, a memória e a predição assumem um papel essencial na sua formação.

As noções de mente e alma estão relacionadas com a consciência.

Quando criança costumava perguntar-me como teria sido se "eu" tivesse nascido no corpo de outra criança em outro país, como se "eu" fosse algo independente do meu corpo. Este sentimento de uma mente independente da fisicalidade é comum e uma consequência natural do funcionamento do neocórtex. O nosso córtex cria um modelo do mundo

na sua memória hierárquica. Os pensamentos são o que surgem quando este modelo funciona por si mesmo; a lembrança da memória leva a uma nova lembrança da memória, e assim sucessivamente. Os nossos pensamentos mais contemplativos não estão a ser guiados pelo mundo real, nem sequer estão ligados a ele; são puras criações do nosso modelo. Fechamos os olhos e procuramos em silêncio para que o nosso pensamento não seja interrompido pelas entradas sensoriais. O nosso modelo, certamente, criou-se originalmente mediante a exposição ao mundo real através dos sentidos, mas quando planeamos e pensamos sobre ele fazemo-lo mediante o modelo cortical, não pelo mundo em si.

Para o córtex, os nossos corpos não são mais do que parte do mundo exterior. Recordemos que o cérebro é uma caixa silenciosa e escura. Só sabe do mundo através dos padrões das fibras nervosas sensoriais. A partir da perspetiva do cérebro como um aparelho de padrões, ele não sabe do nosso corpo de forma diferente de como sabe do resto do mundo. Não existe uma distinção especial entre onde termina o corpo e onde começa o resto do mundo. Mas o córtex não tem capacidade para modelar o cérebro porque não há sentidos nele. Deste modo, podemos ver por que os nossos pensamentos parecem independentes do nosso corpo, por que parece que temos uma mente ou alma independente. O córtex constrói um modelo do nosso corpo, mas não consegue construir um modelo equivalente do cérebro. Os nossos pensamentos, que se localizam no cérebro, estão separados fisicamente do corpo e do resto do mundo. A mente é independente do corpo, mas não do cérebro.

Podemos observar com clareza esta diferenciação mediante o trauma e a doença. Se alguém perde um braço, o modelo que o seu cérebro tem dele pode permanecer intacto, dando como resultado o chamado "membro fantasma" e em relação ao qual ele é capaz de continuar a senti-lo unido ao seu corpo. Por outro lado, se ele sofre um trauma cortical, ele pode perder o seu modelo do braço ainda que ele continue a conservá-lo. Neste caso ele pode padecer da síndrome do braço alheio e ter a sensação incómoda e talvez intolerável de que o braço não é seu e é controlado por outra pessoa. Se o nosso cérebro permanece intacto enquanto o resto do corpo cai doente, dá-nos a sensação de que temos uma mente sã agarrada a um corpo agonizante, ainda que na realidade o que temos é um cérebro são, agarrado a um corpo agonizante. É natural imaginar que a nossa mente continuará após a morte do nosso corpo, mas quando o cérebro morre, a mente também morre. Esta verdade acaba por ser evidente se os nossos cérebros falham antes dos nossos corpos. As pessoas com a

doença de Alzheimer ou com um dano cerebral sério perdem a mente mesmo que o seu corpo permaneça são.

O que é a Imaginação?

Do ponto de vista conceitual, a imaginação é bastante simples. Os padrões fluem a cada área cortical a partir dos nossos sentidos ou áreas inferiores da hierarquia da memória. Cada área cortical cria predições que se reenviam hierarquia abaixo. Para imaginar algo, basta deixar que as nossas predições deem a volta e se convertam em entradas. Sem fazer nada físico, podemos seguir as consequências das nossas predições. "Se acontece isto, acontecerá isso e logo aquilo", e assim sucessivamente. Experimentamos isto quando preparamos uma reunião de negócios, jogamos xadrez, organizamos um evento desportivo ou fazemos milhares de outras coisas.

No xadrez imaginamo-nos a mover o cavalo para certa posição e depois imaginamos como ficará o tabuleiro depois da jogada. Com esta imagem em mente, predizemos o que fará o nosso rival e como ficará o tabuleiro após a sua jogada. Depois predizemos o que faremos, e assim uma e outra vez. Avançamos pelos passos imaginados e pelas suas consequências. Por fim decidimos, baseando-nos nestas sequências de factos imaginados, se a jogada inicial era boa ou não. Alguns atletas, como os esquiadores de descida cronometrada, podem melhorar os seus resultados ao repassarem mentalmente o percurso da corrida uma e outra vez na sua cabeça. Ao fecharem os olhos e imaginarem cada um dos giros e obstáculos, e inclusive encontrarem-se no pódio dos vencedores, aumentam as suas possibilidades de sucesso. Imaginar não é mais do que outra palavra para planear. É aí onde a capacidade preditiva do nosso córtex vale a pena, pois permite-nos saber quais serão as consequências das nossas ações antes que as realizemos.

Imaginar requer um mecanismo neural para converter uma predição numa entrada. No capítulo 6 propus que nas células da camada 6 é onde ocorre a predição precisa. Estas células projetam-se a níveis inferiores da hierarquia, mas também para cima, para as células de entrada da camada 4. Deste modo, as saídas de uma região podem converter-se nas suas próprias entradas. Stephen Grossberg, que há muito tempo idealiza modelos do córtex, chama a este circuito da imaginação de "realimentação dobrada". Se fecharmos os olhos e imaginarmos um hipopótamo, a área

visual do nosso córtex ativa-se, da mesma forma que o faria se estivéssemos a ver realmente o animal. Vemos o que imaginamos.

O que é a Realidade?

As pessoas perguntam-me com uma expressão de preocupação e assombro, "Quer dizer que os nossos cérebros criam um modelo do mundo? E que o modelo pode ser mais importante que a realidade?"

"Bom, sim; em certa medida, assim seria," respondo. "Mas não existe o mundo fora da minha cabeça?"

Certamente que sim. As pessoas são reais, a minha gata é real, as situações sociais nas quais nos encontramos são reais. Mas o nosso entendimento do mundo e a nossa resposta a ele baseiam-se em predições provenientes do nosso modelo interno. Num dado momento do tempo, só podemos sentir diretamente uma parte diminuta do nosso mundo. Essa ínfima parte dita quais memórias se invocarão, mas ela em si não basta para construir o conjunto da nossa perceção em curso. Por exemplo, agora estou a digitar no meu escritório e escuto uma chamada na porta dianteira. Sei que a minha mãe vem de visita e imagino que ela está no pé da escada, ainda que não a tenha visto nem a escutado na realidade. Não tinha nada na entrada sensorial relacionado de forma específica com a minha mãe. É o meu modelo de memória do mundo que prediz que ela está lá por analogia com a experiência passada. A maioria do que percebemos não chega através dos nossos sentidos, mas do que é gerado pelo nosso modelo de memória interno.

Portanto, a pergunta "O que é a realidade?" depende em boa medida da precisão com que o nosso modelo cortical reflita a real natureza do mundo.

Muitos aspetos do mundo que nos rodeia são tão constantes que quase todos os humanos possuem o mesmo modelo interno deles. Desde criança aprendemos que a luz que cai sobre um objeto redondo produz determinada sombra e que podemos calcular a forma da maioria dos objetos pelas pistas do mundo natural. Aprendemos que, se uma caneca caísse da nossa cadeira, a gravidade sempre a puxaria para o chão. Aprendemos texturas, geometria, cores e os ritmos do dia e da noite.

Todos aprendemos de forma sistemática as propriedades físicas simples do mundo.

Mas boa parte do nosso modelo do mundo baseia-se no costume, na cultura e no que os nossos pais nos ensinam. Estas partes do nosso modelo são menos constantes e poderiam ser muito diferentes para diferentes pessoas. Uma criança que cresce num lar cheio de carinho e cuidados, com pais que respondem às suas necessidades emocionais, é provável que chegue à idade adulta predizendo que o mundo é seguro e amável. As crianças maltratadas por um ou ambos os pais têm maiores probabilidades de ver os acontecimentos futuros como algo perigoso e cruel, e achar que não se pode confiar em ninguém por mais bem que os tratem depois. Grande parte da psicologia baseia-se nas consequências da experiência, do apego e da educação durante os primeiros anos, porque é neste período que o cérebro estabelece o seu primeiro modelo do mundo.

A nossa cultura molda por completo o nosso modelo do mundo. Por exemplo, veja como os asiáticos e os ocidentais percebem o espaço e os objetos de forma diferente. Os asiáticos preocupam-se mais com o espaço entre os objetos, enquanto os ocidentais preocupam-se com os objetos, uma diferença que se traduz em estéticas e modos de resolver problemas separados. As pesquisas têm demonstrado que algumas culturas, como no caso das tribos do Afeganistão e de algumas comunidades da América do Sul, constroem-se sobre os princípios da honra e, como resultado, são mais propensos a aceitar o caráter natural da violência. Os credos religiosos diferentes aprendidos no início da vida podem levar a modelos completamente diferentes de moralidade, modos de tratar os homens e as mulheres e inclusive do valor da própria vida. É evidente que estes diferentes modelos do mundo não podem estar completamente corretos num sentido absoluto e universal, ainda que talvez pareçam corretos a um indivíduo. O raciocínio moral, o bom e o mau, aprende-se.

A nossa cultura (e a experiência familiar) ensina-nos estereótipos, que infelizmente são uma parte inevitável da vida. Ao longo deste livro poder-se-ia substituir memória invariável (ou representação invariável) pela palavra estereótipo sem que se alterasse de forma substancial o significado. A predição por analogia é muito semelhante ao julgamento por estereótipo. O estereótipo negativo tem consequências sociais terríveis. Se a minha teoria da inteligência está correta, não podemos conseguir fazer com que as pessoas se livrem da sua propensão a pensar

em estereótipos, porque são o modo de funcionar do córtex. Formar estereótipos é uma característica inerente do cérebro.

O modo de eliminar o dano causado pelos estereótipos é ensinar os nossos filhos a reconhecerem os falsos, a serem empáticos e céticos. Precisamos fomentar estas capacidades de pensamento crítico, além de inculcar-lhes os melhores valores que conhecemos. O ceticismo, o núcleo do método científico, é o único modo que entendemos para separar o facto da ficção.

Espero ter conseguido persuadi-lo de que a mente é apenas uma designação para as funções desempenhadas pelo cérebro. Não é uma coisa separada que manipula ou coexiste com as células no cérebro. Os neurónios não são mais do que células. Não há nenhuma força mística que leve as células nervosas individuais ou grupos de células nervosas a comportarem-se de forma diferente do que seria o seu funcionamento habitual. Por conseguinte, podemos agora concentrar a nossa atenção em como aplicar a capacidade das células cerebrais de recordar e prever — o nosso algoritmo cortical — aos sistemas de silício.

CAPÍTULO 8

O FUTURO DA INTELIGÊNCIA

É difícil predizer os usos finais de uma nova tecnologia. Como temos visto ao longo deste livro, os cérebros efetuam predições por analogia ao passado. Portanto, a nossa tendência natural é presumir que uma nova tecnologia será utilizada para realizar as mesmas tarefas que a anterior desempenhava. Imaginamos a utilização de uma nova ferramenta para realizar algo conhecido, só que mais rápido, com maior eficácia ou mais barato.

Abundam os exemplos. As pessoas chamaram a ferrovia de "cavalo de ferro", e o automóvel, de "carruagem sem cavalos". Durante décadas, o telefone foi abordado dentro do contexto do telégrafo, algo que só devia ser usado para comunicar notícias ou acontecimentos importantes; até à década de 1920 as pessoas não o empregavam de maneira informal. A fotografia foi usada a princípio como uma nova forma de retrato. E os filmes cinematográficos conceituaram-se como uma variação das obras de teatro, motivo pelo qual as salas de cinema tiveram cortinas que corriam sobre a tela durante boa parte do século XX.

Não obstante, os usos finais de uma nova tecnologia são com frequência inesperados e de muito maior alcance do que a nossa imaginação possa captar a princípio. O telefone evoluiu para uma tecnologia de comunicação sem fios que possibilita a conexão entre qualquer pessoa no mundo, independentemente da sua localização, utilizando voz, texto e imagens. O transístor foi inventado pela Bell Labs em 1947. De imediato pareceu evidente que o aparelho era um grande avanço, mas as aplicações iniciais não foram mais do que melhorias de outras antigas: os transístores substituíram os tubos com vácuo. Isto levou à fabricação de rádios e computadores menores e mais confiáveis, que foi algo importante e apaixonante na sua época, mas as principais diferenças consistiam no tamanho e confiabilidade das máquinas. As aplicações mais revolucionárias dos transístores não se descobriram tão cedo. Foi necessário um período de inovação gradual antes que alguém pudesse conceber o circuito integrado, o microprocessador, o processador de sinais digitais ou o chip de memória. Mesmo assim, o microprocessador foi desenvolvido pela primeira vez em 1970 tendo em mente as

calculadoras de mesa. Mais uma vez, as primeiras aplicações limitaram-se a substituir tecnologias existentes. A calculadora eletrónica substituiu a calculadora de mesa mecânica. Os microprocessadores também foram candidatos claros para substituir as bobinas eletromagnéticas que então se empregavam em certos tipos de controlo industrial, como as mudanças dos semáforos. No entanto, anos depois começou a manifestar-se o seu verdadeiro poder. Ninguém dessa época foi capaz de prever o computador pessoal moderno, o telefone móvel, a Internet, o Global Positioning System (GPS) ou qualquer outra das peças básicas da tecnologia da informação atual.

Do mesmo modo, seria absurdo pensar que podemos predizer as aplicações revolucionárias dos sistemas de memória semelhantes ao cérebro. Espero que estas máquinas melhorem a vida em todos os sentidos. Podemos estar seguros de que assim será. Mas predizer o futuro da tecnologia para além de alguns anos é impossível. Para dar-se conta disso basta ler alguns dos absurdos prognósticos que têm realizado os futuristas ao longo dos anos. Na década de 1950 foi predito que para o ano de 2000 teríamos todos reatores atómicos nos nossos porões e passaríamos as férias na Lua. Desde que não esqueçamos a lição de moral destes contos, nada nos impede de especular sobre como serão as máquinas inteligentes. Pelo menos, podem-se tirar algumas conclusões gerais e úteis sobre o futuro.

As perguntas acabam por ser intrigantes. Podemos construir máquinas inteligentes e, se assim for, que aparência terão? Serão semelhantes aos robôs humanoides das histórias de ficção popular, aos gabinetes pretos ou bege de um computador pessoal, ou terão uma aparência completamente diferente? Como serão usados? Trata-se de uma tecnologia perigosa que possa ferir-nos ou ameaçar as nossas liberdades pessoais? Quais são as aplicações óbvias das máquinas inteligentes e há algum modo de saber quais serão as aplicações fantásticas? Qual será a repercussão final das máquinas inteligentes sobre as nossas vidas?

Podemos Construir Máquinas Inteligentes?

Sim podemos, mas talvez não sejam o que esperamos. Ainda que talvez pareça óbvio, não acho que vamos construir máquinas inteligentes que atuem como seres humanos, nem interajam connosco de formas humanas.

Uma noção popular das máquinas inteligentes chega-nos dos filmes e livros: são os robôs humanoides amáveis, maus ou às vezes desajeitados que conversam connosco sobre sentimentos, ideias e acontecimentos, e desempenham um papel em inumeráveis enredos fantásticos. Num século de ficção científica tem-se treinado as pessoas para que considerem os robôs e androides uma parte inevitável e desejável do nosso futuro. Gerações têm crescido com as imagens de Robbie, o robô de *O Planeta Proibido*; R2D2 e C3PO, de *A Guerra nas Estrelas*, e do tenente comandante Data, de *Star Trek*. Inclusive HAL, do filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*, ainda que carente de corpo, era muito parecido com os humanos e tinha sido projetado desta forma para ser um colega na forma de um copiloto programado na sua longa viagem espacial. Os robôs de aplicações limitadas tais como carros inteligentes, minissubmarinos autónomos para explorar as profundezas oceânicas e aspiradores ou cortadores de relva autodirigidos — são exequíveis, e é bem possível que em algum dia sejam de uso corrente. Mas androides e robôs como o tenente comandante Data e C3PO vão continuar a ser ficção durante muito tempo. Há um par de razões para isso.

A primeira é que a mente humana não é criada só pelo neocórtex, mas também pelos sistemas emocionais do cérebro velho e pela complexidade do corpo humano. Para ser humano precisa-se de toda a maquinaria biológica, não só do córtex. Para conversar como um ser humano sobre todos os temas (para passar no teste de Turing) requerer-se-ia de uma máquina inteligente que tivesse a maioria das experiências e emoções de um humano real e vivesse uma vida semelhante à humana. As máquinas inteligentes contarão com o equivalente a um córtex e um conjunto de sentidos, mas o resto é opcional. Talvez pareça divertido observar uma máquina inteligente a deslocar-se por aí em corpos parecidos com os dos humanos, mas possuirão mentes que serão remotamente semelhantes às humanas a não ser que se lhes incorporem

sistemas emocionais e experiências semelhantes às nossas, o que seria dificílimo e, a meu parecer, careceria de sentido.

A segunda razão é que, dado o custo e o esforço necessários para construir e manter robôs humanoides, custa acreditar que acabassem por ser práticos. Um mordomo robô seria mais caro e menos útil do que um assistente humano. Ainda que o robô fosse "inteligente", não teria a relação e entendimento fácil que mostra um assistente humano pelo simples facto de ser um semelhante humano.

Tanto a máquina a vapor como o computador digital suscitaram visões robóticas que nunca chegaram a dar frutos. Da mesma forma, quando pensamos em construir máquinas inteligentes, para muitas pessoas acaba por ser natural imaginar robôs humanoides, mas não é provável que isto se torne realidade. Os robôs são um conceito nascido da Revolução Industrial e aperfeiçoado pela ficção. Não devemos ir ao encontro deles à procura de inspiração para desenvolver máquinas realmente inteligentes.

Portanto, que aparência terão as máquinas inteligentes se não são robôs que andam e falam? A evolução descobriu que se unisse aos nossos sentidos um sistema de memória hierárquica, a memória modelaria o mundo e iria predizer o futuro. Copiando a Natureza, devemos construir máquinas inteligentes com os mesmos princípios. Aqui está a receita para construir as ditas máquinas. Começa-se com um conjunto de sentidos para extrair padrões do mundo. É provável que a nossa máquina inteligente tenha um conjunto de sentidos diferentes dos humanos e inclusive talvez "exista" num mundo diferente do nosso. Portanto, não há por que presumir que ela tem de ter um par de globos oculares e um par de orelhas. A seguir deve-se acrescentar a esses sentidos um sistema de memória hierárquica que funcione segundo os mesmos princípios que o córtex. Depois teremos que treinar esse sistema de memória de forma muito semelhante a como se ensina as crianças. Depois de sessões de treino repetitivo, a nossa máquina inteligente construirá um modelo do seu mundo tal como o veem os seus sentidos. Não terá necessidade nem oportunidade para que ninguém lhe programe as regras do mundo, bases de dados, factos ou quaisquer dos conceitos de alto nível que são o pesadelo da inteligência artificial. A máquina inteligente deve aprender através da observação do seu mundo e incluir as entradas de um instrutor quando for preciso. Uma vez que a nossa máquina inteligente tenha criado um modelo do seu mundo, ela pode descobrir analogias com experiências passadas, efetuar predições sobre acontecimentos futuros, propor soluções a novos problemas e pôr à nossa disposição o dito conhecimento.

A partir do ponto de vista físico, a nossa máquina inteligente pode incorporar-se a aviões ou automóveis, ou permanecer estoicamente numa estante de uma sala de computadores. Diferente dos seres humanos, cujos cérebros devem acompanhar os seus corpos, o sistema de memória de uma máquina inteligente poderia localizar-se bem longe dos seus sensores (e "corpo", se o tivesse). Por exemplo, um sistema de segurança inteligente poderia ter sensores colocados por toda uma fábrica ou cidade, mas o sistema de memória hierárquica unido a esses sensores estaria encerrado no porão de um edifício. Portanto, a forma física de uma máquina inteligente teria a possibilidade de adotar muitas formas.

Não há razão para que uma máquina inteligente apresente necessariamente uma aparência de um ser humano e que atue ou se sinta como tal. O que a faz inteligente é que ela compreenda e interaja com o seu mundo valendo-se de um modelo de memória hierárquica e que seja capaz de pensar sobre o seu mundo de modo análogo a como você e eu pensamos sobre o nosso. Como veremos, os seus pensamentos e ações poderiam ser completamente diferentes dos de um ser humano, mas continuaria a ser inteligente. A inteligência mede-se pela capacidade preditiva de uma memória hierárquica, não por um comportamento semelhante ao humano.

Prestemos atenção agora ao maior desafio que enfrentaremos quando construirmos máquinas inteligentes: a criação da memória. Para conseguir isto, precisaremos compor grandes sistemas de memória organizados hierarquicamente e que funcionem como o córtex. A capacidade e a conetividade significarão grandes avanços.

A **capacidade** é o primeiro desafio a ser superado. Digamos que o córtex conte com trinta e dois trilhões de sinapses. Se assumirmos que cada uma das sinapses utiliza só dois bits (que nos dão quatro possíveis valores por sinapses) e que cada byte tem oito bits (portanto, um byte poderia representar quatro sinapses), precisaríamos de uns oito trilhões de bytes de memória. Um disco rígido de um computador pessoal atual possui cerca de cem bilhões de bytes, de modo que precisaríamos de uns oitenta discos rígidos atuais para contar com a mesma quantidade de memória do córtex. (Não se preocupe com as cifras exatas, pois não são mais do que cálculos aproximados.) O importante é que esta quantidade de memória seja possível de construir no laboratório. Por mais que erremos nos cálculos, não é o tipo de máquina que cabe num bolso ou que

se possa incorporar numa torradeira. De qualquer forma, o essencial é que a quantidade de memória necessária já está ao nosso alcance, algo que, há apenas dez anos, teria sido inalcançável. Ajuda-nos o facto de que não temos que recriar um córtex humano inteiro, pois muito menos bastará para diversas aplicações.

As nossas máquinas inteligentes precisarão de muita memória. É provável que comecemos a construí-las utilizando discos rígidos ou discos ópticos, mas acabaremos por fabricá-las de silício também. Os chips de silício são pequenos, gastam pouca energia e são resistentes. E é só uma questão de tempo para que se possam fabricar chips de memória de silício com a capacidade precisa para construir máquinas inteligentes. De facto, a memória inteligente tem uma vantagem sobre a memória computacional convencional. A economia da indústria dos semicondutores baseia-se no percentual de chips com erros. O percentual de chips bons recebe o nome de colheita e determina se o projeto de um chip particular pode ser fabricado e vendido lucrativamente. Como a possibilidade de erro aumenta à medida que é feito o chip, a maioria dos chips atuais não excede o tamanho de um selo postal. A indústria tem optado por não aumentar significativamente a quantidade de memória num único chip, preferindo, de forma geral, reduzir as suas características específicas.

Mas os chips inteligentes de memória têm que tolerar as falhas. Recordemos que nenhum componente único dos nossos cérebros contém um elemento indispensável de dados. Os nossos cérebros perdem milhares de neurónios a cada dia, mas a nossa capacidade mental vai decrescendo a um ritmo lento ao longo da vida adulta. Os chips de memória inteligentes seguirão os mesmos princípios de funcionamento do córtex. Assim, mesmo que uma parte dos elementos de memória apresente defeitos, o chip continuará a ser funcional e economicamente viável. É muito provável que a tolerância aos erros da memória semelhante ao cérebro permita aos projetistas construir chips que sejam maiores e mais densos do que os chips de memória dos computadores atuais. O resultado é que talvez contemos com um cérebro fabricado em silício mais cedo do que as tendências atuais sugerem.

A **conetividade** é o segundo desafio a ser superado. Os cérebros reais possuem grandes quantidades de matéria branca subcortical. Como já notámos, a matéria branca é composta por milhões de axónios que fluem de um lado ao outro sob a fina lâmina cortical e ligam entre si as diferentes regiões da hierarquia cortical. Uma célula particular do córtex pode ligar-se a outras cinco ou dez mil células. Este tipo de conexão

paralela em massa é difícil ou impossível de conseguir utilizando as técnicas de fabricação de silício tradicionais. Os chips de silício fabricam-se depositando algumas camadas de metal, cada uma separada por uma camada de isolamento. (Este processo não tem nada a ver com as camadas do córtex.) As camadas de metal contêm os "cabos" do chip, e como estes não podem atravessar a camada que lhes corresponde, o número total de conexões é limitado. Não vai servir para os sistemas de memória semelhantes ao cérebro, nos quais são necessários milhões de conexões. Os chips de silício e a matéria branca não são muito compatíveis.

Será preciso muita engenharia e experimentação para resolver este desafio, mas sabemos o básico sobre o modo de solucionar isto. Os cabos elétricos enviam sinais bem mais rápido que os axónios dos neurónios. Um único cabo de um chip pode ser partilhado e, portanto, ser utilizado para muitas conexões diferentes, enquanto que no cérebro cada axónio pertence a um único neurónio.

Um exemplo do mundo real é o sistema telefónico. Se tecêssemos uma linha de cada telefone a outro, a superfície do globo ficaria enterrada sob uma selva de fio de cobre. O que fazemos em vez disso disso é viabilizar que todos os telefones partilhem um número relativamente pequeno de linhas de alta capacidade. Este método é eficaz sempre que a capacidade de cada linha excede significativamente a capacidade requerida para transmitir uma única conversa. O sistema telefónico cumpre este requisito: um único cabo de fibra óptica pode transportar ao mesmo tempo um milhão de conversas.

Os cérebros reais possuem axónios exclusivos entre todas as células que falam entre si, mas podemos construir máquinas inteligentes que se assemelhem mais ao sistema telefónico e que partilhem conexões. Acredite ou não, alguns cientistas têm vindo a pensar em como resolver o problema da conetividade do chip cerebral durante muitos anos. Ainda que o funcionamento do córtex continuasse a ser um mistério, os pesquisadores sabiam que chegaria o dia em que desvendaríamos o quebra-cabeça e então teríamos de abordar o tema da conetividade. Não é preciso analisarmos aqui as diferentes propostas. Basta dizer que a conetividade tem sido o maior obstáculo técnico que encontrámos para construir máquinas inteligentes, mas que temos de ser capazes de o superar.

Uma vez superados os desafios tecnológicos, não há problemas fundamentais que nos impeçam de construir sistemas realmente inteligentes. É verdade que existe uma variedade de questões que terão que ser abordadas para que estes sistemas sejam pequenos, de baixo custo e gastem pouca energia, mas nada se interpõe no nosso caminho. Foram necessários cinquenta anos para passar dos computadores do tamanho de uma sala para os que cabem no bolso, mas como partimos de uma posição tecnológica avançada, a transição para as máquinas inteligentes será bem mais rápida.

Devemos Construir Máquinas Inteligentes?

No século XXI as máquinas inteligentes sairão do reino da ficção científica para se converterem em realidade. Antes que chegue esse momento, devemos pensar sobre assuntos éticos, se os perigos possíveis superarão os benefícios prováveis.

A perspetiva de contar com máquinas capazes de pensar e agir por conta própria tem preocupado as pessoas há muito tempo, e é compreensível. Os novos campos do conhecimento e as tecnologias inovadoras sempre amedrontam quando aparecem. A criatividade humana leva-nos a imaginar cenários aterradores em que uma nova tecnologia se pode apoderar dos nossos corpos, tornar-nos inúteis ou até mesmo desvalorizar a vida humana. Mas a história mostra que essas obscuras imaginações quase nunca se cumprem da maneira que esperamos. Quando se produziu a Revolução Industrial, ficámos com medo da eletricidade (recordam-se de Frankenstein?) e dos motores a vapor. A maquinaria que contava com energia própria, que podia mover-se de formas complexas, parecia milagrosa e ao mesmo tempo potencialmente sinistra. Mas a eletricidade e os motores de combustão interno já não nos parecem estranhos nem sinistros. Fazem parte do nosso ambiente, da mesma forma que o ar e a água.

Quando começou a revolução da informática, em seguida começámos a temer os computadores. Havia inúmeras histórias de ficção científica sobre computadores potentes ou redes computacionais que de forma espontânea ganhavam consciência de si mesmos e depois faziam-se de amos. Mas agora que os computadores se integraram na vida diária, esse

temor parece absurdo. O computador da sua casa ou a Internet têm as mesmas possibilidades de ganhar consciência que uma caixa registadora.

Toda a tecnologia pode aplicar-se para fins bons ou maus, certamente, mas algumas são mais propensas ao mau uso ou à catástrofe que outras. A energia atómica é perigosa, seja através de ogivas nucleares ou de centrais nucleares, pois um único acidente ou mau uso pode ferir ou matar milhões de pessoas. E ainda que a energia nuclear seja valiosa, dispõe-se de alternativas. A tecnologia veicular pode adotar a forma de tanques e caças de combate, ou a de carros e aviões de passageiros, e um percalço ou mau uso pode causar dano a muita gente. Mas caberia afirmar que os veículos são mais essenciais para a vida moderna e menos perigosos que a energia nuclear. O dano causado por um único mau uso de um avião é muito menor que o de uma bomba nuclear. Existem muitas tecnologias que são quase que completamente benéficas. Os telefones são um exemplo. A sua tendência para comunicar e unir as pessoas ultrapassa significativamente qualquer efeito negativo. O mesmo é aplicável à eletricidade e à ciência da saúde pública. Na minha opinião, as máquinas inteligentes vão ser uma das tecnologias menos perigosas e mais benéficas que jamais tenhamos desenvolvido.

No entanto, alguns pensadores, como Bill Joy, cofundador da Sun Microsystems, temem que desenvolvamos nanorrobôs inteligentes que escapem ao nosso controlo, invadam a Terra e a refaçam, átomo por átomo, segundo os seus próprios interesses. A imagem traz-me à mente essas vassouras animadas por magia do aprendiz de bruxo, que se regeneram dos seus estilhaços e trabalham incansáveis para provocar o desastre. Em linhas similares, alguns otimistas da inteligência artificial oferecem profecias de extensão da vida que parecem inquietantes. Por exemplo, Ray Kurzweil fala do dia em que os nanorrobôs serão introduzidos no nosso cérebro para gravar cada sinapse e cada conexão e depois passar toda a informação a um supercomputador, que se reconfigurará em nós. Seremos convertidos numa versão de software de nós mesmos que será praticamente imortal. Estes dois temores sobre a inteligência das máquinas, o cenário das máquinas inteligentes que fazem estragos e o cenário da descarga dos nossos cérebros num computador, parecem voltar à tona uma e outra vez.

Construir máquinas inteligentes não é o mesmo que construir máquinas autorreprodutoras. Não há nenhuma conexão lógica entre ambas as coisas. Nem os cérebros nem os computadores podem duplicar-se de forma direta, e os sistemas de memória semelhantes aos cérebros

não serão diferentes. Ainda que um dos pontos fortes das máquinas inteligentes seja a nossa capacidade de as produzir em série, isso é algo muito diferente da duplicação das bactérias e dos vírus. A duplicação não requer inteligência, e a inteligência não requer duplicação.

Mesmo assim, duvido seriamente de que consigamos copiar as nossas mentes em máquinas. Na atualidade, até onde sei, não existem métodos reais ou imaginados capazes de gravar os trilhões de detalhes que criam "você". Precisaríamos gravar e recriar todo o nosso sistema nervoso e o nosso corpo, não só o neocórtex. E seria preciso compreender como funciona tudo isso. Sem dúvida, algum dia talvez sejamos capazes de conseguir, mas os desafios estendem-se para bem mais além do entendimento do funcionamento do córtex. Imaginar o seu algoritmo e incorporá-lo nas máquinas do zero é uma coisa, mas digitalizar os inúmeros detalhes operacionais de um cérebro vivo e duplicá-los numa máquina é algo completamente diferente.

Mas além da duplicação e da cópia de mentes, as pessoas preocupam-se com outra coisa em relação às máquinas inteligentes. Poderiam ameaçar de alguma forma grandes quantidades de população, como fazem as bombas nucleares? Poderia a sua presença fazer com que pequenos grupos ou indivíduos malévolos se tornassem muito poderosos? Ou poderiam tornar-se más e agir contra nós, como as máquinas implacáveis dos filmes Exterminador Implacável e Matrix?

A resposta a estas perguntas é não. Como aparelhos de informação, os sistemas de memória semelhantes aos cérebros encontrar-se-ão entre as tecnologias mais úteis que temos desenvolvido até ao momento. Mas, assim como os automóveis e os computadores, só serão ferramentas. O facto de serem inteligentes não significa que terão uma habilidade especial para destruir a propriedade ou manipular as pessoas. E da mesma forma que não poríamos o controlo do arsenal nuclear do mundo sob a autoridade de uma pessoa ou um computador, teremos de ter cuidado para não depender muito delas, pois falharão como qualquer outra tecnologia.

Isto leva-nos à questão da malevolência. Algumas pessoas presumem que ser inteligente equivale basicamente a ter mentalidade humana. Temem que as máquinas inteligentes se ressintam de estar "escravizadas", porque os humanos detestam essa condição. Temem que

as máquinas inteligentes tentem apoderar-se do mundo, porque as pessoas inteligentes ao longo da história têm tratado de o dominar. Mas estes temores descansam numa analogia falsa. Baseiam-se numa refundição da inteligência — o algoritmo neocortical — com os impulsos emocionais do cérebro velho — coisas como temor, paranoia e desejo —. Mas as máquinas inteligentes não terão estas faculdades. Não terão ambição pessoal. Não desejarão riqueza, reconhecimento social ou gratificação sensual. Não terão apetites, vícios ou transtornos de caráter. As máquinas inteligentes não possuirão nada que se pareça à emoção humana, a não ser que nos demos ao trabalho de as projetar para tal efeito. As suas aplicações mais valiosas serão onde o intelecto humano encontra dificuldade, áreas nas quais os nossos sentidos acabam por ser inadequados, ou atividades que acabam por ser tediosas. Em geral, estas atividades possuem pouco conteúdo emocional.

As máquinas inteligentes abrangerão desde sistemas simples de uma única aplicação até sistemas inteligentes sobre-humanos muito potentes; mas a não ser que nos desviemos do caminho para fazê-las semelhantes aos humanos, não o serão. Talvez um dia tenhamos de pôr restrições ao que se pode fazer com elas, mas é algo que ainda está muito longe e, quando esse momento chegar, é provável que os assuntos éticos acabem por ser relativamente simples, comparados com questões morais atuais, como as que rodeiam a genética e a tecnologia nuclear.

Por que Construir Máquinas Inteligentes?

Analisemos agora o que farão as máquinas inteligentes.

Pedem-me com frequência para que eu dê palestras sobre o futuro da computação móvel. O organizador de uma conferência solicita-me que eu descreva como serão os computadores de bolso ou os telefones móveis em cinco ou vinte anos. Querem ouvir a minha visão do futuro, mas não a posso dar. Para estabelecer a minha premissa, uma vez entrei em cena com um chapéu de mago e uma bola de cristal. Expliquei que ninguém é capaz de ver o futuro com detalhe. As bolas de cristal são ficção, e qualquer pessoa que pretenda saber com exatidão o que acontecerá nos anos futuros falhará com total segurança. O melhor que se tem a fazer é compreender tendências gerais. Se entendermos uma ideia geral,

seremos capazes de segui-la onde quer que vá enquanto se desdobram os detalhes.

O mais famoso exemplo da tendência de uma tecnologia é a lei de Moore. Gordon Moore acertou ao predizer que o número de elementos de circuito que poderiam ser colocados num chip de silício duplicar-se-ia a cada ano e meio. Ele não disse se seriam chips de memória, unidades de processamento central ou outra coisa. Ele não indicou para que tipo de produtos se utilizariam os chips. Ele não predisse se os chips se alojariam em plástico ou cerâmica, ou se seriam colocados em placas de circuito. Ele não disse nada sobre os diversos processos empregados para fabricar os chips. Ele limitou-se o quanto pôde expressar a tendência mais ampla, e acertou.

Hoje, por si só, não podemos predizer os usos finais das máquinas inteligentes, pois não há forma de acertar os detalhes. Se eu ou outra pessoa predizermos minuciosamente o que farão essas máquinas, será inevitável que nos equivoquemos. Não obstante, pode-se fazer um pouco mais do que nos limitar a encolher os de ombros. Existem duas linhas de pensamento úteis. Uma delas é conjeturar os usos a muito curto prazo dos sistemas de memória semelhantes ao cérebro, ou seja, as coisas óbvias, mas menos interessantes, que se tentarão primeiro. A segunda proposta é pensar sobre as tendências a longo prazo, como a lei de Moore, que podem ajudar-nos a imaginar as aplicações que provavelmente farão parte do nosso futuro.

Comecemos com algumas aplicações a curto prazo. São as coisas que parecem óbvias, como substituir os tubos de um rádio por transístores ou construir calculadoras com um microprocessador. E podemos começar por observar algumas áreas em que a inteligência artificial tentou desvendar, mas não pôde: reconhecimento de voz, visão e automóveis inteligentes.

Se alguma vez você tentou usar software de reconhecimento de voz para introduzir texto num computador pessoal, sabe o absurdo que isto pode resultar. Assim como o Quarto Chinês de Searle, o computador não tem conhecimento do que se lhe diz. Nas poucas vezes que provei esses produtos fiquei frustrado. Se houvesse algum ruído na sala, desde um lápis que caísse até alguém que me falasse, apareciam palavras adicionais na minha tela. Os índices de erro eram elevados. Com frequência as palavras que o software pensava que eu dizia careciam de sentido.

“Lembre-se de dizer a Mary que o chão está preparado para passear.” Uma criança daria conta de que era um erro, mas não um computador. De forma similar, as chamadas interfaces de linguagem natural têm sido uma meta para os cientistas da computação durante anos. A ideia é de que sejamos capazes de dizer a um computador ou a outro eletrodoméstico o que queremos em linguagem simples e deixar que a máquina realize o trabalho. A um assistente digital pessoal ou PDA poderia ser indicado: “Transfira o jogo de basquete da minha filha para o domingo às dez da manhã”. Este tipo de coisa tem sido impossível de fazer bem com a inteligência artificial tradicional. Embora o computador pudesse reconhecer cada palavra, para completar a tarefa, precisaria saber onde fica o colégio da sua filha, que provavelmente você se referiria ao próximo domingo, e talvez entender que se trata de um jogo de basquete, já que o compromisso seria algo como 'Menlo contra St. Joe'. Ou talvez queiramos que um computador escute uma transmissão de rádio em busca da menção de um produto particular, mas o locutor descreve o produto sem utilizar o seu nome. Você e eu saberíamos o que ele está a dizer, mas não um computador.

Estas e outras aplicações requerem que a máquina seja capaz de escutar a linguagem falada. Mas os computadores não conseguem realizar estas tarefas porque não entendem o que se diz. Casam padrões auditivos com molde de palavras pelo tom, sem saber o que significam as palavras. Imaginemos que aprendêssemos a reconhecer os sons das palavras particulares de uma língua estrangeira, mas não o seu significado, e nos pedissem que transcrevêssemos uma conversa na dita língua. A conversa vai discorrendo e não temos ideia do que se trata, mas tentamos recolher as palavras isoladas. No entanto, as palavras se sobrepõem e se confundem, e partes do som se perdem devido ao ruído. Acabaria por ser extremamente difícil separar palavras e reconhecê-las. O software de reconhecimento de voz luta contra estes obstáculos na atualidade. Os engenheiros têm descoberto que utilizando probabilidades de transições de palavras podem melhorar um pouco a sua precisão. Por exemplo, eles empregam regras gramaticais para decidir entre dois homónimos. É uma forma muito simples de predição, mas os sistemas continuam a parecer absurdos. Só conseguem sucesso em situações muito reduzidas nas quais o número de palavras que se poderiam pronunciar num dado momento seja limitado. No entanto, os seres humanos realizam com facilidade muitas tarefas relacionadas com a linguagem porque o nosso córtex entende não só as palavras, mas as orações e o contexto no qual se

expressam. Adiantamos ideias, expressões e palavras particulares. O nosso modelo cortical do mundo faz isto de forma automática.

Portanto, cabe esperar que os sistemas de memória semelhantes ao córtex transformem o reconhecimento de voz falível num entendimento ajustado da fala. Em vez de programar probabilidades para transições de uma única palavra, a memória hierárquica rastreará acentos, palavras, expressões e ideias, e utilizá-los-á para interpretar o que se está a dizer. Assim como uma pessoa, essa máquina inteligente poderia distinguir entre vários factos da fala; por exemplo, uma discussão entre você e um amigo na sala, uma conversa telefónica e os comandos de edição para um livro. Não será fácil construir as ditas máquinas. Para entender por completo a linguagem humana, a máquina terá que experimentar e aprender o que os humanos fazem. Portanto, ainda que possamos demorar alguns anos para conseguir construir uma máquina inteligente que entenda a linguagem tão bem como você e eu, a curto prazo seremos capazes de melhorar os resultados dos sistemas de reconhecimento de voz existentes empregando memórias semelhantes ao córtex.

A visão oferece outro conjunto de aplicações que a inteligência artificial tem sido incapaz de conseguir, mas que os sistemas inteligentes reais devem manejar. Na atualidade não há uma máquina que possa olhar uma cena natural — o mundo diante dos nossos olhos — ou uma foto usando uma câmera e descrever o que vê. Existem algumas aplicações de visão em máquinas que funcionam em campos muito restringidos, como a alineação visual de chips numa placa de circuito ou a correlação de características faciais com bases de dados, mas é impossível para um computador identificar uma variedade de objetos ou analisar uma cena de modo mais geral. Não nos custa nada olhar à volta de uma sala e encontrar um lugar onde nos sentar, mas não solicitemos a um computador que faça isto. Imaginemos que olhamos para um monitor de video de uma câmera de segurança. Poderíamos notar a diferença entre alguém que chama à porta segurando um presente e alguém que golpeia a porta com um pé-de-cabra? Certamente que sim, mas a distinção está bem além da capacidade do software atual. Por conseguinte, contratamos pessoas para que fiquem de olho nos monitores das câmeras de segurança vinte e quatro horas à procura de algo suspeito. Para vigilantes humanos acaba por ser difícil permanecer alerta, enquanto uma máquina inteligente poderia realizar a tarefa sem se cansar. Muitas situações que dependem da precisão visual requerem, além disso, o entendimento de uma cena complexa. As máquinas inteligentes são o único modo de atendê-las.

Por último, analisemos o transporte. Os automóveis estão a ficar muito sofisticados. Eles possuem GPS para traçar a rota de A a B, sensores para acender as luzes quando anoitece, acelerómetros para fazer disparar os airbags e sensores de proximidade para nos indicar que estamos a ponto de colidir com algo. Inclusive há automóveis que podem ser conduzidos de forma autónoma em autoestradas especiais ou em condições ideais, ainda que não sejam comercializados. Mas para conduzir um automóvel com segurança e eficácia em todo tipo de estradas e condições de tráfico requer-se mais do que alguns sensores e circuitos de controlo de realimentação. Para ser um bom motorista deve-se compreender o tráfico, os outros motoristas, o funcionamento dos automóveis, os semáforos e muitas outras coisas. É preciso ser capaz de entender os sinais de perigo ou dar-se conta de que outro automóvel está a ser conduzido de forma perigosa. É necessário ver o pisca-pisca de outro veículo e prever que provavelmente mudará de direção, ou se a luz permanecer acesa por vários minutos, discernir que provavelmente o motorista não se tenha dado conta e, portanto, não mudará de direção. É preciso reconhecer que uma coluna de fumo lá à frente poderá significar que ocorreu um acidente e, portanto, deve-se reduzir a velocidade. Um motorista que vê uma bola a cruzar a rua, e pensa de forma automática que uma criança poderá correr para a apanhar, trava por intuição.

Digamos que queremos construir um automóvel realmente inteligente. A primeira coisa que faríamos seria selecionar um conjunto de sensores que lhe permitisse sentir o seu mundo. Poderíamos começar com uma câmera para ver, talvez câmeras múltiplas à frente e atrás, e microfones para ouvir, mas talvez quiséssemos colocar um radar ou sensores de ultrassom capazes de determinar com precisão o alcance e a velocidade de outros objetos em condições de escassa visibilidade. O que quero assinalar é que não temos que recorrer aos sentidos que usam os seres humanos, nem nos restringir a eles. O algoritmo cortical é flexível e, sempre que projetarmos o nosso sistema de memória hierárquica de forma adequada, ele funcionará independentemente do tipo de sensores que instalarmos. Em teoria, o nosso automóvel poderia ultrapassar-nos na perceção do mundo do tráfico porque o seu conjunto de sentidos foi escolhido para cumprir essa tarefa. Os sensores acoplar-se-iam a um sistema de memória hierárquica numa amplitude suficiente. Os projetistas do automóvel treinariam a sua memória expondo-o às condições do mundo real para que ele aprenda a construir um modelo do seu mundo da mesma forma como o fazem os humanos, só que num campo mais limitado. (Por exemplo, o automóvel precisa saber de estradas, mas não

de elevadores e aviões.) A sua memória aprenderia a estrutura hierárquica do tráfico e das estradas para que entenda e preveja o que é provável que aconteça no seu mundo de automóveis em movimento, sinais de tráfico, obstáculos e interseções. Os engenheiros poderiam projetar o sistema de memória para que conduza realmente o automóvel ou se limite a explorar o que acontece quando nós o conduzimos. Poderia dar conselhos ou assumir o controlo em situações extremas, como se fosse alguém sentado no banco traseiro de quem não levamos a mal que o fizesse. Uma vez que a memória estivesse bem treinada e o automóvel fosse capaz de compreender e resolver o que pudesse acontecer, os engenheiros teriam a opção de a configurar de forma permanente para que todos os automóveis que saíssem da linha de montagem se comportassem da mesma forma, ou poderiam projetá-la para que continuasse a aprender uma vez que fosse vendido o automóvel. E, como no caso de um computador, mas não de um ser humano, a memória poderia ser reprogramada com uma versão atualizada, se as novas condições assim o exigissem.

Não digo que vamos construir automóveis inteligentes ou máquinas que compreendam a linguagem e a visão, mas são bons exemplos do tipo de aparelhos que poderíamos pesquisar e desenvolver, e que parece possível construir.

No que se refere a mim, sinto pouco interesse pelas aplicações óbvias das máquinas inteligentes. Acho que o benefício e estímulo verdadeiros de uma nova tecnologia é encontrar usos que antes pareciam inconcebíveis. De que formas nos surpreenderão as máquinas inteligentes e que capacidades fantásticas surgirão com o tempo? Estou seguro de que as memórias hierárquicas, assim como o transístor e o microprocessador, transformarão as nossas vidas para melhor de modos incríveis; mas como? Uma maneira de vislumbrar o futuro das máquinas inteligentes é pensar nos aspetos da tecnologia que sejam escaláveis; isto é, que atributos das máquinas inteligentes irão tornar-se cada vez mais baratos, rápidos ou pequenos. As coisas que crescem a taxas exponenciais logo ultrapassam a nossa imaginação e é muito provável que desempenhem um papel chave nas evoluções mais radicais da tecnologia futura.

Entre os exemplos de tecnologias que têm melhorado de forma exponencial durante muitos anos incluem-se o chip de memória de silício, o disco rígido, as técnicas de sequenciação do DNA e a transmissão por

fibra óptica. Estas tecnologias têm sido a base de muitos produtos e empresas novos. De um modo diferente, o software também é escalável. Um programa desejado, uma vez escrito, pode copiar-se infinitamente quase sem custo algum.

Em contraste, algumas tecnologias, como as baterias, os motores e a robótica tradicional, não são escaláveis. Apesar da multidão de esforços e melhorias constantes, um braço robótico construído atualmente não é muito melhor que outro construído há dez anos. Os avanços da robótica são graduais e modestos, e acham-se bem longe das curvas de crescimento exponencial do projeto de chips ou da proliferação de software. Um braço de robô construído em 1985 por um milhão de dólares não se pode construir atualmente mil vezes mais forte por apenas dez dólares. Da mesma forma, as baterias de hoje não são muitíssimo melhores que as de há dez anos. Caberia afirmar que são duas ou três vezes melhores, mas não mil ou dez mil vezes melhores, e o progresso avança muito lentamente. Se a capacidade das baterias aumentasse ao mesmo ritmo que a dos discos rígidos, telefones móveis e de outros aparelhos eletrónicos, jamais teriam que recargar-se e os automóveis elétricos rápidos que percorressem 1.600 quilómetros por carga tornar-se-iam comuns.

Portanto, isto faz-nos pensar que aspetos dos sistemas de memória semelhante ao cérebro acabarão por ultrapassar de forma espetacular os nossos cérebros biológicos. Estes atributos irão sugerir-nos onde chegará a tecnologia. Vejo quatro atributos que superarão as nossas faculdades: velocidade, capacidade, possibilidade de duplicação e sistemas sensoriais.

Velocidade

Enquanto os neurónios funcionam na ordem de milissegundos, o silício funciona na ordem de nanossegundos (e continua a ganhar velocidade), o que significa uma diferença de um milhão de vezes ou seis ordens de magnitude. A diferença de velocidade entre as mentes orgânicas e as baseadas em silício será de grande importância. As máquinas inteligentes serão capazes de pensar um milhão de vezes mais rápido do que o cérebro humano. A dita mente poderia ler bibliotecas inteiras ou estudar enormes compilações de dados complexos em poucos minutos, extraindo o mesmo entendimento. Não há nada de magia nisso. Os cérebros biológicos evoluíram com duas limitações relacionadas com o tempo. Uma é a velocidade com que as células podem fazer as coisas e a outra é a

velocidade em que muda o mundo. Talvez não seja muito útil para um cérebro biológico pensar um milhão de vezes mais rápido se o mundo que o rodeia é lento por si só. Mas não há nada no algoritmo cortical que diga que ele deva operar sempre devagar. Se uma máquina inteligente conversasse ou interagisse com um humano, ela teria que diminuir a marcha para funcionar na velocidade humana. Se lesse um livro passando páginas, ela teria que ter um limite na velocidade com que o poderia fazer. Mas quando ela se ligasse com o mundo eletrónico, poderia funcionar bem mais rápido. Duas máquinas inteligentes poderiam manter uma conversa um milhão de vezes mais rápida que dois humanos. Imaginemos o avanço de uma máquina inteligente que resolvesse problemas matemáticos ou científicos um milhão de vezes mais rápido que um ser humano. Em dez segundos poderia dedicar mais reflexão a um problema do que nós conseguiríamos em um mês. Sem dúvida, mentes que jamais se cansam e se entediam com essa velocidade exorbitante acabarão por ser úteis de formas que ainda não podemos imaginar.

Capacidade

Apesar da impressionante capacidade de memória de um córtex humano, as máquinas inteligentes que construirmos poderão ultrapassá-la significativamente. O tamanho do nosso cérebro viu-se limitado por vários fatores biológicos, entre os quais se incluem a proporção do crânio da criança em relação ao diâmetro pélvico da mãe, o alto custo metabólico do funcionamento cerebral (o nosso cérebro possui em torno de 2 porcento do peso corporal, mas usa quase 20 porcento do oxigénio que respiramos), e a lentidão dos neurónios. Mas podemos construir sistemas de memória inteligentes de qualquer tamanho, e incluir previsão e uma intenção específica aos detalhes do projeto. A capacidade do neocórtex humano talvez acabe por ser relativamente modesta dentro de umas décadas.

Ao construir máquinas inteligentes, poderíamos aumentar a sua capacidade de memória de vários modos. Se fosse acrescentada profundidade à hierarquia, conseguir-se-ia um entendimento mais penetrante, pois se veriam padrões de ordens superiores. Se fosse ampliada a capacidade das regiões, a máquina recordaria mais detalhes, ou perceberia com maior agudeza, da mesma forma que uma pessoa cega tem um sentido de tato ou de audição mais apurados. E se estendêssemos as hierarquias sensoriais, ela construiria melhores modelos do mundo, como exporei em breve.

Será interessante comprovar se existe um limite máximo para o tamanho que pode atingir um sistema de memória inteligente e em que dimensões. É razoável pensar que o aparelho poderia sobrecarregar-se ao ponto de perder a sua utilidade ou até mesmo falhar ao atingir um determinado limite teórico. Talvez o cérebro humano já se encontre próximo do tamanho máximo teórico, mas não me parece provável. Os cérebros humanos expandiram-se num período muito recente da evolução, e não há nada que sugira que tenham atingido um tamanho máximo estável. Independentemente de qual resulte ser a capacidade máxima de um sistema de memória inteligente, é quase seguro que o cérebro humano não a atingiu. É provável que nem sequer se aproxime.

Uma forma de considerar o que poderiam fazer estes sistemas é observar os limites do rendimento humano conhecido. Sem dúvida, Einstein era extremamente inteligente, mas o seu cérebro continuava a ser um cérebro. Cabe supor que a sua extraordinária inteligência foi em boa medida produto das diferenças físicas entre o seu cérebro e o cérebro humano típico. O que tornou Einstein tão raro foi que os nossos genes não costumam produzir cérebros como o seu. No entanto, quando projetamos cérebros em silício, podemos construí-los como quisermos. Poderiam ser capazes de atingir o elevado nível intelectual de Einstein, ou inclusive ultrapassá-lo. No outro extremo, as pessoas que padecem da síndrome do génio (savant syndrome) poderiam lançar luz sobre outras possíveis dimensões da inteligência. Os indivíduos com a dita síndrome são atrasados mentais que mostram habilidades notáveis, como memórias quase fotográficas ou capacidade para realizar cálculos matemáticos difíceis a uma velocidade enorme. Os seus cérebros, ainda que não sejam típicos, continuam a ser cérebros e funcionam com o algoritmo cortical. Se um cérebro atípico pode possuir habilidades de memória espantosas, em teoria poderíamos acrescentar as ditas habilidades aos nossos cérebros artificiais. Estes extremos da capacidade mental humana não só indicam o que deveria ser possível recriar, mas que representam a direção em que é provável que superemos os melhores resultados humanos.

Possibilidade de Duplicação

Cada novo cérebro orgânico deve crescer e treinar-se do zero, processo que leva décadas nos seres humanos. Cada humano tem de descobrir o essencial da coordenação dos membros e grupos musculares do corpo, do equilíbrio e do movimento, e aprender as propriedades gerais da enorme quantidade de objetos, animais e outras pessoas; os nomes

das coisas e da estrutura da linguagem; e as regras da família e da sociedade. Uma vez que se domina esses elementos básicos, começam anos e anos de ensino formal. Todas as pessoas devem percorrer o mesmo conjunto de curvas de aprendizagem na vida — ainda que outros já as tenham transitado inumeráveis vezes — para construir um modelo do mundo no córtex.

As máquinas inteligentes não precisam de passar por uma longa curva de aprendizagem, uma vez que os chips e outros componentes podem ser duplicados indefinidamente e os conteúdos transferidos com facilidade. Neste sentido, as máquinas inteligentes poderiam replicar-se tal como o software. Assim que um sistema protótipo é ajustado e treinado de forma satisfatória, pode ser copiado inúmeras vezes. Pode ser que leve anos de projeto de chips, configuração de hardware, treino e testes para aperfeiçoar o sistema de memória de um automóvel inteligente, mas uma vez que se conseguiu o produto final, o mesmo será produzido em série. Como já mencionei, poderíamos decidir se as cópias continuariam a aprender ou não. Para determinadas aplicações, será preferível que as máquinas inteligentes operem de forma comprovada e previsível. Por exemplo, um automóvel inteligente, uma vez que já dispõe de todo o conhecimento necessário para funcionar corretamente, não deveria desenvolver maus hábitos ou adotar analogias erradas como se fossem corretas. Além disso, seria expectável que todos os automóveis com o mesmo design e fabricação apresentassem um desempenho consistente. Mas para outras aplicações preferiremos que os nossos sistemas de memória semelhantes ao cérebro sejam plenamente capazes de continuar a aprender. Por exemplo, uma máquina inteligente projetada para descobrir provas matemáticas precisará da capacidade de aprender com a experiência, aplicando perceções antigas a novos problemas e, de modo geral, sendo flexível e de duração indefinida.

Será possível partilhar componentes de aprendizagem da mesma forma que partilhamos componentes de software. Uma máquina inteligente de um projeto particular poderia ser reprogramada com um novo jogo de conexões que a levasse a ter um comportamento diferente, como se fosse carregado um novo conjunto de conexões no seu cérebro para que passasse de forma imediata de anglofalante para francofalante, ou de professor de ciências políticas a musicólogo. Poder-se-ia partilhar e aproveitar o trabalho dos demais. Suponhamos que tenha desenvolvido e treinado uma máquina com um sistema de visão superior e outra pessoa tenha desenvolvido e treinado uma máquina com um sentido da audição

superior. Com o projeto adequado, poderíamos combinar o melhor de ambos os sistemas sem ter que efetuar um novo treino de acima-abaixo. Partilhar a perícia deste modo é impossível para os humanos. A construção de máquinas inteligentes poderia evoluir seguindo as mesmas linhas que a indústria da informática, com grupos de pessoas dedicadas a treinar as máquinas inteligentes para que tenham conhecimentos e habilidades especializadas, e vendendo e partilhando as configurações de memória resultantes. A reprogramação de uma máquina inteligente não será muito diferente da instalação de um novo jogo de video ou de um componente de software.

Sistemas Sensoriais

Os seres humanos possuem um conjunto de sentidos que estão profundamente arraigados nos nossos genes, corpos e na estrutura subcortical dos nossos cérebros. Não podemos mudá-los. Às vezes empregamos a tecnologia para aumentá-los, como é o caso dos óculos de visão noturna, do radar e do telescópio espacial Hubble. Estes instrumentos de alta tecnologia são engenhosos dispositivos de interpretação de dados, não novos modos de perceção. Convertem informação que não podemos ver em indicações visuais ou auditivas que somos capazes de interpretar. De qualquer forma, é a espantosa flexibilidade do nosso cérebro que torna possível que olhemos a tela de um radar e compreendamos o que representa. Muitas espécies de animais possuem certos sentidos diferentes, como a ecolocalização dos morcegos e golfinhos, a capacidade das abelhas de ver a luz polarizada e ultravioleta, e o sentido de campo elétrico de alguns peixes.

As nossas máquinas inteligentes poderiam perceber o mundo através de qualquer sentido encontrado na Natureza, bem como de novos sentidos de projeto puramente humano. O sonar, o radar e a visão de infravermelho são exemplos evidentes do tipo de sentidos não-humanos que talvez gostaríamos que possuíssem as nossas máquinas inteligentes. Mas isso é apenas o início.

Ainda mais fascinante é o modo como as máquinas inteligentes experienciam mundos de sensações alheios e verdadeiramente exóticos. Como temos visto, o algoritmo neocortical dedica-se essencialmente a identificar padrões no mundo, sem qualquer preferência quanto às suas origens físicas. Desde que as entradas no córtex não sejam aleatórias e apresentem certa riqueza ou estrutura estatística, um sistema inteligente

será capaz de formar memórias invariáveis e elaborar predições sobre esses padrões. Não há razão para que esses padrões de entrada sejam análogos aos sentidos dos animais ou derivados do mundo real. Suspeito que é precisamente no domínio dos sentidos exóticos que se encontram os usos mais revolucionários das máquinas inteligentes.

Por exemplo, poderíamos conceber um sistema sensorial que abrangesse o globo. Imaginemos sensores climáticos distribuídos a cada cem quilómetros por continente, funcionando de forma análoga às células da retina. Em determinado momento, dois sensores climáticos adjacentes apresentarão uma elevada correlação na sua atividade, tal como acontece com duas células adjacentes da retina. Existem grandes fenómenos climáticos, como tempestades e frentes, que se deslocam e se transformam ao longo do tempo, da mesma forma que certos fenómenos visuais. Ao integrar essa rede sensorial numa vasta memória semelhante ao córtex, capacitaríamos o sistema a aprender a prever o clima, tal como nós aprendemos a reconhecer fenómenos visuais e a antecipar a sua evolução ao longo do tempo. O sistema identificaria padrões climáticos locais, padrões de grande escala e tendências que se manifestam ao longo de décadas, anos ou horas. Ao posicionar sensores mais próximos em algumas regiões, criaríamos o equivalente a uma fóvea, permitindo ao nosso cérebro climático inteligente compreender e prever microclimas com maior precisão. Este cérebro climático conseguiria interpretar sistemas climáticos globais da mesma forma que nós interpretamos objetos e pessoas. Atualmente, os meteorologistas fazem algo semelhante ao reunir registos climáticos de diversas regiões e utilizar supercomputadores para simular o clima e prever o futuro. No entanto, esta abordagem — diferente no seu fundamento do funcionamento de uma máquina inteligente — assemelha-se ao modo como um computador joga xadrez: sem reflexão e sem verdadeira compreensão. Já a nossa máquina climática inteligente funcionaria mais como um ser humano, pensando e compreendendo os padrões. Poderia até descobrir correlações e tendências que escaparam à observação humana. O fenómeno conhecido como El Niño, por exemplo, só foi identificado na década de 1960. O nosso cérebro climático poderia identificar mais padrões como esse ou aperfeiçoar a previsão de tornados e ventos, superando a capacidade humana. É difícil organizar grandes quantidades de dados climáticos de um modo que os humanos compreendam de imediato; em contraste, o nosso cérebro climático experienciaria e processaria o clima de forma direta.

Outros sistemas sensoriais amplamente distribuídos permitiriam-nos construir máquinas inteligentes capazes de compreender e prever as migrações animais, as mudanças demográficas e a propagação de doenças. Imaginemos sensores integrados na rede de energia elétrica de um país. Uma máquina inteligente acoplada a esses sensores observaria o fluxo e o refluxo do consumo elétrico, tal como nós vemos a intensa atividade do tráfego numa estrada ou o movimento das pessoas num aeroporto. Com a exposição repetida, os humanos aprendem a antecipar esses padrões — basta perguntar a um empregado que faz diariamente o trajeto de casa para o trabalho ou a um segurança de aeroporto. Da mesma forma, o nosso monitor inteligente de redes elétricas seria capaz de prever melhor do que um humano tanto as demandas de energia como situações críticas que possam levar a um apagão. Poderíamos ainda combinar os sensores com dados climáticos e demográficos para prever o descontentamento político, a escassez alimentar ou o surgimento de doenças. Tal como um diplomata altamente qualificado, as máquinas inteligentes poderiam desempenhar um papel significativo na redução do conflito e do sofrimento humano. Talvez se pense que essas máquinas precisariam de emoções para interpretar padrões relacionados ao comportamento humano, mas não creio nisso. Afinal, não nascemos com um conjunto pré-definido de cultura, valores e crenças religiosas — aprendemos tudo ao longo da vida. Do mesmo modo que posso aprender a compreender as motivações de pessoas com valores distintos dos meus, as máquinas inteligentes podem captar as motivações e emoções humanas, mesmo sem as possuir.

Poderíamos desenvolver sentidos especializados para captar entidades microscópicas. Teoricamente, é possível conceber sensores capazes de representar padrões em células ou em moléculas de grandes dimensões. Por exemplo, um dos maiores desafios atuais é compreender como prever a forma de uma molécula de proteína com base na sequência de aminoácidos que a compõe. Ser capaz de antecipar o modo como as proteínas se dobram e atuam permitiria avanços significativos no desenvolvimento de medicamentos e na cura de várias doenças. Engenheiros e cientistas têm criado modelos tridimensionais de proteínas para tentar prever o comportamento dessas moléculas complexas, mas a tarefa tem sido extremamente difícil. No entanto, uma máquina superinteligente equipada com um conjunto de sensores ajustados especificamente para essa missão poderia encontrar a resposta. Se isto parece exagerado, recordemos que não nos surpreenderia se os humanos eventualmente conseguissem resolver este problema. A nossa

incapacidade para o desvendar talvez esteja mais relacionada com a inadequação dos sentidos humanos face aos fenómenos físicos que desejamos compreender. As máquinas inteligentes podem ter sentidos personalizados e uma capacidade de memória muito superior à humana, o que lhes permitiria solucionar problemas atualmente impossíveis para nós.

Com os sentidos apropriados e uma ligeira reestruturação da memória cortical, as nossas máquinas inteligentes poderão viver e pensar em mundos virtuais utilizados na matemática e na física. Por exemplo, muitos desafios matemáticos e científicos exigem a compreensão do comportamento dos objetos em espaços com mais de três dimensões. Os teóricos das cordas, que estudam a própria natureza do espaço, concebem um Universo com dez ou mais dimensões. Os seres humanos têm grande dificuldade em raciocinar sobre problemas matemáticos que envolvem quatro ou mais dimensões. No entanto, uma máquina inteligente com um design adequado poderia interpretar esses espaços de dimensões superiores e, consequentemente, prever o seu comportamento.

Por fim, poderíamos interligar um conjunto de sistemas inteligentes numa vasta hierarquia, tal como o nosso córtex integra a audição, o tato e a visão, organizando-se de forma ascendente. Este sistema aprenderia automaticamente a modelar e prever padrões de pensamento em populações de máquinas inteligentes. Com meios de comunicação distribuídos, como a Internet, as máquinas inteligentes individuais poderiam estar dispersas por todo o globo. Quanto maior a hierarquia, mais profundos seriam os padrões identificados e mais complexas as analogias observadas.

O objetivo destas reflexões é demonstrar que existem muitos aspetos em que as máquinas com capacidades semelhantes às do cérebro poderiam ultrapassar as nossas aptidões de forma espetacular. Seriam capazes de pensar e aprender um milhão de vezes mais rápido do que nós, armazenar vastas quantidades de informação detalhada e identificar padrões incrivelmente abstratos. Poderiam possuir sentidos mais sensíveis do que os nossos, distribuídos por diferentes sistemas ou ajustados para captar fenómenos extremamente pequenos. Além disso, poderiam raciocinar em três, quatro ou mais dimensões. Nenhuma destas fascinantes possibilidades depende de as máquinas inteligentes imitarem os humanos ou atuarem como eles, nem requer uma robótica sofisticada.

Agora podemos perceber claramente como o teste de Turing, ao equiparar inteligência ao comportamento humano, restringiu a nossa visão do que é possível. Ao compreendermos primeiro o verdadeiro significado da inteligência, poderemos construir máquinas inteligentes que vão muito além de uma mera imitação do comportamento humano. Essas máquinas serão ferramentas extraordinárias, capazes de expandir de forma espetacular o nosso conhecimento sobre o Universo.

Quando é que isso se tornará realidade? Estaremos a construir máquinas inteligentes daqui a cinquenta, vinte ou apenas cinco anos? Há um ditado comum no mundo da tecnologia que diz que a mudança demora mais do que se espera a curto prazo, mas acontece mais rápido do que se imagina a longo prazo. Já vi isso acontecer inúmeras vezes: alguém sobe ao palco numa conferência, apresenta uma nova tecnologia revolucionária e garante que, dentro de quatro anos, estará em todas as casas. O tempo passa e essa previsão revela-se demasiado otimista — os quatro anos transformam-se em oito e as pessoas começam a duvidar se a inovação algum dia verá a luz do dia. Justo quando parece que a ideia foi um fracasso, algo inesperado acontece: a tecnologia começa a ganhar força e torna-se uma grande sensação. Provavelmente, veremos algo semelhante no campo das máquinas inteligentes. O progresso parecerá lento no início, com avanços incrementais e desafios técnicos significativos, mas, quando menos esperarmos, um salto exponencial poderá colocar-nos perante uma revolução tecnológica sem precedentes.

Nas conferências de neurociência, gosto de percorrer a sala e perguntar a cada participante quanto tempo levará até termos uma teoria funcional sobre o córtex. As respostas variam: menos de 5% dizem "nunca" ou "já temos uma" (o que é surpreendente, dado que se dedicam profissionalmente ao tema). Outros 5% arriscam cinco ou dez anos. A maioria, cerca de metade, aponta para um prazo de dez a quinze anos ou refere que isso acontecerá ainda durante a sua vida. Já os restantes acreditam que levará cinquenta ou cem anos, ou mesmo que não acontecerá dentro do período da sua existência. Eu coloco-me entre os otimistas. Durante décadas, estivemos num período de progresso lento e, para muitos, parece que o avanço na neurociência teórica e nas máquinas inteligentes estagnou. Se olharmos apenas para os últimos trinta anos, pode parecer que ainda estamos longe de uma resposta definitiva. No entanto, acredito que estamos num momento crucial — e que este tema está prestes a acelerar de forma inesperada.

Podemos acelerar o futuro e trazer o momento decisivo para mais perto do presente. Uma das principais metas deste livro é convencê-lo de que, com o modelo teórico adequado, é possível avançar rapidamente na compreensão do córtex. O modelo de memória-predição pode servir de guia para decifrar os mecanismos do funcionamento cerebral e os princípios do pensamento. Este conhecimento é essencial para a construção de máquinas verdadeiramente inteligentes. Se utilizarmos o modelo correto, o progresso poderá acontecer de forma acelerada e transformadora.

Embora seja difícil prever quando a Era das máquinas inteligentes se tornará realidade, acredito que, se hoje houver um esforço conjunto e dedicado para resolver esse problema, poderemos desenvolver protótipos e simulações corticais úteis dentro de alguns anos. Antes do final da década, espero que as máquinas inteligentes se tornem uma das áreas mais empolgantes da tecnologia e da ciência. Evito ser demasiado específico, pois sei o quão fácil é subestimar o tempo necessário para que algo revolucionário aconteça. Mas afinal, por que sou tão otimista quanto ao rápido avanço na compreensão do cérebro e na construção de máquinas inteligentes? A minha confiança vem, em grande parte, da longa trajetória que já percorri estudando o problema da inteligência. Desde que me apaixonei pelo funcionamento do cérebro, em 1979, achei que decifrar o mistério da inteligência seria um desafio solucionável dentro da minha vida. Ao longo dos anos, observei atentamente o declínio da inteligência artificial, o auge e a queda das redes neuronais, e a chamada Era do Cérebro nos anos 90. Testemunhei a evolução das abordagens à biologia teórica, especialmente na neurociência, e vi conceitos fundamentais como predição, representação hierárquica e temporalidade entrarem na linguagem científica da neurociência. À medida que o meu entendimento e o dos meus colegas se aprofundaram, a minha convicção se fortaleceu. Há dezoito anos comecei a investigar o papel da predição na inteligência, e desde então tenho trabalhado para validar essa ideia. Tendo estado imerso nos campos da neurociência e da informática por mais de duas décadas, talvez o meu próprio cérebro tenha criado um modelo sofisticado sobre o ritmo da evolução tecnológica e científica — e esse modelo indica que uma transformação acelerada está prestes a acontecer. Agora é o momento decisivo.

EPÍLOGO

O astrónomo Carl Sagan costumava afirmar que compreender algo não diminui a admiração nem o mistério que lhe estão associados. Muitas pessoas receiam que o conhecimento científico exija uma troca com o encantamento, como se saber mais retirasse o brilho e a magia da vida. No entanto, Sagan tinha razão. A verdade é que, ao compreendermos melhor o mundo à nossa volta, sentimo-nos mais confortáveis com o nosso papel no Universo e, simultaneamente, este torna-se ainda mais fascinante e enigmático. Ser uma ínfima partícula num Cosmos infinito, vivo, inteligente e criativo é incomparavelmente mais extraordinário do que habitar uma Terra plana e confinada no centro de um pequeno Universo. Entender o funcionamento do nosso cérebro não reduz o deslumbre nem o mistério do Universo, da nossa existência ou do nosso futuro. Pelo contrário, a nossa capacidade de assombro apenas crescerá à medida que aplicarmos esse conhecimento para nos compreendermos melhor, criarmos máquinas inteligentes e, assim, expandirmos ainda mais os limites da nossa sabedoria.

Ao aceitar o desafio, lembro-me do físico Erwin Schrödinger, que, em 1944, escreveu um pequeno volume intitulado *O Que É a Vida?* no qual instava os jovens cientistas a compreender que o funcionamento de um organismo obedece a leis físicas precisas e que a hereditariedade, codificada de alguma forma pelos cromossomas, deveria ser decifrável. Antes de James Watson e Francis Crick terem desvendado o código genético em 1953, Schrödinger já havia descrito os enigmas da mutação e da entropia, salientando que essa organização se mantém através da extração de ordem a partir do ambiente circundante. Muitos dos biólogos de maior renome do último século leram *O Que É a Vida?* durante os seus anos de escola ou universidade e reconheceram que esse livro alterou profundamente o rumo das suas vidas.

Com este livro, espero inspirar os jovens engenheiros e cientistas a explorar o córtex, adotar o modelo de memória-predição e contribuir para a criação de máquinas inteligentes. No seu auge, a inteligência artificial tornou-se um movimento significativo, com revistas especializadas, programas de doutoramento, livros, planos de negócios e empreendedores dedicados à área. Da mesma forma, as redes neuronais geraram um entusiasmo considerável quando esta disciplina floresceu na

década de 1980. No entanto, os modelos científicos subjacentes à inteligência artificial e às redes neuronais não eram suficientemente adequados para a construção de máquinas verdadeiramente inteligentes.

Sugiro que agora temos um novo caminho mais promissor a seguir. Se estás na escola ou na universidade e este livro te inspira a dedicar-te a esta tecnologia — desenvolver as primeiras máquinas verdadeiramente inteligentes e contribuir para o arranque de uma nova indústria —, encorajo-te a fazê-lo. Vamos tornar isso realidade. Um dos segredos do sucesso empresarial é lançar-se de cabeça num novo campo antes de haver plena certeza de que o triunfo será alcançado. A oportunidade é essencial: se te antecipares demasiado, enfrentarás desafios árduos; se aguardares até que a incerteza desapareça, será tarde demais. Acredito firmemente que este é o momento certo para iniciar o desenvolvimento de sistemas de memória semelhantes ao córtex. Este campo será de importância vital, tanto científica como comercialmente. Dentro de uma década, surgirão gigantes da indústria das memórias hierárquicas, tal como aconteceu com a Intel e a Microsoft noutros setores. Empreender nesta escala pode parecer arriscado do ponto de vista financeiro ou exigente em termos intelectuais, mas sempre vale a pena tentar. Espero que te juntes a mim e a muitos outros que aceitam o desafio de criar uma das maiores tecnologias que o mundo alguma vez viu.

APÊNDICE

Predições Verificáveis

Toda a teoria deve levar a predições verificáveis, pois o único meio seguro de determinar a validade de uma nova ideia é a prova experimental. Felizmente, o modelo de memória-predição tem fundamentos biológicos e conduz a diversas predições específicas e inéditas que podem ser demonstradas. Neste apêndice, enumero predições que podem refutar ou apoiar as propostas abordadas ao longo do livro. Este material é um pouco mais avançado do que o apresentado no capítulo 6 e, de forma alguma, requer a compreensão prévia do restante da obra. Algumas predições só podem ser testadas em animais ou em seres humanos despertos, visto que as provas envolvem expetativa e predição do resultado de um estímulo, exigindo, por norma, um estado de alerta. As predições não estão organizadas por ordem de importância.

Predição 1

Devemos identificar células em todas as áreas do córtex, incluindo a sensorial primária, que apresentem um aumento de atividade em antecipação a um evento sensorial, e não como reação direta ao mesmo.

Por exemplo, Tony Zador, do Cold Spring Harbor Laboratories, descobriu células no córtex auditivo primário de ratos que se ativam precisamente quando o rato espera ouvir um som, mesmo quando esse som não ocorre. Esta parece ser uma característica fundamental do córtex. Devemos procurar uma atividade antecipatória semelhante no córtex visual e somatossensorial. As células que se ativam em antecipação a um estímulo sensorial representam a essência da previsão, premissa central do modelo de memória-predição.

Predição 2

Quanto mais específica for uma predição no espaço, mais próximas do córtex sensorial primário devemos encontrar células que se ativem em antecipação a um acontecimento. Se um macaco fosse treinado com sequências de padrões visuais de modo a conseguir antecipar um padrão

visual específico num momento preciso, deveríamos identificar células que apresentassem um aumento de atividade precisamente quando se esperava o padrão antecipado (reformulação da predição 1).

Se o macaco aprendesse a reconhecer um rosto sem saber ao certo qual rosto apareceria ou como surgiria, deveríamos encontrar células antecipatórias nas áreas de reconhecimento facial, mas não nas áreas visuais inferiores. Por outro lado, se o macaco se focasse num objetivo e aprendesse a esperar um padrão específico numa localização precisa do seu campo visual, seria expectável encontrar células antecipatórias em V1 ou nas imediações. A atividade que representa a predição propaga-se pela hierarquia cortical até ao ponto máximo permitido pela especificidade da predição: por vezes, percorre todo o caminho até às áreas sensoriais primárias, enquanto noutras ocasiões se detém em regiões superiores. Devem verificar-se resultados semelhantes noutras modalidades sensoriais.

Predição 3

As células que apresentam um aumento de atividade em antecipação a uma entrada sensorial devem localizar-se preferencialmente nas camadas corticais 2, 3 e 6, sendo esperado que a predição interrompa a sua descida pela hierarquia nas camadas 2 e 3.

As predições que se propagam ao longo da hierarquia cortical fazem-no através das células das camadas 2 e 3, que posteriormente se projetam para a camada 6. As células da camada 6, por sua vez, projetam-se extensamente pela camada 1 da região inferior na hierarquia, ativando outro conjunto de células das camadas 2 e 3, num processo contínuo. Assim, é nas células destas camadas (2, 3 e 6) que devemos identificar atividade antecipatória. Importa recordar que as células ativas das camadas 2 e 3 representam um conjunto de possíveis colunas ativas — ou seja, as predições possíveis. As células ativas da camada 6, por outro lado, correspondem a um número mais restrito de colunas, refletindo predições específicas dentro de determinada região do córtex. À medida que a predição desce pela hierarquia, a atividade tende a estabilizar nas camadas 2 e 3. Por exemplo, suponhamos que um rato aprendeu a antecipar um de dois tons auditivos distintos. Com base numa pista externa, ele sabe quando ouvirá um dos tons, mas não consegue prever qual será. Neste cenário, esperaríamos observar atividade antecipatória nas camadas 2 ou 3, especificamente nas colunas que representam ambos

os tons, sem atividade correspondente na camada 6 dessa mesma região, pois o animal não é capaz de prever com exatidão qual tom irá ouvir. No entanto, se, numa outra experiência, o animal conseguir prever exatamente o tom que ouvirá, então deveríamos observar atividade na camada 6, precisamente nas colunas que respondem a esse tom específico.

Ainda assim, não podemos excluir por completo a possibilidade de existirem células antecipatórias nas camadas 4 e 5. É plausível que haja diferentes classes de células nestas camadas cuja função ainda é desconhecida. Por isso, embora esta predição seja relativamente fraca, considero que vale a pena mencioná-la.

Predição 4

Uma classe de células das camadas 2 e 3 deverá receber preferencialmente entradas provenientes das células da camada 6 em regiões corticais superiores.

Parte do modelo de memória-predição baseia-se no princípio de que as sequências aprendidas de padrões que ocorrem em conjunto acabam por desenvolver uma representação invariável e temporariamente constante, a que chamo 'nome'. Proponho que este nome seja um conjunto de células das camadas 2 ou 3 que atravessa uma determinada região do córtex, abrangendo diversas colunas. O conjunto de células mantém-se ativo enquanto ocorrem os eventos que fazem parte da sequência (por exemplo, um grupo de células que permanece ativo enquanto se escuta uma nota de uma melodia). Esse conjunto de células que representa o nome da sequência é ativado através da retroalimentação das células da camada 6 das regiões superiores do córtex. Sugiro que estas células de nome pertençam à camada 2 devido à sua proximidade com a camada 1. No entanto, qualquer classe de células das camadas 2 e 3 que possua dendritos na camada 1 poderia desempenhar essa função. Para que o sistema de nomes funcione corretamente, os dendritos apicais dessas células de nome devem estabelecer sinapses preferenciais com os axónios da camada 1, que têm origem na camada 6 das regiões superiores. Devem, contudo, evitar formar sinapses com os axónios da camada 1 que se originam no tálamo. Assim, a teoria sugere que devemos identificar uma classe de células dentro das camadas 2 e 3, cujos dendritos apicais na camada 1 demonstrem uma clara preferência por formar sinapses com os axónios

das células da camada 6 da região superior. Outras células com sinapses na camada 1 não devem exibir essa preferência. Pelo que sei, esta é uma predição sólida e inovadora.

Uma predição adicional sugere que devemos encontrar outra classe de células nas camadas 2 ou 3, cujos dendritos apicais formem sinapses preferenciais com os axónios originados em regiões não específicas do tálamo. Estas células desempenham um papel essencial na previsão dos próximos elementos de uma sequência.

Predição 5

Um conjunto de células de 'nome', conforme descrito na predição 4, deverá manter-se ativo ao longo das sequências aprendidas.

Um grupo de células que se mantém ativo durante uma sequência aprendida define precisamente o conceito de 'nome' para uma sequência previsível. Assim, devemos identificar conjuntos de células que permaneçam ativas, mesmo quando a atividade das células restantes dentro da mesma coluna (nas camadas 4, 5 e 6) se estiver a alterar. Infelizmente, não podemos determinar com exatidão como será a atividade das células de nome. Por exemplo, a atividade constante de um padrão de nome pode manifestar-se de forma tão subtil como um único impulso elétrico que percorra, simultaneamente, todas as células de nome. Dada esta possibilidade, a deteção dessas células ativas pode revelar-se um desafio.

Predição 6

Outra classe de células das camadas 2 e 3 (distinta das células de nome mencionadas nas predições 4 e 5) deverá ativar-se em resposta a uma entrada inesperada, mas permanecerá inativa perante uma entrada antecipada.

A ideia subjacente a esta predição é que os acontecimentos imprevistos devem propagar-se ao longo da hierarquia cortical, enquanto os eventos antecipados não devem ascender, pois já foram previstos localmente. Assim, deve existir uma classe de células nas camadas 2 e 3 — diferente da classe de nome descrita anteriormente — que demonstre atividade quando ocorre um evento inesperado, mas permaneça inativa quando esse evento já foi previsto. Os axónios dessas células deverão

projetar-se para regiões superiores do córtex. Proponho um possível mecanismo para esta modulação da atividade: a célula poderá ser inibida por um interneurónio ativado por uma célula de nome. Contudo, neste estágio, não é possível formular uma predição sólida sobre o mecanismo exato. O que se pode afirmar é que algumas células devem apresentar essa atividade diferencial. Esta é mais uma predição consistente e, tanto quanto sei, inovadora.

Predição 7

Em conexão com a predição 6, os acontecimentos inesperados devem propagar-se ascendendo pela hierarquia cortical. Quanto mais inovador for o acontecimento, mais elevada será a sua progressão dentro da hierarquia. Eventos completamente novos deverão alcançar o hipocampo.

Os padrões bem aprendidos tendem a ser previstos em níveis inferiores da hierarquia; em contraste, entradas mais inovadoras propagam-se para níveis superiores. É necessário conceber um experimento para medir essa diferença. Por exemplo, um ser humano poderia ouvir uma melodia desconhecida, mas simples. Se, durante essa experiência, o sujeito ouvisse uma nota inesperada que, ainda assim, fosse coerente com o estilo da música, essa nota deveria provocar alterações de atividade no córtex auditivo, ascendendo até um determinado nível da hierarquia cortical. Por outro lado, se, em vez de uma nota coerente com o estilo da música, o sujeito ouvisse um som sem qualquer relação — como um estouro — esperaríamos que as alterações de atividade causadas por esse som se propagassem para níveis mais elevados da hierarquia cortical. Os resultados devem variar se o sujeito estiver à espera de ouvir um estouro, mas, em vez disso, ouvir uma nota musical. Esta predição pode ser testada em sujeitos humanos através de FMRI (imagem de ressonância magnética funcional).

Predição 8

O entendimento repentino deve desencadear uma cascata precisa de atividade preditiva que flui para níveis inferiores da hierarquia cortical.

O momento da perceção, no qual um padrão sensorial inicialmente desconcertante acaba por ser compreendido — como o reconhecimento da silhueta do cão dálmata na figura 6.12— tem início quando uma região do córtex tenta estabelecer uma nova correspondência entre a entrada

sensorial e a memória. Se a correspondência for bem-sucedida, as predições descem rapidamente pela hierarquia cortical, ativando sucessivamente todas as regiões inferiores. Quando a interpretação do estímulo é correta, cada região da hierarquia formula a predição adequada em rápida sucessão. O mesmo efeito ocorre ao visualizar imagens de interpretação ambígua, como uma silhueta em forma de vaso que pode parecer dois rostos ou um cubo de Necker, que alterna entre duas orientações distintas. Sempre que a perceção dessas imagens muda, deverá verificar-se uma propagação de novas predições para níveis inferiores da hierarquia. Nos níveis mais baixos, como V1, uma coluna que representa um segmento de linha da imagem manter-se-á ativa independentemente da interpretação da figura (desde que os olhos permaneçam fixos). No entanto, algumas células dentro dessa coluna poderão alternar entre estados ativos, refletindo diferentes interpretações. Ou seja, a mesma característica de baixo nível está presente em todas as perceções da imagem, mas é provável que células distintas dentro da coluna se ativem conforme a interpretação varia.

O ponto essencial é que, quando ocorre uma mudança na perceção a um nível superior, deve observar-se uma propagação descendente das predições pela hierarquia cortical. O mesmo princípio aplica-se a cada fixação visual sobre um objeto específico.

Predição 9

O modelo de memória-predição exige que os neurónios piramidais sejam capazes de detetar coincidências precisas entre entradas sinápticas nos dendritos finos.

Durante muitos anos, acreditou-se que os neurónios atuavam como simples integradores, somando as entradas de todas as suas sinapses para determinar se deveriam gerar um impulso nervoso. Contudo, na neurociência atual, ainda há muita incerteza sobre o real funcionamento dos neurónios. Algumas correntes continuam a defender a visão de que os neurónios funcionam como integradores, e muitos modelos de redes neuronais seguem essa abordagem. No entanto, há modelos que consideram que um neurónio opera como se cada secção dendrítica tivesse um funcionamento independente. O modelo de memória-predição pressupõe que os neurónios possam identificar a coincidência de algumas sinapses ativas num curto espaço de tempo. Embora o modelo pudesse teoricamente operar com uma única sinapse suficientemente reforçada

para ativar uma célula, a probabilidade de sucesso aumenta significativamente se houver duas ou mais sinapses ativas próximas num dendrito fino. Dessa forma, um neurónio com centenas de sinapses poderia aprender a ativar múltiplos padrões de entrada distintos e específicos. Esta não é uma ideia nova, e há evidências que a sustentam. Ainda assim, representa um desvio significativo do modelo clássico utilizado durante décadas. Se fosse comprovado que os neurónios não respondem a padrões de entrada precisos e dispersos, a teoria da memória-predição enfrentaria desafios para se manter intacta. Importa destacar que as sinapses nos dendritos grossos do corpo celular, ou nas suas proximidades, não necessitam de operar desta forma — apenas as múltiplas sinapses dos dendritos finos.

Predição 10

A extensão das árvores axonais e dendríticas deverá aumentar à medida que ascendemos na hierarquia cortical e nos afastamos do córtex sensorial primário.

Defendo que V1 e outras regiões sensoriais primárias não são grandes unidades, mas sim constituídas por múltiplas sub-regiões de pequenas dimensões — provavelmente entre as menores do córtex. Esta interpretação de V1 e de outras áreas sensoriais contribui para uma melhor compreensão do funcionamento da hierarquia, sem, no entanto, contrariar significativamente o que já se acredita sobre estas regiões. Uma evidência física da existência dessas sub-regiões pequenas é que a expansão das árvores axonais e dendríticas tende a ser mais restrita no córtex sensorial primário, tornando-se progressivamente mais ampla à medida que se ascende na hierarquia, passando de V1 para V2 e V4, por exemplo. Em termos gerais, essa ampliação reflete o tamanho das diferentes regiões. Já existem algumas evidências experimentais que sustentam esta ideia, o que faz com que esta predição não seja propriamente inovadora. No entanto, esta expansão das árvores axonais e dendríticas deve ser observada não apenas no córtex visual, mas também no somatossensorial e motor — sendo provável que ocorra igualmente no córtex auditivo.

Predição 11

As representações descem na hierarquia com o treino.

Defendo que, através de treino repetido, o córtex aprende sequências em regiões inferiores da hierarquia cortical, um princípio que decorre naturalmente da forma como a memória das sequências de padrões altera o padrão de entrada transmitido às próximas regiões superiores do córtex. Este processo gera duas consequências principais. A primeira é que devemos encontrar células que respondam a um estímulo complexo mais abaixo na hierarquia cortical após um treino extenso, enquanto, após um treino mais moderado, a resposta celular ocorre em regiões superiores. No caso de um ser humano, por exemplo, esperaríamos identificar células que respondem a letras impressas numa região como o IT após um treino para reconhecer letras individuais. No entanto, após a aprendizagem de leitura de palavras inteiras, seria expectável encontrar células que reagem a letras em diferentes partes de V4, além do IT. Resultados semelhantes devem verificar-se noutras espécies, regiões e estímulos. A segunda consequência deste processo de aprendizagem é a alteração na localização da deteção de memórias e erros. Ou seja, a sensação associada a padrões bem aprendidos deve propagar-se por uma menor distância ascendente dentro da hierarquia cortical, algo que pode ser analisado através de técnicas de imagem. Além disso, deveríamos conseguir detetar uma variação nos tempos de reação a determinados estímulos, dado que as entradas não precisarão de percorrer distâncias tão longas no córtex para serem reconhecidas e recordadas.

Predição 12

As representações invariáveis devem existir em todas as áreas corticais. É amplamente conhecido que há células que respondem a entradas altamente seletivas, mantendo-se invariáveis aos detalhes. Já foram observadas células que reagem a rostos, mãos e até a figuras específicas, como Bill Clinton. O modelo de memória-predição prevê que todas as regiões do córtex devem formar representações invariáveis, refletindo todas as modalidades sensoriais sob uma determinada região cortical. Por exemplo, se existisse uma célula 'Bill Clinton' no córtex visual, ela seria ativada sempre que a imagem de Bill Clinton fosse vista. Se houvesse uma célula equivalente no córtex auditivo, esta seria estimulada sempre que o nome 'Bill Clinton' fosse ouvido. Seguindo essa lógica, deveríamos encontrar células em áreas de associação que recebam tanto entradas visuais como auditivas e que respondam quer à visão, quer ao nome pronunciado de Bill Clinton. Devemos identificar representações invariáveis em todas as modalidades sensoriais e até no córtex motor.

Neste último, as células deverão representar sequências motoras complexas, tornando-se cada vez mais abstratas e invariáveis à medida que ascendemos na hierarquia motora. Estudos recentes sugerem, inclusive, a existência de células que ativam movimentos sofisticados, como o gesto de levar a mão à boca em macacos. Embora esta não seja uma predição nova, a maioria dos investigadores concorda com a ideia geral de que representações invariáveis surgem em diversas regiões do córtex. No entanto, apesar de ser amplamente aceite, esta premissa ainda não foi demonstrada em todas as áreas. O modelo de memória-predição sugere que, à medida que avançamos na investigação, estas células serão encontradas em cada uma das regiões do córtex.

As predições anteriormente descritas constituem algumas das formas de testar o modelo apresentado neste livro. É provável que existam outras. No entanto, não é possível comprovar se uma teoria está correta — apenas se está errada. Assim, ainda que todas as predições aqui enumeradas fossem verificadas, isso não constituiria uma prova definitiva de que a hipótese da memória-predição está correta; seria, contudo, um forte suporte à teoria. O contrário também se aplica: se algumas das predições não se confirmassem, isso não implicaria necessariamente a invalidação da tese como um todo. Para algumas destas predições, podem existir abordagens alternativas que permitam alcançar o comportamento desejado. Por exemplo, há diferentes formas de criar sequências de nomes. Este apêndice tem por objetivo demonstrar que o modelo conduz a várias predições e que, portanto, pode ser testado experimentalmente. Conceber experiências para essa finalidade é um processo exigente e requer uma análise bem mais aprofundada do que a que se apresenta neste livro. Além disso, seria extremamente valioso explorar métodos para testar esta teoria através de técnicas de imagem, como FMRI. Há diversos laboratórios altamente especializados que podem realizar tais experimentos com relativa rapidez, sobretudo em comparação com o registo direto das células.

BIBLIOGRAFIA

A maioria dos livros científicos e artigos de revistas apresenta extensas bibliografias, que servem tanto para catalogar as contribuições de outros autores como para auxiliar os leitores. Como este livro se destina a um público diversificado, incluindo pessoas sem conhecimento prévio de neurociência, procurámos evitar um estilo demasiado académico. Do mesmo modo, esta bibliografia foi concebida, sobretudo, para ajudar o leitor não especializado que deseje aprofundar o tema. Não pretendo enumerar toda a investigação relevante publicada, nem citar exaustivamente todas as pessoas cujas descobertas tiveram impacto neste campo. Em vez disso, apresento uma seleção de obras que considero bons recursos para um leitor interessado em aprender mais sobre o funcionamento do cérebro. Incluo também alguns textos que foram úteis para mim, embora a maioria seja dirigida a especialistas. Para uma análise mais aprofundada de muitos destes tópicos, recomendo consultar fontes disponíveis na Internet.

Infelizmente, nesta bibliografia, encontrará apenas algumas referências a teorias gerais sobre o cérebro. Como mencionei no prólogo, ainda existe pouca literatura sobre este tema e, menos ainda, sobre as propostas específicas discutidas neste livro.

História da Inteligência Artificial e das Redes Neuronais

Arbib,

> Michael A., ed., *The Handbook of Brain Theory and Neural Networks*, 2a. ed. (Cambridge, Mass.: MIT Press, 2003).

Existem inúmeros livros sobre redes neuronais, mas a maioria não é particularmente útil para compreender o funcionamento do cérebro. Esta obra reúne uma série de artigos curtos que abordam diferentes temas relacionados com redes neuronais, proporcionando ao leitor uma visão geral sobre o campo.

Baumgartner,

Peter, e Sabine Payr, eds., *Speaking Minds: Interview with Twenty Eminent Cognitive Scientists* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1995).

Este livro contém entrevistas interessantes com muitos dos pensadores mais importantes da inteligência artificial, das redes neuronais e da ciência cognitiva. É uma sinopse simples e agradável da história recente e do espírito do pensamento sobre a inteligência.

Dreyfus,

Hubert L., What Computers Still Can't Do: A Critique of Artificial Reason (Cambridge, Mass.: MIT Press, 1992).

Uma dura crítica à inteligência artificial originalmente publicada como *What Computers Can't Do* e reeditada anos depois com o título revisado. Trata-se de uma história em profundidade da inteligência artificial escrita por um dos seus mais ferrenhos críticos.

Hebb,

D. O., The Organization of Behavior: A Neuropsychological Theory (Nova York: Wiley, 1949).

"Escrito em 1949, este é o texto clássico em que Hebb apresentou a regra de aprendizagem 'hebbiana', hoje amplamente aceite. Apesar da sua antiguidade, continua a conter ideias relevantes e mantém-se importante, sobretudo do ponto de vista histórico.

Kohonen,

Teuvo, *Self-organization and Associative Memories* (Nova York: Springer Verlag, 1984).

Para compreender o funcionamento do córtex e o modo como armazena sequências de padrões, é essencial conhecer as memórias autoassociativas. Embora exista uma vasta literatura sobre o tema, não encontrei fontes impressas que apresentem um resumo claro do que considero fundamental. Kohonen é um dos pioneiros neste campo. O seu livro não é fácil de encontrar e a sua leitura pode ser desafiadora, mas aborda os princípios essenciais das memórias autoassociativas, incluindo a memória de sequências.

Mcculloch,

W. S., e W. Pitts, “A Logical Calculus of the Ideas Immanent in Nervous Activity”, *Bulletin of Mathematical Biophysics*, vol. 5 (1943), págs. 115-133.

Este artigo clássico, da autoria deste investigador, propõe que os neurónios podem ser concebidos, em essência, como portas lógicas. Analiso essa ideia mais aprofundadamente no capítulo 1.

Searle,

> J. R., "Minds, Brains, and Programs", *The Behavioral and Brain Sciences*, vol. 3 (1980), págs. 417-424.

Este texto apresenta o famoso argumento do "quarto chinês", que desafia a computação enquanto modelo explicativo da mente. Há inúmeras descrições e análises sobre o experimento mental de Searle disponíveis na Internet.

Turing,

> A. M., "Computing Machinery and Intelligence", Mind, vol. 5 (1950), págs. 433-460.

Este texto apresenta o famoso "teste de Turing", concebido para avaliar a presença de inteligência. Há inúmeras referências e análises sobre esse teste disponíveis na Internet.

Neocórtex e Neurociência Geral

Os livros abaixo são recomendados para quem deseja saber mais sobre neurobiologia e sobre o neocórtex.

Crick,

> Francis H. C., "Thinking about the Brain", Scientific American, vol. 241 (setembro 1979), págs. 181-188. Também disponível em The Brain: A Scientific American Book (San Francisco: W. H. Freeman, 1979).

Este artigo foi o que despertou o meu interesse pelo estudo do cérebro. Embora tenha já vinte e cinco anos, continua a ser uma fonte de inspiração para mim.

Koch,

> Christof, Quest for Consciousness: A Neurobiological Approach (Denver, Colo.: Roberts and Co., 2004).

Todos os anos são publicados vários livros sobre o cérebro dirigidos ao público em geral. Este, da autoria de Christof Koch, aborda a consciência, mas também explora grande parte dos temas essenciais

relacionados com o funcionamento do cérebro, a neuroanatomia, a neurofisiologia e a consciência. Se procuras uma introdução acessível à neurobiologia e à ciência cerebral num único livro de leitura fluída, esta obra será um excelente ponto de partida.

Mountcastle,

> Vernon B., *Perceptual Neuroscience: The Cerebral Cortex* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1998).

Um excelente livro inteiramente dedicado ao neocórtex. Está muito bem escrito, com uma estrutura clara e organizada. Embora seja técnico, a sua leitura revela-se acessível e envolvente. Sem dúvida, é uma das melhores introduções ao estudo do neocórtex.

Kandel,

> Eric R.; James H. Schwartz e Thomas M. Jessell, eds., *Principles of Neural Science*, 4a. ed. (Nova York: McGraw-Hill, 2000).

Esta obra é uma enciclopédia de volume único dedicada à neurociência. Embora seja um livro extenso e pouco adequado para leitura de cabeceira, constitui uma excelente referência. Oferece introduções detalhadas a todas as componentes do sistema nervoso, incluindo os neurónios, os órgãos sensoriais, os neurotransmissores e muito mais.

Shepherd,

> Gordon M., ed., The Synaptic Organization of the Brain, 5ª ed. (Nova York: Oxford University Press, 2004).

Este livro revelou-se útil para mim, embora eu tenha preferência pelas edições anteriores, que foram escritas por um único autor. Trata-se de uma obra técnica que aborda todas as áreas do cérebro, com especial enfoque nas sinapses. Utilizo-o como fonte de referência.

Koch,

> Christof, e Joel L. Davis, eds., *Large-scale Neuronal Theories of the Brain* (Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994).

Escreveu-se muito pouco sobre teorias gerais do cérebro. Este livro reúne uma compilação de artigos sobre o tema, ainda que a maioria não cumpra inteiramente a premissa sugerida no título. Apesar disso, proporciona uma visão abrangente das diversas abordagens que têm sido adotadas para compreender o funcionamento global do cérebro. Tal como

acontece em muitos textos recentes, ao longo da obra podem encontrar-se referências ao modelo de memória-predição.

Braitenberg,

> Valentino, e Almut Schüz, *Cortex: Statistics and Geometry of Neuronal Connectivity*, 2a. ed. (Nova York: Springer Verlag, 1998).

Este livro explora as propriedades estatísticas do cérebro do rato. Reconheço que, à primeira vista, pode não parecer um tema fascinante, mas trata-se de uma obra original e bastante útil. Apresenta a história do córtex através de números.

Artigos Específicos Sobre Neurociência

Os artigos seguintes representam as fontes originais de alguns dos conceitos fundamentais abordados neste livro. A maioria só está disponível em bibliotecas universitárias online.

Mountcastle,

> Vernon B., "An Organizing Principle for Cerebral Function: The Unit Model and the Distributed System", em Gerald M. Edelman e Vernon B. Mountcastle, eds., *The Mindful Brain* (Cambridge, Mass.: MIT Press, 1978.

Foi neste artigo que, pela primeira vez, encontrei a proposta de Mountcastle de que todo o neocórtex opera segundo um princípio comum. Ele também defende que a coluna cortical constitui a unidade fundamental do processamento. Estas ideias servem de premissa e inspiração para a teoria apresentada neste livro.

Felleman,

> D. J., e D. C. Van Essen, "Distributed Hierarchical Processing in the Primate Cerebral Cortex", *Cerebral Cortex*, vol. 1 (janeiro-fevereiro 1991), págs. 1-47.

Este artigo clássico descreve a organização hierárquica do córtex visual. O modelo de memória-predição parte do princípio de que não apenas o sistema visual, mas todo o neocórtex, possui uma estrutura hierárquica.

Sherman,

> S. M., e R. W. Guillery, "The Role of the Thalamus in the Flow of Information to the Cortex", em *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, vol. 357, núm. 1.428 (2002), págs. 1695-1708.

Esta obra apresenta uma visão geral da organização do tálamo e explora a hipótese de Sherman-Guillery, segundo a qual o tálamo desempenha um papel fundamental na regulação do fluxo de informação entre áreas corticais. No capítulo 6, desenvolvo esta ideia com maior profundidade na secção intitulada "Uma rota alternativa para ascender na hierarquia".

Rao,

> R. P, e D. H. Ballard, "Predictive Coding in the Visual Cortex: A Functional Interpretation of Some Extra-Classical Receptive-field Effects", *Nature Neuroscience*, vol. 2, núm. 1 (1999), págs. 78-87.

Incluo este artigo como exemplo de uma investigação recente que explora predição e hierarquias. Apresenta um modelo de retroalimentação nas hierarquias corticais, no qual os neurónios das áreas superiores tentam prever padrões de atividade nas áreas inferiores.

AGRADECIMENTOS

Quando alguém me pergunta como ganho a vida, nunca sei bem o que responder. Na verdade, faço muito pouco, mas rodeei-me de pessoas que parecem fazer imenso. A minha contribuição passa, ocasionalmente, por chamar-lhes a atenção e tentar redirecionar a equipa para um novo caminho quando necessário. Se alcancei algum sucesso na minha carreira, devo-o em grande parte ao trabalho árduo e à inteligência dos meus colegas.

Tive a sorte de conhecer muitos cientistas, e quase todos me ensinaram algo valioso; por isso, todos contribuíram para as ideias apresentadas neste livro. Agradeço a todos, embora só possa mencionar alguns aqui. Bruno Olshausen, investigador no Redwood Neuroscience Institute (RNI) e na Universidade da Califórnia, em Davis, é uma verdadeira enciclopédia ambulante de neurociência. Ele aponta constantemente o que ainda desconheço e sugere formas de superar essa ignorância, o que considero uma das contribuições mais preciosas que alguém pode oferecer. Bill Softky, também do RNI, foi a primeira pessoa a esclarecer-me sobre a redução do tempo na hierarquia cortical e sobre as propriedades dos dendritos finos. Rick Granger, da Universidade da Califórnia, em Irvine, proporcionou-me uma compreensão mais aprofundada da memória de sequências e do papel que o tálamo pode desempenhar. Bob Knight, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e Christof Koch, do California Institute of Technology, foram figuras fundamentais na criação do Redwood Neuroscience Institute e influenciaram muitos outros aspetos científicos. Por fim, toda a equipa do RNI desafiou-me constantemente e obrigou-me a aperfeiçoar as minhas ideias. Muitas das propostas deste livro resultaram diretamente das reuniões e discussões realizadas ali. Obrigado a todos!

Donna Dubinsky e Ed Colligan têm sido os meus sócios empresariais ao longo de uma dúzia de anos. Graças ao seu excelente trabalho e apoio, consegui conciliar a atividade empresarial com um regime de meia jornada dedicado à teoria do cérebro, algo pouco comum. Donna costumava afirmar que um dos seus objetivos era garantir o sucesso da nossa empresa, permitindo-me assim dedicar mais tempo à teoria do cérebro. Este livro não existiria sem o contributo de Donna e Ed.

Não poderia ter escrito *Sobre a Inteligência* sem o apoio de muitas pessoas. Jim Levine, o meu agente, acreditou no projeto antes mesmo de eu ter plena noção do que iria escrever. Nunca escrevas um livro sem um agente como Jim! Foi ele quem me apresentou a Sandra Blakeslee, a minha coautora. O meu objetivo era tornar este livro acessível a um público vasto, e Sandy desempenhou um papel essencial nessa missão. Sou eu o culpado pelas epígrafes mais difíceis. Matthew Blakeslee, filho de Sandy e também escritor científico, contribuiu com vários exemplos usados no texto e sugeriu o termo "modelo de memória-predição". Trabalhar com toda a equipa da Henry Holt tem sido uma experiência enriquecedora. Quero agradecer em especial a John Sterling, diretor e editor da casa editorial. Só o encontrei pessoalmente uma vez e conversámos por telefone algumas vezes, mas isso foi o suficiente para que a sua influência se refletisse fortemente na estrutura do livro. Ele percebeu de imediato os desafios inerentes à proposta de uma teoria da inteligência e ofereceu sugestões valiosas sobre como organizar e apresentar o texto.

Agradeço também às minhas filhas, Anne e Kate, que nunca se queixaram quando o pai passava intermináveis fins de semana diante do computador. E, para finalizar, a minha gratidão à minha esposa, Janet. Estar casada comigo não é tarefa fácil. Amo-a mais do que aos cérebros.

Sobre os Autores

Jeff Hawkins é um dos engenheiros da computação e empresários mais bem-sucedidos e reconhecidos do Vale do Silício. Fundador da Palm Computing, Handspring e do Redwood Neuroscience Institute — instituição criada para impulsionar as pesquisas sobre memória e cognição — é também membro do conselho científico do Cold Spring Harbor Laboratories. Atualmente, reside no norte da Califórnia.

Sandra Blakeslee dedica-se há mais de trinta anos à escrita sobre ciência e medicina para o *The New York Times*. É coautora de *Phantoms in the Brain*, assim como de diversos livros de sucesso sobre psicologia e vida conjugal de Judith Wallerstein. Vive em Santa Fé, Novo México.